



Astrolábio
EDIÇÕES



Astrolábio
EDIÇÕES

WWW.ASTROLABIOEDICOES.COM

Livros únicos e inesquecíveis!

Av. Paulista, nº 2300 – andar Pilotis, Bairro Cerqueira César
01310-300 São Paulo, SP, **Brasil**

Rua Teófilo Braga nº 2, Armazém 3, 2685-243 Portela, Lisboa, **Portugal**

Todos os direitos estão reservados e protegidos por lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da Astrolábio Edições poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma.

Obra disponível para venda corporativa e/ou personalizada.
Para mais informações contacte: comercial@astrolabioedicoes.com

Para informações sobre envio de originais contacte: originais@astrolabioedicoes.com



ATLÂNTICO
GRUPO EDITORIAL

ASTROLÁBIO é uma Editora do Grupo Editorial Atlântico

© 2023, Roger González Margalef e Astrolábio Edições
E-mail: geral@astrolabioedicoes.com

Título: Coppa e Zambi

Editor: David Thomati

Coordenador Editorial: Vasco Duarte

Capa: Vasco Duarte

Composição Gráfica: Nuno Kabu

Revisão: Roger González Margalef

1.ª Edição: Janeiro, 2023

ISBN: 978-989-37-4833-6 | **Depósito Legal n.º** 508698/22

Impressão e acabamento: Atlântico Print

ROGER GONZÁLEZ MARGALEF

COPPA E ZAMBI



Astrolábio
EDIÇÕES

BRASIL | PORTUGAL | ANGOLA | CABO VERDE

Nota do autor

Agradeço, com todas as minhas capacidades, o apoio indirectamente prestado pelas seguintes pessoas, no fabrico desta história de ficção: Montserrat Margalef Vallès, Luis Miguel González Pérez, Xavier González Margalef, Salabwe Precious Mumena, Vanda dos Anjos Fracata, Melita da Cruz Kassanga, Liva Alexandre Meia, Sílvia Jorge Marizane, Basílio Denja Cóbue, Raul Reginaldo Siquela, Hélder Lázaro Pedro, Alfredo Gomes, António Beremo, José Urbino Cumbane, Ginó Martins Sulvai, Frederico Zeferino Chazia (*in memoriam*), Helton João Domingos, Pelgrito José Jaime, Cassamo Mário Juma e António Pedro Custódio.

Este livro, vocês é que escreveram na minha cabeça. Eu apenas o coloquei no papel.

Índice

Primeira Parte: A longa caminhada.....9

| | |
|-----------------------------------|-----|
| 1. Coppa | 11 |
| 2. Zambi | 32 |
| 3. Songo | 51 |
| 4. Songo (II)..... | 70 |
| 5. Tio Ndjema | 89 |
| 6. Denja Cóbwe..... | 108 |
| 7. KCM | 126 |
| 8. A dura vida da estudante | 145 |
| 9. Kimberley | 166 |
| 10. A dura vida da docente..... | 186 |

Segunda Parte: Reencontro assíncrono207

| | |
|------------------------------|-----|
| 11. Querer e não poder | 209 |
| 12. Poder e não querer | 228 |
| 13. Subsolo..... | 248 |
| 14. Anel do coração | 267 |
| 15. Incêndio | 287 |
| 16. Quebra fogo | 307 |
| 17. Lei | 326 |
| 18. Reforma do perdão..... | 345 |
| 19. Adeus às flores | 363 |
| 20. Território neutral | 382 |

Epílogo – Bodas de carvão401

Primeira Parte: A longa caminhada

Quiero llorar porque me da la gana

Federico García Lorca (1898-1936)

1. Coppa

Das poucas vezes que minha mãe se dava ao luxo de pôr flores na varanda de casa, recordo que não sempre tinha água suficiente para regá-las, e as tristes rosas acabavam por murchar mais cedo do que a minha alma teria querido. Na nossa casa da vila, de tanta escassez de tudo, nem sequer sabíamos o que era a pobreza, eu e as minhas três irmãs mais velhas. Nasci no distrito de Mufulira, Zâmbia, num povoado que as pessoas da cidade consideram recôndito, e do qual nem me lembro de como era chamado. O nome do distrito, Mufulira, significa, na língua local, Bemba, “lugar de abundância e paz”, mas esta designação parece que ficava restrita à capital distrital, não atingindo a nossa aldeia, onde só abundavam a miséria e o nada. Em termos de paz, o nome estava mais acertado, mas sempre havia alguns incidentes pontuais, para além da permanente fome e escassez, os maiores incidentes que a humanidade jamais conheceu. Só sei que a aldeia ficava perto de uma fronteira e amiúde vinham alguns congolemoocráticos. Eram três: o mais novo, chamado Cristine, um outro também jovem, Jérôme, e o mais velho, o tio Ndjema. Nunca consegui saber se minha mãe procurava as flores porque tinha saudades do nosso falecido pai, ou porque queria que tio Ndjema se sentisse bem-vindo e, se calhar, aceitasse ficar permanentemente na casa daquela mulher viúva, que precisava de uma companhia não apenas sazonal. Também não sei, até agora, se na altura da minha infância, alguma vez fui registado com um documento nacional de identidade, com um nome de qualquer vulgar cidadão inglês, mas contudo, porque

eu sempre andava a pegar pedrinhas pequenas e a acumulá-las nas mãos, que fechava como forma de aprisionar as coitadas pedras, os vizinhos congolese me atribuíram o nome da minha província natal, Copperbelt, em forma abreviada, ficando Cop-pa. Eles vinham de uma cidade, chamada Lubumbashi, próxima do outro lado daquela fronteira.

Num verdadeiro lar africano sempre há algumas cadeiras plásticas, pelo menos três, escondidas no quarto dos pais, e que só saem para os convidados especiais. No nosso caso, tio Ndjema era o único visitante digno de que tirássemos as cadeiras, para ele só, não para os meninos que ainda eram crianças, praticamente da minha idade, um ano acima o Jérôme, dois anos abaixo o Cristine. Algumas vezes ouvia tio Ndjema falar com a minha mãe, na varanda. Ela sempre queria saber se, um dia, ela poderia ir visitar a fazenda do tio Ndjema lá, do outro lado, quando a situação ficasse calma, sem tanta guerra, exploração e diamantes de sangue. Mas o homem não se cansava de responder que lá tudo estava seguro, alguns só falavam de guerra e conflito, mas na zona dele não havia nada disso. O Congo era terra de paz, alegria, com alguma festa de comemoração familiar, e sempre havia provisões de arroz, trigo, alface, feijão, couve e outros produtos básicos. Tio Ndjema dizia que com Mobutu havia paz forçada pelo medo, mas depois, houve paz porque já nos matámos muito, demais, entre irmãos, e acabámos por entender que não valia a pena. Se quiserem nos matar, que venham alguns de fora, porque entre nós, já não mais. Tio Ndjema, alto, pouco cabelo e sempre com calça preta, camisa desabotoada e botas ultragastadas, confessou à minha mãe que só trazia os miúdos cá, do nosso lado, para que eles tivessem a experiência de trabalhar fora da sua zona, ver outras pessoas e

poder levar algum rendimento para casa. Contribuir à exitosa fazenda familiar com o suor da própria testa.

– Lá é casa, guerra não há. Mas tristeza e solidão, disso temos em quantidades industriais. Portanto, mais vale que estes meus sobrinhos vejam o mundo por si mesmos, agora que ainda posso estar ao lado deles, antes de que seja tarde demais e se sintam ainda mais abandonados – assegurava o tio, fitando intensamente nos olhos da minha viúva mãe. Não por acaso, tio Ndjema já tinha andado muito na vida, com ou sem passaporte nem outra documentação. Eu, só por esse motivo, já queria ser como ele e, em muitos momentos de intimidade silenciosa comigo mesmo, desejava que minha mãe o aceitasse como um substituto do meu inexistente pai, um segundo marido ou companheiro de envelhecimento. Nas suas caminhadas pelo mundo, tio Ndjema tinha adquirido, junto com um empresário zambiano, uma fazenda na província Leste do país, na cidade de Chipata.

Ninguém entre as pessoas da aldeia me deu o nome de Coppa. É um nome de quem trabalha na mina, ou de filho de garimpeiro, normalmente. Aqui muitos colegas se chamam como eu, Coppa, ou são dados outros nomes afins, como Bauxito, Niobinho, Tantalitito, Colti. Igual que o machambeiro senhor Cebola, nosso vizinho, o nome determina os trilhos da pessoa na vida, desde o berço, para os que têm sorte de conhecer um berço, ou directamente desde a mina, como no meu caso. Não porque trabalhasse numa mina desde a infância, mas porque no nosso povoado só passavam perante os meus olhos garimpeiros, pessoas da mina, camionistas que vinham abastecer as poucas barracas do mercado da aldeia e, em algum caso, excepcionalmente, um directivo ou dono das minas, que fazia acto

de presença para visitar a família de um dos seus empregados. Um detalhe, esse, que muitas empresas poderiam levar como exemplo.

Mal comecei a andar e falar de forma mais ou menos rudimentária, nos meus quatro ou cinco anos, recordo bem que quando a mãe me chamava com aquele seu olhar divertido era boa notícia. Significava que me dava umas moedas para eu ir ao mercado, para fazer algumas compras. Quando cumpri oito anos, a cena continuou, mas eu já fiquei com a responsabilidade de trazer para casa as provisões mais carregadas da semana. Às vezes, do mês.

– Se resta alguma coisa, compra alguns rolos de papel higiénico – me recordava, a mãe, de cada vez.

O elemento celuloso não era um luxo, em casa. Ao contrário, só me era permitido adquiri-lo se restassem valores das outras compras, por uma razão muito simples. Expulsaríamos resíduos corporais só se tivéssemos alimento, o que não era completamente regular, em muitas épocas. Se passávamos fome extrema, a poupança em papel de cagar também era extrema, pelo que a balança se autoequilibrava. O jornal era um luxo, esse sim, e não porque fosse caro ou porque minha mãe não soubesse ler os caracteres lá estampados. É que nunca passou pela nossa vila, pelo nosso distrito, um distribuidor de jornais, nem muito menos, um dono de barraca que achasse importante mandar trazer aquele produto da cidade para vendê-lo aqui. Os poucos que fossem comprá-lo, só poderiam ler coisas do passado, por causa do tempo para o transporte, e deveriam viver num passado permanente, pelo que melhor ficar assim, num presente banhado em ignorância e desactualização. É isso que pensaria, se tivesse alguma vez existido, o tal hipotético empresá-

rio-barraqueiro. Tio Ndjema, o congolês, dava o perfil perfeito para ser um dono de barraca amável, o tipo de bairro que não faz asneira com ninguém nem provoca broncas, que permite fazer dívidas aos clientes mais necessitados, e que atende a todas as pessoas com a mesma afabilidade e sorriso, ajudado pelos sobrinhos a trazer as coisas que a clientela pedisse. Porém, esta ideia de que tio Ndjema ficasse na nossa aldeia como dono de barraca nunca se tornou uma realidade, e se esfumou dentro da cabeça da minha mãe, donde nunca saíra.

Fiquei abesbilico, pela primeira vez na vida, já a uma idade de carregar compras e demais fardos, talvez eu teria os meus nove anos, quando vi um camionista a parar na nossa vila. Era um homem gordo, mulato, com visíveis problemas para respirar, um maço de cigarros entulhado no bolso pectoral da camisa, como se os fiozinhos de nicotina já soubessem qual seria o seu destino depois de fumados; para que percorrer grandes distâncias? Não me surpreendeu em excesso o seu aspecto, homens assim já tinha visto muitos mais dos que devia, à risco de um dia tornar-me igual que o tipo de homem que agora mesmo estava parado em frente da nossa casa. O homem, qual um cacique intrometido, cabelo salpimentado, andava com um olhar de ser uma pessoa de actividade febril, de não se dar bem com as esperas de aldeões como nós, que só sabemos ficar a olhar prolongadamente. O pontapé na alma me veio quando o homem sacou uma pistola de dentro das calças, mantendo-a apontada para o chão em todo momento. Minha mãe saiu para ver quem era, o que queria, e, depois de uns instantes de silêncio, o camionista abriu fogo, verbalmente.

– Ouvi que aqui vendem balas. De cobre fino, verdadeiro, puro, recém-extraído da mina. Fariam o favor de me vender algumas?

– Aqui não temos nada disso. Suca daqui você! – retorquiu minha mãe, tratando de enxotar o homem como se fosse um cão.

Aquele anátema das balas de cobre fino eu nunca entendi. E muito menos, por que alguém vinha a exhibir arma e querer adquirir munição. Para nos disparar ali mesmo? De repente, apareceu um cãozinho surgido de nenhures. Correu pelo quintal e deu algumas voltas ao redor do pistoleiro enganado. Cheirara-lhe os pés e seguramente ficara sem jeito, que é a mesma forma como teria reagido qualquer humano de olfato menos desenvolvido. Porém, o cão passeou pelos quintais nosso e dos vizinhos, deixando diminutas encomendas biológicas, em forma circular, lá por onde passou, em poucos minutos. Se o camionista queria produto fresco, verdadeiro, puro e natural, podia levar excrementos caninos, a falta do ansiado cobre. Nesse momento de loucura faunística, um fiozinho verde passou a rastejar, com vida própria, pelo nosso quintal. O cão continuava nas suas intimidades ao ar livre, pelo que a cobra não ousou incomodá-lo, e o mulato terminou de se convencer, naquele momento, que ali não era bem-vindo, nem pelos habitantes humanos nem pelos do reino animal. Esta foi a primeira vez que vi uma cobra ao vivo e em directo. O homem, cheio de raiva por não ter conseguido as ogivas que queria para a sua arma, voltou para o seu camião, a meio caminho entre desapontado e assustado, e voltou a guardar a arma no mesmo espaço público donde a tivera desenfundado previamente, desprovida de

balas. Prosseguiu com a sua viagem *ad infinitum*¹. O homem, desgraçado, teve que esconder a sua incapacidade de se comportar bem em argumentos bastardíssimos. Quem iria buscar balas numa vila abandonada, de um distrito perdido, mesmo que fosse da província do Copperbelt? Só por que na província se produzia muito cobre, era isso argumento para vir angariar balas numa casa de pobres? Porém, minha mãe fracassou na tentativa de se mostrar forte na sua própria casa. Se não fosse pela cobra e pelo cão, que apareceram como caídos do céu, aquele homem podia ter furado na nossa casa, à procura das tais balas de cobre, que só existiam na cabeça dele.

Resultava-me curioso que, na passagem do tempo de guerra para o tempo de paz, a única diferença substancial fosse que antes tivéssemos minas explosivas, muito caras, que eram escondidas de noite, e que agora temos fezes caninas, baratíssimas, e que são espalhadas sem nenhuma clandestinidade, em frente de nós. A única coisa que é igual, aqui, tanto nos tempos de paz como nos de guerra, são os incêndios. O fogo não tem fronteiras, não carimba passaporte quando quer entrar. Ele é que carimba a terra. A primeira vez que vi água límpida, clara, transparente, foi quando reparei que, na confusão provocada pelo camionista mulato e gordo, eu me tinha raspado a calça e o joelho no chão, igual que um jogador de futebol que se deixa cair na relva para celebrar um golo com toda a paixão que a ocasião merece. Então, tive que correr para a lagoa onde lavávamos roupa numas águas sempre poluídas e de cor opaca. Porém, no caminho, numa rua que nunca antes tivera usado dentro da vila, deparei-me com um grupo de mulheres que ti-

1 Expressão em Latim que significa "até ao infinito, indefinidamente".

rava água de uma fontenária. Apesar da longa fila de bidões amarelos, na sua maioria, também alguns brancos e verdes, as mulheres me permitiram passar, tal visível era a minha ferida no joelho, e uma das mais velhas do grupo acartou água para mim, com todas as suas energias, para que o precioso líquido jorrasse forte e abundantemente, ao encontro do meu joelho ferido, que ainda sangrava profusamente. Era água sem partículas, nem plastiquinhos, gases misturados, peixinhos mortos, pedrinhas ou tintas semi-diluídas. Só água, pura e fresca. Após satisfazer a minha extremidade, aproveitei-me da situação e tomei dois goles daquela água, inédita para mim até então, e fugi da cena, agradecendo às mulheres pelo gesto.

As minhas três irmãs, só de sangue, nunca fizeram nada para merecer esse título de familiaridade. Foram, para mim, umas totais desconhecidas, que nem uma pauladinha de infância lhes recordo. Claro que, das pauladas da infância, algumas passam o filtro para a vida adulta e outras não. A primeira sorte da minha mãe, a Jyliola, tinha sonhos de ser uma brilhante garimpeira, mas com toda a inocência, se deparou com o machismo imperante nesse ofício, e não a permitiram entrar nas minas. Não satisfeita com as negativas dos capatazes das minas da província do Copperbelt, foi cometer o mesmo erro em Lusaka, mas com sorte, porque foi lá onde recebeu acolhimento numa família, que depois reclamou a ela, para que casasse o último menino daquele lar, como pagamento pela ajuda prestada na cidade, em forma de alimentação e alojamento. A segunda, a Gladys, era estudiosa, mas também muito livre de espírito. Tanto era namorar com um moço da décima-segunda classe, enquanto ela ainda estava na sétima ou na oitava, como passar um fim de semana em casa de um dos professores. Por acaso, uma vez que

conseguiu terminar a décima classe, sem muitas dificuldades, porque era verdadeiramente inteligente, um professor jovem, recém-divorciado, decidi levá-la para o lar, onde a vida acadêmica dela terminou por completo. Ainda visita algumas vezes, com o marido dez anos mais velho do que ela, e os dois bebês que tiveram, mas quando cá estão, não ficam mais do que uma noite, e sinto que há uma distância enorme entre ela e eu. A minha terceira e última irmã, a Mnassea, foi mais próxima a mim em termos de idade, só cinco anos mais velha, e também fomos afins durante algumas épocas, em casa e nas caminhadas que fazíamos. Mas, de tanto querer brincar com ela, acabei perdendo-a da forma mais absurda. Eu insistia que queria lhe procurar um namorado, um bom jovem forte e bonito, pelo que, um dia, eu estaria no findar da primeira década da minha vida, levei-a passear na fontenária onde umas mulheres me tinham sarado o joelho, depois do incidente com o camionista mulato, a cobra e o cão espalhafezes. Ali chegados, um moço jovem, forte e bonito, estava a acartar água, com todas as suas forças, enchendo vários baldes. Minha irmã aproximou-lhe, retirou o balde que já estava cheio, para que ele não tivesse que deixar de puxar na troca dos recipientes, e ela própria fez a permuta de baldes, perante o meu olhar estúpido, de menino que não sabe por que razão, mas que sabe que não deve estar ali, a presenciar aquilo. Balde após balde, todos ficaram cheios. Eram oito em total, e decidiram fazer duas viagens: na primeira, cada um carregaria um balde na cabeça e um outro na mão, e igualmente fizeram na segunda vez. Minha irmã conheceu a casa do moço, e até ficou a jantar lá, em agradecimento pela ajuda. Desse lar já não saiu mais. Eu, entendendo que já não existia mais para a minha irmã, dirigi-me sozinho para casa, esperançado, pelo menos,

que um dia, este amor a primeiro balde me fosse acontecer a mim, aqui na vila ou sei lá onde. Nada mais longe da realidade, porém.

Esta minha irmã mais próxima, a Mnassea, eu costumava vê-la sair de casa a pé, durante o dia, e regressar de noite, de motorizada. Circular no escuro, de motorizada e sem capacete, não era, por acaso, uma opção do mais recomendável. Uma vez, a mãe ficou acordada até altas horas, à espera dela, e também para falar com o condutor da motorizada. A cena foi inenarrável, pelo que eu consigo recordar e que escutei desde o meu quarto, onde tentava dormiscar. Foi difícil de esquecer.

– Boa noite. O senhor não usa capacete? – inquiriu a mãe.

– Uso sim, mas esta noite esqueci – escusou-se o condutor, minha irmã guardava silêncio, pois não tinha nada de bom para dizer, perante aquele panorama.

– Filha, não entra em casa. Diz lá, pagaste quanto pela viagem com este?

– Quinze kwachas, mãe. Mas ele anda devagar, tudo bem, juro – implorou Mnassea, os olhos impregnados em lágrimas.

– Não me jures nada! Quinze kwachas, por uma viagem sem capacete?

– Minha senhora, a partir de agora sempre com capacete, não se preocupe – desculpou-se o motorista.

– A partir de agora, nada. Suca daqui! Quinze kwachas, é esse o valor que dás à vida da minha filha? Vai embora e não volta mais!

Depois, mãe e filha entravam em casa e tudo ficava em ordem. Jantar e dormir, mais um dia. Vivíamos sempre perto da tragédia, com o risco no ar e o medo no corpo, por eventos como aqueles, do camionista procura-balas ou do motorista

descapacetado. De facto, o nível de uma tragédia vem determinado pelo país ou cidade onde ocorre, não pelos mortos ou feridos, nem pela fereza do ataque. É assim como me ensinava minha mãe, que nunca tinha saído da província do Copperbelt, mas sabia muitas coisas do mundo de lá fora. O meu pai, segundo ela explica, porque eu nunca o conheci, era um homem de prestígio, que tinha viajado muito e explicava coisas impressionantes dos sítios por onde passara. Que em Nova Iorque, os táxis amarelos andam rápido pelas pontes e avenidas da cidade, de um ponto a outro em poucos minutos. Se naquela cidade se derrubam prédios, é uma catástrofe planetária, mas se em Mogadíscio bombas rebentam hotéis com diplomatas dentro, até Ministros ou Embaixadores, não é nada, apenas umas linhas na última página do jornal, na secção dos eventos internacionais, ou uma breve menção no telejornal. Pouco mais nos contava dele, mas eu sabia que havia mais coisas, muito mais, daquele homem. No entanto, quando eu insistia à minha mãe para que me contasse mais coisas do meu falecido pai, ou pelo menos das viagens que o afastavam de nós, ela explicava que em Maputo, a capital de um nosso país vizinho, os táxis incorporam uma banda verde que chega até à parte traseira, talvez como símbolo de esperança, para que o cliente ficasse a saber que aquele transporte era seguro, inacidéntável. Também mencionava que, em Barcelona, lá na Europa mediterrânea, os táxis já vinham meio enlutados, pois a cor amarela mantinha-se, mas o verde de Maputo era substituído pelo preto, talvez um sinal fúnebre, de falta de esperança ou de que a poluição era tão abundante que tingia vários elementos do ambiente da cidade, incluindo a parte traseira dos carros daquele meio de transporte.

Como em casa éramos pobres, nunca sonhámos em adquirir um aparelho de televisão, mas algumas vezes acompanhei imagens que emitiam em casa de algum vizinho, caso minha mãe me levasse ao colo numa das visitas que ela fazia. Tinha que ficar satisfeito com as histórias de viagens do meu pai, que ouvia através da minha mãe, nunca sabendo se as inventava ou eram fidedignas à realidade. Quando o meu pai foi aos Estados Unidos da América, não ficou apenas em Nova Iorque. Também foi à Charleston, no estado da Virgínia Ocidental. Contou-me a mãe que lá, os habitantes brancos colocam escritas na rua, em sinal de protesto pela presença de negros. Assim, simplesmente. Mais tarde, na minha vida adulta, acabei recordando e reflectindo sobre aquilo. Algo que alguns chamam discurso de ódio, racismo, lá era amparado por não sei qual lei de garantias da liberdade de expressão. As escritas públicas diziam, literalmente, segundo a minha mãe dizia que o meu pai teria contado, que se os moradores brancos daquele estado norteamericano tivessem sabido que, séculos mais tarde, haveria tanta população negra, descendente de escravos africanos, a conviver com eles e usufruindo dos seus mesmos direitos básicos, não teriam permitido que os seus antepassados tivessem trazido os escravos a trabalharem lá na recolha do algodão. Que eles próprios, brancos, poderiam ter recolhido o algodão, enquanto os negros ficassem a apodrecer em casa, no seu xibalo local. Se o meu pai viajou até lá para ver aquilo, no século vinte, posso duvidar, mas também dá para criar a minha própria versão da história, do ponto de vista de nós, negros. Que tal se os africanos do século actual colocássemos manifestos escritos, nas nossas ruas, a proclamar que “se nós tivéssemos sabido que viriam ricos europeus a explorar o nosso carvão, tantálio, diamantes, petróleo,

coltan e cobalto, nós próprios teríamos feito a extracção desses todos recursos, e assim hoje não deveríamos aguentar a presença de homens brancos cá em África, a conviver connosco, usufruindo dos nossos mesmos direitos básicos”?

Na escola primária, éramos muitos meninos da aldeia e alguns outros de povoados ainda mais recônditos, que não tinham onde estudar e, pelo menos, ali tinham uma escola onde podiam ter aulas numa média de dois ou três dias por semana, não mais, porque o resto do tempo os pais precisavam dos meninos como o peixe precisa da água, salgada ou doce. Eu conseguia ir regularmente à escola, todos os cinco dias da semana, ou algumas vezes quatro dias, de terça a sexta-feira, porque minha mãe queria que a ajudasse nas compras nas segundas-feiras, o dia que, segundo ela, o mercado estava menos engarrafado e era mais fácil escolher os produtos de melhor qualidade. De facto, era fácil porque nas segundas-feiras não se traziam novos produtos, e restava muita coisa do fim-de-semana, que não se teriam consumido até domingo de tarde, e ficavam reduzidos de preço uma vez iniciava a nova semana laboral. A semana alimentícia não tinha início nem fim, e a economia familiar obrigava a reduzir todo tipo de despesas, por mínimas que fossem as poupanças. Minha mãe sempre vivia com o medo do dia que ficássemos sem dinheiro. A situação era a seguinte: por um lado, o falecido marido, meu pai, tinha deixado uma herança relativamente quantiosa, tanto das ganâncias dele, como pela seguradora laboral que o cubria. Por outro lado, as três filhas mais velhas, minhas três irmãs, já injectaram à economia familiar tudo quanto puderam, com os valores dos respectivos casamentos tradicionais. Ainda bem que eu era menino e acarretava poucas despesas, mas não conseguia fazer as

contas que tanto apoquentavam a mãe. Só entendia que o nosso património, de não sei quantos kwachas, era limitado, porque só tínhamos saídas, nenhuma entrada, até o dia em que eu, se Deus o quisesse, começasse a trabalhar. Como último recurso, a mãe sempre pensava em pedir apoio ao tio Ndjema, mas seria vergonhoso, pois ele já era um pré-velho cansado e não queria incómodos na vida, só alimentar os sobrinhos. No dia em que minha mãe juntasse coragem para pedir esmola ao congolês, provavelmente já estaria no cemitério, a criar vermes.

Na escola, eu não me dava mal. Sem fazer nada de especial, ia passando de classes, e cada vez se aproximava mais o momento em que eu, por percurso natural, devia ir para a escola secundária, inexistente na aldeia. Para cursar o nível secundário, o centro escolar mais próximo ficava em Kitwe, a mais de quarenta quilómetros de distância, e não contava com internato nem refeitório. Portanto, eu já começava a tomar consciência de que, se nada mudava radicalmente os meus destinos e os da minha mãe, um golpe de fortuna, eu não teria opção nenhuma de estudar, e deveria cuidar da machamba familiar, pequena demais para gerar algum rendimento visível, ou fazer contactos para ser enquadrado em alguma das minas de cobre da província, a garimpear ou fazer limpezas, tanto faz, com tal que minha mãe recebesse de volta alguma coisa do investimento feito para alimentar um filho, eu, que por acaso era o seu único varão, e portanto, a sua última esperança de prosperidade.

Em todo o distrito de Mufulira, os transportes públicos disponíveis, vulgo chapas, eram escassíssimos. Eu só conheci, de facto, um motorista que chegava até à nossa aldeia, fazendo a rota apenas de cá até Kitwe. De lá para Ndola, a capital provincial, havia necessidade de um outro transporte. O maior servi-

ço que devíamos agradecer ao chapeiro era o fornecimento de pão. De baixa qualidade, emplastado, mas seja como for, pão, para a gente matabichar ou lanchar, com ovo, palone ou alface, em função da disponibilidade. O motorista do chapa era um jovem estrábico, mas muito respeitado por todos. Trazia, para além do alimento básico, garimpeiros de ida e de volta, e saía com produtos das machambas para serem vendidos na capital provincial ou nalgum ponto intermédio: alface, couve, kalem-bula, tomate, batata doce, mandioca, cebola, alho, gergelim e gengibre, que maiormente eram agrupados em caixas protegidas por capulanas, como forma de assegurar que chegassem ao destino em boas condições. Na aldeia corria a informação que, cada ano, pelo menos dois ou três garimpeiros perdiam a vida, só na nossa aldeia, que não tinha mais de cinco mil pessoas. Na ausência de leite, produto de luxo para a maior parte das famílias da aldeia, as esposas dos garimpeiros preparavam, para os seus maridos, uma solução de bicarbonato em água, que se tornava o remédio caseiro por excelência para ajudar os coitados mineiros nos seus problemas respiratórios.

No que diz respeito à animação da vida cultural, cabe destacar que, aos sábados, quando havia jogo no campo, não ficava viva alma nas casas nem no mercado. Todos os homens, e numerosas mulheres, se concentravam lá. Um dia, que era sexta-feira, antes de partir de novo para Kitwe, o chapeiro benzeu-se, mas o seu hálito emanava uma mistura de uísque e cerveja. Mais um motivo, pensei, para descartar a ideia de ir à escola secundária com esses transportes públicos. Por não falar das estradas, todas em péssimas condições. Para o Ministro dos Transportes e Infra-estruturas, que esteve cá no ano passado, as estradas bem alcatroadas só deviam servir a cidade de Lusaka

e as suas conexões com Livingstone, Chipata e Ndola. Mais nada, nem zonas de interior, vias transfronteiriças, caminhos escolares ou postos de saúde. Nada, como dizendo, que se lixem esses povos do interior, que venham viver na cidade, se conseguem emprego. Que vergonha, tanto a atitude do Ministro como as covas e pedrinhas que inundavam as estradas do nosso país. Ainda bem que ninguém tinha carro, lá. Não era de estranhar, porém, que o chapeiro afokasse a sua pena em algo tão ruim como o álcool. Algumas noites, sem prévio aviso, algum dos vizinhos colocava a música a volumes mais do que elevados. É provável que aquele barulho se ouvisse desde Lusaka! No entanto, íamos lá dançar, e eu me dava bem nessa arte. Me tornei o putito mais bem-sucedido daquelas noites, só que, ao meu pesar, os adultos cansavam cedo e desligavam a música, mandando-nos voltar para as nossas respectivas casas, cortando, desta feita, a única cena de diversão que eu conheci em toda a minha infância. A única alegria que o meu coração experimentara foi essa. Na dança, a pobreza ficava inadvertida, a recordação do meu ausente pai não me aturmentava, a fome descansava da tarefa de me apertar o estômago, e a imaginação se aliava ao ritmo da música para me transportar, nem que fosse só mentalmente, a qualquer lugar do mundo melhor do que aquele. Eram tempos em que eu não procurava vocação nenhuma, só vivia o momento presente, inconsciente de que minha mãe, que nunca vinha às noites de dança onde eu brilhava, estava a passar mal, sozinha, a regar algumas esporádicas rosas, como único recurso ao desgaste que a condenava a envelhecer sem pena nem glória.

O pior de tudo era entrar em casa, de noite, às escuras. Eu devia apalpar os objectos da sala para depois passar o umbral

da porta do meu quarto. A partir daí já era mais fácil, porque eu sabia que a minha cama estava a dois passos exactos, do lado direito, uma vez eu tivesse atingido a cortina separatória da sala de estar com o meu quarto. Nem tomava banho, quando chegava de noite, apesar de que sabia que a mãe me esperava acordada e escutava todos os meus passos e movimentos na escuridão, eu que andava sem vela nem lanterna, feliz por ter alcançado a minha cama, depois de ter experimentado uma tal leveza que me teletransportava a um estado de bem-estar incomparável, que me fazia sair do estado de pedinte, sem me tornar pedante. Na aldeia não tínhamos como, nós pobres, disfarçarmo-nos de ricos, mas eu pensava que, se estudava e dançava com todo o meu afinco, algum dia poderia chegar a ser rico, para me disfarçar de pobre.

Antes da visita do Ministro, já os Governadores da província, o actual e o anterior, dez anos atrás, tinham mostrado o caminho, a sua elegante forma de dizer que nós não éramos nem somos nada. Toda autoridade vem engravatada, promete a mudança e vai-se embora. Mas nós sabíamos que a visita deles só se justificava porque queriam preencher algumas estatísticas que o chefe quer ver, lá no escritório da cidade. Estatística que nem sabemos calcular, porque nunca fomos ensinados numa escola decente, com quadro, giz, caneta, papel, caderno, e muito menos computador, projector, calculadora ou máquina nenhuma. Somos periferia da periferia, inexoravelmente marginalizada, mas sempre aqui, presentes, prontos para a próxima campanha de recolha do alface, alho, pimenta, tomate, batata, cenoura e cebola, sem esquecer a nossa vocação provincial, ou nacional, de sermos recolhedores de cobre, níquel, cobalto, tantálio e coltan.

Minha mãe me recordava, especialmente aos finais-de-semana, que eu devia já pensar em tomar contas da casa, plenamente, como o cabeça de família. Mas qual família? Tendo em conta que as irmãs já nunca mais voltavam, nem que fosse para celebrar o natal ou exibir o crescimento dos seus respectivos filhos, eu, aos meus onze anos de idade, só conseguia visualizar um futuro incerto. Ouvia alguns filhos de vizinhos que os seus pais e tios faziam dinheiro em outras províncias ou mesmo no estrangeiro, na África do Sul, em Botswana, no Congo, no Rwanda, no Quênia, na Tanzânia. Mas o que é que tinham a nossa Zâmbia e a nossa província, assim como a nossa aldeia, que não permitia que ninguém lavrasse um futuro próspero, com educação, dignidade, alguma riqueza para poder comer e gozar de boa saúde? Eu também teria que sair, para o exterior? De todas as dúvidas que me consumiam, cada vez mais fortemente, a única certeza absoluta que eu tinha é que terminava a escola primária em poucos meses.

– Vamos pedir ajuda ao tio Ndjema – falou a mãe, em voz alta, para que eu ouvisse, durante uma noite, em casa, durante o jantar.

Ela me falou como se fala a um adulto, pela primeira vez na vida. Senti que o assunto era sério, agora já não havia como voltar para atrás, às noites de alienação onde podia dançar e voltar para casa a dormir feliz. Desta vez, se não se obrasse um milagre inesperado, a incertesa me aguardava. Não tinha medo de ir para fora da vila, pelo contrário, estava disposto a percorrer o mundo de norte a sul, e de leste a oeste, com tal de procurar o melhor futuro para mim e para a mãe. Coitada, nem sabe onde o marido está sepultado, que vai ter que se despedir do seu outro homem, eu, o menino que já estava a terminar o

ensino primário. Pena de mim, que fui tão bom nos estudos, e acabaria sendo uma simples peça na engrenagem do sistema capitalista, mão-de-obra barata de uma mina, de uma machamba ou, no melhor dos casos, de uma indústria transformadora de produtos refinados num bairro periurbano da cidade de Lusaka.

Num certo período, eu já nem sabia o que pensar ou fazer. Coloquei tudo nas mãos de Deus, e minha mãe me levou para a igreja, numa quarta-feira de tarde, pelas dezoito horas. Os dias passavam e o meu tempo de criança se esgotava, também perante os olhos do Senhor todopoderoso. Fizemos as orações normais, oferecemos um sumo e pedacinhos de bolachas aos irmãos da congregação, também ao pastor, que, depois do ofício, perguntou se podia vir jantar em casa, connosco. Aceitámos imediatamente, qual se aquilo fosse uma mensagem do Senhor dizendo que o nosso destino estava prestes a mudar para o melhor, porque para o pior já não podia. Em casa, a mãe tirou umas batatas e as fritou, para que o pastor lanchasse à vontade, enquanto aguardava a refeição principal, xima com uma perna de frango e verduras cozidas. No tempo que a mãe passou na cozinha, aquela quarta-feira de noite tão especial, eu fiquei na sala com o pastor, a escutar os seus sermões. Me recitou algumas passagens do Deuteronómio, que adorei. Depois foi para os Evangelhos, que me pareceram menos comunicativos e muito superficiais, mas palavras bíblicas, sagradas, em todo o caso. O pastor colocou as suas mãos na minha cabeça em repetidas ocasiões, como forma de me transmitir a bênção do Senhor Jesus. Quando a comida chegou, ele e eu devorámos as tigelas. Para mim, apesar de que não tinha direito a uma perna inteira de frango, o pedacinho que me tocou soube-me à máxima glória, uma janta de categoria superior. Porém, naquele

momento de falsa felicidade, a mãe ficou no silêncio, a um lado da mesa, sentada no chão, a tomar chá preto sem açúcar.

E o milagre chegou, de alguma maneira. Da laia dos pobres, mas ainda assim, milagre. O pastor anunciou que alguma coisa boa estava a vir ao nosso encontro, que Deus tivera fabricado uma bênção especial e exclusiva para nós, os únicos sobreviventes daquela miserável família, que ainda ocupávamos aquele humilde lar. Ele disse que alguém estava disposto a apoiar a minha educação, para que pudesse prosseguir com o nível secundário no próximo ano. O pastor levantou-se da cadeira e despediu-se, depois de terminar toda a perna de frango e engolir quatro porções de xima. Na manhã seguinte, bem cedo, o dia amanheceu com algum cacimbo, cena habitual da época do ano. Eu estava a regar a alface que a mãe plantara na semana passada, sabendo que eu já era uma pessoa crescida, que devia tomar conta dessas coisas. Instintivamente, notei uma presença, como se algum elemento fora do comum estivesse a olhar para mim. Minha mãe saiu da casa para ver o que eu estava a fazer, e também notou essa presença. Ficámos parados a poucos passos da porta de casa, ela com umas camisas minhas que ia lavar, eu com a nossa única enxada de trabalho agrícola, e vislumbrámos três figuras, uma mais alta e duas inferiores. Eram os nossos visitantes habituais: tio Ndjema, Jérôme e Cristine, os congolezes. Não era habitual, porém, que se apresentassem naquele momento, pois na fazenda que eles tinham em Lubumbashi, devia ser temporada alta de recolha de frutas e verduras. Mas por alguma razão, estavam cá, vieram ter connosco.

– Com licença? – escusou-se, educadamente, o velho tio Ndjema.

– Entrem, por favor, meus filhos – respondeu a mãe, imediatamente.

Tio Ndjema sentou-se na varanda, tirou os sapatos e dormitou por alguns minutos. Não parecia que tivesse muita pressa, mas com certeza tinha algo especial para dizer ou fazer.

Na minha zona, só ouvíamos falar das águas do rio Zambeze como se se tratasse de uma coisa longínqua, um ser imaginário, como de um outro país e de um mundo diferente ao nosso.

2. Zambi

Minha mãe regava as flores da varanda todos os dias de manhã, com muito esmero. Ter flores era algo normal numa casa como a da minha família. O nosso lar estava no bairro do Chingodzi, na cidade de Tete, a urbe de Moçambique que contempla o Zambeze sentada sobre o jazigo de carvão. A casa não ficava longe de uma corrente de água que os aventureiros europeus, por séculos, tinham-se empenhado em designar como o mítico, espiritual e majestoso rio Zambeze. Mas para nós, era água só. Na varanda tínhamos amarílis, orquídeas, crisântemos, magnólias, lírios e camélias. De tudo do bom, o melhor, para além de outras plantas menos bonitas, mas igualmente dignas de ocupar aquele nobre espaço, onde passávamos tardes em família a brincar, nós miúdos, meu irmão e eu, e a falar e beber água de cachaça, os pais e visitantes adultos ocasionais. Água nunca faltava, tanto para nós como para as plantas. É normal para quem vive a escassíssimos metros das águas daquele rio enormíssimo. Eu nasci aqui, à beira do rio Zambeze, numa maternidade precária desta cidade capital da província mais quente do país, não longe da ponte que hoje conhecemos pelo nome do saudoso marechal Samora Machel, e fui atribuída um nome vulgar como de qualquer cidadã portuguesa, que só recordo quando preciso de usar o meu BI ou passaporte. Logo, nos tempos em que fiz parte da equipa feminina de voleibol da escola primária, as pessoas ao meu redor começaram a me chamar Zambi, por duas razões: tinha nascido perto do rio e, no jogo, eu era a mais escorregadia, como o Zambeze. Depois,

já com o nome fictício mais presente do que o nome oficial de nascimento, a minha mãe comunicou-me, eu ainda criança, que tinha planos para que eu fosse, um dia, para o internato de uma escola de qualidade, onde me formaria como professora e conseguiria ser a melhor docente deste mundo e dos outros, se os houvesse.

Durante a infância, recordo que comecei a comer xima de mandioca, batata e muita verdura, tudo produto das machambas locais. Numa certa altura, eu ainda nos meus cinco ou seis anos, fiquei atrapalhada pela magnífica hortaliça que é a beringela. Adorava o sabor e também a forma, a cor, o cheiro, tudo. Sonhava que um dia poderia cultivar uma machamba cheia de beringelas, fazendo visível uma enorme extensão de cor lilás desde o céu, para quem sobrevoasse. Teria tanta produção que poderia comer beringelas até fartar, de manhã, de tarde e de noite, e também vender o resto localmente e em exportação. Mas não pensei em quem iria comprar todo esse meu excedente. Aquando eu desvendava o meu plano agrícola em voz alta, a mãe me respondia com encorajamento e também com umas notas de realismo, que naquela altura eu não soube agradecer como devido. Cedo ou tarde, às vezes tarde demais, acabamos por descobrir que a realidade é o melhor antídoto contra os planos mal traçados.

– Filha, uma machamba deve ter de tudo: tomates, cebola, alface, piripiri, couve, cenoura. Quanta mais variedade, melhor.

– Piripiri, que coisa tão nojenta. Mas por que, mãe, se eu só gosto de beringelas, tenho que perder o tempo com as outras coisas?

– Onde irás conseguir encontrar todas as outras coisas? – inquiria minha mãe, se bem eu não sabia se com a expressão

“outras coisas” se referia apenas à verduras e hortaliças, ou haveria algum intrasignificado escondido que a minha mente infantil não podia interpretar.

– As outras coisas posso apanhá-las no mercado, pois já tem pessoas que as cultivam e as vendem. Cada um se ocupa de uma coisa, assim não faltará nada para ninguém – ousava argumentar, eu, com todo o convencimento.

– Mas se um dia ninguém te compra beringelas, sempre haverá alguém que queira outras coisas e tas compre. Entendes, filha?

Entendi, mas não em termos agrícolas. Só captei a mensagem que se deve pensar no que os outros querem, procuram, precisam e desejam para consumir, e não apenas no interesse meu próprio, como produtora. Porque todos somos, em simultâneo, produtores e consumidores de algo, neste ecossistema imperfeito que é a vida. Querer ou precisar, eis a questão. Minha mãe conseguiu fazer-me entender que esses dois verbos, de significado diametralmente oposto, devem ser assimilados dentro do mesmo processo humano. À minha tenra idade, ignorava se, algum dia, eu poderia querer um homem tanto como me fosse possível precisá-lo, ou vice-versa.

Ainda me lembro do colostro da minha mãe, de sabor tão doce e alimentício como mais nada. Numa certa altura da minha pré-adolescência, em que os mamilos começavam a se desenvolver no meu peito, perguntava-me se eu também poderia amamentar filhos, um dia, com o leite do meu próprio corpo. Perto das correntes fluviais do Zambeze, havia uma linha férrea que eu ficava a admirar, às vezes, por mais de trinta minutos, com a esperança de que um comboio cheio de artistas acudisse ao meu encontro, para pintar a minha vida de todas as cores. O

sistema de funcionamento da rede ferroviária em Moçambique é igual às oportunidades de prosperar digna e justamente, seguindo as leis do nosso país do “pandza”, porque todo o mundo sabe que existem os comboios, mas ninguém é capaz de dizer como e quando se apanham, nem sequer os próprios dirigentes dos Caminhos de Ferro ou os maquinistas das locomotivas. Mas durante a minha infância, não me preocupei em excesso pela minha própria prosperidade, era feliz só com ver o comboio verde-branco, empoeirado, a passar uma vez por semana, com sorte.

Entretanto, o meu irmão, já adolescente quando eu era menina, era um frequente visitante do mercado Kwachena, pelo que todo o mundo no nosso bairro chamava a ele de kwacheneiro. Pouco a pouco se tinha forjado esse nome, pois não ia lá para comprar tomate, cebola, batata, alface, amendoim ou outras provisões básicas, se bem alguma vez tinha o detalhe de trazer beringelas e folhas de loureiro, para impressionar a mãe, e que comprava com dinheiro que ele ganhava por aí, a fazer serviço de mototáxi. Passava do Kwachena mais de noite do que durante os dias, infelizmente. A partir das vinte horas, mais ou menos, era a época do dia em que as frutas, como a papaia e a laranja, eram substituídas por mulheres ou meninas muito jovens, de pernas abertas. E as verduras de dia, como o pepino, a pimenta e a batata doce, eram trocadas por falos assedegados dos malandros que passavam pela zona, quer intencional ou inintencionalmente. Se amalgamavam meninos jovens, como o meu irmão, com mulheres maduras, e menininhas de catorze anos com homens engravatados, bigodudos e barrigudos, tudo sem ordem nem concerto. Meu irmão, toda a verdade seja dita, nunca disparou dentro da baliza, porque quando isso acontecia,

logo imediatamente toda a vizinhança proclamava a notícia, mesmo antes que a menina ou mulher goleada começasse a mostrar curva abdominal, sinal de gravidez. Era mulherengo, um mal exemplo em termos de comportamento, um vividor. Mas não um criminal. Fizera de tudo com as manas do bairro, a exceção de estudar com elas, compor poesias românticas, recitar-lhas ou levá-las tomar sorvete, antes do anoitecer. O meu irmão não graduou de nada, e assim foi directo para uma mercearia, onde aprendeu as durezas da vida laboral às ordens de um monhé que odiava todo o mundo, especialmente a Índia e Moçambique, as suas duas pátrias. Para ganhar os emolumentos dele, meu irmão devia carregar de manhã até a noite fardos de comida, sacos de arroz, bidões de óleo, láminas de peixe congelado e muitas mais iguarias. Fazia-o tudo com carrinha de mão, ou na ausência desta, no telhado da sua cabeça, degradando pouco a pouco o seu crânio.

Como motorista era seguro, isso dizia a maioria dos passageiros que entrava em casa e lhe entregava o valor em mão pelo serviço bem feito. Uma vez, porém, uma senhora imensamente gorda e que carregava sacos plásticos ainda mais avultados, na cabeça e na parte dianteira da mota, repreendeu com muita veemência a atitude do meu irmão. Eu achei que a senhora tinha razão, só que, em geral, não se confia na palavra de alguém com uma aparência desagradável, enquanto que uma pessoa de bom aspecto, especialmente se é mulher bonita, alta e estilosa, é tida mais em conta quando fala ou reclama. Puro julgamento visual, inconsciência profunda. O caso é que a senhora reclamava que o meu irmão abrandasse o passo quando circulasse por ruelas estreitas, sob risco de atropelar alguém inocente ou perigar as compras que ela, como passageira, carregava. Ques-

tão de atitude, eu pensei, enquanto a senhora, que podia ter o duplo da idade do meu irmão, conspurcava palavras duras para ele. O argumento da senhora era que, num encontro entre uma motorizada e um viandante, quem deve reduzir a velocidade, se necessário parar, é sempre o veículo motorizado, e não ao contrário. Por que deveria a pessoa se afastar, se por estar a caminhar, em nenhum caso representa perigo para outras pessoas ou elementos da paisagem urbana?

– Entendi, senhora – aceitou o meu irmão.

– No dia que haja um acidente grave e alguém perca a vida, vou ficar triste pela vítima mortal, se calhar, mas também vou sentir alívio, até quase felicidade, porque a partir daquele momento é que vocês todos irão se conscientizar do perigo que representam para quem anda a pé.

– Está bem, senhora, ele vai rectificar, garanto-lhe – interveio minha mãe. Uma mãe sempre defende o filho, mesmo sabendo que é inculcado e não tem razão nenhuma no assunto.

– Não precisa de me garantir nada. Não vou subir mais nestes transportes, que também cada dia estão a aumentar preços desorbitadamente!

– Combustível subiu – reclamou o meu irmão, de voz baixa.

– Cala-te, filho, e vai tomar banho, pois acabou o dia laboral – encerrou a mãe, enquanto a senhora afectada abandonava o nosso quintal.

A mota do meu irmão parecia uma cabeça de gado sedenta e esquelética da região do corno da África, até que eu sentia pena mais pela mota do que pelo condutor, que também sofria infundáveis jornadas de lá para cá, com paragens forçadas para abastecer combustível ou para pequenas reparações. Este incidente fez-me recordar a única vez que eu tinha subido naquela

mota, quando ainda era nova. Nova, entenda-se, de segunda ou terceira mão. Numa tarde que o meu irmão não tinha clientes agendados, e eu estava sozinha em casa, terminados os infantis tepecés da terceira classe, ele me fez um gesto com o queixo, para que eu sáísse e experimentasse pôr as minhas nádegas de criança no espaço minúsculo que supostamente era o assento do passageiro. Ele ajudou-me a subir, pegando o meu corpo com as suas duas mãos macias, e fomos embora. Liberdade absoluta, pensei, ao notar as rajadas de vento a tocar no meu cabelo descapacetado. Sem perceber nada, de facto, de onde estava, para onde ia e o que queria fazer o meu irmão comigo, entrámos no mercado Kwachena.

– Olha lá, mana, uva amarel, como anima. Trazida de Portugal. Comes uma, e já não podes parar até acabar todo o racimo. Bom preço.

– Compra lá, mano – exige, e ele cumpriu.

Regressados a casa, minha mãe estava a assistir um programa de política nacional na televisão do vizinho, com quem partilhávamos quintal, para efeitos de tender roupa e cozinhar, maiormente. Por causa desta ocupação, não teve espaço para zangar connosco. Para além disso, ela, sempre com algo a dizer em termos de política, não descolava os olhos do plasma, e lamentava que esse mesmo jornalista que aparecia a conversar, descontraidamente, com um famoso cantor de Maputo, não fosse igual de respeitoso quando entrevistasse o Presidente da República, ou vice-versa, que não fosse tão incisivo quando interrogava o cantor. De facto, numa entrevista a um dirigente político, as perguntas não podiam ser iguais, porque dessa pessoa se espera que forneça medidas que ajudem as pessoas viver e conviver melhor. Entretanto, de um artista, não se espera que

resolva nada com receitas políticas, espera-se que atire a sua magia para o ar, faça enlouquecer o pessoal e cada um se vire para ser feliz. Eu fui feliz com uva amarela, aquela tarde.

Mentalizei-me que o Kwachena não era um local recomendável, para uma menina como eu, e entendia por que minha mãe tivera planos para que eu estudasse desde bem cedo e até o mais além, nem tanto pelo futuro que me aguardasse se conseguisse ultrapassar vários níveis, mas sobretudo para evitar o terrível presente do vício fácil do Kwachena. Meu pai sempre andava fora, em viagens de negócios, contava-me a mãe, e nem sequer ligava para ela para querer saber se eu, a sua menina, me tinha comportado e estava a fazer bem na escola. Dantes, algumas poucas vezes tivera perguntado pelo meu irmão, mas sabendo que já era uma causa perdida, sempre por aí com a mota, deixou de se interessar também por ele. Mas um dia, sem prévio aviso, a mãe decidiu contar-me algo mais próximo da verdade. O meu pai tivera problemas com a polícia, alguns anos atrás. E com a bebida. Supostamente, um dia, ele ficou tão grosso que não conseguiu encontrar a paragem dos transportes públicos para voltar a casa. Então, vagou por um bairro desconhecido e, segundo a versão do meu pai, ficou encostado por alguns minutos no portão de uma casa, mas sem chegar a se sentar ou fazer nenhum barulho estridente. Porém, na versão dos moradores daquela casa e outras pessoas do bairro, o meu pai tivera entrado, sem licença, até na cama do casal, onde a mulher estava deitada enquanto o homem tomava banho.

No interrogatório, realizado debaixo de uma árvore de ca-juero, num dia de chuva intensa na cidade de Tete, o meu pai não abriu a boca, porque o seu advogado estava de férias. Tinha dinheiro para mandá-lo voltar ipsofactamente, ou, inclusive,

contratar um outro letrado que estivesse por perto, algum qualquer contacto de contacto, amigo de conhecido. Mas preferiu passar duas noites no calabouço, à espera que chegasse o advogado de sempre, um tal Mzanzi, que acabou interrompendo as suas férias porque sabia que, por aquele serviço, teria direito ao duplo do valor do que num caso normal, isto é, dentro do seu tempo laboral em que não estivesse a gozar férias. Acusado e defensor pediram uns minutos para se abstraírem de toda a cena. Afastados do olhar dos inspectores da polícia que levavam o caso, Mzanzi submeteu o meu pai a um outro interrogatório, muito breve, de apenas uma pergunta, mas conciso e espinhoso. Segundo o depoimento da minha mãe, que não tirava os olhos da parede, a conversa correu nos seguintes moldes.

– Por que acabaste assim, tu, pai de família? – perguntou o letrado, sabendo que, quanto mais tempo passassem lá, seria mais impossível obter nada de bom para o seu cliente.

– Achas que tenho medo? – inquiriu o meu pai, qual um tenista que devolve uma bola, cometendo um erro não-forçado.

– Tu tiveste medo toda a vida. Não sei por que me chamaste, desta vez – sentenciou Mzanzi.

– Para que me tires daqui, veja lá como – exigiu quem não tinha nada a exigir.

– Para sair daqui não precisas de mim. Primeiro tens que te reencontrar contigo mesmo e com a tua família.

O meu desconhecido pai, um medonho que se consumiu em malandrices, foi acusado de dois vexames: primeiro, entrar em domicílio alheio; segundo, agredir o homem da casa. Mesmo assim, e perante aqueles cargos, ainda teve tempo de alegar, de novo debaixo do cajueiro que servia de comando policial, que tinha agido em autodefesa, enquanto viu que o dono da casa

levava a mão ao bolso fazendo o efeito de que ia desembainhar uma espada ou uma pistola. Mas era uma lanterna, que tirou do bolso lateral esquerdo do casaco.

O meu pai levou a pena mínima pelos dois delitos: um ano por cada. E cumpriu. Aquando saíra do cárcere, não voltou mais para casa. Apenas teve a indecência de enviar uma breve nota de despedida à mãe, acompanhada de uma quantiosa soma de dinheiro. Na carta, explicava que tinha ficado só com uma pequena parte do património de mais de quinze anos laborais, para tentar iniciar a sua nova vida, longe dali. Não especificava onde nem com quem. *Perdida esta batalha, ainda a guerra prossegue* era a última frase da missiva do pai, indecorosíssimo epílogo, o último contacto que a minha mãe tivera com ele. Aquela é a única lembrança que eu posso, mais ou menos, testemunhar dele. A mãe rejeitou o dinheiro, mas o acabou guardando, para alguém das gerações posteriores, felizmente ignorantes da origem desses valores. Em situações como aquela, deveria estar excepcionalmente permitido, nos termos da lei, destruir capital. Também minha mãe nunca foi de usar o dinheiro muito manhosamente. Tudo quanto entrava, era gasto, muito igualmente em passivos como em activos, ou seja, tanto em comida, livros e roupa, como em flores novas para a varanda, arquifamosa em toda a vizinhança, e que recebia visitantes em massa, qual fosse um museu de belas artes.

Como se não bastasse, na rua da minha casa havia uma discoteca, chamada Indalo, que era um nome proveniente de não sei qual mitologia europeia. Nunca fiz ideia de por que lhe atribuíram esse nome, pois nós cá de Tete nada tínhamos de mitológicos, nem muito menos de europeus. Mas de facto, a discoteca era considerada, por muitos, mítica, porque perviveu

e ainda pervive a todos os tempos, elementos contrários, dominações opressoras e crises económicas. Seja como for, nos arredores do Indalo havia barulho de noite, silêncio de dia, e muitas garrafas de cerveja vazias de conteúdo, feitas mil pedaços e espalhadas por todos os lados, sob risco de serem espezinhadas pelos inocentes viandantes, alguns de pé descalço, que por ali circulavam todos os dias, nas primeiras horas da manhã, a caminho da ponte, do rio ou de um outro lado qualquer da cidade. Mas eu sabia que não tinha nada a fazer naquele lugar, talvez quando fosse já mais crescida e tivesse vontade de namorar, curtir, sair, me sentir livre. Mas por enquanto, a minha liberdade estava limitada ao meu quarto, à varanda das flores e ao caminho entre casa e escola. Os donos do Indalo também tinham a sua história, um casal ex-divorciado, ou um ex-casal divorciado e reconciliado, veja-se da perspectiva que se queira. Tiveram estado casados por mais de quarenta anos, fizeram três filhos que, uma vez crescidos e casados, rejeitaram tomar contas do Indalo, deixando-o aos pais. Estes, descobrindo que o amor se desvanecia e as brigas se tornavam cada vez mais frequentes, na ausência dos filhos, decidiram que se divorciavam, mas ficariam a conviver no mesmo lar, cada um com a sua vida independente, e juraram-se isso, de mútuo acordo, até que a morte os voltasse a unir, física e espiritualmente, no mesmo bairro mortuário que aguarda por todos.

Numa certa altura, meu mano mais velho voltou para casa triste, cabisbaixo, e visivelmente frustrado. Era aquele tempo de escândalo dos mototáxis ilegais na cidade de Tete, o nosso problema urbano mais sempiterno. Os justos a pagarem pelos pecadores. No mesmo dia, ao jantar, o meu irmão soltou uma frase, para ele de esperança, de incredulidade para mim.

– Tu serás a governanta que nos resolva estas cenas todas, minha irmã. Continua a estudar, faz favor.

E calou, continuou a engolir a xima com peixe seco, em rigoroso silêncio. O meu irmão era assim, de poucas palavras, sábio dentro dos seus limites, e um malandro puro com alma de conselheiro. Numa outra ocasião, também a jantar em casa, na presença da mãe, ele e eu deglutíamos folhas de abóbora com mandioca, mais alguns décimos de peixe kapenta, tudo acompanhado por um molho de tomate e cebola. Subitamente, o meu irmão levantou a voz, ligeiramente, para me aconselhar sobre os homens. Seguramente tinha sido aldrabado por uma das manas do Kwachena, cliente do seu mototáxi, que, chegada ao destino, dizia que não podia pagar com dinheiro vivo nem digital, mas que com todo o prazer o convidava a uma sessão de sensual luxúria, por preço reduzido, tarifa simples e serviço duplo. Mas o meu irmão não queria isso, que acontecia frequentemente, e acabava por rejeitar a moça, cansado de sempre a mesma coisa, pior ainda depois de ter usado tempo e combustível e não levar nem sequer cinco meticais, preço de um pão, para o bolso. Com cara de frustração e cansaço, ele fazia ranger o peixe dentro da sua boca. Ao terminar o barulho, bebeu meio litro de água sem descolar os lábios do copo nem um instante, pousou de novo o copo na mesa, e se dirigiu verbalmente à mãe, enquanto olhava fixamente para mim.

– Mãe, posso falar? – pediu licença.

– Que seja algo de bom, filho, pois não falaste nada em todo o jantar, e não tens uma expressão facial encorajante.

– Muito bom não é, mas muito edificante, com certeza. Só quero recomendar algo à minha irmazinha.

– Vai a frente, então – permitiu a mãe, que, como ele, já tinha terminado a comida. Eu sempre era a última.

– Zambi, quando for a tua vez de tratar com homens, lobolo, apresentação e demais formalismos, vai directamente para o tako e esquece o resto.

Eu não respondi nada, por uma razão bem simples. Não entendia o que era isso de lobolo, muito menos tivera tido contacto com homens, para além dele próprio, o meu irmão. Mas assuntos de dinheiro, “tako” como ele dizia, não me chamavam a atenção, por aquele então. Mesmo assim, depois de eu terminar o jantar e ir para o quarto, agradei as palavras ao meu irmão, e me autoprometi que, se algum dia da minha vida me deparasse perante o explosivo coquetel de homens e dinheiro, eu adoptaria a via mais rápida, simples e pragmática. E fui dormir mais felizarda do que nunca, dentro da minha ignorância misturada com inocência infantil.

As manas do bairro, com a idade, tornaram-se pitas, seres femininos adolescentes, alcançáveis por qualquer homem meio malandro, como o meu irmão. Eu cheguei a sentir uma certa inveja, tanto dele como delas, que andavam por aí a qualquer hora, sem limitações de horário nos seus lares. Estudar pouco, brincar na rua, conquistar moços, era isso tudo que faziam. Eu não podia fazer nada disso, porque estava todo o dia de casa para a escola e vice-versa, com um férreo recolher obrigatório imposto pela minha única e exclusiva autoridade municipal, minha mãe. Mas com o tempo, aprendi a valorizar aquela forma de me fazer adoptar um comportamento moderado, mesmo que nem sempre o entendia completamente, como tudo nesta vida, que sempre fica difuso por algum lado. Também observei, e o meu irmão corroborava, que as melhores delas, as mais

bem-sucedidas, ex-manas e depois pitas, trocaram abruptamente o “i” pelo “u”, e assim se ganhavam um incerto e flutuante salário, para além de pouco prazeroso. Mas em geral, a procura de pernas abertas em toda a cidade, não só no mercado do Kwachena, era estável, e a economia circulava com pujança, graças a esta actividade tão universalmente tradicional e, mais recentemente, pela crescente classe média, surgida com o auge da indústria carbonífera que a província entesourava.

Quando o meu irmão e eu já estávamos no quarto, às noites, a nossa mãe costumava ficar uns minutos sentada na sala ou na varanda, caso não chovesse. E chorava qual um manancial, eu conseguia ouvir nitidamente o seu pranto. Seguramente pela ausência do seu homem, o nosso pai, especialmente agora que o meu irmão já estava a ficar crescido e fazia actividades de homem adulto, algumas mais dignas do que outras. A mãe arrependia-se de não ter educado bem nenhum dos dois homens da sua vida, e por isso, achava eu, impunha-me estricatas normas de comportamento, tanto dentro como fora do lar. Se não temos o ombro certo no qual chorar, há fardos que podem ficar pesados demais. Entretanto, eu sabia de muitas mães das minhas amigas da escola que eram batidas pelos seus maridos, pelo que minha mãe podia se dar por satisfeita, por não ter que suportar uma besta com aparência de homem, que desembrolhasse fivela rapidamente, quando voltava grosso à casa, com o intuito de bater a mulher com o cinto. Minha mãe, que não saía da machamba de manhã até a noite, sete dias por semana, não estava presa nas garras de um homem, mas na ausência de si mesma.

Numa certa altura, eu ainda muito pequena, soube que a mãe comprou uma televisão, não sei com qual dinheiro. Foi uma

novidade muito esperada, porque fomos uma das últimas famílias do bairro do Chingodzi em adquirir um aparelho desses, com antena parabólica e tudo. Meu irmão carregou-o na sua moto, e o introduziu dentro da sala central da casa, onde o tirou da caixa e procedeu com a instalação. Minha mãe e eu apenas contemplávamos, passivamente, o que ele fazia, e nos perguntávamos onde ele teria aprendido a mexer cabos e plasmas com essa habilidade. Terminado o processo, ele começou a passar os canais, até encontrar um que fosse do seu gosto. Mas eu reclamei que queria assistir bonecos, como todas as minhas amigas faziam desde meses atrás, nas suas casas. Minha mãe resolveu o assunto rapidamente. Pegou no remote e desligou o novo aparelho. Minha mãe autoconvenceu-se de que esta televisão não lhe iria tirar o pouco tempo de convivência que ainda tinha com os seus dois filhos. Portanto, decidiu que o aparelho só funcionaria em horários regulados, máximo uma hora de manhã e uma hora de tarde, não mais, e nunca durante o tempo das refeições. De tarde, eu assistia bonecos, geralmente. Mas, dentro da hora de tempo permitida, sempre restavam alguns dez minutos cada dia, depois da programação infantil, em que emitiam videoaulas para alunos que não conseguiam atender às aulas presenciais na escola, por causa da falta de transporte ou outras razões. Numa videoaula de geografia, mostravam os planetas do sistema solar, mapas do mundo, da África e dos seus países. No mapa da Zâmbia, o nosso país vizinho, observei uma particularidade que, devido à minha tenra idade, não consegui interpretar profundamente no momento, mas que depois, já adulta, me voltou à mente, como se ainda estivesse a visualizar aquela televisão de plasma, na sala de estar de casa, na cidade de Tete, eu sentada ao lado da minha mãe, uma quarta-

-feira de tarde. A particularidade era que, no mapa da Zâmbia, havia uma província central que unia o país de um lado ao outro, de ponta a ponta. Nós, cá em Moçambique, não temos nada parecido na nossa geografia. Para o nosso caso, seria como se a província de Maputo fronteirasse, por meio de uma outra divisão administrativa, com a província de Cabo Delgado, e todas as outras estivessem no meio, por aí distribuídas, algumas mais a norte, outras mais a sul, mas respeitando o corredor central. Isso é que têm lá, os nossos vizinhos da Zâmbia, porque lhes basta atravessar a tal província central para passar do leste ao oeste, e vice-versa, do seu extenso país. Ainda mais curioso, acabei observando anos mais tarde, é que essa província central zambiana tem uma forma equiparável à de todo o país em si mesmo, e que, por sua vez, a Zâmbia cumpre uma função de cavilha entre os oceanos Atlântico e Índico, algo que os portugueses, no seu dia, designaram por “mapa cor-de-rosa”, porque o território zambiano, naquela altura Rodésia do Norte, era o único espaço que se devia atravessar para passar de Moçambique a Angola e de Angola a Moçambique, e queriam conquistá-lo. Dito de outra forma, um país sem litoral teria tido a função de fazer que as duas costas oceânicas se abraçassem, não fosse pelo domínio imperial que os ingleses tinham, enormemente superior ao dos portugueses já naquela época, e que lhes serviu para construir o seu sonho, a linha férrea vertical que vai de Cairo, no Egipto, à Cidade do Cabo, na África do Sul. Os professores sempre recomendam reduzir o tempo que as crianças assistem televisão, enquanto deveria ser ao contrário, pensava eu: reduzir o tempo na escola para poder assistir mais espaços educativos televisados. Fui preguiçosa demais para aprender música, porém. Aparecia lá o pentagrama e tudo bem, até gos-

tava, era como um código de barras, um produto consumível que se apanha numa loja qualquer. Aprender a escala de notas de “do”, antigamente chamado “ut”, para “si”, também se fazia agradável, nada difícil. Mas quando se tratava de aprender a combinar as notas no pentagrama e harmonizar os sons na prática, nenhum instrumento me resultava amigável. Lutei com a flauta, o piano, a timbila e a guitarra, mas cansei de todos eles antes de nem sequer aprender uma breve melódia, nem pensar em uma canção inteira.

No entanto, a minha paixão pela geografia não só continuava intacta, mas aumentava a cada dia, indomável. Era como se, ao ver mais e mais mapas e bandeiras pelo ecrã da televisão, se fundassem países e planetas novos constantemente, criados única e exclusivamente para o meu prazer. Curiosa até o infinito pelos nomes dos países, pensei que, para o caso de Moçambique, eu teria adorado conhecer em pessoa o tal homem chamado Mussa Bin Bique, falar com ele, tomar um chá e entender por que tinha chegado àquele cotovelo de mundo, pertencente ao continente africano, na terra, e ao oceano Índico, no mar. Longe ficam os tempos em que as pessoas davam nome aos locais que encontravam. Agora, como no meu caso com o rio Zambeze, era ao contrário: são os locais que dão nome às pessoas.

Contudo, alguns nomes conquistaram a minha atenção, pela sua singularidade, mais do que outros. Particularente, os não-nomes. Isto é, países que, não tendo uma designação própria, simplesmente adoptam uma característica geográfica, política ou física e a transformam em nome de pátria: Reino Unido, será que é o único reino do mundo que está unido? Ou será que existem por aí, sem ninguém saber, reinos ou repúblicas de-

sunidas? Austrália e Equador, mas como assim? Será que não há mais países que se localizam nas regiões austral e equatorial do planeta? África do Sul, com que direito usufrui desse nome, não considerando os vizinhos como Zimbabwe, Namíbia e Botswana, ou os bebezinhos Eswatini e Lesotho, como nações localizadas no sul do continente africano? República Centro-Africana, assim mesmo? E por quê nunca vi, por mais que procurei, nenhum país com o nome de África do Norte? Seria uma forma de seguir a lógica, pelo menos, mas nem por isso os humanos nos decidimos a atingir consenso. E por último, Estados Unidos. Da América, só para esclarecer, não fosse alguém pensar que nos referimos aos Estados Unidos da Ásia, da Europa ou da África. Se um dia eu conseguisse criar um novo país, poderia chamá-lo Estados Unidos de Zambilândia.

Tive sorte de conhecer escolinha, apesar de que não gostasse muito daquele ambiente de crianças a gritarem sem ordem nem concerto. Fui sortuda porque, no meu bairro, muitas das crianças não tiveram a oportunidade de ouvir nem sequer uma palavra que incluísse um sufixo diminutivo: escolinha, menininha, casinha, lapisinho, papelinho, musiquinha. No entanto, muitos dos meus vizinhos da minha idade eram atirados imediatamente ao mundo dos abruptos “aôs” e demais aumentativos, tais como munição, caldeirão, vozeirão, varão, barçaça, fumaça. Os inhos e as inhas deveriam ser o primeiro direito universal da criança.

Minha mãe, dentro da sua pulcritude e moderação, não vivia completamente afastada da política. Era frelimista a mais não poder, com cartazes do partido em casa. Eu cheguei a pensar que a Frelimo fosse o único partido político permitido no país. A única forma de pensar permitida, as únicas cores, a mesma

ideologia para todo o povo, ricos, pobres, bons e maus, negros, brancos e amarelos, judeus, muçulmanos, cristãos. Todos iguais no interior e no exterior. Uma vez que tivemos eleições autárquicas, justamente no ano que eu nasci, minha mãe estava numa das mesas eleitorais, a presidir o processo numa das escolas primárias habilitadas como centro de votação, na cidade de Tete. Um observador da União Europeia quis saber por que ela apoiava o partido Frelimo, ao que ela respondeu que, para além dos partidos, ela apoiava a política, a participação popular, em termos gerais, e isto é mais fácil quando se faz parte de quem governa.

– No dia que um outro partido esteja no poder, é bem provável que nos encontremos numa outra mesa eleitoral, eu a vestir um chapéu de uma outra cor, sem problemas.

– Todo o diálogo deve produzir-se dentro da lei – asseverou o observador europeu.

– Mas, e se segundo dizem alguns, o diálogo tem o propósito de modificar a própria lei, então, onde se enquadra o diálogo? Ainda está dentro ou não? – minha mãe ainda argumentava.

– Isso depende de quem fez a primeira lei, incluindo, ou não, a possibilidade de revogação – concluiu, ambigualmente, o estrangeiro.

Na minha zona, só ouvíamos falar das minas do Copperbelt como se se tratasse de uma coisa longínqua, um ser imaginário, como de um outro país e de um mundo diferente ao nosso.

3. Songo

O coração não mente aos olhos que não querem ver, diz o provérbio. E assim, para não me mentir mais a mim mesmo, fui capaz de encontrar duas razões para programar uma acção de plantio de árvores fruteiras com o tio Ndjema e os putos dele. A primeira era a mais inocente e óbvia, de aplicar o que falamos, proteger o planeta, aumentar o verde clorofílico, respirar melhor, viver mais e com mais saúde, não apenas nós, humanos, mas o planeta. A segunda razão era que me assegurava uma refeição mais do que condigna para aquele dia, que me iria saciar por toda a noite e até o dia seguinte de tarde. Exactamente como eu imaginara, durante o tempo da nossa actividade física no quintal, a mãe ficara na cozinha a preparar as maiores delícias que, tanto nós os jovens como o velho tio Ndjema adorávamos: xima, peixe nsomba e couve, mais meio litro de água para cada um de nós, que absorvíamos em poucos segundos, antes de iniciar a processar os alimentos sólidos.

Depois desse almoço abundante, os adultos ficaram a bater papo e nós no quarto, deitados na cama, sem fazer nada. Numa das conversas que a minha mãe e tio Ndjema tinham na varanda de casa, ela com um cigarro e cerveja, ele a mastigar amendoim, e eu a escutar furtivamente desde a minha cama, decidiram que a única solução para que eu continuasse com a minha educação seria levar-me a uma escola secundária do país vizinho, Moçambique, num lugar chamado Songo, onde o amigo congolês da minha mãe fizera alguns contactos tempo atrás, e que ainda conservava para um caso como este. Duas razões

fizeram o contrapeso definitivo desta balança decisiva. A primeira era que eu ainda era um menino muito fraco, baixinho, de braços finos, e sem energias para fazer trabalhos pesados, como carregar charrua ou levantar enxada. A segunda razão era a já consabida: a distância da minha vila natal para Kitwe, onde havia a escola secundária mais próxima, era insuperável e o transporte, inseguro. Nesta tessitura, uma criança pobre, como eu, tinha mais opções de ser aceite num outro país do que numa outra província da sua própria nação. Minha mãe despejou a cerveja, desconcertada, sem saber o que fazer ou dizer. Não a vi desconcertada, porque o desconcerto não é algo físico e tangível, simplesmente a imaginei desconcertada, especialmente no momento em que ouvi o embate da garrafa, que felizmente não se partiu, no chão. Aí percebi, sem dúvidas, que ela não ia ficar bem com a ideia de perder o seu único filho homem, enquanto as três meninas, minhas irmãs mais velhas, já estavam numa altura da vida em que passavam mais tempo no futuro lar do que a fazer companhia à coitada viúva. Tio Ndjema convenceu-a para que se sacrificasse, mais uma vez, em favor da formação do seu menino. Como tantas coisas da vida, grandes ou pequenas, esta minha saída de casa foi um acontecimento dos que só se podem produzir quando uma mulher deposita confiança num homem.

Este homem, tio Ndjema, levou-me primeiro para Chipata, uma cidade fronteiriça com o Malawi, junto com Cristine e Jérôme, com os quais cada vez me relacionava menos. Devido a causas por mim desconhecidas, eles começaram a falar só em Francês, entre eles e em frente de mim. Eu conseguia entender o que diziam, nada de especial, mas já para responder em Francês, nunca passei de saber bonjouá-los e merciá-los, para

além de alguma ocasião em que ocasionalmente os alamerdei, uma vez compreendi que não queriam mais que eu, um menino tão pobre e desgraçado, estivesse ao lado deles, no dia em que algumas moças aproximassem e as hormonas comesçassem a ferver. Pelo menos, uma aprendizagem ficou. Eu já não era um menino, por duas razões evidentes: por um lado, estava prestes a iniciar um novo grau de ensino, não sabendo se o poderia terminar; por outro lado, começava a ter inimigos, não por querer tê-los, mas como se se tratasse de uma condição normal de toda pessoa crescida. Criança não sabe ter inimigos.

Em Chipata, na fazenda que nem o tio Ndjema nem o seu parceiro tiveram usado nos últimos dez anos, só ficámos dois dias, com as suas duas noites. Poderíamos voltar, caso houvesse um fim de semana prolongado com feriado, um evento especial ou férias, sempre que tio Ndjema tivesse dinheiro para custear as despesas do nosso transporte. Na manhã do terceiro dia, partimos para Katete, e dali para a fronteira de Cassacatisa, já em território moçambicano. Quando entrei naquele país, primeira vez na vida que cruzava uma fronteira entre nações, entendi porque tio Ndjema era tão amante de devaneios, idas e vindas, contactos aqui e acolá. Eu, sentado no lado direito da bancada traseira do chapa, ao lado de Jérôme, que me separava de Cristine, os três em linha, não cruzei palavra com eles em toda a viagem, nem sequer um *pétit peu*. Tive um momento de tempo morto, inexpressivo, de reflexão introspectiva, que me serviu para me regozijar em pensar que agora estamos todos, os três, em território neutral, nem na minha casa nem na deles, e aqui fala-se uma língua que é nova para todos, igualmente. Não para tio Ndjema, que já na sua pré-velhice em estado avançado, tinha cruzado aquela e outras fronteiras infinitas vezes, autoca-

pacitando-se para trocar palavras em várias línguas, entre elas Chichewa, Nyungwe e Português.

O chapreiro, zambiano pelo sotaque, parecia que estivesse à nossa espera. Éramos nós os quatro, para além de duas pessoas que já estavam dentro do chapa, e mais cinco viajantes que tiveram atravessado a fronteira a pé, igual que nós. Onze potenciais passageiros, dos quais um não subiu no carro porque disse que já conhecia o caminho, só devia seguir umas trilhas pelo mato até chegar em casa. Era uma pessoa da zona, com uma vida transfronteiriça. Portanto, ficámos dez viajantes, todos rumo à cidade de Tete, capital da província onde se curte a melhor vida do país, segundo as palavras do oficial de fronteira que nos carimbou os passaportes e abriu a porta do posto de controlo, abrindo também a via para um novo país, como se os países tivessem portas que se abrem e se fecham.

– Atenção passageiros! De Cassacatisa para Tete, em menos de quatro horas, *express to town!* – anunciou o dono do carro, ao tempo que tio Ndjema nos mandava entrar nele, cabisbaixos e abraçando cada um a nossa mala de pertences.

Como não foram preenchidos todos os quinze lugares, tivemos que negociar um preço um pouco mais elevado do que seria normal para uma pessoa. E nós, por causa das malas, fomos as vítimas desse agravamento da tarifa. Quatro pessoas que pagámos o preço de seis. Para os outros seis viajantes, já não sei qual a matemática que lhes foi aplicada. Com olhos ainda sonolentos, pelo calor e a fadiga da viagem feita nas horas anteriores, saídos de Chipata bem cedo de manhã, Jérôme e Cristine dormiram pela primeira hora de trajecto. Mas eu não conseguia encerrar as pálpebras, nem muito menos conciliar um encontrozinho com o deus Morfeu, enquanto estava numa

viatura ou meio de transporte em movimento. Saudades da minha cama me abundaram por vários momentos, mesmo que fosse o colchão da mais péssima qualidade que se pudesse imaginar. Tio Ndjema, por sua vez, nunca dormia, só repousava os membros uma vez por outra, aconselhado pela vida a manter os olhos sempre abertíssimos.

O nosso transportista era uma pessoa que gozava com o trabalho ao volante, não o sentindo como uma obrigação. Fazia as funções de motorista e de cobrador, tudo ao mesmo tempo, se bem na situação dele era relativamente fácil confiar na honestidade das pessoas que usavam o seu transporte, a maioria estrangeiros, em trânsito para Zimbabwe, África do Sul ou a cidade de Maputo. Quando se cruza uma fronteira, é fácil pôr a máscara de pessoa honrada e honrosa, que cumpre com as obrigações financeiras do local de destino, como se um tal comportamento contribuísse a purificar todos os pecados cometidos, se existirem, no lugar de origem. O homem ao volante, de uns quarenta anos de idade, gostava de falar muito ao longo da viagem, seguramente uma estratégia de se ganhar a admiração e algumas gorjetas dos clientes, quer directas ou indirectas. Por gorjetas indirectas, entenda-se a conquista que o chapreiro fazia dos viajantes, que acabariam por apanhar um outro chapa, na cidade de Tete, de um amigo seu, ou dormiriam numa pousada de algum seu meio-cunhado, tudo com as devidas retribuições *a posteriori*, por ter angariado clientela.

Andávamos devagar, ao início da rota, o motorista somente permitia-se acelerar quando as condições da estrada fossem as óptimas. Infelizmente, em todo o percurso apenas havia, na altura, vinte quilómetros de bom alcatrão, aquilo que nas grandes cidades chamam pelo nome de tapete. Na cidade de Tete

nem foi preciso procurar um local barato para pernoitar, porque simplesmente achámos um espaço grátis: a paragem dos chapas, ao lado da ponte de Samora Machel por cima do tão mítico e renomado rio Zambeze. Logo cedo ao dia seguinte, não nos foi difícil apanhar o seguinte carro, que nos levaria para a vila do Songo, num outro distrito, Cahora Bassa, assim chamado porque lá está a maior planta de produção de energia eléctrica de toda a África austral, que tem esse mesmo nome. Apesar de que os colonos tiveram feito esforços para aporuguesar o nome como “Cabora”, incapazes de pronunciar um “h” mudo, na altura em que nós chegámos lá já quase ninguém usava a designação colonial. Aula de História gratuita, aquela que eu recebi, porque comecei a entender que um povo só sai dos problemas se começa a chamar as coisas pelos seus verdadeiros nomes, e não pelos nomes que tinham no tempo em que se criaram os problemas. Pena sentia eu dos meus dois companheiros congolezes, que pareciam duas flores cada vez mais murchas, apáticos e sem vontade de participar em nada ou observar alguma curiosidade da zona que, a partir daquele momento, e quem sabe até quando, seria a nossa casa. Sentia que eu estava a aprender coisas avispadamente demais, antes mesmo de pisar uma sala de aulas, e me sentia bem. Tio Ndjema ficou alguns dias em casa de um conhecido de longa data, enquanto eu, acompanhado de Jérôme e Cristine a uma distância prudencial, me dirigia para o maior desafio da minha vida, até então. Não só pela escola e nem sequer por estar num país diferente ao meu, onde se falava uma língua que eu pouco entendia. O desafio principal era o facto de conviver com tantas pessoas, adultas e crianças da minha idade, meninos e meninas, caras novas, coisas novas, muito movimento e poucas certezas.

Mas sabia que minha mãe rezava por mim todos os dias, e isso também me fazia sentir bem.

Porém, uma vez chegou a fase de começar a escola de verdade, percebi que a minha ignorância era mais do que superlativa. Pelo menos sabia que as plantas são verdes por causa de uma substância chamada clorofila. Mas naquela escola havia verde demais. Um verde de sobejo, pois todo aquele matorral tinha pouco aspecto de clorofila pura e ar fresco, e denotava falta de manutenção. A vila do Songo nem cheguei de apreciar, pois o internato ficava do lado posterior dos edifícios da escola, e não me sentia atraído pela ideia de ir buscar nada lá, saindo pela porta principal, onde todo o mundo me poderia ver a vagar desconcertado. Com aquele calor infernal, ninguém ousava dar passeios no tempo da tarde, hora do desporto ou actividades de contacto com a natureza, também designadas horas verdes. Os quartos do internato não eram grandes, mas se faziam acolhedores. Nunca antes dormira na belicha e, o colchão, apesar de não ser maravilhoso nem me trazer lembranças daquele que tinha deixado em casa da mãe, era aceitável. Eram quartos com capacidade para quatro alunos. Naturalmente, tocou-me ficar com os dois congolese, porque tínhamos chegado juntos, e porque logo fomos agrupados como “os estrangeiros”. O ponto positivo daquela segregação é que uma cama ficou vaga, e assim tínhamos mais espaço para as nossas coisas, como cadernos, papéis soltos, camisetas, sapatos, calças, garrafas de água, as pastas de viagem e outros objectos vários que se iam aparecendo no nosso dia-a-dia. Na primeira refeição que tivemos, fomos entregues um prato, garfo, colher, faca desdentada, e uma chávena sem pega. Nunca antes eu tinha presenciado uma fila de pessoas tão longa. Todos os meninos estavam com fome,

e o pior de tudo era que eu também devia fazer aquela penitência para poder receber uma concha de arroz, couve, molho de tomate e cenoura misturados com água, e excepcionalmente, só porque era o primeiro dia, uma banana de sobremesa. Os utensílios para comer não os guardávamos na cama desocupada do quarto, pois se rumorejava que, por regra geral do internato, alguns malandros podiam vir e levar os nossos pratos, para poder angariar comida no refeitório fora dos horários estabelecidos. Como nós não gozávamos de nenhum estatuto ou influência, a única solução que fomos capazes de adoptar foi dormir com os nossos enxovais na cama, dentro do lençol, como se fosse uma namorada espinhosa e afiada.

Durante os primeiros dias na escola, tive de reconhecer a superioridade dos congolezes sobre mim, em termos de adaptação. Eles apanhavam muitas coisas do que as pessoas falavam em Português, devido ao seu domínio do Francês, enquanto eu não me dava tão bem com as línguas, nem com as românicas nem com as do grupo bantu, pelo que o Inglês era a minha única tábuia de salvação. Mais logo, porém, os sobrinhos de tio Ndjema começaram a ficar preguiçosos, como eu já sabia que eram, desde que os conheci. As aulas não eram de especial interesse. Teria-me dado igual se os professores me falassem em Mandarim, Russo, Quíchua ou Hauçá. Aos poucos, contudo, fui relacionando conceitos que visualizava no quadro com coisas reais. Também a expressão facial do docente e as reacções dos meus colegas, ainda desconhecidos, me ajudavam a localizar-me. Sem entender nada, entendia tudo. Numa certa altura, achei que devia dar um passo a frente, e mostrar à professora de língua portuguesa que eu, apesar de não dominar a língua, queria integrar-me e aprender ao mesmo ritmo que todos os meus

ainda desconhecidos companheiros de turma, mais de quarenta alunos, todos moçambicanos, de vários distritos, mas sempre da mesma província de Tete, exceptuando os dois sobrinhos de tio Ndjema, o amigo da minha mãe, de quem começava a sentir fortes saudades. Na minha tentativa de impressionar a jovem professora de língua, fracassei estrepitosamente, caindo no mais profundo dos ridículos.

– Professora, ainda não terminei o exercício, mas já acabou a página do meu caderno. O que eu faço agora? Onde escrevo? Será que posso virar a página? – perguntei-lhe, quando ela passou ao lado da minha carteira, que oferecia espaço para três alunos, e naturalmente tive de compartilhar com os mesmos de sempre.

– Claro, meu querido Coppa! Vira e continua, até terminar todo o exercício – respondeu-me, ao tempo que eu podia ver que um sorriso maternal lhe escapava do labial inferior.

O meu medo era de consumir as páginas do caderno e ter que pedir ao tio Ndjema que me comprasse outro, antes do fim do semestre. Além disso, cada página estava destinada a uma disciplina e um dia, e se, como nesse caso, me fosse necessário gastar mais de uma folha para o tal exercício de língua portuguesa, no dia a seguir deveria fazer uma ginástica incomensurável para poupar aquela página e equilibrar a dívida. Mas só consegui que a maioria dos meus companheiros de turma sentissem pena de mim, o menino que não apanhava nada.

Deus os cria, e eles fazem de tudo para se encontrarem, se conhecerem, se apaixonarem. Sem muito esforço, na verdade. O refeitório da Escola Secundária do Songo era nojento, e a comida sempre a mesma e em quantidades escassíssimas. Dia

após dia, semana a semana, o semestre estava a passar, e eu, com todo o sofrimento, sobrevivia. Um dia, na hora do almoço, a bicha de comensais era igualmente longa, facto este que nos obrigava a sair para fora do refeitório, onde batia um sol poderoso e inclemente. Quando eu já pensava que ia derreter, uma moça esbelta, de cabelo comprido e perfeitamente trançado, passava pela bicha a pedir desculpas pela demora na serventia.

– Boa tarde colegas. Há comida para todos, ninguém vai ficar sem almoçar. Chamo-me Zambi e sou a irresponsável de cozinha, na escala hoje. Obrigado pela paciência e compreensão.

Ninguém reagiu àquela mensagem, em sinal de aprovação. Pelos vistos, aquela moça devia ter um certo grau de autoridade. Um menino que estava à minha frente contou-me que ela era da cidade capital da província, e que todas as pessoas da cidade de Tete são assim, dentro da província, autoritárias, como se todos os outros fossem criancinhas ao serviço delas. Mas que, quando saem para fora, ficam escondidinhas, só se agarram às enxadas e começam a falar coisas míticas do rio Zambeze. Mas eu não achei nenhum ar de superioridade naquela moça de nome Zambi. Curioso e bonito nome, quase igual que o do meu país natal, Zâmbia. Quando ela passou pela altura da fila onde eu me encontrava, pediu-nos para que ficássemos com o prato nas mãos e aguardássemos pela nossa vez. Que hoje a comida era especial, só demorou porque os produtos chegaram tarde, por causa de um acidente na estrada. Só ouvir falar da estrada, depois de tantas semanas confinado naquele ambiente do internato, me retrotraía mentalmente aos tempos da viagem, de Mufulira para Chipata, de Chipata para Katete e de Katete para cá, com tio Ndjema.

A partir daí, não tinha como esquecer o nome daquela moça, assim como o seu aspecto majestoso e simples, ao mesmo tempo. Não estudava na minha turma, pois eu estava na oitava C e ela, na oitava A. Ela era conhecida por muitas pessoas, interagia com todo o mundo e foi designada irresponsável de cozinha para todas as turmas da oitava classe. Eu, por enquanto, nem sonhava com tomar contas de uma área comum da escola, se já era uma batalha o facto de ter que conservar o prato e os talheres durante a noite. Quando alguém ou alguma coisa está perto, mas não prestamos atenção, é incrível como a nossa capacidade de selecção o invisibiliza. Pelo contrário, quando o nosso foco está plenamente determinado em perseguir alguém ou alguma coisa, é igualmente incrível como os nossos sensores, quais antenas parabólicas de radiodifusão, se activam e se desactivam quando o alvo está perto. No meu caso, o alvo era, em termos de alguém, a Zambi. E no que diz respeito a alguma coisa, sem dúvida os seus cabelos perfeitamente penteados. Quando a via, perguntava-me quanto tempo devia passar, todas as manhãs, diante do espelho, porque todas as meninas deviam ter espelho, só nós homens e estrangeiros é que apanhámos um quarto sem esse luxo. Cada dia ficava mais impressionado ao ver aqueles fios perfeitos que ornamentavam a cabeça da moça. Sofria, também, quando os cobria com lenço durante os trabalhos de culinária. Seguramente o meu ridículo na interacção com a professora de língua portuguesa já tivera chegado aos ouvidos da Zambi, mas não me importava, porque nesta terra do Zambeze, as pessoas sabem muito bem que as correntes de água levam consigo tudo quanto deve ser puxado e eliminado. Por enquanto, não estava em altura de me permitir nenhum atrevimento verbal com ela, porque um novo fracasso

teria sido fatal. Devia conformar-me com lhe chutar um olhar curto e preciso, qual uma bala de cobre zambiano, disparada por franco-atirador. Muito breve, devia ser, para que ela não pensasse que estou a observá-la, pois lá eu estava para levar comida, não para consumir retinas. Pouco a pouco, eu analisava se ela estaria interessada na fugacidade dos meus olhos, ou pelo contrário, devia esquecer-me de tudo aquilo dos olhos como balas de cobre e ficar só a olhar para ela na distância, sofrer por ela e pelos seus cabelos. Mas sem entender muito bem como, ela fazia o esforço de sorrir e me desejar bom apetite. Será que dizia isso para todos os que passávamos da fila, ou é que alguma constelação interestelar tinha decidido produzir o milagre do século? Todavia, nas vezes que a Zambi estava na escala de serventia no refeitório, de noite ao jantar, alguns meninos aproximavam-se dela, para brincar um pouco e esquecer a imensa fome que os perseguia.

– Hoje é sexta-feira, não tens aí escondido um pedaço de carne, um frango, batatinha frita, uma garrafa de vinho? – começava um dos moços.

Mas Zambi, apesar da sua fama de ser menina da cidade, poderosa e autoritária, era tímida demais para continuar a brincadeira com uns meninos inadultos e desengaçados. Um dia, calhava que era uma segunda-feira, eu aproximei-me dela e, antes que eu articulasse palavra, Zambi mandou-me fumar, aos berros.

– Não tenho uma perna de frango, nem um pedaço de vaca, porco, garoupa, nem cerveja, uísque ou vinho. Vai-te embora!

– Só queria dizer que apreciei bastante a comida, obrigado. Espero que sejas tu mais dias a servir – falei, de olhos humedecidos e voz baixinha.

E fui-me embora, seguindo a ordem da Zambi, irresponsável da cozinha das turmas da oitava classe. Sem rumo e desorientado, fiquei a pensar se, por acaso, ela poderia, em algum momento daquela mesma noite, sentir compaixão e procurar o espaço para pedir desculpas a um pobre moço, como eu, que de facto, tinha sido o mais bem educado de todos os que se alimentaram naquele refeitório. Quando ela me encontrou, eu estava a chorar, sentado sobre uns blocos de uma parede nunca terminada de levantar, que supostamente serviria para facilitar o esconderijo das intimidades do banho ao ar livre. Senti, como por telepatia, que ela tivera decidido ser directa, mas também com um certo tacto, e me dirigiu a palavra com um fiozinho de voz.

– Por que é que estás a chorar?

– Por nada, por tudo. Porque quero, agora. Estas lágrimas já estavam dentro de mim desde há muito tempo.

– Se nós todos nascemos, é porque alguma vez uma mulher confiou num homem – espetou Zambi.

– Não entendi – respondi, ignorando ela se a causa do meu inentendimento teria sido a língua, como código, ou a mensagem.

– Eu não compreendi a razão de por que estás a chorar – insistiu Zambi. De verdade pode alguém chorar só porque quer, assim, sem mais motivo?

– Estou a chorar porque me dói a vida – sentenciei e, seguramente não esclarecendo a dúvida que ela tinha, ganhei-me o carinho dela, que pegou no meu braço e começou a chorar comigo, a cabeça recostada no meu ombro.

Seguidamente, um silêncio catártico. Com o pranto, aquilo parecia um funeral, e só voltou a me normalizar o facto de que

a Zambí começara a falar, como se fôssemos amigos desde a infância. Adorei a naturalidade que ela exibía, ao mesmo tempo que me custava acreditar que uma pessoa tão ocupada, irresponsável de cozinha e com tanta popularidade entre a comunidade estudantil, fosse capaz de ter alguns minutos para estar comigo, um estrangeiro chorão, a sós. Contou-me que gostava dos meninos que choram, porque são os únicos que sabem exteriorizar os sentimentos mais difíceis. Falou-me, também, dos seus planos de futuro, quando saísse daquele internato. Com apenas catorze anos, ela mostrava uma visão claríssima de todos os percursos que a sua vida adulta deveria atravessar. Laboralmente, argumentava que há actividades que servem para trabalhar e também para descansar. Isto é, em função da atitude e mentalidade com que as fazemos, cansam ou relaxam. Tudo depende da paixão mais ou menos visceral que se aplica. Sentia-me perdido, pois se me custava seguir as explicações dos professores na sala de aulas, ainda pior naquele momento, com a Zambí. Mandei-a parar, não sei se demasiado abruptamente.

– Por exemplo, quais actividades? – inquiri.

– Ler, dormir, correr, caminhar, assistir filme, cozinhar, isso aí – respondeu ela, secamente.

– Há quem dorme por trabalho? – desafiei.

– Há quem dorme no trabalho, disso tenho certeza – Zambí enghenhou-se em responder.

Com aquela conversa, comecei a ver moscas volantes, só que não tinha batido a cabeça com nenhum objecto contundente, focado a vista ao sol nem estava doente, que eu soubesse. Só me notava num estado diferente. Afinal, segundo a minha nova amiga, quando se chega à idade adulta, se pode trabalhar em algo do que se gosta ou em algo do que não se gosta, mas tam-

bém há uma outra distinção, mais profunda: fazer um trabalho porque se aprendeu ou porque se nasceu com o dom para tal.

– Aqui, nesta escola secundária, não sei se aprenderemos muito, mas minha mãe me disse para ter paciência e passar isto rápido, porque depois, nos próximos desafios da vida, irei desfazer o mito que diz que o africano só dormiu, ao longo dos séculos, à sombra da bananeira.

– Não gostas de bananas?

– Muito! E de beringela, mais ainda.

Essa menina me arpoou o coração. Naquele preciso instante, me permiti o luxo de olhar para as suas retinas por um espaço de tempo muto mais prolongado do que fazia na fila do refeitório. De facto, eu só a contemplei, e o tempo, o dono do mundo, teve a deferência de parar, permitindo a confluência celestial, que para mim resultou eterna. Instintivamente, ignoro eu como, os meus lábios chocaram com os daquela menina chamada Zambi, que explicava algo sobre não sei qual mito de umas bananeiras africanas que dormem.

Após o ósculo, o primeiro da minha vida, a conversa fluiu como as águas do Zambeze, que maiormente estão tranquilas, mas que em qualquer momento desesperado, podem violentar-se fatalmente. Não ousei lhe perguntar se também era a primeira vez para ela, a fazer aquilo. Contámo-nos coisas das nossas respectivas infâncias. Ela pronunciou todos os tipos de flores que a sua mãe cuidava na varanda de casa, dos quais não consegui reter nenhum. Só respondi que a minha mãe regava rosas, algumas vezes, quando tínhamos visita do tio Ndjema.

– Lá na tua terra está cheio de minas de cobre, não é? – quis investigar ela, logo que o sol começava a ser entorpecido pelas nuvens.

– É sim, dizem os adultos. Eu nunca vi uma mina ao vivo, nem muito menos o cobre, mas minha mãe disse que é um milagre que eu não esteja a trabalhar lá, no subsolo, agora mesmo. Fui abençoado por poder vir cá a estudar, mesmo que fosse fora do meu país.

– E na tua casa tem munição, acredito?

– Balas? – retorqui, incrédulo.

– Sim, balas para disparar, como nas guerras e nos filmes de clãs mafiosos. Todos esses filmes de guerra deveriam incluir uma menção de agradecimento aos garimpeiros que extraem o cobre, sem o qual essas guerras e esses filmes nunca seriam possíveis.

– Nada disso, mana – atrevi-me a tratá-la mais familiarmente, pela forma como ela estava a mostrar interesse em assuntos da minha terra.

Vi, no rosto dela, um certo grau de desapontamento, pelo que decidi inverter o rumo da conversa, para o lado dela.

– E do rio Zambeze, que me contas? É mítico e lendário, como dizem os viajantes? – coloquei eu, como quem atira um pão a um grupo de esfomeados e fica a contemplar o que se passa.

– Quais viajantes? – respondeu ela, com os olhos muito abertos –. Eu sempre estive cá, nunca saí desta minha província. Se calhar viajei porque assisti programas de geografia na televisão, com os quais aprendi que alguns países não têm nomes verdadeiros, só uma bandeira e limites territoriais.

Concordámos que, ao dia seguinte, naquela mesma hora, iríamos dar um passeio onde ninguém nos pudesse ver, lá onde nos fosse possível fazer instrospecção de algumas das nossas

intimidades. Eu não conhecia os arredores da escola, mas ela sim.

Passei o dia inteiro à espera do momento. Quando me encontrei com ela, os dois muito pontuais, saímos dos limites do internato, algo que não estava interdito, desde que voltássemos para a hora do jantar, no meu caso, e na hora da serventia, para ela. Sempre cumpríamos com as regras do internato, por minha iniciativa, e acho que essa foi uma das coisas que fizeram que Zambi se apaixonasse por mim, o meu sentido do dever. Quando chegámos às bancas das vendedeiras, tentei surpreendê-la.

– Zambi, queres que te compre algo disso? – disse para ela.

– Mas tu tens dinheiro, Coppa? – inquiriu, tratando-me quase como se fosse um filho, em vez de seu namorado.

– Agora mesmo não, mas posso arranjá-lo. Próxima semana virá tio Ndjema, e ele pode entender que preciso de umas moedas por uma causa justificada.

– E depois vai te fazer trabalhar muitas mais horas e em piores condições, quando te leve para a fazenda dele, lá em Lubumbashi.

– Não te devia ter contado nada sobre aquela fazenda. Nem sei se acabarei lá. Primeiro vamos ver se consigo terminar este nível de ensino aqui.

– Bom, desculpa. Mas esquece esses brincos, batom e esmaltes de unhas. Achas que eu serei esse tipo de mulher, um dia, que depende de belezas externas para se sentir bem?

Fiquei sem jeito de resposta. Apanhou-me e tramou-me. Mas fez de tudo por mudar de assunto, e continuarmos a conversar. Sendo que eu ainda andava com dificuldades para perceber tudo que ela me dizia, mexeu numa brincadeira linguística. Contou-me, como se ela fosse professora já formada, que

a língua é o melhor brinquedo que existe no mundo. Disse que ela nunca conseguira entender por que alguns pais se complicam tanto a vida com presentes que custam o dinheiro de dois salários e meio. Investir nos seus filhos no ensino de língua, isso é que deviam fazer, ou pelo menos dar-lhes livros, revistas, materiais de leitura agradável. Em vez de falar mal, pelo mesmo preço, se fala bem, usando as palavras que a língua oferece no seu correcto dizer. Um exemplo: não se diz que um produto está de promoção, com o preço reduzido à metade de barato. Será a metade de caro, ou seja, metade do preço original.

– Zambi, sabes algo sobre isso de lobolar? Tradição africana, sei lá – falei para ela, os lábios a me tremer, todo o meu corpo parecia ser as folhas de uma árvore que acaba de ser mexida pela passagem de um comboio de alta velocidade.

– Não sei, não – respondeu-me, honestamente, os lábios dela também tremebundos, e intuí que, provavelmente, o coração dela também estivesse ultrapassado de revoluções, que nem um motor de automóvel.

Quando tio Ndjema disse que iria passar o fim-de-semana prolongado na fazenda de Chipata, não hesitei nem um instante, em levar a minha amada Zambi para lá, muito mais sabendo que Cristine e Jérôme não queriam vir, preferindo ficar no internato, talvez para ir atrás de ratazanas relaxadas nos dias não lectivos. Ela aceitou vir para Chipata, onde namorámos fervorosamente. Tio Ndjema sabia perfeitamente o que estávamos a fazer, mas quando uma mulher é mais velha do que um homem, nem que seja por alguns meses, é inútil gastar tempo em considerar quem toma as decisões para os dois. E ela, menina da cidade de Tete, como visitante daquela humilde fazen-

da, não podia ser dita para não fazer isto ou aquilo, não pegar nisto aqui ou não mexer em nada de lá. Nos apaixonámos ipsofactamente. Conversávamos e cortávamos a fala para experimentar beijos. Logo, as interrupções passaram a ser verbais, entre prolongadas rondas de ósculos. Nesses intervalos em que descolávamos os labiais, eu insistia em dizer a ela que aquele era o meu último ano da infância, que depois da escola, se não encontrava nada produtivo em Moçambique, devia voltar para casa e trabalhar numa das minas ou, como último recurso, ir com os insolentes e arrogantes congolezes Cristine e Jérôme, sobrinhos de tio Ndjema, para a fazenda deles em Lubumbashi. Mas Zambi nunca fez o esforço de entender aquele meu papo com toda a profundidade que se requeria. Até zangou comigo, ainda sabendo que eu queria lhe dizer algo importante, porque ela, menina boa da cidade, não aceitava ser conduzida para fora da casa, para continuar com o namoro. Dentro da casa, é verdade que nunca tínhamos concordado em que fosse algo público, visível para a vizinhança. E para além disso, estávamos a caminhar em direcção a uma lixeira. Eu acho que ela sentiu o cheiro, e viu o regueiro de objectos deitados no caminho, prelúdio de uma enorme massa de despojos desrecicladados. Isso, ela não aceitaria de nenhuma forma, pelo que perdeu a noção do romantismo envolvente, e só se fechou dentro da casa até que fosse o dia de voltar para o internato do Songu.

4. Songo (II)

Tinha passado a noite sem colar as pálpebras, desconhecendo o périplo que teria pela frente, nos dias imediatos. Antes do instituto e mais outros sonhos académicos, porém, ainda faltava o ensino secundário. As autoridades municipais da educação na cidade de Tete alegavam que todas as vagas para as crianças locais já estavam preenchidas, e algumas meninas, como eu, devíamos solicitar o ingresso ao ensino secundário algures. Onde não incomodássemos, eu entendi. Entretanto, os filhos dos governantes tiveram ocupado, curiosamente, os primeiros lugares nas listas de admitidos para as escolas secundárias da cidade. Numa das conversas que a minha mãe tivera com um nosso vizinho, o senhor Chazia, também afectado pela limitação de vagas dos seus filhos para estudarem na cidade, acompanhei que, por razões alheias à vontade da família, se decidiu que eu teria que ir fazer o nível secundário fora da cidade, no distrito de Cahora Bassa, no Songo.

Na festa de despedida da escola primária, antes de abandonar aquela vida e transitar para o ainda desconhecido novo destino, o discurso do director da escola foi empolgante para mim.

– Vocês foram sessenta professores a mim dedicados, a tempo inteiro. E isso é maravilhoso – começou a perorar o director.

Aquele discurso, que ainda recordo, me faz pensar que podemos conhecer alguém só pelo que escreve ou fala num determinado momento. Basta sermos corajosos em fazer introspecção dentro do que não é dito, mas é comunicado. E continuou, com uma certa filosofia teológica, misturada com gastronomia, para

dizer que, no nosso país, aliás, em toda África e também no mundo lá fora, temos fome de nhama² e sede de néctar.

– Vocês, meninas e meninos, são a nossa nhama e o nosso néctar. Não pode haver petisco sem biscoito. Este nosso país precisa de pessoas que, como dizia o saudoso Rolihlahla, pratiquem a acção antes do que a recepção.

E encerrou o discurso com broche de ouro, a lançar a mandeliana declamação, em Inglês: *Don't call me. I will call you.* Nunca esperem. Procurem, falhem, voltem a tentar. De tarde, no mesmo dia daquela despedida, o director da escola primária ainda teve o gesto de passar pela minha casa. Aceitou de bom grado as frutas que minha mãe lhe ofereceu, mais uma chávena de chá, que tomou sem açúcar, porque segundo o médico, devia eliminar substâncias adictivas do seu organismo, para controlar a tensão arterial. No convívio, desejou-me tudo de bom na escola secundária e pediu, muito encarecidamente, que voltasse alguns anos mais tarde com uma mala, dentro da minha cabeça, cheia de recordações, experiências, aprendizagens e curiosidades, porque ele já era quase um ancião, e já não possuía mais a idoneidade para viajar de um lado para o outro, ver o mundo, como fizera nos seus tempos de jovem. Conhecia bem o Songo, o meu destino, pois a maioria dos professores daquela escola secundária tinham sido alunos dele em tempos pretéritos. Também não estava bem para ficar parado por muito tempo, em lugares públicos como por exemplo museus ou bichas do banco, lugares que também frequentara, os primeiros com prazer, com aversão os segundos. Era só dizer a palavra “museu” e levantava os olhos para o céu, enchia-se de energia e nostalgia.

2 Forma de referir-se à carne, nas línguas bantu de Moçambique e de outros países da África austral.

– Gostaria tanto de visitar um museu, qualquer um, hoje – repetiu por duas vezes, enquanto sorvia os últimos goles do chá.

Descrevia os museus como espaços grandes, onde a gente pode andar até cansar e, de vez em quando, parar para admirar uma obra pictórica, escultórica, desenhos descoloridos, peças antigas variadas, desde painéis ou espadas até missangas e brincos, e muito mais. Eu e a minha mãe a escutar atentamente, o director acabou dizendo que o principal elemento que o atraía dos museus não eram nos objectos materiais venerados lá dentro. A verdadeira magia radica no espaço, o ar diferente que se respira, como se na entrada do museu o visitante fosse emprestado uns olhos especiais, exclusivamente acondicionados para admirar só aquelas belezas, e mais nada do mundo exterior.

– E qual foi o museu que mais gostou, na sua vida? – perguntou minha mãe, enquanto vertia mais chá na vazia chávena do visitante.

– Obrigado pelo chá, faz bem tomar água quente mesmo quando está calor, para os nervos e para a pele, o nosso maior órgão. Em relação à sua pergunta, mãe, não sou capaz de recordar. É como quando te perguntam qual é o livro que mais gostaste na vida, ou o melhor filme de todos. Não é possível responder univocamente.

– Eu nunca pisei nada parecido a um museu, mas sim algumas feiras de artesanato e de alimentação. De facto, o nosso mercado Kwachena é um museu onde se expõe todo tipo de beleza natural: feijões de várias cores, pés de alface em tamanhos variados, amendoim torrado, semi-torrado e não torrado. De noite, a exposição do museu Kwachena é menos vegetal e

muito mais carnal, já me entende, senhor director. Mas nem eu nem a minha filha nunca vamos lá de noite.

– Já entendo, mãe da Zambi, entendo. Mesmo quando eu era um menino, tantíssimos anos já choveram, aquele mercado já era assim, infelizmente.

– E qual é o problema? Quero dizer, por que é que as pessoas não procuram uma actividade mais digna?

– Simples. Porque não têm acesso à leitura e não podem ir aos museus. Os museus, como os livros, são espaços nos quais as mentes humanas ficam igualadas, não importando onde nasceu o artista cujas criações estão em exposição, que tipo de pessoa é ou se faz outras coisas, boas ou más, na vida dele, nos momentos em que não está a criar obras de arte. Não é fantástico, que exista algo assim?

O director agradeceu, mais uma vez, pela recepção e os minutos de conversa. Só queria assegurar-se de que eu estava a sair bem, e que minha mãe não iria ficar mal por ver a sua filha voar longe do ninho. O director ainda contou anedotas de quando esteve no Songo, anos atrás, sobre a própria vila e o apoio que os moradores davam à equipa da União Desportiva, orgulho pretoazulado de toda a província.

No dia seguinte, acordei bem cedo e fui, acompanhada pelo meu irmão e a minha mãe, para a paragem dos transportes, depois da ponte. Numerosíssimas pessoas aguardavam por subir nos carros, que levavam aos diferentes destinos. Alguns para a fronteira da Zâmbia, em Cassacatisa; outros para Catandica e Chimoio, na província de Manica; outros para Zóbwe, onde atravessariam para o vizinho Malawi; outros, como eu, para alguns distritos da mesma província de Tete. Foi a primeira vez

na vida que sentei rodeada de tantas pessoas desconhecidas. Era, com diferença, a mais nova entre os vinte e dois passageiros do chapa para o Songo. Porém, a viagem de umas três horas de tempo, saindo da cidade de Tete para a vila do Songo, no distrito de Cahora Bassa, passou rápida e sem sobressaltos. A indicação da minha mãe era que, ao chegar à vila, perguntasse às pessoas da paragem onde ficava a escola secundária, que era a única da vila na altura, e portanto não seria difícil de localizar mesmo para mim, uma menina inexperta em andares. Chegada ao internato, fui orientada para dormir, de forma provisória, com meninas da nona classe, eu que estava para iniciar a oitava. Felizmente, algumas das minhas novas colegas de quarto já as conhecia, porque eram manas do meu bairro, na cidade, e que, apesar de frequentarem o mercado Kwachena muito mais do que eu, não transitaram de manas para pitas, muito menos para putas, e foram dadas a oportunidade de estudar naquele internato, longe dos vícios e tentações da cidade.

Uma das características daquela escola, para além de estar num internato, algo novo para mim, era que todos os alunos devíamos fazer parte da gestão diária dos espaços. Para tal, cada turma devia apontar, logo no primeiro dia, um chefe de turma, o supervisor geral de todos os trabalhos, e uma série de irresponsáveis, um para cada uma das cinco áreas: desporto, cultura, cozinha, ensino e internato. Chefe de turma não era para mim, neguei veementemente o cargo, apesar de que mo ofereceram. Mas aceitei tornar-me a irresponsável da cozinha. Porque ainda éramos meninas e meninos, inexperos e sem conhecimentos práticos sólidos, a direcção da escola preferia que usássemos a designação de irresponsável em vez de responsável, como teria sido esperável. Quando nos chamamos de irres-

ponsáveis, estamos a assumir que ainda não sabemos, que não estamos plenamente capacitados e que estamos no processo de formação. Igual que um Ministro é assim chamado porque é “menos”, e um professor é designado “Mestre” porque é mais. São dispensáveis apresentações e cevés quando tudo reside na forma como nos chamamos, os uns aos outros. *Suum quique*³.

Naqueles tempos, eu era tímida demais para entrar nas brincadeiras de uns meninos inadultos e desengraçados, que entravam de qualquer maneira na cozinha quando eu estava a recolher as bacias já vazias das viandas servidas para o jantar. Perguntavam se não teria restado uma perna de frango, uma carne de vaca com piri-piri ou, ainda mais descaradamente, se eu lhes podia arranjar uma cervejinha, para curtir a noite. Um dia, calhava que era uma segunda-feira, um moço não muito alto, a quem todos chamavam o estrangeiro, aproximou-me e, antes que ele articulasse palavra, mandei-o fumar, aos berros.

– Não tenho uma perna de frango, nem um pedaço de vaca, porco, garoupa, nem cerveja, uísque ou vinho. Vai-te embora!

– Só queria dizer que apreciei bastante a comida, obrigado. Espero que sejas tu mais dias a servir – ainda teve tempo de me responder.

E foi-se embora, seguindo a minha ordem. Chamava-se Coppa, entendi, através de umas amigas, que esse era o nome dele. Era zambiano e tinha chegado a Moçambique de uma forma realmente rocambolesca, junto com dois congoleses muito estranhos, que não falavam comigo nem com as outras meninas da escola. Ninguém acreditava que Coppa fosse permanecer por muito tempo num internato assim, fora do país dele. Mas

3 Expressão em Latim que significa "a cada um o que é seu".

ainda nessa mesma noite, assim que larguei dos trabalhos da cozinha, senti tanta compaixão por ele que acabei por achar que deveria procurar o momento de pedir desculpas àquele pobre moço que, de facto, tinha sido o mais bem educado de todos os que se alimentaram naquele refeitório. Eu não era muito experta nos assuntos amorosos, por aquela época, mas pelo que falavam as manas da minha zona, no Chingodzi, acabei sabendo que o amor é um furacão constante de vaivéns, pelo que não vale a pena esperar que amaine. As manas do bairro também diziam que a medida justa do amor é o amor desmedido. Nesta tessitura, eu queria sentar com Coppa e dizer-lhe que todas as mulheres desconfiamos dos homens, alguma vez na vida. Mas que não mo tivesse em conta por esta vez, por favor. Quando o encontrei, ele estava a chorar, sentado sobre uns blocos de uma parede nunca terminada de levantar, que supostamente serviria para facilitar o esconderijo das intimidades do banho ao ar livre. Decidi ser directa mas também com um certo tacto, e me dirigi a ele com voz baixinha.

– Por que é que estás a chorar?

– Por nada, por tudo. Porque quero, agora. Estas lágrimas já estavam dentro de mim desde há muito tempo.

– Se nós todos nascemos, é porque alguma vez uma mulher confiou num homem – espetei-lhe.

– Não entendi – respondeu-me Coppa, ignorando eu se a causa do seu inentendimento teria sido a língua, como código, ou a mensagem.

– Eu não compreendi a razão de por que estás a chorar – insisti eu. De verdade pode alguém chorar só porque quer, assim, sem mais motivo?

– Estou a chorar porque me dói a vida – sentenciou ele e, seguramente não esclarecendo a dúvida que eu tinha, ganhou-se todo o meu carinho, peguei no braço dele e comecei a chorar com ele, a minha cabeça recostada no seu ombro.

Esse menino me arpoou o coração. Naquele preciso instante, ele olhou para as minhas retinas directamente, por um espaço de tempo muito prolongado. De facto, ele só me contemplou, e o tempo, o dono do mundo, teve a deferência de parar, permitindo algo assim como uma confluência celestial única e eterna. Instintivamente, ignoro eu como, os lábios daquele menino estrangeiro, chamado Coppa, vieram ao encontro dos meus, facto este que me obrigou a interromper a explicação que eu estava a dar sobre o mito do povo africano, que diz que, segundo não sei quem, só sabemos dormir à sombra da bananeira.

Após o ósculo, a conversa fluía como as águas do Zambeze, que maiormente estão tranquilas mas que em qualquer momento desesperado, podem violentar-se fatalmente. Eu senti que ele me queria perguntar, mas não ousava, se também era a primeira vez para mim, a fazer aquele tipo de contacto labial. Contámos-nos coisas das nossas respectivas infâncias. Eu pronunciei todos os tipos de flores que a minha mãe cuidava na varanda de casa, mas a sua expressão facial dubitativa me fez pensar que ele dificilmente conseguira reter nenhum dos nomes florais. Só respondeu que a mãe dele regava rosas, algumas vezes quando recebiam a visita de um tal tio Ndjema, um congolês erredeceano⁴ que andava pelo mundo como pelo saguão da sua própria casa.

4 Adjectivo criado ad hoc para se referir a alguém oriundo da República Democrática do Congo (RDC).

Com um namoro tão inesperado como apaixonado, no início tive alguns medos, pela novidade. Depois, decidi curtir aquela paixão clandestina e sem limites, dentro das regras do internato, que nada diziam acerca de namorar, mas que proibiam explicitamente as visitas aos blocos onde houvesse moradores do sexo oposto. Sem tempo de curtir toda aquela fase, voltei aos medos, desta vez mais sólidos, acompanhados de dúvidas, porque me dei conta, por fim, de que estava envolvida com um moço da minha idade, que era estrangeiro e que, em qualquer momento, mesmo sem finalizar o ensino secundário, poderia abandonar o lugar, fugir da cena, sair do Songo, de Tete, de Moçambique e abandonar-me a mim também. Temia e tremia pela ideia de fazer muitos planos futuros cheios de ar, sem substância, como um frango criado e engordado industrialmente em duas semanas, sem nada no interior, nem sabor ou especiarias. Como poderia eu, uma menina de catorze anos, imaginar se aquele moço dava para ser o parceiro vitalício ideal? Quais balizas tinha para tomar a melhor decisão? Quais pontos de apoio teria, eu, que não podia comparar aquela situação com nada que tivesse acontecido antes, na minha vida? As únicas respostas a todas essas perguntas eram a incerteza, o vazio, e até o sonambulismo. Também, perante a falta de respostas, uma coisa que podia fazer era continuar a perguntar, como o garimpeiro que não desiste de picar, mesmo ignorando se está a escassos centímetros do cobre, ou está a agrandar a distância do prezado metal de transição.

– Já provaste ananás de Catandica, Coppa? – perguntei, a modo explorativo, pois estávamos a nos conhecer.

– Não. Nunca comi ananás, portanto, com certeza que nunca provei a variedade produzida nesse local que mencionaste – respondeu, coitado dele –. Por acaso, onde fica Catandica?

– Na província de Manica, perto de cá, para quem vem de Chimoio, Beira ou da zona sul. Nunca cheguei tão longe, mas minha mãe esteve lá no ano passado e trouxe três caixas cheias de ananás, da melhor qualidade. Aquilo dava para comer, refrescar e até lavar a cara, ficando com aquele cheiro inesquecivelmente doce, que nenhum perfume caríssimo poderá nunca igualar.

– Obrigado, professora, pela aula de geografia. Agora já começo a entender coisas deste país: as localidades que começam por “Inha” como Inhambane, Inharrime e Inhassoro, são da província de Inhambane, e as que terminam por “ica”, como Catandica, Manica e Messica, são da província de Manica.

– Querido, nem tudo é tão fácil de classificar. Mas gostei do teu sistema, não está mal. Inhassunge, por exemplo, está numa outra província, que é Zambézia. E eu, Zambi, por acaso não nasci nessa província, apesar de que o meu nome te possa impelir a pensar assim.

Se Coppa já conhecia nomes da geografia moçambicana como Messica ou Inhassoro, muito ignorante não devia ser. Estrangeiro sim, burro não. Talvez, antes de vir para esta terra, teria-se documentado minimamente, ou perguntado alguém. Se calhar, estava a fazer um esforço por mim, só, e teria feito uma visita imaginária aos lamas do Tibete, terra de sabedoria, filósofos e pensadores. Na televisão que tínhamos em casa, uma vez acompanhei um programa de adivinhação mística, no qual, segundo um mestre zen que participava como tertúlio, os homens de todo o mundo que não conseguem conquistar

os corações das mulheres que amam, vão para os montes do Tibete. Fazem reflexão, enchem o seu espírito de sabedoria e, quando já se sentem preparados, voltam para o seu local de partida, com o propósito de voltar a tentar, desta vez com sucesso, conquistar as damas. Se Coppa estava a fazer, por mim, um esforço espiritual deste tipo, o moço merecia que eu paralisasse todas as minhas dúvidas e noctambulações, depositasse toda a confiança nele e não me comportasse como uma personagem evasiva.

Em poucos dias, eu devia ir a um concurso interescolar de soletração, pelo que treinei com todas as minhas capacidades. Sem me aperceber, quando chegou a hora da verdade, ganhei o concurso. “Calamitosamente” foi a minha palavra vencedora, enquanto a minha rival na rodada final falhou em “estrepitosamente”. Devia-se soletrar de direita à esquerda, sem ver a palavra, e reconheço que tive uma vantagem. Aliás, eu soube aproveitar a situação, porque a adversária falou bem as primeiras dez letras, as últimas da palavra “e – t – n – e – m – a – s – o – t – i”, mas se engasgou na parte do estrépito. Eu fiz *copy-paste*, memória pura de paquiderme, para a parte final da palavra, inicial da soletração, e depois completei com “m – a – l – a – c”. O prémio foi um lápis e um coelho para mim, a vencedora, e para a segunda classificada deram apenas um outro lápis. Imediatamente suspeitei que a minha colega se tivera engasgado de propósito, porque o prémio seria o mesmo para as duas, e os adultos iriam levar o animal, para o matar e o servir na mesa. A menina quis evitar, a todo custo, presenciar a carnificina no porão de casa. Assim, o meu prémio por vencer o concurso foi o lápis mais o funesto espectáculo familiar. Fiquei dois dias na cidade de Tete, onde se fez o concurso, e nessas quarenta e oito

horas só fazia que pensar no meu querido Coppa, que ficou lá no Songo, desseleccionado para um concurso de tais características, pois ele não era, nem nunca seria, proficiente na língua portuguesa. Não quero nem imaginar o sofrimento dele, se lhe fizessem soletrar palavras de direita a esquerda, numa língua que não é a sua. De todas maneiras, se tivesse estado ao meu lado, a me escutar durante as provas, só teria estado a pensar no prémio final, a carne de coelho. Nem vale a pena mencionar que não comi nem um pedacinho daquele coelho. Mas já sei que com isso, Coppa não se importaria, porque ele era um convencido fanático de qualquer carne.

Naquela época, por causa da minha vitória no concurso de soletração, tornei-me reconhecida na escola, e muitas pessoas, especialmente os meninos de todas as turmas, queriam falar comigo. Ao mesmo tempo que eu interagia com pessoas diferentes, cada uma com o seu dizer, a sua forma de dar conversa, explorar as minhas fraquezas e arrancar-me sorrisos, eu descobria aspectos de mim mesma, que até lá desconhecia. Estava a crescer e, com isto, comecei a apreciar os óleos e esmaltes para unhas que umas senhoras vendiam na porta da escola. Diferentemente da escola primária, na cidade de Tete, onde só comprávamos rebuçados e pão com badjia, aqui no Songo o mercado era de um outro nível. Mechas de várias cores para o cabelo, unhas falsas, os já citados esmaltes, pentes finos, batom rosa, vermelho e preto, lápis de sobrancelhas, relógios, brincos e, inclusive, anéis de plástico. Um dia, na hora do desporto, Coppa e eu fazíamos o nosso passeio habitual de namorados. Saímos dos limites do internato, que não estava interdito, desde que voltássemos para a hora do jantar, para ele, e na hora de preparar a serventia, no meu caso. Sempre cumpríamos com

as regras do internato, essa foi uma das coisas que me fizeram apaixonar por Coppa, o seu sentido do dever. Quando chegámos às bancas das vendedeiras, ele me surpreendeu.

– Zambi, queres que te compre algo disso? – disse-me.

– Mas tu tens dinheiro, Coppa? – inquiri, tratando-o quase como se fosse um filho, em vez de meu namorado.

– Agora mesmo não, mas posso arranjá-lo. Próxima semana virá tio Ndjema, e ele pode entender que preciso de umas moedas por uma causa justificada.

– E depois vai te fazer trabalhar muitas mais horas e em piores condições, quando te leve para a fazenda dele, lá em Lubumbashi.

– Não te devia ter contado nada sobre aquela fazenda. Nem sei se acabarei lá. Primeiro vamos ver se consigo terminar este nível de ensino aqui.

– Bom, desculpa. Mas esquece esses brincos, batom e esmaltes de unhas. Achas que eu serei esse tipo de mulher, um dia, que depende de belezas externas para se sentir bem?

Coppa ficou sem jeito de resposta. Apanhei-o e tramei-o. Mas fiz de tudo por mudar de assunto e continuarmos a conversar. Sendo que ele ainda andava com dificuldades para perceber tudo que eu lhe dizia, mexi numa brincadeira linguística. Contei-lhe, como se eu fosse professora já formada, que a língua é o melhor brinquedo que existe no mundo. Nunca consegui entender por que alguns pais se complicam tanto a vida com presentes que custam o dinheiro de dois salários e meio. Investir nos seus filhos no ensino de língua, isso é que deviam fazer, ou pelo menos dar-lhes livros, revistas, materiais de leitura agradável. Em vez de falar mal, pelo mesmo preço, se fala bem, usando as palavras que a língua oferece no seu

correcto dizer. Um exemplo: não se diz que um produto está de promoção, com o preço reduzido à metade de barato. Será a metade de caro, ou seja, metade do preço original.

– Zambí, sabes algo sobre isso de lobolar? Tradição africana, sei lá – falou Coppa, os lábios a lhe tremer, todo o corpo dele parecia ser as folhas de uma árvore que acaba de ser mexida pela passagem de um comboio de alta velocidade.

– Não sei, não – respondi, honestamente, os meus lábios também tremebundos, o coração ultrapassado de revoluções, que nem um motor de automóvel.

Logo na hora, sem compreender qual seria a razão de Coppa para me lançar aquele desafio não apto para a nossa idade, recordei-me da conversa com o meu irmão, num dia que jantávamos em casa. Aliás, foi mais um conselho dele, sem opção de resposta pela minha parte, dizendo-me que, em termos de homens e dinheiro, algo assim como que pegasse o dinheiro e saísse logo do assunto familiar, para ser mais feliz. Seguindo o conselho do meu irmão, não juntei dinheiro e homens no mesmo assunto. Para além disso, não estava disposta a voltar a incomodar Coppa com assuntos pecuniários, porque acabava de me dizer que agora mesmo não tinha fundos, mas os poderia arranjar, sabe-se lá como.

Chegou, por fim, o fim-de-semana de dispensa. Alguns alunos ficávamos no internato, porque as nossas famílias estavam longe, e outros conseguiam sair e passar dois dias, com as suas duas noites, em casa. Certo é que, para todos os alunos, aquele fim-de-semana era o evento mais esperado de todo o semestre, exceptuando o fim do próprio semestre, logicamente. Eu esperava a minha mãe, que viria ter comigo e me traria algumas frutas, roupa e falaria comigo. Meu irmão não tinha possibilidade

de vir, ocupado com os trabalhos na cidade, pois um dia sem movimento, era um dia que não trazia nada para casa, e isso era imperdoável. Coppa não esperava ninguém, de princípio, pelo que decidi que passasse um pouco do tempo com a minha mãe e comigo, a bater papo. Mas, contra todo pronóstico, apareceu um homem alto, velho, cabelo embranquecido, que despertou o interesse de Coppa. Era um seu tio, que não era o seu tio. Os sobrinhos verdadeiros, Jérôme e Cristine, também apareceram e saudaram-no, mas o velho preferiu ficar mais tempo com Coppa. Trouxe algumas peças de roupa para o menino, assim como um novo caderno para os estudos, com o qual o meu querido amigo ficou feliz como se houvesse recebido um prémio ao melhor aluno do semestre de toda a rede escolar da província de Tete.

Passou o tempo, continuámos a estudar e a nos encontrar frequentemente, com alguns beijos roubados e muitos sorrisos inocentes. Aquando chegou a dispensa do segundo semestre, que se juntava com uma segunda-feira que era feriado nacional, Coppa me contou que podíamos ir passar o fim-de-semana prolongado na fazenda do tio Ndjema, em Chipata. Curiosa de entrar num país novo, eu que nunca tinha passado uma fronteira, aceitei ir com ele para Chipata, onde namorámos ferozmente. Tio Ndjema sabia perfeitamente o que estávamos a fazer, mas quando uma mulher é mais velha do que um homem, nem que seja por poucos meses, é inútil gastar tempo em considerar quem toma as decisões para os dois. E eu, menina da cidade de Tete, como visitante daquela humilde fazenda, não podia ser dita para não fazer isto ou aquilo, não pegar nisto aqui ou não mexer em nada de lá. Nos apaixonámos ipsofactamente. Conversávamos e cortávamos, para experimentar beijos.

Logo, as interrupções passaram a ser verbais, entre prolongadas rondas de ósculos. Nesses intervalos em que descolávamos os labiais, ele insistia em me dizer que aquele era o seu último ano da infância, que depois da escola, se não encontrava nada produtivo em Moçambique, devia voltar para casa e trabalhar numa das minas ou, como último recurso, ir com os insolentes e arrogantes congolezes Cristine e Jérôme, sobrinhos de tio Ndjema, para a fazenda deles em Lubumbashi. Mas eu nunca fizera o esforço de entender aquele papo dele com toda a profundidade que se requeria. Até zanguei com ele, ainda sabendo que me queria dizer algo importante, porque eu, menina boa da cidade, não aceitava ser conduzida para fora da casa, para continuar com o namoro. Dentro da casa, nunca tínhamos concordado em que fosse algo público, visível para a vizinhança. E para além disso, estávamos a caminhar em direcção a uma lixeira. Eu senti o cheiro, e vi o regueiro de objectos deitados no caminho, prelúdio de uma enorme massa de despojos desrecicladoss. Isso, eu não aceitaria de nenhuma forma, pelo que perdi a noção do romantismo envolvente, e só me fechei dentro da casa até que fosse o dia de voltar para o Songo. O tio Ndjema chegou furioso e grosso, já de noite, sabe-se lá o que teria estado a fazer por aí. Mas não me falou nada.

Um dia, aquele homem, a quem todos chamavam Tio Ndjema, e que era algo assim como um apoderado, protector, pai substituto de Coppa, discutia com a minha mãe, na presença de nós, os dois meninos. Falavam de política, tema impossível de contornar entre adultos, inclusive quando crianças andam por perto. Tio Ndjema argumentava que a oposição, cá em Moçambique, devia ter uma oportunidade de governar.

– Olha cá, eu sou congolês, mas conheço bem os teus vizinhos zambianos, que se alternam no poder, exemplificando a transição pacífica.

– Amigo, cá é diferente. Renamo, nem sonhar, malta de furiosos anabecedariatos!

– Eu não falei de Renamo, mãe. Eu disse oposição.

– E eu te digo que, se algum dia voltamos a disparar, neste ou em qualquer outro país, melhor que seja só para o ar, em jeito de celebração.

Os argumentários continuaram, dos dois lados, até um certo entendimento. Falar da colonização sempre agermana os povos africanos, paradoxalmente. Os colonos queriam deixar o país de saias caídas, e conseguiram. Mas esqueceram o mais importante: trancar a porta ao sair. Hoje em dia, empacotam tudo bonito: alimentos, roupa, equipamentos electrónicos e muito mais. Tudo em caixas bem seladas, acompanhado de documentos limpamente assinados e carimbados, cabeçalho colorido e demais florituras facultativas. Mas quando chega ao mundo subdesenvolvido, parece que só na viagem já perdeu algo. No transporte do aeroporto ou porto para o escritório provincial, se rasga uma das caixas, se dobra o documento, se difumina a tinta e se descola a fita que empacotava hermeticamente.

– Desde que houve um Vice-Presidente branco, lá na Zâmbia, já não temos tido nada de histórias do mfiti⁵, pois ficámos sem sangue para alimentá-lo.

– Mas cá, do Zumbo para o Índico, ainda continuamos com essa tradição.

5 Mfiti: Palavra da língua Nyanja, com o significado de «feiteiro».

Na discussão de tio Ndjema com a minha mãe, ele, por ser estrangeiro, não quis entrar em camisas que não são do seu tamanho. Mas sabia que tinha parte da razão, no assunto que estavam a tratar.

– Sabe, mãe? Será melhor que nos voltem a colonizar.

– Como assim, voltar para cá esses assassinos? Não, meu senhor – retorquiu a minha mãe, eu a olhar para o chão.

– Olha lá, mãe, nós tivemos que suportar séculos de opressão para aprender a viver em ditadura. Agora que somos livres, só sabemos viver em ditadura parlamentar, com partidos e tudo isso. É a única coisa que aprendemos com os brancos. Agora, precisamos é que nos voltem a colonizar, mas democraticamente, para assim nós aprender a gerir a democracia.

– Uma democracia imposta, mesmo que seja dos europeus, nunca é uma democracia.

– Também não falei de europeus. Pode ser uma democracia à chinesa. Se, olhando bem, os chineses já estão cá. Basta seguir o ditado maoísta de “não importa se o gato é vermelho ou azul, importante é que cace o rato”.

– As vossas armas fizeram história, mas agora é a vez das nossas vozes – apostilou minha mãe, que não era ignorante em assuntos políticos.

Como conclusão, aquele tio Ndjema e minha mãe concordaram que, desde que as pessoas tenham educação e saibam criar uma atitude própria, sem incomodar ninguém nem impôr nada a outrem, se pode ter o sistema de governação que cada povo quiser, com ou sem partidos, pois nunca haverá um mesmo partido que aglutine todos os votos da população e escolha o Presidente do Mundo unanimemente.

Todas as quartas-feiras, pelas dezanove horas, era o tempo dedicado aos assuntos organizacionais da turma. Nesse espaço, sempre surgia o ponto da economia, de quando é que a escola nos poderia facilitar a compra de material de limpeza, abastecer o machimbombo para poder realizar as nossas saídas de estudo, ou se podíamos contar com um novo orçamento para melhorar a alimentação do refeitório. Na maioria das escolas secundárias da cidade de Tete, onde minha mãe queria que eu fosse, não havia esta possibilidade dos alunos participarem na gestão dos fundos da escola. Porém, cada quarta-feira, quando era a vez do encontro de turma, o ponto da agenda, alusivo à economia, podia chegar a flutuar, no quadro, escrito lá com marcador permanente, por não sei quantas semanas, pelo menos ficava dois meses, sem exagerar, antes que houvesse um mínimo movimento financeiro. Tudo porque à única pessoa a quem se empoderava no assunto económico, sempre lhe surgia um misterioso e imprevisível afazer, para logo, na quinta de manhã, sentar ao nosso lado normalmente, como se a vida continuasse igual que sempre.

5. Tio Ndjema

Tudo o que é bom acaba, sempre. Tinha sido tudo tão lindo, que nem parecia verdadeiro, enquanto durou. Mas o meu destino já estava escrito, e eu o sabia. A quarta visita de tio Ndjema no Songo, ao longo dos três anos da minha estadia lá, seria a última. Eu estava para terminar a décima classe, ainda me faltavam mais dois anos para ser uma pessoa com um certificado que me acreditasse como alguém minimamente letrado e capaz de optar ao mundo laboral das pessoas que sujam menos a roupa e sentam mais. Três anos da minha juventude investidos naquele local, do qual só tivera saído uma vez no fim-de-semana prolongado em Chipata, com a Zambi, e poucas outras vezes só para caminhar pela zona circunvizinha, ou em saídas de estudo que fazíamos na turma, ir e voltar no mesmo dia, a alguns locais de interesse. Embora nunca fomos à barragem de Cahora Bassa, lamentavelmente, fiquei ciente que muitas famílias do Songo não tinham acesso à iluminação estável nas suas casas, mesmo estando a pouquíssimos quilómetros de uma hidroelétrica de tamanha envergadura, que fornecia megawatts a todos os países da África austral a preços irrisórios.

Tio Ndjema desceu do chapa e pagou ao cobrador, que entregou todo o valor do dia para o motorista estrábico. Parecia como se o tivesse escrito na cara, logo que o vi: “Venho te levar, olha bem para o teu redor, porque nunca mais poderás ver este lugar”. Por um lado, não fazia nenhum mal, porque a comida do internato não melhorava nem me satisfazia, o ambiente era quente demais e as actividades lectivas cada vez

me interessavam menos, me produziam desídia, e só aprendia quando conversava com a Zambi. Por outro lado, ela mesma, a Zambi, e os nossos encontros românticos no refeitório, na fila da comida, no corredor, no pátio, no campo de desportos, nos passeios que fazíamos pela zona das vendedeiras, onde nunca lhe consegui comprar nem sequer um par de brincos dos mais baratos. O velho amigo da minha mãe vestia um chapéu preto, em sinal de luto. Naquele dia, comemorava o décimo aniversário da morte do seu irmão, George, pai dos meninos Jérôme e Cristine. O chapéu mais o casaco preto eram uma homenagem a ele. Mas a vida sempre continua, mesmo sem avançar muito, mas continua. Qual seria o sentido de recordar os mortos, se os vivos não continuássemos com o nosso andar quotidiano?

Aos dezassete anos, chegou-me o momento da minha primeira grande despedida na vida. A Zambi serviu a comida do pequeno-almoço, pão com salada e chá preto dessaborido e inaçucarado. Aprontou para deixar as bandeijas vazias dentro da cozinha, na zona da lavagem das louças, e conferiu que o número de meninas era suficiente para que o trabalho corresse eficientemente, mesmo na sua brevíssima ausência. Tirou o avental e apressou-se para chegar à cancela principal da escola, onde tio Ndjema a viu chegar e a saudou, tanto com palavras como com uma reverência. Zambi retribuiu, das mesmas duas formas. Pedi ao velho se podia demorar uns minutinhos para falar algo com a moça, coisas que se devem dizer só em privado e nunca num sítio público, na presença de indiscretos. Ele indicou que me esperava, com os dois sobrinhos, na parte de fora da cancela, enquanto comprava refrescos e bolachas numa das bancas. Os dois sobrinhos tiveram a decência de carregar, por aquela curta distância, os meus fardos, uma mala de tama-

nho médio e uns sacos plásticos, com coisas que fui acumulando e não queria deixar ali: os vários cadernos que tio Ndjema me comprava e dava nas visitas, com todos os apontamentos das aulas às que tinha assistido durante os três anos; o prato e os talheres da escola, que não pensava devolver; um rolo de papel higiénico, sempre útil porque não sabemos onde vamos e quais as condições; uma caneta, que encontrei no quarto e que funcionava bem. Mas ainda faltava algo, naquelas pastas, uma recordação da Zambi.

Afastámo-nos um pouco do barulho central que havia no pátio da escola, algumas crianças a brincar, outras a fazerem educação física, outras a carregarem os produtos alimentícios, que iriam servir para o almoço, do armazém para a cozinha. Zambi e eu andámos em silêncio, como dois desconhecidos, incapazes de reagir perante à insultante simplicidade da situação. Eu ia-me embora e não sabíamos quando é que poderíamos nos reencontrar. Talvez em alguns meses, eu poderia visitá-la no internato, num fim-de-semana de dispensa. Se calhar, um, dois ou cinco anos, uma vez ela já tivesse terminado aquele nível de educação e estivesse a trilhar sendas profissionais mais sofisticadas. Avançámos por um caminho que ia para uma das lixeiras, atrás da cozinha. Sinto muito não ter encontrado um espaço mais bonito e adequado para esse momento, mas importava muito mais o conteúdo do que as formas.

– Leva isto contigo, para não te esqueceres de mim – falou para mim, apertando-me as mãos. Eu não respondi com palavras, só com os olhos, que sentia prestes a reventar as águas, igual a quando se abrem as comportas da barragem da Cahora Bassa.

Entregou-me um lenço que ela usava para cobrir o cabelo quando estava de cozinha, especificamente aquele, porque era o que ela vestia no dia do primeiro beijo. Foi um desses momentos marcantes, que rasgam o coração inexoravelmente, deixando uma cicatriz indelével. Afastando-me dela, já na órbita visual de tio Ndjema, arrependi-me de tudo o que não tive coragem de lhe dizer, coisas como “vou casar contigo”, “não me esqueças”, “reza por mim e por nós”, “te amo muito”. Mas já era tarde demais, o meu tempo de graça concedido por tio Ndjema tinha-se esgotado, e a Zambi já tinha virado as costas e desviado os seus passos dos meus, indo retomar os seus deveres no internato, como irresponsável de cozinha.

Deixei a escola, então, definitivamente, para ir com o amigo da mãe, tio Ndjema, e os seus dois sobrinhos, Cristine e Jérôme, a trabalhar no Congo. Nem houve tempo de passar por casa para ver se minha mãe continuava a regar as rosas quando havia visitantes, mesmo que o visitante fosse eu, o seu único filho homem. Tio Ndjema disse, durante a viagem, que a fazenda de Lubumbashi era dele, mas que havia capatazes que dirigiam as áreas de produção. Portanto, por ordem de um dos capatazes, tínhamos um tempo limitadíssimo para viajar, chegar lá e pôr as mãos à obra. Cruzámos de novo a fronteira de Cassacatisa, mas em sentido inverso de como tínhamos feito três anos antes. Devíamos chegar à fronteira congoleza naquele mesmo dia, tarefa difícil para quem anda de carro particular, quase impossível para nós, de transporte público e pastas a carregar. Mas conseguimos, seguramente porque era terça-feira, finais do mês de Janeiro, muitas pessoas ainda num ritmo de trabalho a meio gás e poucos fundos para viajar. A estrada estava livre

na maioria dos seus tramos, sem portagens artificiais, de pagamento monetário, mas sim com paragens obrigatórias naturais. Elefantes, zebras, impalas, girafas, avestruzes e algum búfalo. Nós só queríamos perder aquelas bestas de vista e poder avançar até o nosso destino. E pensar que há pessoas que viajam desde os cantos mais longínquos do mundo e pagam somas desorbitadas de dólares só para poder contemplar os animais no seu estado selvagem! Questão de escolhas, como tudo na vida.

Atravessámos para a República Democrática do Congo. Assim, eu punha os pés na terceira nação soberana e independente da minha vida. Uma longa caminhada me aguardava, se pretendesse pisar todos os mais de duzentos países do mundo, façanha que não fazia parte dos meus planos, naquele momento. Eu ainda não entendia o que significavam as duas primeiras palavras do nome oficial do país natal de tio Ndjema, Jérôme e Cristine. Muito menos, ainda, a terceira. O primeiro motorista de chapa do lado congolês era um homem que não devia ultrapassar os trinta e cinco ou trinta e seis anos de idade. Na conversa, enquanto esperávamos mais clientes para encher o carro, disse que tinha contraído núpcias três vezes, com os seus três respectivos divórcios, e que tinha uma filha da primeira mulher, dois meninos da segunda e nada da terceira. Agora, apenas namorava adolescentemente com o seu minibus de dezoito lugares. Falava Inglês e Francês correctamente com os passageiros, mas ao telefone estava mais à vontade em Bemba, a mesma língua do outro lado da fronteira que acabávamos de deixar atrás de nós. O chapeiro prometeu que nos levaria directamente para a cidade de Lubumbashi, onde ele próprio era residente e devia descansar aquela mesma noite. Mas um pneu furado impediu que esse propósito se tornasse real. Como já

eram quase dezassete horas e nem tínhamos percorrido mais de vinte quilómetros, de um total de cem na nossa rota de Kasumbalesa a Lubumbashi, concluiu-se, num espírito de camaradagem e união inhabitual entre pessoas desconhecidas, que faríamos uma escala de alguém que ficaria acordado durante a noite para guarnecer o carro e todos nós. Jérôme, Cristine e eu, ainda menores de dezoito anos, ficámos exonerados de tal tarefa. Milagre, numa terra onde meninos de cinco anos já trabalham na extracção de minerais ou carregam armas de um tamanho que duplica a altura dos seus corpinhos. Nós éramos o último transporte colectivo que circulava por aquelas bandas, e portanto só podíamos esperar até o dia seguinte, bem cedo de manhã, a que passasse um outro minibus, em qualquer das duas direcções, com um pneu subsalente para nos emprestar. Tio Ndjema não dormiu durante toda aquela noite.

– Isso em tempos de Mobutu não acontecia, foda-se! – lamentou tio Ndjema, furioso não tanto pela noite na estrada em si, mas porque o capataz que comandava os trabalhos na fazenda não iria perdoar aquele atraso, e seríamos colocados nas tarefas mais duras e indesejáveis.

– Quem é Mobutu? – inquiri eu, curioso, que também não conseguia conciliar o sono, pensando na Zambí e no nosso futuro incerto.

– Vou te contar quando chegarmos em casa, filho – encerrou o velho, diminuindo a sua fúria.

Ir trabalhar naquela fazenda era o que eu mais temia, o último e mais inevitável desfecho dos meus anos de juventude. Mas aconteceu, e aprendi que, às vezes, na vida, temos que aceitar as adversidades e, se não as conseguimos tornar em oportunidades para prosperar, pelo menos as devemos arma-

zenar numa das gavetas do nosso cérebro. Nada melhor do que engolir poeira, literalmente, para adquirir experiência. Eu não negava o trabalho, só que não me fazia a ideia de passar, repentinamente, de estar em aulas do ensino secundário em Moçambique, ao trabalho escravo de uma fazenda no Congo. Recordei-me das tarefas que minha mãe me dava, em casa, quando eu era criança. Me mandava carregar sacos de arroz, lavar panelas, lavar roupa na lagoa, dobrar a roupa que lavava, acartar água e trazer os baldes, normalmente dois, um na cabeça e o outro numa mão. Aqui, no Lubumbashi, tudo era diferente, menos mecânico. Era como se tivesse que adivinhar tudo. Ninguém me sabia dizer o que era para fazer. Parecia que os demais trabalhadores da fazenda, mais de cinquenta, a maioria homens, conseguissem adivinhar os meus pensamentos, e se afastassem de mim, nem sequer dizendo “bom dia” ou “viva” quando se cruzavam comigo. Tio Ndjema acordava muito cedo para cumprir com o seu dever, que era trocar a água dos baldes onde os bois bebiam. Fazia isso e logo voltava a dormir, nas horas de mais calor, até que pelas quinze horas voltava a pôr as botas, para atender os trabalhos agrícolas. Respeitava os tempos de maturação dos tomates, cenouras, cebolas, alhos, pés de alface, repolhos, piri piri, batatas, mandiocas, couves e pimentas. Organizava tudo com precisão milimétrica. Nos tempos em que os sobrinhos ainda eram bebês, fazia isso sozinho ou com um dos homens que ainda estavam cá quando eu cheguei. Mas agora, fui eu o encarregado de supervisionar as hortaliças e avisar o velho quando fosse o momento da colheita. Preparar a terra e voltar a chamar tio Ndjema quando fosse a vez de lançar novas sementes. As árvores fruteiras também eram da jurisdição de tio Ndjema, isto é, eu devia assumir a árdua tarefa de

controlo e colheita das mangas, papaias, bananas, laranjeiras e limoeiros. Nos primeiros dias, ainda não me tocou a vez de lidar com os bois, nem com os patos, galinhas, porcos e coelhos, mas sabia que, mais cedo do que tarde, deveria passar por lá, para limpar as fezes dos animais, trocar os baldes de água, dar rações, remover a palha e detectar alguma doença escondida, pelo que devia examinar todo o corpo de cada animal e dar relatório ao responsável de saúde animal, que aparecia uma vez por semana. Era clarividente que as bestas viviam em confortos muito superiores a alguns de nós, humanos, dando razões para mais uma rebelião orweliana. O capataz maior deixava-se ver poucas vezes no terreno onde nós transpirávamos. Ou estava no escritório, desde cujas janelas controlava todos os nossos movimentos enquanto ele só mexia papelada, ou saía de viagem para fazer negócios que aumentassem a produtividade da fazenda. Ou seja, mais trabalho sobre as minhas costas para maior benefício dele. O calor era igual ou pior que no Songo, onde nunca usei camisola nem manta. No Lubumbashi tinha três camisas, todas de algodão, que devia lavar todos os dias, nem que fosse só mergulhá-las em água, para que apanhassem um ligeiro ar fresco e pudessem ser vestidas no dia seguinte, duas delas, no período de manhã; a outra, de tarde. E assim sete dias por semana, tudo igual, rotineiro e cansativo a mais não poder. Pelo menos, dois domingos por mês, recebíamos a dádiva de uma tarde livre para descansar.

Para além das jornadas duríssimas e infundáveis de trabalho escravo, a comida era pouca, o colchão pétreo, num quarto que, de novo, partilhava com os dois sobrinhos de tio Ndjema. E sentia muitas saudades da Zambi, algumas jornadas muito, outros dias muito mais. Até me vinha uma certa nostalgia das

aulas que não entendia, do ambiente do internato, da fila no refeitório. Aqui não fazíamos fila, a comida era servida em mesas, e cada um aproximava por conta própria com o seu prato e servia, por regra geral, duas conchas de xima ou arroz, e uma concha de caril, fosse o que fosse. Um dia, de noite, vi na minha mala que ainda tinha o último caderno que eu recebera de tio Ndjema no Songo. Por acaso, o caderno tinha ficado sem ser usado quase por completo, e senti que alguma coisa me indicava que eu não estava bem enquadrado, naquela enorme vastidão de terra estrangeira.

– Nesta vida, nunca ofereças a mão e vires as costas a alguém ao mesmo tempo – avisou-me o velho fazendeiro, com os olhos muito abertos, enquanto regávamos os canteiros de alface.

– O que quer dizer, tio Ndjema? – reagi.

– Como te explicar, miúdo, as palavras me fogem. É como dizer que, tudo que não explode, implode – acrescentou o tio, deixando-me ainda mais perdido na conversa.

– O que significa implodir? – resmunguei de novo, com a boca pequena, cheio de medo por tantas questões, não fosse pensar, ele, que só estava a alongar o tempo de bate-papo para trabalhar menos.

– Imagina se o nosso fogão, que temos dentro de casa, faz uma fâisca de tamanhas características que provoca uma explosão, isto é, uma fumaça e uma bola de fogo, de dentro para fora da casa, até chamuscando as árvores vizinhas. Pelo contrário, se fossem as paredes de casa a arder, só em direcção ao interior, consumindo somente a casa e nada ao redor, isso é que chamaríamos de implosão.

Tio Ndjema podia ter-se dedicado à docência. Explicava as coisas de uma forma tão pouco científica, mas clara e próxima, que com ele, eu não teria abandonado o internato do Songo, e possivelmente, estaria a seguir os passos da Zambi, a me formar como professor num instituto, em Moçambique, onde teria aprendido a falar Português e dominaria tantas coisas mágicas que aquele país encerra. Mas, olhando bem, penso que aprendi mais coisas com tio Ndjema do que em todo o meu percurso estudantil no Songo. No que tange à história da África austral, ele tinha debilidade especial pelo velho ditador zairiano, Mobutu Sese Seko Nkuku Ngbendu wa Za Banga. Adorava pronunciar-lhe o nome inteiro, recordando que para governar uma terra, como fazem muitos, basta ser escolhido numas eleições ou dar um golpe de estado. Mas para dominar de forma hipnótica uma população de quase vinte milhões de pessoas, convencendo-as de que a nação devia mudar de nome, para satisfazer sei lá quais aspirações patrióticas oriundas, é preciso algo mais. Apenas alguém com uma bengala na mão e um omnipresente chapéu ornamentado com pele de leopardo é capaz de fazer isso. Tio Ndjema cresceu, como adolescente, nos tempos em que Mobutu subiu ao poder, tendo-se aproveitado da convulsão surgida no país a partir do assassinato do antigo Primeiro-Ministro, Patrice Lumumba. No lustro que transcorreu entre a independência nacional daquela enorme terra centroafricana, em Junho de 1960, até Novembro de 1965, momento da subida ao poder de Mobutu, a família de tio Ndjema não passou nada bem. Pelo contrário, aquando Mobutu, quem fora chefe da Defesa Nacional no governo de Lumumba, tomou o poder absoluto, as coisas para tio Ndjema começaram a mudar para melhor, num piscar de olhos, se bem alguns membros da sua

família, como o seu irmão George, pai de Jérôme e Cristine, já não conseguiram vivenciar todas as mudanças. Nas aulas de história que tio Ndjema dava aos seus sobrinhos e a mim, os seus três únicos alunos, ele sempre iniciava dizendo que, antes de Mobutu, tudo era confusão, nervosismo, tensão, dificuldade, sofrimento e morte. Muitas mortes e muito sangue nas ruas, nas casas, nas machambas. Com o glorioso marechal leopardo em frente do MPR⁶, a vida foi muito melhor, segundo tio Ndjema, para ele e para todos os congolese.

– Apesar de que os jornalistas europeus nunca entendiam, nós congolese apoiávamos cegamente o nosso líder em todas as frentes, inclusive em questões como a pena de morte. Os estrangeiros, sempre com a sua visão imperialista e pós-colonial, queriam que Mobutu e nós todos deixássemos de praticar a execução sumária, enquanto é algo que faz parte do nosso código ético, dos povos bantu.

– O que é um código ético, tio Ndjema? – perguntei, absorto na aula informal que nos dava, debaixo de um cajueiro. Cristine e Jérôme, normalmente, calavam e só faziam um comentário ao fim.

– Deixa isso para lá, vais entender quando sejas adulto. O que quero vos dizer é que não imagino um congolês, zambiano ou moçambicano, indo para a Europa, sei lá, França, Bélgica, Inglaterra ou Portugal, e insistir ao Presidente de um daqueles países para que adoptasse o código ético bantu e passasse a aplicar a pena de morte, por exemplo. Inconcebível.

Eu e os dois jovens assentávamos vigorosamente a tudo quanto tio Ndjema falava. O processo sanguinário de pacificação

6 *Mouvement Populaire de la Revolution*, partido político do líder zairiano Mobutu Sese Seko.

forçosa do país, empreendido por Mobutu, numa certa altura passou a se chamar *Zairianisation*, o movimento que reclamava a autenticidade, e que serviu para que o ditador acabasse de encaixar todo aquele país nos enormes bolsos das suas túnicas. Com Mobutu no poder absoluto, convertido numa figura superior a Deus, tio Ndjema conseguiu trabalhar para revitalizar desde zero, um terreno anteriormente abandonado por uma família de belgas, os Magrisse, que saíram do país poucas semanas depois da independência, sabendo que a transição de poderes no novo estado não seria pacífica, muito menos para quem tivera, como eles, alguma possessão material e a pele branca.

– Trabalhei, primeiro eu sozinho, depois chegou um vizinho mais pobre que eu, mas que tinha um burro, e assim passei de trabalhar só com as minhas duas mãos para quatro, mais a força física do animal.

Não lhe faltou sacrifício, ao jovem tio Ndjema. Faltou-lhe dinheiro, que conseguiu colmatar com o trabalho rigoroso e tenaz, ao longo dos gloriosos anos mobutianos. Também lhe faltou uma fêmea, uma companheira de vida, com quem procriar mais mãos que fossem manter aquela fazenda pelos tempos vindouros. Mas no Zaire, qualquer homem que tivesse mulher, devia temer por perdê-la, pois lá por onde Mobutu passava e cumprimentava a população, senhora que levava, quer para usos e abusos banais ou mesmo para casá-la no palácio de Gbadolite. Assim, tio Ndjema nunca tivera a inquietação de sofrer pela sua dama. Só se ocupava com a fazenda, o burro e o amigo colaborador. Enquanto a produção ia em aumento, mais amigos, colaboradores e burros foram aproximando, alguns para querer ajudar sazonalmente, outros descaradamente a pedir emprego, nem que fosse para recolher dois tomates em

todo o dia. Havia muita demanda de emprego na fazenda de tio Ndjema em Lubumbashi, antes de que eu chegasse lá, que se me fazia difícil acreditar que aquilo, poucos anos atrás, teria sido apenas um terreno abandonado.

Também muito antes de eu chegar, no período em que Cristine e Jérôme ainda eram menininhos que nem podiam pegar enxada, tio Ndjema fizera algumas viagens, deixando o amigo, dono do burro, ao cuidado da fazenda e dos sobrinhos, por vários dias, sempre em períodos curtos, inferiores a uma semana.

Quando voltava para casa e ficava por tempos prolongados entre saída e saída, tio Ndjema gostava de ficar dois dias dentro do seu quarto, só saindo para a casa de banho, como forma de recuperar forças. Um dos sobrinhos trazia-lhe comida, que preparávamos nós, os três miúdos, no fogão de carvão. Quando este acabava, usávamos lenha, que devíamos ir buscar e cortar na mata, tarefa que eu odiava mais do que qualquer outra. Preferia amassar xima ou lançar sementes de alface, nem que me obrigasse a dobrar o espinhaço. Transcorridos os dois dias de repouso, tio Ndjema juntava-se a nós nas labores agrícolas, não na culinária. Se a comida estava boa e a produção no campo dava para sonhar com melhores colheitas, decidia que no domingo de tarde iríamos fazer uma caminhada pela montanha que circundava a fazenda. Eu adorava aquelas caminhadas, mas não tinha a permissão de tio Ndjema para ir sozinho. Nesse caso, teria ido quase todos os dias, de manhã ou ao fim do dia, mas como não podia, também não me sentia atraído por quebrar a norma e fazer o caminho sem ele. Esperava pacientemente até o domingo que ele decidia, e íamos. Se a minha amada Zambi tivesse estado comigo lá, naquele período da minha juventude, eu teria insistido muito mais, de certeza, ao tio

Ndjema, para que nos deixasse ir os dois juntos até à cima do monte, mas nem vale a pena dizer que esta situação nunca se produzira.

Porém, um dos domingos assinalados, saímos, tio Ndjema e eu, a um passo mais devagar, por imperativo do velho. Não me disse nada de por que andávamos naquela lentidão até que atingimos o ponto intermédio, desde onde se podia divisar toda a fazenda, reconhecendo qual era o prato que Jérôme e Cristine estavam a preparar na panela. Chegados a este ponto, tio Ndjema disse-me, em voz baixinha, que lá em frente anda um grupo de quatro homens jovens, dos seus dezoito ou vinte anos, e uma menina que nem devia chegar aos treze ou catorze.

– Espero estar errado, mas temo que aqueles sacanas queiram fazer algo impróprio à moça – mussitou tio Ndjema.

Não entendi o que seria aquela acção imprópria, mas tio Ndjema, agora, indicou-me para acelerar o passo ligeiramente, extremando o silêncio. De facto, o grupo, composto por cinco elementos, quatro do sexo masculino e um do feminino, estava lá, cada vez menos longe de nós, devido ao passo firme que já levávamos. Era importante que não nos avistassem, porque, segundo tio Ndjema, poderiam ficar nervosos ao ver um adulto que os controlava, e poderiam cometer alguma asneira ainda maior da que pretendiam perpetrar, inicialmente, com a menina. Aproveitámos as curvas e contracurvas da subida para acelerar e abrandar o passo, em função da distância. Num instante, dois dos moços se afastaram, à procura de refúgio. Na verdade, só estavam a ficar distanciados para poder guardacostar, visualmente, os dois chefes do grupo, que desviaram para um outro lado, numa espécie de esconderijo natural, que tio Ndjema conhecia perfeitamente. O velho me pegou da mão e

me obrigou a acelerar o passo, como se estivéssemos a fugir da polícia. Notei que era um momento crucial. Entendi, ipso facto, duas coisas: a primeira, que aquela caminhada organizada pelo tio Ndjema não era simples desporto ou passeio, como das outras vezes. Em segundo lugar, que aquele grupo de quatro jovens tivera levado a menina pela força, para se dar o prazer da satisfação sexual masculina, tanto se ela quisesse como não. Era evidente que ela não queria, nem sabia o que estava a acontecer com aqueles moços, lá naquele ponto elevado da montanha, até que os dois jovens que tiveram ficado com ela a mandaram ficar deitada no chão. Enquanto um lhe tapava a boca com uma mão e aguentava as duas mãos da moça com a sua outra mão, o outro moço despiu a parte inferior da moça, primeiro a capulana, depois a calça curta, e já no derradeiro impulso antes da festa, a calcinha, ao mesmo tempo que pressionava as coxas dela para que ficassem em contacto com o chão, a entreperna completamente descoberta, a barreira de portagem levantada. A menina, sem forças, tinha deixado de tentar gritar para pedir ajuda.

– Tu, sacana, Polícia! Levanta as mãos, agora mesmo! – gritou o meu mentor.

Tio Ndjema, que não era nem nunca tivera exercido de polícia, usou a inteligência para evitar a violação. Os dois moços mais novos, que se tiveram afastado alguns metros atrás, saíram a correr pela montanha abaixo. Se tio Ndjema tivesse usado uma outra expressão, os dois jovens teriam confiado que aquele velho e eu éramos uns tolos, que não íamos evitar a sua acção, que tão bem tinham planificado. Mas ao falar a palavra da autoridade, “polícia”, instintivamente, tanto o estuprador material como o agarrador das mãos e fechoalhos da menina le-

vantaram as mãos e ficaram parados, nem se mexeram um milímetro. A moça levantou-se à velocidade do raio, e correu para nós, nua de toda a parte inferior do corpo. Refugiou-se detrás de tio Ndjema, por vergonha que eu, um jovem desconhecido de quase a sua mesma idade, lhe contemplasse as vergonhas. No entanto, peguei na capulana que estava no chão, no lugar do quase-crime, e aproximei-lha à moça, sem olhar directamente para ela, num esforço de dignidade. Mais do que a capulana em si, ela precisava disso, de dignidade humana, para esconder o seu medo. Relaxou em poucos minutos, felizmente. Tio Ndjema ordenou aos dois indecentes que começassem a caminhar, passo ligeiro, montanha abaixo, de volta para a área do bairro da fazenda.

– Para fazer sexo, devem curtir os dois, o homem e a mulher, entendem? Vão lá dizer as vossas mães o que estavam a fazer, ou querem que eu vá e lhes conte tudo, miúdos? – ameaçou tio Ndjema, os olhos vermelhos de fúria.

– Não diga nada, por favor, nós resolvemos isso em casa. Tinha compaixão, somos bons meninos, estudamos, trabalhamos, nunca antes fizemos nada parecido. Sentimos muito – disse, visivelmente arrependido, o líder do grupo.

– Não diga que foste apanhado com polícia, ouviu? Nem pense falar nada de mim. Todo o mundo me conhece cá no bairro. Se alguém quer vir ter comigo, estou em casa. Que procurem a fazenda do tio Ndjema. Vão para casa e tomem banho, antes que eu fique cansado de vos ver e vos faça uma repreensão policial de verdade, como se fazia aos rebeldes em tempos de Mobutu – voltou a ameaçar o velho.

Numa das refeições nocturnas, tio Ndjema aproveitara para fazer balanço do dia e projectar sonhos para o futuro. Isto é, pa-

lestrava e nós escutávamos, disciplinadamente, até que o nosso mentor decidisse parar para descansar. Naquela ocasião, engolida a xima com peixe nsomba e salada de alface e pepino, o velho optou por prolongar as aulas de história que tinha estado a nos dar nas últimas semanas.

– Miúdos, já ouviram falar da Conferência de Bandung, de 1955? Os países não-alinhados?

Mexemos a cabeça de um lado para outro, evidentemente. O velho era fazendeiro, e muito instruído. De olhos abertos.

– Onde é que fica Bandung? É um país, um rio, uma montanha? – perguntei eu, numa das minhas características dúvidas existenciais que, para tio Ndjema, eram simples ninharias.

– Java Ocidental, na Indonésia, meu filho, no continente asiático. Longe daqui, geograficamente, mas muito perto em termos humanos, pelo menos naquela época.

– O que aconteceu lá, naquela época?

– A Conferência de Bandung, meninos, colocou no mapa países invisíveis, como as nossas nações africanas, que nem sequer tínhamos soberania plena e nossa, enquanto as potências colonizadoras, os países industrializados, só faziam que falar de gigantismo do seu próprio umbigo. A tua namorada moçambicana sabe disso, Coppa?

Pensei que poderia impressionar a Zambi, com este tipo de conhecimentos históricos, da próxima vez que fosse ao encontro dela, sabe-se lá quando e onde. Tio Ndjema ainda tinha algo para concluir a aula.

– Se vais à cidade de Lusaka, não deixes de ver lá, em frente do Tribunal Supremo, o monumento da IIIª Conferência dos Países Não-Alinhados, celebrada na capital zambiana, em 1970.

Como prémio pela acção na montanha, em que detivemos o grupo de quatro desalmados a encurralarem uma inocente moça, tio Ndjema me presenteou com dois cabritos, dos melhores que tinha, de boa saúde e boa carne, de qualidade.

– Isto é para ti.

– Sério? – incrédulo, esqueci-me de agradecer, inicialmente.

– Não sou eu quem decide o que queres fazer com estes animaizinhos. Se vais prepará-los para comer, bom apetite. Se, pelo contrário, queres vendê-los, asseguro-te que, nesta vizinhança não te faltarão compradores.

– Muito obrigado, tio Ndjema, isto é muito para mim, estou agradecidíssimo.

Escolhi a segunda alternativa, a mais sensata para um jovem inexperto e zerado como eu. Na verdade, teria gostado mais assar um dos cabritos e vender o outro, de forma a partilhá-lo numa refeição de despedida com o tio Ndjema e os seus dois sobrinhos, meus companheiros de fátigas, Cristine e Jérôme. Mas com o valor de um só, seria-me difícil fazer muito mais do que viajar para a fronteira de Kasumbalesa, e não tive outra alternativa que vender os dois, por um bom preço, a um fazendeiro reformado da zona circunvizinha.

Assim, aos dezoito anos, depois de me ter esfolado a trabalhar naquela fazenda de Lubumbashi, decidi que usaria os fundos vindos da venda dos cabritos para procurar a forma de voltar para casa, na Zâmbia, e iniciar um nova etapa da minha vida. Porém, antes de abandonar Lubumbashi para sempre, com uma parte do dinheiro angariado, permiti-me uma aventura num bordel. Logicamente, fui aconselhado pelo tio Ndjema: onde ir, como escolher o melhor serviço, como negociar preços, duração e demais regalias. Depois das formalidades,

tudo que eu fizesse dentro do bordel, ele já não quis saber, e me deixou via livre para que eu experimentasse sozinho, coisas que talvez um dia poderia pôr em prática nas intimidades com a minha amada Zambi.

6. Denja Cóbwe

No dia que tio Ndjema veio buscar Coppa, Jérôme e Cristine, o meu coração chorava, mas os meus olhos permaneceram secos, inativos, por alguns minutos. Acertei alguns trabalhos da cozinha, era o tempo do matabicho, e fui ao encontro dele, não se fosse esquecer de mim, depois de tudo. Saudei o tio Ndjema com uma reverência, e seguidamente, Coppa e eu afastámo-nos um pouco do barulho central que havia no pátio da escola, algumas crianças a brincar, outras a fazerem educação física, outras a carregarem os produtos alimentícios, que iriam servir para o almoço, do armazém para a cozinha. Coppa e eu andámos em silêncio, como dois desconhecidos, incapazes de reagir perante à insultante simplicidade da situação. Ele ia-se embora e não sabíamos quando é que poderíamos nos reencontrar. Talvez em alguns meses, ele poderia visitar-me no internato, num fim-de-semana de dispensa. Se calhar um, dois ou cinco anos, uma vez eu já tivesse terminado aquele nível de educação e estivesse a trilhar sendas profissionais mais sofisticadas. Avançámos por um caminho que ia para uma das lixeiras, atrás da cozinha. Custava-me acreditar que ele não tivesse encontrado um espaço mais bonito e adequado para esse momento, mas fiz o máximo esforço para entender que importava muito mais o conteúdo do que as formas.

– Leva isto contigo, para não te esqueceres de mim – falei para ele, apertando-lhe as mãos. Ele não respondeu com palavras, só com os olhos, prestes a rebentar as águas, igual a quando se abrem as comportas da barragem de Cahora Bassa.

Entreguei-lhe um lenço que eu usava para cobrir o cabelo quando estava de cozinha, especificamente aquele, porque era o que eu vestia no dia do primeiro beijo.

Na ausência de Coppa naquele infernato, a vida correu devagarissimamente. Contudo, os dois anos que faltavam para eu obter o grau oficial do ensino secundário terminaram. Prossigui com os estudos, na escola de formação de professores da ADPP em Chiúta. O director Denja Cóbwe era um homem da zona. Pessoa nobre, empolgado no seu trabalho, apaixonado docente de História, ele próprio antigo combatente pela causa nacional. Desde o início, senti-me bem com ele, como se fosse um amigo, um tio, quase um pai. Recebeu a nós todos, os novos ingressos daquele ano, com uma sessão de introdução, onde ele palestrou. Adorava palestrar, que todos o ouvissem e aprendessem algo. No dia da inauguração do novo ano lectivo, o director passou-nos revista, como se fosse um general da velha escola militar. Nós, os formandos novos e os mais antigos, de segundo e terceiro ano, parámos estoicamente por mais de trinta minutos, à espera de que ele fizesse o passeio, rodeado dos seus colegas professores e duas secretárias pessoais, duas moças muito novas, talvez de uns vinte anos cada. Era segredo a vezes que o director se alternava, em função do dia da semana, para estar com uma das secretárias, a Sery, de segunda a quarta-feira, e com a outra, a Juliana, da quinta até sexta, ou sábado, se houvesse actividade extracurricular de fim-de-semana. Logo, no domingo, as duas moças ficavam dispensadas, e ele entrava numa outra escala de companhias, porque em casa o esperava uma das suas duas mulheres oficiais, também muito jovens, pelo menos vinte anos mais novas do que ele, e mães dos seus sete filhos. Os dois primeiros domingos do

mês era uma, a Rinolda, mãe dos quatro primeiros filhos, e os dois últimos domingos do mês era a outra, a Belinha, quem lhe dera os últimos três filhos que o homem reconhecia como seus próprios. Se por milagre, o mês tivesse cinco domingos, aí podia entrar em jogo alguma das amantes que o ilustre director teria adquirido numa das esquinas do mercado Kwachena, na cidade de Tete, para onde se deslocava frequentemente por temas laborais. O director Denja Cóbwe aplicava-se a si mesmo, rigorosamente, o ancestral ditado de “burro velho come capim novo”.

Terminada a volta de reconhecimento, o director parou justamente à minha frente. Os professores e as duas secretárias ficaram a uma distância prudencial, como sabendo que, neste tipo de momentos, o director queria dizer algo a alguém que não era necessário acompanhar de perto. Olhou directamente para mim, e achei-o engraçado, cara de bom homem, até dava para lhe perdoar todas as chifradas, como se não fossem verdade. E olhava para o chão, pois minha mãe tinha-me dito para nunca fitar na cara a um superior, menos numa situação solemne como aquela. Eu notei que ele me queria dizer algo, mas que devia pensar as palavras.

– Moça, como te chamas?

– Zambi, senhor director – respondi, com voz de passarinho, sem deixar de olhar para baixo.

– E tens namorado, bela Zambi?

– Bom, senhor director, aqui mesmo não...

– Mas lá fora sim, no bairro, não é?

– Não exactamente – o meu nervosismo não parava de aumentar. Teria sido mais simples eu responder que não, não tenho namorado nem conheço nada de homens. Mas era um des-

ses momentos da vida em que uma falsa verdade ganha mais valor do que uma patranha completa.

– De certeza que ele estará orgulhoso de que estajas cá, a formar-te como professora. E depois dos três anos aqui, te reencontrarás com ele. Os homens desta zona são fiéis, moça, acredita. Ele te esperará. Basta tu andares atrás dele, como imagino que já terás feito.

– Bom, é um amigo da Escola Secundária, que fiz no Songo, ele veio da Zâmbia a fazer o nível secundário cá, e me convidou uma vez para visitar uma fazenda que um conhecido dele tem lá, em Chipata.

O director Denja Cóbwe ficou impressionado com a minha história. O seu interesse aumentava por ouvir coisas que eu, uma menina, teria por contar do país vizinho, mas naquele preciso instante a secretária Sery aproximou e, mais por piedade comigo do que pelo seu dever como servidora do chefe, indicou ao director que era o momento do programa em que ele se devia dirigir a todos os presentes, como discurso de boas-vindas à Escola de Professores do Futuro da ADPP Moçambique na província de Tete. O silêncio entre todos nós era maiúsculo. O director subiu ao palco e pegou no microfone.

– Nos tempos da nossa libertação, recordo que saltávamos para a Zâmbia com a finalidade de comprar farinha e cerveja, porque cá, do nosso lado, não tínhamos nada mesmo. Só balas, que iam e vinham, e eram produzidas, precisamente, no país vizinho, nas minas de cobre, controladas por empresas britânicas ou sulafricanas. Devo dizer “obrigado” ao povo zambiano, por todo o apoio prestado durante os nossos mais árduos sofrimentos. Hoje somos duas nações irmãs e prósperas. É com muito orgulho que recebemos esta jovem rapariga, que acaba

de me confessar que tem um namorado zambiano. Bem-vinda, Zambí. Sucessos!

Feita uma pequena pausa, onde o meu silêncio de vergonha se misturou com as gargalhadas espontâneas de todas as pessoas ao meu redor, o director rematou este assunto com uma última frase que me nocauteou ainda mais.

– Mas não digam a ninguém, ela assegura que é segredo!

Seria uma piada, mas o facto é que o director Denja Cóbwe gostava de proclamar qualquer tipo de comentário desairado, em voz alta, perante uma audiência. Naquele momento, eu, se fosse branca, teria ficado ruborizada, vermelha como um tomate. Mas como sou negra, externamente permaneci da mesma cor do contratado, do carvão, da opacidade, só que por dentro de mim, a vergonha me matava suavemente, eu a sorrir pela força das circunstâncias.

O director Denja Cóbwe também gostava de falar de ética, conceito por ele praticado *sui generis*. Ele adorava, é claro, como todo o mundo cá, perguntas sem respostas unívocas, mas de abordagem possibilitatória. Como director e professor de carreira, era partidário da retribuição a longo prazo, do trabalho organizado, pelo amor à camisola mais do que à camisi-nha. Numa das concentrações do início do dia, em que se içava a bandeira e se entoava o hino nacional, ele fez um discurso emocionante, bom de verdade. Recordo-me que era a véspera de um feriado, e aproveitou a ocasião, não se deixando levar pelas arengas patrióticas, para falar de ética. Proclamou que os valores éticos fazem o professor, mas impeliu a nós, jovens formandas e formandos, para que, antes de procurar o comportamento ético dentro de uns padrões morais, fizéssemos tudo quanto possível para evitar aquilo que não for ético. Segundo

o director Denja Cóbwe, a distância é a coisa menos ética do mundo. O desentendimento, a desídia, o não querer e o mal querer.

Nas suas aulas de História da Educação, uma vez contou-nos que, antigamente, os gregos foram a primeira civilização em fazer algo único por aquele então, e que hoje achamos inerente à raça humana, e inclusive sobredimensionado, graças ao exibicionismo nas redes sociais. Os gregos, aquela malta dos Tucídides, Heródoto, Platão, Aristóteles, Ésquilo, Aristófanes, Eurípides, Sófocles, Safo, Tales, Euclides, Pitágoras e tantos mais outros, foram os primeiros em escrever sobre si mesmos. E dois mil e tal anos mais tarde, ainda os recordamos como se estivessem cá, entre nós. Em resumo, o director Denja Cóbwe quis dizer-nos que, nesta vida, importa é ser primeiro, pelo menos em alguma coisa, qualquer, mesmo que não seja do máximo teor qualitativo. Uma outra coisa também exigia, e com muito fervor, este nosso director-professor: que fôssemos criativos, conjuminando criatividade com arte, na hora de entregar trabalhos da escola. Nem que se tratasse de um simples tepecé, ou de um exame final de semestre, ele queria que nós fizéssemos arte, um produto inovador, fascinante, impressionante, de tal vistosidade que ele nunca fosse esquecer, e que se tornasse merecedor de ser apresentado em concursos internacionais de artes académicas. Seria como pedir a um atleta que, em cada corrida, treino ou evento oficial onde participasse, ganhasse e não só, mas também batesse o recorde do mundo. É isso que o director Denja Cóbwe queria dos seus formandos, e repetia-nos, sempre: procurem a criatividade!

Por criatividade fusionada com arte, o director Denja Cóbwe entendia a capacidade de inventar uma história fictícia a partir

de um facto real. Por exemplo, durante a guerra civil angolana, ele nunca pisou a terra do kizomba, nem muito menos conversou com Fidel Castro, no campo de batalha de Cuito Cuanavale. Mas ele costumava se referir àquele acontecimento histórico como algo que viveu em primeira pessoa. O director imaginava-se ter sido um jovem soldado internacional, moçambicano, irmão do povo angolano, a flutuar uma bandeira branca, para que o assessor mais próximo de Fidel Castro, El Comandante, o avisasse do perigo, quando os aviões da SADF⁷ sobrevoavam, ameaçadores, os cubanos, barricados a leste do rio Cuito. Não era real, mas soava realíssimo. Era como se um escritor publicasse uma obra de mil páginas, todas em branco, sem título, nem agradecimento, dedicatória, prólogo ou epílogo. Ou como se um estudante de pós-graduação apresentasse uma tese doutoral com todas as páginas desenhadas, sem capítulos, secções, análise ou lista de referências bibliográficas. Olhando bem, há artistas plásticos que já fizeram bom dinheiro com a exposição e venda de quadros, lindamente emoldurados, completamente pintados monocromaticamente, azul, verde, amarelo, laranja, lilás, vermelho, rosa. Inclusive, nos casos mais engraçados, pintava-se uma tela de fundo preto com pintura branca e vice-versa, tinta preta sobre fundo branco. Não seria a coisa mais bem elaborada do mundo, mas de certeza que o director Denja Cóbwe aprovaria, de bom grado, aquele tipo de técnica criartística. Ele me fez entender a arte como uma língua universal, que nos iguala. Eu, que não falava nenhuma língua para além do Português, tinha que me comunicar em

7 *South African Defence Force*, forças armadas oficiais da África do Sul, entre 1957 e 1994.

língua estrangeira todo o tempo, no meu próprio país, na minha província.

Em Inglês, a única coisa que Coppa me tinha ensinado, durante os três anos de namoro, era que as palavras *wife* e *life*, esposa e vida, conformam uma rima ideal para qualquer verso de poeta adolescente apaixonado. Uma boa informação, porém, porque serviu, tanto para ele como para mim, para estarmos em sintonia. Uma esposa é, claro, para toda a vida, com ou sem juramento. Acreditei que o mesmo sentido se aplicaria para o marido, mas não me desvelou nenhuma palavra que rimasse alegremente com *husband*, para além de *hand*, mão, e a conjunção copulativa *and*. Em contrapartida, eu lhe ensinei, em Português, que estrangeiro rima com dinheiro. Não o dizia a ele, claro, mas a referência foi inevitável, porque era o nosso estrangeiro, e ainda é o meu forasteiro.

Um dia, a aproximar o fim do primeiro semestre, minha mãe veio ter com o director Denja Cóbwe. Era uma entrevista marcada, dentro da semana de despachos que o director dedicava aos pais e encarregados de todos nós. Primeiro as famílias das meninas, depois faria o mesmo com as dos rapazes. Mas eu, por ordem alfabético, fui a última rapariga da lista, e consequentemente, a entrevista do director com a minha mãe calhou no mesmo dia que já iniciava a chamada com os pais dos rapazes. Minha mãe chegou pontual, de manhã às oito horas, tendo saído da cidade de Tete antes das quatro horas. Porém, ela já estava habituada a madrugar, quer por obrigações laborais, quer por prazeres tais como desporto, leitura ou regar as flores da varanda de casa. Todas as meninas rezávamos, cada vez que uma das nossas mães entrava naquele gabinete, para

que não houvesse nenhum contacto indecente daquele homem tão influente. Mas o poder do director Denja Cóbwe, como tudo nesta vida, também tinha os seus limites. Minha mãe se fez acompanhar do meu irmão, que naquela altura trabalhava como transportista de mercadorias de um supermercado de um outro monhé, talvez o primo do primeiro indiano que lhe dera emprego. Na ruta daquele dia, o meu irmão devia passar de Chiúta e chegar até nas vilas próximas à fronteira de Cassacatisa, pelo que deu para virem juntos. Fiquei impressionada de ver meu irmão a usar casaco elegante, quase se assemelhava a um gerente de banco. Como estas entrevistas não duravam mais de quinze ou vinte minutos, dependendo da vontade que o director da escola tivesse de palestrar, o meu irmão fez um espaço dentro da jornada laboral para acompanhar a minha mãe até no fundo da caverna, que era como chamávamos o escritório do director Denja Cóbwe. Se o meu querido Coppa estivesse cá, diria que aquele escritório é o mais profundo subsolo de toda a crosta terrestre.

O director, em ver que entravam no seu escritório dois elementos, uma mulher madura e um jovem forte, mandou-os passar e sentar, não iam levar muito tempo, eram questões rotineiras, de monitoria, para justificar salário, brincalhava. Depois de uma breve conversa académica, na qual o director só falou coisas boas sobre mim, minha mãe já queria enfiar o caminho de saída, mas enquanto fazia acto de se levantar da cadeira, e perante os olhos atónitos dela e do meu irmão mais velho, o director começou a recitar uma nova história, que não tinha nada a ver com o assunto que levava aquelas três pessoas a estarem juntas dentro das quatro paredes do escritório.

– Eu sobrevivi ao acidente de Capirizange – falou o director, com voz entrecortada.

– Como diz? – escusou-se minha mãe.

– Foi uma luz, que incidiu directamente, por espaço de tempo superior a uma hora, na minha garrafa de água, meio litro só, mas suficiente para provocar a explosão. Bom, e depois a fuga de combustível, só que disso já falaram os meios, e por vários dias. Depois de aguentar várias jornadas no hospital, com tratamentos mais dolorosos que o próprio acidente, voltei para casa, donde não saí em muitas semanas, pelo meu estado externo, completamente desfigurado. Naquele período de silêncio e muita comida que as minhas mulheres e filhas preparavam, tive tempo de pensar, visualizar o futuro, empreender sonhos, o mais ousado dos quais consistia, e ainda consiste, em construir, cá em Chiúta, um moinho de vento que será uma referência mundial para todos os engenheiros que queiram investir e inovar em energias renováveis em África. Será algo tão descomunal, que serei conhecido como o Dom Quixote do Vale do Zambeze!

Mais tarde, quando terminou a ronda de entrevistas marcadas com os pais e encarregados de educação de todos os meus colegas, fiquei a saber que, de cada vez, o director Denja Cóbwe dizia a mesma coisa, repetia os mesmos planos e ambições, e finalmente tudo ficava igual. Talvez a história que sobreviveu Capirizange fora certa, pois tinha umas marcas na cara e no braço direito que indicavam os possíveis ferimentos, mas o assunto dos moinhos não passava de ser uma alucinação quixotesca.

O director Denja Cóbwe também adorava as actividades práticas. Não sei se era porque podia ver meninas em roupas

meio sugerentes, ou porque gostava mesmo de fazer trabalhos manuais. Um dia, dentro do marco das acções pela mitigação dos efeitos das mudanças climáticas, calhou que devíamos plantar árvores. Fomos ao viveiro, onde o senhor Eusébio, o apaixonado das plantas, nos explicou os tipos de plantas disponíveis para o plantio.

– As plantas ornamentais, coloquem-nas nos blocos das vossas camaratas, para embelezar. As papaieiras e mangueiras, plantem-nas no campo, ali poderão crescer mais à vontade, com espaço.

Eu fiquei responsável pela organização do material. Enxadas, principalmente. Cá em Tete as mulheres temos tido sempre paixão pela machamba. Pegamos enxada em qualquer ocasião, de forma mecânica, como um padeiro mete pães no forno ou um músico compõe sonatas e estrofes. Comecei a cavar o primeiro buraco, com a esperança de que algum dos carregadores de plantas se candidatasse para encher o vazio que eu estava a abrir. Mas antes de ninguém aparecer, eu matei uma mariacafé, sem querer. Bom, nem sequer a matei, pior ainda: condenei-a a uma agonia, porque a parti em duas metades quase perfeitas, e continuou a se mexer vivacissimamente por vários minutos. Comecei a chorar, porque quis, porque me doía a vida, naquele momento, em que logicamente me lembrei de Coppia. Coitada diplópode, artrópode miriápode. Ao director Denja Cóbwe coube a responsabilidade de impor paz naquele assunto, como em tantos outros. Aproximou, viu, e falou em voz alta, para nós todos, que deixássemos as enxadas e as mudas de árvores no chão, e escutássemos atentamente o que ele teria por dizer.

– A diversidade animal é um dos bens mais prezados que o nosso planeta tem. Mas, no entanto, se a nossa colega come-

teu um pequeno erro de cálculo e cortou esta mariacafé pela metade, aproveitemos a situação e levemos a proteína animal que ainda deve ter para a panela do nosso jantar. Tudo o que se tira de um lado, vai para um outro lado, nesta vida, pois nada se cria nem se destrói, também nenhum ser humano ou animal nasce nem morre, só se transforma.

Para além da machamba, uma outra paixão que as mulheres de Tete possuímos é ser lisonjeadas por homens, maiormente os malandros. E quando o balde vai muitas vezes ao poço, sob risco de escorregar e cair, sempre chega a vez que cai. Nas brincadeiras com os homens, especialmente na idade juvenil, é mesma coisa, e não só na minha província. As mulheres somos o balde que se enche de conteúdo, sendo as primeiras gotas apenas uma brincadeira imperceptível; depois, quando o fundo do balde acolhe cinco centímetros de água, a brincadeira continua acessível, porque o peso não é tanto assim; finalmente, e num fulminante piscar de olhos, o balde já encheu por completo e precisamos desligar a torneira ou tirar imediatamente o balde do poço, mas como está muito pesado, corre risco de cair. O director Denja Cóbwe, sempre de olhos em tudo ao seu redor, conseguiu controlar que a acção de plantio decorresse como previsto, ao mesmo tempo que a sua vista circundava todo o campo. Dois olhos bastavam para mais de cinquenta jovens almas irrequietas. Não lhe escapou um movimento de dois jovens, a minha amiga Suzete, que saiu do recinto do campo atrás de um dos chefes da turma, o Manolão. Os dois a um passo ligeiro, avispadamente, se esconderam nas traseiras de uma parede do armazém dos materiais, ao lado do viveiro do senhor Eusébio. O director ficou de olhos naquela parede, e decidiu aproximar-se silenciosamente, à espera que os intrépidos

e fugidios formandos saíssem de lá. Ouviu um embate, sabe-se lá o que aqueles dois estariam a fazer, no seu minúsculo esconderijo. Ao segundo embate, foi evidente que o Manolão estava a obrigar a Suzete, pela força e contra a vontade da moça, a que passasse os seus lábios por algum dos vértices do seu corpo. Todos tínhamos parado de cavar fossas e de introduzir plântulas nelas, com a cena que estava a decorrer. O director fez um gesto para mim, para que me juntasse a ele também muito silenciosamente. Uma vez eu cheguei ao seu lado, vi que a minha cabeça só chegava aos ombros dele. Pediu-me para que chamasse o nome dos dois envolvidos naquela cena, e eu obedeci.

– Manolão! Mana Suzy! Venham cá, por favor.

Os dois saíram apressadamente, o Manolão com o último botão da camisa do uniforme, o mais próximo aos seus genitais, não bem fechado. A roupa dela também não estava bem organizada, como se um camião lhe tivesse passado por cima.

– Meninos, venham para cá e me contem o que estavam a fazer – falou o director, com a voz claríssima das ocasiões em que estava sério de verdade, sob risco de zangar se as respostas não o satisfizessem.

– Só estávamos a brincar, senhor director – respondeu Manolão, dando por descontado que, nestes casos, um homem sempre tem a obrigação de responder por ele e pela rapariga, nunca ao contrário.

– Brincar? – retorquiu o director Denja Cóbwe, cada vez mais furioso.

– Uma pequena piada, senhor director, estávamos para voltar já ao campo – mentiu a moça.

Eu assistia à cena em rigoroso silêncio, igual que os mais de cem olhos em volta dos dois indiciados. Como mulher, a raiva

me carcomia por dentro, não compreendendo como a Suzete podia estar a querer encobrir a bruta acção do Manolão.

– Por que o defendes? Por que razão queres encobrir esta bruta acção? – o director leu-me a mente, dirigindo-se à minha amiga.

– Digam-me agora mesmo o que estavam a fazer lá atrás. Que tipo de brincadeira é que não se pode fazer publicamente, que vos fez esconder neste cantinho nojento?

– Ela pediu que queria provar algo novo, só isso, senhor director – escusou-se o moço.

O director separou os dois implicados no caso, e colocou-se no meio deles. Depois, falou para todos nós, que restávamos atónitos.

– Eu vi como este jovem, o Manolão, pegava bruscamente no braço desta moça, a Suzete. Isso não se faz. Depois, o meu ouvido captou, não uma só vez, mas duas vezes, como batia nela com as mãos abertas, seguramente na cara, na cabeça, nos ombros. E depois, os dois me disseram que era uma brincadeira, seguramente tiveram concordado essa resposta previamente. Vocês acham que isso pode ser considerado de brincadeira?

O silêncio abrumador, de todos nós, encarregou-se de responder, permitindo ao director Denja Cóbwe recuperar um bocadinho do seu interminável fôlego. E continuou.

– Se começa com isso que vocês chamam brincadeiras, porque, como o balde que ainda não está cheio, só um pouco, não custa aguentar, é fácil manusear e evitar que se esparrame pelo poço abaixo. Mas depois, chega o momento no qual a brincadeira já é incontendível, torna-se dolorosa como um balde cheio de água, que aperta o braço até fazê-lo ceder, e pior ainda se, neste momento de brincadeiras ultrajantes, estão casados,

juntos, ou próximos um do outro, de qualquer jeito. Assim é como começam os casos que depois se descontrolam. Imaginem ler amanhã no jornal: *Encontrado corpo de uma moça no rio Zambeze* ou *Jovem estudante atirada a uma zona de mato, perto da estrada nacional que conduz de Chiúta a Tete, com sinais de violência no corpo*. Imaginam isso? Todos esses casos reais que lemos nos jornais, começaram assim, com uma brincadeira, como esta vossa. Vão lá se adecentar, tomar banho e relaxar.

Depois de soltar tudo aquilo, o director Denja Cóbwe ordenou, em tom logradamente pedagógico, que no dia seguinte, o Manolão e a Suzete fossem ao encontro dele, no seu escritório, pelas nove horas e trinta minutos, onde deveriam apresentar uma desculpa, sincera e elaborada, onde mostrassem plena consciência do acto inconsciente que estiveram a cometer hoje. Ainda adicionou que, se os dois jovens não conseguissem escrever sozinhos a carta, durante essa mesma tardinha ou noite, iriam redactá-la conjuntamente, os três, com as suas seis mãos, levasse o tempo que levasse. E soltou um último impropério.

– Isso em tempos de Samora não acontecia, foda-se! – lamentou o director Denja Cóbwe, num grito ao céu.

– Senhor director, quem é Samora? É quem construiu a ponte da cidade de Tete, sobre o rio Zambeze? – ousei perguntar-lhe, sob risco de inflamar ainda mais a sua esquentada cabeça.

– Mana Zambi, quando vais ao mercado e pagas tomate de cinquenta com uma nota amarelada, nunca observaste o rosto de uma pessoa que aparece lá?

Eu, de criança, ia ao mercado sempre que a mãe mo pedia, claro. Tinha visto moedas e notas tantíssimas vezes, mas nunca antes tivera relacionado o rosto do Ex-Presidente da República

Popular de Moçambique com aquela mesma figura que aparecia em alguns dos cartazes que a minha mãe, frelimista até ao tutano, exibia pendurados nas paredes da nossa casa. Ricos não éramos, mas pelo menos eu estava a estudar, podia permitir-me uma das maiores riquezas de que a humanidade pode usufruir: o exercício da mente para evitar a condena do corpo. Nada a ver com aqueles ricos de verdade, que se tornam descerebrados até chegar à excentricidade de se servir de notas de dinheiro como papel higiénico. Quando ouvia tais práticas, nos programas de debate da televisão, ficava a pensar se os perpetradores faziam aquilo porque tinham tantas notas, que não queriam ir ao mercado e trocá-las por papel higiénico, ou porque sentiam tanta animadversão, perante aquele marechal, que preferiam dar um uso escatológico às notas com o rosto daquele homem. O director Denja Cóbwe não seria dessas pessoas, do primeiro tipo nem ainda menos do segundo. Era claramente do partido eternamente no poder, mas não o chamava assim, partido. Ele dizia “A Frente”, rememorando os tempos da luta de libertação.

O director Denja Cóbwe, de quem nunca cheguei de saber o primeiro nome, poderia ter sido, perfeitamente, Ministro da Educação e Desenvolvimento Humano, mas, se calhar, não esteve no lugar correcto no momento certo. Porém, se orgulhava de tudo que tinha feito pelo país e não por si próprio. Falava, com prazer, de quanto ele fizera para alfabetizar camponeses nas zonas recônditas do território nacional. As chamadas zonas libertadas não eram, como muitos pensavam, apenas as áreas onde os combatentes tinham feito foragir o colono. Olhando bem, os portugueses, em mais de quinhentos anos, nunca pisaram muitos dos territórios da mata profunda, onde havia populações que se calhar nunca tiveram conhecimento de que eram,

oficialmente, cidadãos de uma colónia política, administrada por um país europeu. Nem falta que lhes fazia, saber nada daquilo. Nessas mesmas zonas, ainda hoje, já com algumas décadas de independência, vivem pessoas que nunca viram um homem branco. É como se ainda se vivesse nos anos prévios a 1498, mas com telefones e aparelhos de televisão, para alguns.

Uma zona libertada, explicava o director Denja Cóbwe, nas suas aulas de História, era lá onde já existisse alguma estrutura nossa, puramente moçambicana, governada e gerida por pessoas da frente. Entendi que a disciplina de História, naquele centro de formação de professores, não se referia à História Universal, Antiga, Contemporânea ou Africana. Era História da figura dele, vida e obra do director Denja Cóbwe.

– Desde 1971, eu andei a construir escolas, com estas minhas próprias mãos. Bloco a bloco, pedra a pedra – dizia, orgulhoso, toda a turma de olhos nos seus gestos.

O director e professor Denja Cóbwe parafraseava o hino nacional sempre que surgia a ocasião. E desafiava-nos com infinitas perguntas retóricas. Não é patriotismo, isso? Ou será que apenas amam a bandeira aqueles que disparam? Ele também sabia disparar fuzis *kalashnikovs*, e ocasionalmente ensinara muitos meninos a dominar o manuseio daquele tipo de arma, mas a sua zona de acção patriótica, indiscutivelmente, sempre foi a escola. Um daqueles mesmos recintos que levantou com as suas próprias mãos, e blocos feitos em casa, depois serviriam para educar crianças a construirem os seus próprios blocos. Hoje, aqui, esta escola da ADPP Moçambique, que também levantou ele com um grupo de brancos, é centro de ensino, onde um dos temas principais que os formandos discutem é a teoria construtivista do conhecimento. Curioso, encerrou a

sua aula-discurso, desta feita e com muito orgulho, o director Denja Cóbwe.

Na escola de formação, eu quis recuperar paixões que já tive em idades anteriores, tais como jogar voleibol e soletrar palavras, do direito e ao inverso. Uma diferença com a escola secundária é que, no centro de formação, não se chamava irresponsável a quem liderasse uma certa área. Escolhia-se um Presidente da Turma, dentro dos colegas, e esta pessoa nomeava os seus Ministros, para cada ramo: Cultura, Economia, Ecologia, Alimentação, Programa de Ensino e Limpeza e Bem-estar. Seis áreas rotativas por semestres, nada a ver com o cargo vitalício que ostentei na cozinha da escola secundária, no Songo. O director Denja Cóbwe nos permitia sair para casa cada mês, um fim-de-semana, e disponibilizava-se transporte para isso, de Chiúta para a cidade de Tete, sexta-feira de tarde, pelas treze horas, e de regresso, no domingo à tarde, pelas quinze horas, com tal de começar a nova semana lectiva com frescor. Nenhum moço me atraía da forma como Coppo o fizera, quase sem querer, na escola secundária. De facto, posso admitir que o homem que mais encheu o meu tempo e atenção foi o director Denja Cóbwe, pela sua ubiquidade, nada a ver com atracção física, muito menos amorosa ou sexual. Nos exteriores da escola, além muros, havia um bairro, no qual não faltavam as bancas onde se vendia de tudo e mais. Legal e ilegal. Não conheci, porém, ninguém que fosse apanhado pelo consumo de droga, mas todos sabíamos da implacabilidade e intransigência do director Denja Cóbwe com os infractores, tanto dessa regra, como de todas as outras que vigoravam no internato.

7. KCM

Vendidos os dois cabritos, voltei para a Zâmbia, à procura de emprego na minha capital provincial, Ndola. Mas ali só havia oportunidades fictícias, de chapeiros que me prometiam ouro fácil porque havia muitos contactos internacionais que pagavam bem, e alguns eventos culturais que as escolas estavam a organizar ao largo de toda a nossa província, pelo que os transportistas informais faturaríamos bem. Assim, fui cobrador de chapa por alguns meses, com a ilusão de que, se circulasse muito pela minha província natal, teria opções de fazer visitas ocasionais à minha mãe, com uma certa regularidade. Mas ao passar das primeiras semanas, entendi que o meu chefe, o dono e motorista do carro, nem sabia quando e onde seriam os tais eventos culturais que a nossa província iria hospedar. Nada. Só barulho, porque as escolas viajavam com empresas alugadas pelo governo, e o carro com o qual eu patrulhava, não teria, nem por acaso, as mínimas condições para ser considerado digno e seguro para transportar crianças. Mesmo assim, carros como o meu e outros ainda em estado mais lamentável, recolhíamos meninos das escolas primárias locais, às vezes de noite, e as levávamos para as suas vilas, até a porta das suas casas, se fosse necessário, de graça. Como os meninos não tinham dinheiro, fazíamos um bilheteiro que representava a dívida que eles tinham connosco, para que o apresentassem aos pais e logo, num outro dia, nos pagassem. Mas este sistema não resultou efectivo para o negócio, porque queimávamos combustível a dar voltas até encontrar as casas dos meninos, e porque cir-

culava a voz, cada vez mais, de que aquele nosso carro andava atrás de clientes devedores, e que portanto não éramos seguros porque podíamos interromper o serviço em qualquer momento. Nesta vida, não se pode ser bom. Nem tentar.

Como se não bastasse, o pior dos quase seis meses de experiência no chapa é que não consegui ver a minha mãe, nem sequer uma vez. Acredito que, nesse intervalo de tempo, tio Ndjema teria visitado a viúva umas duas ou três vezes, mas nunca calhou que eu estivesse perto. E não tinha forma de os contactar, mais do que a esperança de uma estrada aberta para casa. No entanto, uma vez o chapa do meu chefe decidi parar de vez. De facto, a vida útil daquele aparelho de dezasseis lugares já estava em contagem regressiva desde que o conheci. Portanto, tratou-se de uma morte anunciada, não menos dolorosa, porém, porque agora eu já estava, literalmente, na rua. Na cidade de Ndola persegui o velho ditado capitalista, pelo qual todos os jovens devem procurar o futuro nas cidades, onde há mais movimento de capital. De facto, não é o dinheiro que anda sozinho com pernas, são as pessoas, por isso seria mais lógico dizer que, na cidade, havia mais movimento de pessoal. Maior concentração de almas significava mais oportunidades de fazer algo para alguém, fosse o que fosse, mas também significava que teria que competir com muitos mais jovens de estômago triste e vazio, do que se tivesse ficado na machamba da minha mãe. Até, em certos momentos, tive saudades da fazenda de Lubumbashi, onde a comida nunca sobrava, mas também raramente escasseava.

Quase para cumprir vinte anos, comecei a observar, na cidade de Ndola, que por todos lados havia uma escrita dizendo “KCM” em letras grandes como as pedras de Stonehenge.

Acompanhando essas letras, aquilo que eu mais precisava. A única coisa que eu podia querer encontrar: anúncios vários, ofertas de emprego, vagas abertas para fazer um montão de coisas. Posições de trabalho físico e pesado, unicamente, para pessoas sem níveis académicos demonstráveis. Parecia que tivessem estudado o meu perfil e procurassem pessoas exactamente como eu. As tarefas seriam tais como conduzir transportes da empresa de um lado para outro, montar peças de máquinas, enfiar cabos feitos, logicamente, de cobre, reparar computadores em Chingola, vigia de noite em Kitwe, assistente de cozinha na periferia de Lusaka, e muitas mais excentricidades. E se nenhuma das vagas me aprazia, ainda me davam a última e incontornável opção: garimpeiro raso, na extracção do cobre das minas. Uma coisa estava clara: eu não era ninguém para exigir trabalhar como director executivo, tesoureiro, encarregado de planta ou engenheiro chefe. Seja como for, respirei aliviado, porque por fim encontrei uma empresa que fosse real, e candidatei-me para ir trabalhar lá, sem condição nenhuma, de qualquer posição que os donos das decisões achassem mais conveniente. Decidi que melhor pobre com pouco do que pobre sem nada.

O que eu queria era estar em casa, no meu país, perto da minha mãe e das minhas três irmãs, apesar de que a progenitora já não tinha forças para nada, e as três irmãs já estavam nos lares e não se importavam com o desgraçado do irmão mais novo, eu, esse que nasceu depois dos depoises. Sortudamente para mim, pelo menos no âmbito laboral, soube que a companhia queria mais duas mãos jovens, frescas e fortes para tudo que requeresse esforço manual. Aquela era subsidiária provincial de uma outra maior, na capital do país. De facto, uma vez me informei melhor, a suposta delegação provincial era a sede

nacional, e a filial subsidiária era a da capital, curiosamente, porque a mina estava localizada na província, a meio caminho entre Mufulira e Ndola. Seja como for, comecei a ser o menino de preferência dos senhores grandes, que tomavam as decisões importantes. Para além de garimpear, durante mais de dez horas por dia, preparava café e chá para eles, lavava a loiça, trazia despachos exarados de documentos assinados e por assinar, carimbados e por carimbar, que eu nunca ousava espreitar nem muito menos ler, apesar de que já tinha aprendido a ler com suficiência, qualquer tipo de documento escrito em Inglês. Entre tarefa e tarefa, também me devia dedicar a contar quilogramas de cobre extraído por um certo garimpeiro, e carregar com toda a massa, de carrinha-de-mão, para um camião que ficava fora, na esplanada exterior da mina. Não saberia dizer se era mais duro trabalhar na mina, lá em baixo, ou carregar a carrinha de mão, mas pelo menos fiquei feliz de não estar a tempo inteiro no subsolo. Todas as decisões grandes que os senhores tomavam tinham a ver com o subsolo, e me fazia sentir confortável o facto de não ter ninguém colado atrás de mim a corrigir cada movimento dos que eu fizera. Descer na mina, sujar de verdade. Esse era o meu lugar de verdade no mundo, pois aquilo de ir à escola secundária e namorar com uma moça estudiosa, foi apenas uma licença excepcional que a vida me permitiu. Tarefa minha era, então, saber o que eu teria feito para merecer aquela dádiva, graças à qual os dias na mina, com a recordação da Zambí, pareciam mais leves.

Mas um certo dia, quando entrei no escritório do director executivo, com três chávenas voltadas para abaixo, numa tigelada que eu carregava com a mão direita, ele me mandou esperar, queria falar comigo, e começou por dizer que, em breves

instantes, o chefe de recursos humanos estaria connosco, para conversar sobre um assunto alusivo à minha pessoa. Também disse que podia deixar as chávenas em cima da mesinha, uma das quais era para mim. Na televisão que o director executivo tinha no seu escritório, passava um anúncio de uma empresa de telemóveis, que dizia *um grande investimento é como uma longa caminhada*. O director executivo concordou com a frase, e a argumentou como se fosse da empresa que ele dirigia. Disse que se precisa de um parceiro sólido, comprometido e confiável, para poder fazer qualquer uma das duas tarefas: investir em algo e fazer uma longa viagem. A nossa conversa iniciou.

– Podes encher o copo com chá ou café, pôr açúcar, mel ou cardamomo à vontade, e sentar nesta cadeira – indicou-me, com a sua mão direita, um cadeirão revestido de couro azul elegante.

Nunca antes tinha eu experimentado um conforto de tanta altíssima qualidade. Inclusive, o cadeirão tinha repousa-braços, também revestidos do mesmo material da cadeira. Entrou o chefe dos recursos humanos, que ocupou a única cadeira que tinha ficado livre. Trazia uns documentos nas mãos, começou a passar os olhos por cada um deles, freneticamente, sem soltar palavra, e parou abruptamente quando chegou ao papel que tinha o meu nome, fotografia e outros dados pessoais. Pegou na minha ficha e a separou da pilha dos outros papéis. Com todo o meu historial laboral, ainda brevíssimo, em frente de mim, eu só fui capaz de ficar a olhar para o papel, mas era plenamente consciente de que os dois homens de mais poder na empresa estavam à espera de que eu falasse algo, alguma reacção.

– Sabes por que estamos aqui, Coppa? – falou o director executivo.

– Se fiz algo mal, estou pronto para corrigir, meus senhores – de facto, foi uma fala reflexiva, não racionada, pois eu já me fazia toda a ideia de que estava dispensado, voltar para casa, a chorar nas faldas da minha mãe ou, pior ainda, ter que implorar a tio Ndjema e os seus sobrinhos malandros para que me receitassem na fazenda de Lubumbashi. Mas o director executivo voltou a articular palavra, de tal forma que mudou todo o meu fio de pensamento e, se calhar, o curso da minha vida inteira, ou pelo menos, da profissional.

– Parabéns, miúdo. Passaste o período probatório – exclamou o director, jubiloso, com um sorriso enormemente horizontal, de orelha a orelha.

– Isto significa que queremos te transferir para um desafio maior – explicou o chefe dos recursos humanos, com um tom mais sério.

– Desafio maior? – foi tudo que a minha boca conseguiu pronunciar.

– És transferido para a província de Lusaka, onde irás trabalhar na nossa empresa subsidiária Konkola Copper Mining – concluiu o chefe dos recursos humanos.

A segunda pessoa mais poderosa, em termos de posição, dentro da empresa, continuou a falar, dizendo que estamos numa fase de expansão e reestruturação de pessoal. Os que se dão bem, podem ir para o desafio maior, na capital do país. E os que desconseguem das tarefas mais mesquinhas, são degradados salarialmente ou mostrados a porta de saída. Eu fazia parte do primeiro grupo, dos bons, mas apesar disso não estava totalmente feliz. Me encontrei numa encruzilhada, porque sabia que não tinha como rejeitar a única possibilidade de trabalhar e ganhar o pão, e também porque, pelo que os meus colegas

garimpeiros comentavam no tempo dos descansos na mina, os que são transferidos para a capital têm um trabalho muito mais pesado, respirar poluição da mina, durante a jornada laboral, e da contaminação urbana com carros, machimbombos, motorizadas e camiões, quando estão fora do serviço. O director dos recursos humanos teria enfatizado que se tratava de um desafio, e não por acaso. Não tinha escolha, era tomar ou deixar. Uma vez resolvida a minha nova distribuição, quando eu pensava que tudo acabou e íamos fazer uns gestos frios de despedida, o director executivo ainda me quis propor algo. E foi muito directo.

– Queres ser um dos nossos? – lançou, inesperadamente para mim, de uma forma que não entendi o que significava, naquele contexto, o pronome possessivo que encerrava a pergunta.

– Já sou da empresa, senhor director. O que quer dizer?

– Sim, tens razão, és da empresa. O que eu quero dizer-te, Coppa, e se queres passar a formar parte deste lado da empresa. O lado dos sócios accionistas. O teu compromisso mostra vontade de fazer grandes coisas connosco, não só para nós.

– Gostaria, mas acredito que se requer um certo capital, nada desdenhável, para poder ser sócio accionista da primeira companhia extractiva de cobre, do segundo país com mais reservas deste mineral, em todo o mundo. Estou errado?

– Nada disso. Estás na linha de pensamento correcta, e é precisamente por isso que pensamos em ti para te juntares a nós.

– Não conheço os números, mas de certeza que não tenho o capital, nem que juntasse as poupanças de cinquenta anos de trabalho na mina.

– Mais uma vez, vê como és um génio? Tu mesmo dás a solução!

– Não compreendo, senhor director – eu, sinceramente, começava a impacientar-me de tanta palavreria bonita, vazia de substância.

– Tu deixa que nós te endossemos, financeiramente. Tu entras na junta de accionistas, e começas a desembeinhar os teus enormes talentos. Depois, pouco a pouco, em cinquenta anos, vais retribuindo de volta o investimento que hoje estamos a fazer por ti. Em ti. Entendes, agora?

Entendi, perfeitamente. O director executivo estava a oferecer-me que ficasse endividado por toda a minha vida. Já tinha vinte anos, e mais cinquenta, isso faz setenta. Será que um garimpeiro pode chegar a essa idade? Se eu fosse morrer antes dos setenta, quem assumiria a minha dívida? Comecei a pensar nos filhos imaginários que um dia teríamos, a Zambi e eu. Não os podia comprometer assim. Imagina, se esses meus filhos, um dia, querem fazer os seus investimentos. Mas como, acarretando dívidas? Deveriam carregar a minha dívida, como herança, mais a outra, deles mesmos? Nada atraente, tudo aquilo.

– Que tal cinquenta anos, como tu dizias agora mesmo? Pensa que o teu salário será muito maior do que como garimpeiro raso, e assim o juro a devolver nem será um peso muito difícil para ti – insistia o chefe de chefes.

– Estaria bem – disse eu, lentamente, prestando mais atenção às reacções faciais do director executivo, do que ao movimento dos meus próprios lábios. Primeiro, posso tentar assumir o novo desafio, de ir para Lusaka, trabalhar lá.

O assunto de ser accionista, pedi um tempo para que me deixassem pensar. Foi a minha única forma de dizer não. Se a negativa fosse dita explicitamente, com palavras abruptas, a inimizade entre o chefe e eu poderia ter afectado alguns as-

pectos laborais. Com aquilo, aprendi que vale mais responder vagamente a perguntas comprometidas, dizendo algo que não se pensa e que não se quer conseguir, precisamente para que resulte mais fácil e credível mudar de rumo, em caso de necessidade. O director executivo, circundado pelos seus sequazes, malta de sanguessugas, desalmados e lambebotas, estava fixo na ideia de peneirar o corpo directivo da empresa, para ficar só com os melhores. Queria dizer, na realidade, obliterar os mais velhos, com experiência e mais custosos de manter, para ficar apenas com os mais novos e inexpertos, como eu, que iríamos reclamar menos e fazer tudo quanto fôssemos ditos, para conservar o emprego. Aquele meu director executivo exemplificava, melhor do que ninguém, o facto que ocupar um cargo de alta responsabilidade implica nunca poder falar de frente, com as palavras exactas que jorram dos neurónios e do coração. Voltei a decidir, pela segunda vez em poucos dias, que seria melhor ficar pobre, mas com o que é meu, melhor do que ser detentor de uma riqueza alheia, só de vistas.

Na televisão do escritório do director, agora era a vez de um programa de humor, no qual se fazia uma paródia do Presidente do país. O sujeito falava uma frase, extraída de uma comparecência oficial arquivada, e os simpáticos editores do programa cortavam e manipulavam à sua vontade. Quando o Presidente dizia “Não quero que a democracia continue a perder peso no nosso país”, adaptavam de tal maneira que fizesse parecer que dizia “Não quero que a democracia continue... no nosso país”. Mas, afinal, este tipo de programas televisivos estavam permitidos, num estado livre e democrático? Pensei, para os meus adentros, que a liberdade de expressão, hoje em dia, é um guarda-chuva que igual funciona nos dias de sol, de chuva

intensa, neve ou ventania. Não me autoconvenci com a minha própria resposta, um símil meteorológico de alguém que nunca estudara as leis da física.

Aquando cheguei a Lusaka, pela primeira vez na vida, contemplei uma cidade de um tamanho muito maior do que eu poderia ter imaginado, ao pensar na palavra cidade. Apesar de que estava na capital, não animou nada estar lá, tudo era caro e passei fome, muita mais do que em casa, com a mãe, em Mufulira. O gerente daquela delegação da KCM era de opiniões claras e directas, simples de entender. Deu as boas-vindas ao novo grupo de garimpeiros no qual eu era o mais novo, e contou-nos que ele também estivera na mesma situação em que nós nos encontrávamos naquele momento.

– Na mina há muito sofrimento, não hei de vos enganar – o gerente era uma pessoa que falava e falava. Sabia muito do que falava –. Os analistas económicos falam que o mundo está mal distribuído. Com isso, não se referem à riqueza ou à pobreza, mas à fraca repartição de capacidades, e também à falta de altruísmo. Deixem de perseguir alguém que só quer andar para atrás, desafiando a natureza humana. Para frente devemos ir sempre, porque para atrás não fomos ensinados. Viva a KCM!

Ao ouvir o meu novo chefe a falar, entendi que é fácil falar de socialismo, como fórmula mágica de melhoria para os países pobres, enquanto quem fala tem acesso a três refeições diárias, lanches regulares, combustível sempre *full tank* no carro, água para beber, tomar banho e regar plantas, energia estável, internet de boa rede, telefone *touch* multifuncional, gabinete de trabalho com mesa e ar condicionado. Assim é fácil falar de socialismo, como para Sua Santidade da igreja católica é

simples glorificar o Islão, por exemplo, quando visita um país muçulmano. Um discurso pré-feito e perfeito, nas calmas.

Depreendia-se, das palavras do homem, um ar de superioridade. Nem mostrava pudor em admitir que tinha chegado a esta posição por ser um bajulador, não por méritos ou capacidades produtivas, mas sim apenas pelo afinco em andar atrás de cadeirões, onde contam mais as habilidades persuasivas, e nada persuade mais do que falar sem saber de nada, aparentando saber algo de tudo. Depois, percebi que era um racista, não por não gostar de negros, indianos, brancos ou amarelados. Racista porque não gostava de ninguém, mais do que de si próprio. Ele era uma raça única, superior, digna. Os outros não éramos nada, apenas ouvintes das suas orações de sapiência.

– Vocês devem ter, para além da capacidade de trabalho e sacrifício, uma certa visão empresarial. Escutem: sendo sinceros, quando há guerras, os países precisam de comprar as balas que nós fabricamos. E não só os exércitos regulares, mas também as milícias, os insurgentes, qualquer grupúsculo que surgir, quantos mais, melhor para nós. Então, entendam que eu, como gerente desta gloriosa empresa, por que razão deveria desejar que parassem as guerras no mundo? O que eu quero, e espero que concordem comigo, é que nenhuma das balas que sai daqui acerte no corpo de ninguém. E mais razão tenho de falar assim, se pensamos que, quando há guerra, é o tempo em que eu e vocês, meus empregados, gozamos de maior segurança, porque há soldados armados e munidos, das mesmas balas que nós produzimos, a guarnecer a mina, a fábrica, os nossos transportes e até as nossas residências. Tudo para que nós, os produtores de balas, não deixemos de trabalhar e a guerra nunca se interrompa. Em tempos de paz não gozamos desse privi-

légio, simplesmente. Se acham que não estou a falar com ética, vejamos: será que os fabricantes de viaturas, ar condicionados e refrescos açucaradíssimos desejam que pare o seu negócio, em prol da preservação do clima e o bem-estar mundial? Permitam-me que reserve algumas dúvidas sobre isto, e me incline por uma resposta negativa, até que alguém afirme o contrário.

O mesmo gerente também tinha discursos menos belicistas, às vezes, mas não por isso mais decentes. Falava de recursos humanos, igual que o meu anterior director executivo em Ndola, como forma de dar credibilidade para dispensar os garimpeiros mais velhos e trocá-los por novos, que exigiam menor salário, reduzir os ordenados em geral, limitar o tempo para as refeições dos trabalhadores e minimizar o serviço de transporte da empresa para nós, os trabalhadores. Tudo era feito e decidido no santíssimo nome dos recursos humanos, e eu já me sentia cansado daquilo. Mas não seria mais fácil chamar-nos de pessoas, em vez de uma designação tão elaboradamente feia? E despediu-se, com uma última frase acompanhada de um sorriso falso, típico das pessoas que ocupam cadeirões.

– Da próxima vez que quiserem falar comigo, podem vir a este meu escritório. Não haverá necessidade de arrombar a porta.

Antes de terminar a primeira semana na capital do país, senti que tinha sido atirado às feras, no meio dos perigos, e devia alastrar o pesar de não ter escolha: era aquilo, com toda a sua incerteza, ou voltar para a certíssima miséria da fazenda de Lubumbashi. Mas eu, muito ao meu próprio pesar, era fodidamente bom na arte do garimpeirismo. Ninguém picava as paredes melhor do que eu, nenhum dos meus colegas extraía quantidades semelhantes às que eu tirava por dia. A qualidade

e pureza do cobre que eu obtia era infinitamente melhor do que o dos outros. Fazendo uma comparação desportiva, eu metia mais golos e mais espectaculares do que qualquer um dos meus companheiros. Eu era a estrela da equipa, e isso me conferiu, qual um jogador que sonha com disputar campeonatos do máximo nível, uma certa projecção internacional. Não sabia quando, mas era evidente que, mais cedo do que tarde, alguma empresa de um outro país poderia querer contratar-me. Efectivamente, um certo dia, uns homens mulatos e engravatados, sulafricanos, apareceram e pagaram o valor da minha cláusula de rescisão. Forneceram-me o transporte, uma casinha simples mas muito acolhedora, o maior luxo que eu já tivera assaborido, e umas condições laborais igualmente duras, no subsolo, mas com um ordenado cinco vezes maior e umas refeições incalculavelmente superiores às que tinha na KCM. E tudo sem nenhum tipo de negociação com juros a devolver em cinquenta anos. Na África do Sul, terra do rand, aprendi tudo sobre pedras, gemas, rochas e demais. Porém, nunca me deram um dos cargos altos, que eram só para a família dos sócios accionistas. Mas agora era a vez de experimentar algo novo. Aliás, uma nova terra, com o mesmo velho officio.

Na África do Sul, tive a honra de receber aulas teóricas sobre os tipos de pedras que eu deveria escavar no subsolo. O professor, que era um garimpeiro negro do meu mesmo nível, falava-me com paixão, sob os rigorosos olhares do capataz, mulato, e do dono da empresa, um branco de cabelo loiro. O garimpeiro sénior dizia o nome de um tipo de pedra, e imediatamente virava-se e escrevia o mesmo nome no quadro. Repetiu a operação com cada uma das variedades principais, que ele conhecia sem necessidade de ver em nenhum papel. Esmeralda, diamante,

turmalinas, granadas, rubi, safira, ametista. Fez uma pequena pausa, para ver se eu estava a compreender. E seguiu, eu a anotar tudo no último caderno que tio Ndjema me tinha oferecido nos tempos do internato no Songo. Coral, âmbar, pérola, marfim, pérolas Biwa, Mabe, South Sea, Taiti. Finalmente, disse que ainda havia muitos mais tipos de pedras e gemas, mas que os principais daquele subsolo eram esses, para além do ouro e da prata. No contacto com as pessoas, tanto do âmbito laboral, como do bairro onde eu morava, travei amizade com um taxista local, o Jameson, um homem muito agradável, natural de Botswana, e que vivia na África do Sul fazia vinte anos, felizmente casado com uma mulher zulu. Quando tivemos algo mais de confiança, coisa que não me foi difícil, disse que podia chamá-lo pelo nome tradicional tswana, Katlego, que significa “sucesso” na língua do país, o Setswana. O homem-sucesso rendia honor ao seu nome com um método de trabalho muito simples: o respeito pelo tempo. Pela primeira vez vi alguém que medisse o tempo de quinze em quinze minutos. Falava ao telefone, normalmente em Inglês, com os seus clientes habituais, pois tinha estabelecido, com o esforço e tesão de duas décadas, uma rede mais do que respeitável, qual um inspector de polícia com os seus confidentes do bairro. Nas conversas que Jameson tinha ao telefone, apanhei que ele sempre marcava os horários de recolha de quatro formas: em ponto, xis e um quarto, ípsilon e trinta ou zé menos quarto, em contraste com a Zâmbia, Moçambique e Congo, em que tudo era apenas marcado para as horas em ponto ou para a hora xis e trinta.

A vida, em geral, não decorria com calma. Amiúde, o lugar onde me sentia mais seguro era o trabalho, na mina ou no refeitório. Mas em casa e no bairro, uma zona dos arredores do

Joanesburgo negro, não estava bem. Os disparos e a violência, causados pela pobreza e o desespero, eram o pão de cada dia. Eu teimava fazer compras em quantidade, do tipo congelar carne ou guardar muitas verduras, hortaliças e sacos grandes de arroz ou farinha. Quantos mais viveres, mais opções de que os ladrões cheirassem e quisessem me fazer uma visita de cortesia. Portanto, decidi que a minha refeição principal seria no trabalho, e em casa, de manhã ou de noite, só tomaria chá com pão amanteigado e batata doce, que podia ferver com um fogozinho eléctrico e uma panelinha pequena. Um certo dia, pelas dezanove horas, eu a aquecer água para chá e a pôr manteiga nas fatias de pão, alguém bateu à porta da minha casa. Temi a visita dos amigos do alheio, mas estranhei o facto de que usassem a diplomacia de bater a porta, em vez de directamente disparar na janela ou destruir a porta com algum objecto contundente. Abri timidamente, só um pouco, e encontrei-me com um meu colega da mina, que eu reconheci ipsofactamente, apesar de não usar o uniforme habitual do subsolo. Ia de camiseta de bandas brancas e azuis, calça preta e sapato castanho. Não falava muito com ele, quando estávamos no serviço, e não fiz ideia de como podia ter conseguido o meu endereço de casa.

– Boa noite, tudo bem? – soltei, ainda sem abrir a porta completamente, pois ele não tinha dito nada.

– Boa noite. Sou o Reginaldo Mungwambe, da mina. Posso entrar? – finalmente expressou-se.

Agora sim, eu abri a porta em sinal de boas-vindas, e ele passou para dentro, onde tirou os sapatos e se sentou numa das cadeiras plásticas da minha sala de estar. Aquele homem contou-me que nasceu em Moçambique, e que toda a família estava lá, na Matola, perto da capital, a cidade de Maputo, no

sul do país. Ele nascera em Vilanculos, zona de praias paradisíacas, um pouco mais a norte de Maputo, mas ainda zona sul de Moçambique, nação extensíssima, no sentido vertical. Eu, quando estivera no Songo, apenas ouvi uma ou duas vezes falar da cidade de Maputo, muito longe de lá, e ainda menos, de facto, nunca antes, tivera conhecimento que havia uma outra cidade com o nome de Matola. De facto, o Reginaldo tinha residido na Matola desde jovem, mais de dez anos, antes de vir para a Jon, onde estava desde fazia seis anos, a trabalhar na mina. O Reginaldo Mungwambe queria confraternizar, simplesmente, porque estava com saudades disso. De bater papo com alguém de confiança. Não nos conhecíamos, mas por que não sermos amigos assim, sem mais? É necessário assinar algum contrato, ou superar certas fases de aproximação? Com o Reginaldo, igual que com o taxista Jameson, o homem mais bem sucedido, não senti necessidade de nada mais do que querer partilhar momentos, apoio mútuo. Os três tínhamos uma coisa em comum, éramos estrangeiros. Motivo suficiente para conviver algumas noites, depois do trabalho, e muitos finais-de-semana, a assistir jogo sem gostar de futebol, ou a falar de política e outros assuntos sociais, sem que nos importassem muito. O importante era criar ambiente de grupo, de irmandade, e isso foi o melhor que me passou durante aquele período, de um ano e meio, nas minas da África do Sul.

Inquieto por natureza, ou pela vontade de querer explorar outras coisas, para além de só picar as paredes das minas, decidi que era a hora de sair da África do Sul. Comida muito industrial, já não me parecia tão gostosa como no início, e sentia saudades de fazer a fila do internato da escola secundária do

Songo, onde podia espreitar os olhos da Zambi e, pelo mesmo preço, levar uma refeição simples, mas saudável. O clima de insegurança, com roubos e disparos sempre por perto, me fizeram tomar a decisão de abandonar aquele lugar, pelo menos temporariamente. Propostas de trabalhar em outras empresas nunca faltavam, como a um desportista famoso, a quem todas as equipas cobiçam. Voltei para Lusaka e fui ter com o gerente da KCM, que me recebeu no escritório dele, para me apresentar uma oferta de ir para uma mina de diamante no Botswana.

– Basta só ir a Kazungula, e depois cruzar para a terra dos tswanas. Não estou a te mandar para o deserto de Kalahari, calma lá.

Botswana seria o meu novo destino, por tempo indefinido. Mas antes, por fim, tive uns cinco dias para poder me deixar cair por Mufulira e visitar a minha mãe. Não a encontrei a regar as rosas da varanda de casa, seguramente porque eu não era a visita que ela mais esperava, e porque, simplesmente, não a avisei de que viria. Malandros, todos os filhos que não avisam as mães com antecedência, quando estão para visitar, mas não significa isso que não as adorem, igual como os filhos mais bonzinhos também adoram as suas mãezinhas. Me mandou passar para o meu quarto de criança, aqueceu água para que eu tomasse banho logo, e preparou uma refeição pantagruélica, como nos dias da minha infância, em que eu fazia trabalhos práticos, como plantar árvores ou varrer o quintal. Xima, peixe nsomba, vários tipos de verduras, salada de alface avermelhada com tomate abundante, e batata doce como sobremesa. Ficámos na varanda despida de rosas ou qualquer ornamentação, a conversar, para nos actualizar, eu a ela mais do que ela a mim, porque a minha mãe continuava nas mesmas rotinas que eu já conhecia, enquanto eu era o ele-

mento em constante mudança, que trazia novidades. Num certo momento, em que eu já quase dormitava pelo relaxamento do estômago pesado, minha mãe decidiu contar-me algo de outra pessoa.

– Tio Ndjema esteve aqui há duas semanas – adiantou ela, sabendo que eu interromperia.

– Como é que ele está? – interrompi.

– Ele deixou isto para ti – falou em voz baixa, como se se tratasse de uma informação segredo de estado.

Entanto que eu não reagia, minha mãe tirou um caderno, igual aos que o velho fazendeiro me tinha fornecido, durante os meus três anos no internato da escola secundária do Songo. Novo, imaculado, todas as páginas em branco, pentagramadas em azul claro. O presente do velho tinha duas intenções principais: por um lado, rememorar os meus tempos de aluno, naquele internato que também me fazia lembrar, naturalmente, da Zambi; por outro lado, impelir-me a relatar tudo quanto fizera, a partir de agora, na minha longa caminhada da vida adulta, que recém começava. Quando acabasse as noventa e duas páginas daquele caderno, os próximos acredito que já seria eu a adquiri-los por conta própria, agora que já era um assalariado. Olhando bem, o presente de tio Ndjema ainda tinha uma terceira intenção, só que me levou alguns minutos a encontrar, para perceber. Tudo o que leva tempo a encontrar é porque implica uma reflexão maior, mais profunda. Tio Ndjema tinha entremetido uma nota de cinquenta dólares norteamericanos dentro do caderno, numa das primerias páginas. Fazia tantos dias que estava lá, fechado e prensado, que o papel moeda parecia que tivesse sido passado a ferro de engomar, porque ficou colado aos papéis não-moeda que o envolviam. Agradei em silêncio o gesto de tio Ndjema.

De Mufulira para Kitwe, depois Ndola e um pedaço mais até a capital, Lusaka. Daí, dirigi-me para Livingstone, por onde só passei, em trânsito, para o único ponto quadruplicemente fronteiro do mundo, Kazungula, uma gota do rio Zambeze onde se abraçam as nações de Namíbia, Botswana, Zimbabwe e Zâmbia. Não iam me aldrabar no meu próprio país, pensei para mim, porque esta nova experiência na terra dos tswanas devia começar bem, mesmo antes de começar. Assim, troquei o valor oferecido pelo tio Ndjema para pulas, antes de subir ao barco que me serviria para abandonar a minha Zâmbia natal e atravessar para o outro lado, que já era Botswana. Ali ganhei uma vida nova, voltei a nascer. Os que dizem que a Zâmbia é o país mais pacífico da África austral é porque não estiveram no mercado do Soweto, em Lusaka. E não conheceram Botswana. Logo na vila de Kasane, entendi que aquilo era paz, não só pela ausência de conflito, mas pela forma de viver das pessoas. Menor população, maior facilidade para distribuir as riquezas da terra, que por acaso eram muitas. Todas as interações entre pessoas, em Botswana, decorriam alegre e calmamente, e sempre terminavam com um vocábulo característico deles, *sharp*, que era africanizado nas formas *shapo* ou *chap-chap*. Uma marca indentitária, exactamente aquilo que eu estava a precisar naquele momento da minha vida.

8. A dura vida da estudante

Vezes sem conta, de forma inabalável, tive que lidar com situações embaraçosas, em casa, quando anunciei que, por vontade própria, ia estudar o curso de licenciatura em Didáctica da Música e das Artes. Minha mãe e meu irmão alternavam-se os dias para repreender a minha autonomia e autodeterminação. Só porque já fizera dezoito anos, não tinha direito a escolher um estudo assim, lamentava a mãe.

– Assim como, mãe? – retorqui eu, surpreendida.

– De pouca segurança, filha. Muito cantar e dançar, mas de que queres viver, depois, neste mundo?

Eu teimava responder e provocar um afastamento ainda maior com ela. Entretanto, meu irmão era mais pragmático. Argumentava que estudar é bom, e que eu, já formada, conseguiria algum emprego para adiantar o meu futuro. Mesmo assim, ele também se preocupava pelo potencial económico que teria ser uma profissional do campo da música e das artes.

– Esses todos artistas famosos que fazem *shows* e ganham ingentes somas de dinheiro, saltaram directos para os palcos. Duvido muito que sentassem na carteira da Faculdade.

– Mas eu não serei uma estrela da canção, nem atriz, pintora ou dançarina. Quero tornar-me professora, pesquisadora – autodefendia-me, com verdades que ele mal podia interpretar.

– Por que não asseguras um homem que te lobe primeiro? Assim já depois podes estudar, sabendo que o lar está seguro. Hoje em dia, há muitos homens que, em vez de lobolar como se fazia tradicionalmente, pagam um valor simbólico e depois

tomam conta de outros custos, como os estudos da mulher – engenhrou-se a construir este argumento, meu irmão, sabe-se lá onde o teria aprendido.

– Afinal é isso, sempre o dinheiro! – respondi, eu, braviamente –. Pensa que a mãe está mais preocupada com custear o teu lobolo, se é que algum dia apanhas uma mulher decente, do que pela recepção da minha parte, sei lá de quem, porque ainda não tenho pretendente!

Contudo, comecei a estudar o curso que eu quis, na UP de Tete, no campus de Matundo, com os meus dezoito anos recém-cumpridos. Lá segui o regime de externato, pela primeira vez na minha vida académica, com aulas de manhã e tarde, só vendo a mãe cedo, pelas seis e trinta, e logo de noite, às dezanove. Às vezes ela estava tão cansada de não fazer nada, que me deixava o jantar pronto, em cima da mesa, e ia dormir, à espera de um melhor amanhã. Eu só devia comer e lavar as poucas louças que usava. Com o meu irmão ainda era pior. Aliás, menos frequente, porque nas manhãs, quando eu saía, ele ainda ferrava, e quando eu voltava de noite, no tempo de jantar, ele andava nas mais álgidas ocupações do dia, à procura de pernas abertas. Naquela altura, ele era praticamente um proxeneta profissional, fossem marandzas, ratazanas ou rameiras, tudo valia-lhe, para satisfazer os seus gozos, o económico e o carnal. Tinha virado um adicto, até o ponto que, aos finais-de-semana, nem sequer dormia em casa, a toda hora com a mota, de la para cá. Alegava, e com certa razão, que sábado à noite, com a azáfama dos clientes bêbados, assim como domingo de manhã, com o tráfego para os locais de culto religioso, eram os dois momentos em que mais podia encher o bolso. Dizia-me, nas poucas ocasiões que tínhamos de jantar juntos, um velho

ditado que as manas do bairro usavam: nesta vida, ou você ri, ou as pessoas vão-se rir de ti. Melhor rir, com alguma coisa no bolso, do que ficar pelado e ver como os outros curtem, pois não havia, segundo o meu irmão, meio termo.

Enquanto fazia o curso, conheci o Professor Doutor Cumbane. No primeiro dia de aulas, que era só uma introdução aos planos de estudos das diferentes cadeiras, gostei dos meus colegas novos, com quem iria partilhar muitos momentos ao longo dos seguintes quatro anos. O Doutor Cumbane dava-nos a cadeira de Teoria dos Estilos Arquitectónicos. Devo reconhecer que foi o docente que mais energias académicas me insuflou, desde o primeiro dia. Quando ele falava, por exemplo, acerca do estilo dórico grego que se faz evidente nas columnas frontais do Partenão, em Atenas, eu sentia como uma transfusão de sangue, fresco e jovem, a percorrer as minhas veias. Uma inédita sensação de felicidade, doce como a vida mesma, nunca antes por mim experimentada, pois eu só tinha sentido prazer em ver as flores felizes, recém-irrigadas por minha mãe, na varanda da nossa casa no bairro do Chingodzi. Ao escutar o Doutor Cumbane a expor os seus depoimentos, nem que fosse apenas uma simples organização do plano semestral, ou os formatos das avaliações, eu sentia como se, a cada palavra que ele soltava, o som viajasse acompanhado de uma aura mágica, invisível, que nos recordava que, antes de nada, ele e nós, todos somos pessoas humanas. Assim mesmo. Natural da província de Inhambane, porém, tivera feito a vida de jovem no Maputo, e estudou o doutoramento na África do Sul, no Western Cape, mas sempre com a ideia de voltar para a pátria amada. Deu aulas em vários institutos da cidade da Matola, e assim podia ir, uma vez por mês, passar fim-de-semana em Homóine, sua

terra natal, e matar saudades de tapioca. Mas finalmente, um belo dia, teve a opção de ir ensinar aquilo que ele mais adorava, História da Arquitectura em Tete, e com muito prazer aceitou vir para esta minha terra quente.

Os tempos de estudante em Tete não foram um mar de rosas, para mim. Mas também foram tempos de aprendizagens e experiências interessantes, que apareciam uma após a outra, em cascata, às vezes mais virulenta, outras vezes mais repousada. Deus, depois de tantas guerras e desastres na humanidade, tem tido bonitos gestos comigo. Numa cena de chapa, Ele apareceu quando menos o esperava, eu a carregar açúcar, massas, farinha, botijas de óleo, amendoim, feijão, tomate, banana, papel higiénico, garrafão de sabão líquido, esfregão e plastiquinhos com todo tipo de produtos isotérmicos, como manteiga e peitos de frango. Deixei tudo numa das bancas traseiras do carro. Só saí um instante para levar pão fresco da padaria, voltei e uns moços me disseram que o carro já teria partido, com todos os meus pertences básicos. Um dos moços, talvez Deus mesmo transformado em vendedor de recargas telefónicas, camisola rasgada e chinelos gastos demais, disse-me que tinha o número do motorista, do qual eu recordava a cara perfeitamente. Liguei para ele e disse que viria ao meu encontro no dia seguinte, na mesma hora e lugar, porque hoje teve que sair sem esperar por causa do engarrafamento da hora de tarde. Nem dizer que aquela noite, voltada para casa vazia, tanto espiritual como materialmente, não dormi nem comi, apenas rezei. Ao dia seguinte, o motorista do chapa apareceu, no local e momento combinado, veio ao meu encontro e devolveu-me tudo. Os produtos que requeriam de manutenção isotérmica não pereceram, porque os tinha guardado na geleira da sua casa, e o menino

da camisola rasgada e chinelos gastos demais, não estava lá. Estaria a dar relatório aos seus discípulos apóstolos pela obra bem feita, talvez.

No mestrado, em Tete, tive um companheiro espanhol, o Rodolfo, que me ensinou, durante o primeiro ano do curso, a montar o presépio, uma tradição da sua terra no tempo de Natal. Mas infelizmente, não aprendi nada daquela arte, metade religiosa, metade folclórica. Sim aprendi, e muito, a fazer tarefas de forma assíncrona: estudos e trabalho, online e presencial. Conseguia dar-me bem em várias frentes ao mesmo tempo. Assim é como aprendi palavras com sentido vasto, como “antropocêntrico”. Tive de me autoconvencer, pela força, que tudo neste mundo é provocado pelo homem, nada é natural. Os desastres naturais não são espirros de Deus todopoderoso, mas são, de facto, resultados de pobres políticas meio-ambientais, e ainda mais denigráveis atitudes da população, em geral, no que diz respeito ao cuidado do planeta. Quem precisa de mais leis é aquele que pior sabe aplicá-las, como um peixe que quer morder a sua própria cauda; entretanto, quem entende a realidade à primeira, pode mandar fumar as leis e dedicar-se ao que de verdade interessa: viver, sorrir, cozinhar, andar, sonhar, descobrir, aprender a montar presépios e interactuar com o mundo.

Eu aprendi a rezar, não na igreja, mas na Faculdade. Sem muito afinco, é verdade, eu me encomendava ao Senhor cada vez, antes de um exame. Serviu-me para terminar, com sucesso, os níveis de licenciatura e de mestrado, sem sair da minha província natal. Recusava-me a esquecer Coppa, e pensava que, seja lá o que ele estivesse a fazer na vida dele, com certeza estaria a viajar e ver o mundo muito mais do que eu. Porém, não rezava por ele, só desejava, com todas as minhas forças,

que não apanhasse nenhuma doença por aí. Sida, tuberculose, cólera, ébola, paludismo e quem sabe se algum dos novos e incuráveis vírus que emergiam, constantemente, na nossa África. E se possível, que permanecesse solteiro e casto, para voltar para mim, mais cedo do que tarde. Confiava que não andasse a fazer nada com meninas, pois a década dos vinte aos trinta anos é a mais perigosa, achava eu, para os homens cometerem os erros mais graves das suas vidas. Perdoáveis ou imperdoáveis, isso já era uma outra questão, e eu só esperava não ter que chegar a esse nível de dilema existencial. Analisando bem a nossa situação marital, quando éramos meninos, foi ele que veio a mim. Portanto, agora ou nalgum futuro mais ou menos próximo, deveria ser eu a procurá-lo, se queria que a nossa chama continuasse a arder. Durante toda a época estudantil, eu não deixava de sentir arrepios cumulativos de sensações, cada vez que imaginava que Coppa podia estar ali, comigo, a dominar perfeitamente a língua portuguesa e sendo o melhor estudante da turma. Capacidades para isso não lhe faltavam, mas o destino mo levou para longe, para os trabalhos duros, seguramente.

Duas vezes por ano, ignorando se a minha mãe e o meu irmão aceitariam, decidi que teria que doar sangue no Hospital Provincial de Tete. No banco de sangue, me disseram que o sangue é algo que sempre faz falta, de todos os grupos e nas máximas quantidades que fossem possíveis. O limite por pessoa e doação era quinhentos mililitros, que eu recuperava com água e frutas em abundância, sem esquecer as refeições normais. Na conversa com um dos enfermeiros, soube que o Hospital Povincial de Tete garantia enviar o meu sangue para quem fizesse falta, em Moçambique ou outras partes, desde que os hospitais dos países vizinhos solicitassem o precioso líquido.

Terminados os estudos de Mestrado, um dia normal de quarenta e dois graus de temperatura na cidade de Tete, fui à Delegação Provincial do Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano, onde tive que engolir uma bicha enorme para obter um simples carimbo no meu certificado. Naquele lugar, o sistema de marcação prévia, anunciado por um solitário papelinho mal colado, mostrava um site da internet onde fazer a marcação, mas nem me surpreendi quando mexi no telemóvel, gastei alguns megas e desconsigui, apesar do esforço, dar com o mecanismo electrónico que supostamente iria facilitar aquele meu trâmite. Finalmente, optei pelo sistema mais seguro, bichar, e o consagradíssimo documento foi-me devolvido com uma assinatura e um selo branco estampados no canto superior direito da parte traseira. Exactamente o que precisava, para depois levá-lo ao seguinte passo: a legalização para o exterior do país. Eu queria fazer o doutoramento fora, daí a necessidade de todo aquele processo. Uma universidade em algum país como Portugal, Espanha, França, Quênia, Inglaterra, Cuba ou Botswana, onde perseguir a minha titulação vitalícia como Doutora, com dê maiúsculo.

Era um tempo em que eu também já acompanhava muitas notícias internacionais, para saber como estava o mundo. Também fazia o esforço de prestar atenção ao meu redor, e conectar aquilo que diziam os meios de comunicação internacionais, se era verdade ou não, para uma cidadã simples como eu. Em primeiro lugar, observei que, quando uma equipa portuguesa como Benfica, Porto ou Sporting ganha um campeonato, se celebra igual ou mais em Moçambique do que em Portugal. Ainda, aquando da eleição do português António Guterres como Secretário-Geral da Organização das Nações Unidas, também

se festejou, no meu bairro do Chingodzi, como se o Chingale de Tete tivesse conquistado a Supertaça dos campeões africanos. O pretexto era que uma pessoa falante da língua portuguesa seria mais sensível aos problemas das ex-colônias lusas, como o meu país. Ironicamente, não vi o mesmo fervor, anos atrás, eu ainda infante, com o mandato de um africano para a mesma posição. Chamava-se Kofi Annan, ganês, e tinha esse nome, Kofi, porque na tradição Akan do Gana se dá o nome a partir do dia da semana em que a criança nasce, nesse caso, sexta-feira. O seu conterrâneo Kwame Nkrumah, primeiro presidente do país e pai do pan-africanismo, era nascido em sábado, e seguia a mesma tradição do povo Akan. Me sentia bem a saber essas coisas, assim criava a minha escola fora da escola.

Chegou a carta de aceitação para estudar o doutoramento em Artes Clássicas Aplicadas ao Mundo Contemporâneo. Seria em Paris, na França, berço de excelentes museus, terreno fértil para que eu mergulhasse no mundo das artes, e escrevesse uma tese tão brilhante como os diamantes das minas de Botswana, uma investigação que mudasse o mundo para sempre. Nos três meses de preparações da viagem, pois recorro que devia sair no mês de Novembro e recebi a carta de aceitação em Agosto, não parei de procurar informações sobre o meu novo país, a cidade de Paris, a universidade, a cultura, o nível de vida, os lugares de interesse, a *cuisine française* e o local de alojamento, onde eu estaria com outros estudantes africanos, assim como outras curiosidades. Tão empolgada eu estava, que me esqueci de algo essencial: estudar os rudimentos básicos da língua francesa. Pelo menos para chegar lá e comunicar. Um tepecé que devia assumir para os meus primeiros meses lá. Isso me ajudou a corroborar que todos somos analfabetos, só que alguns um

pouco menos, porque sabem ler e lêem, enquanto que outros sabem ler, e não lêem, perseguidos incansavelmente pelo analfaburismo. Mas me resultava curioso que os programas internacionais oferecidos pelas agências europeias, americanas ou japonesas em Moçambique, sempre frisassem tanto na questão da alfabetização. Mas afinal, quantos povos é que são analfabetos? Para o Banco Mundial, aqueles que não sabem falar a língua oficial, caso do Português em Moçambique, são população analfabetizada. Mas, será que não falam nada, entre eles? Como se comunicam? Como rezam? Em que língua mandam os filhos acartar água, lavar as louças, varrer o quintal, fazer compras no mercado? Entendi que há africanos que falam mais de cinco línguas, e ainda assim, são considerados população analfabeta, porque não dominam uma das línguas europeias, dos antigos colonizadores. Não achava justo chamar as pessoas de analfabetas, ou carentes de alfabetização, quando não são as pessoas que carecem de nada, em todo o caso podíamos culpar as línguas de não possuírem o mesmo formato de escrita, gramatical e normativa, mas não às pessoas, que usam as línguas como querem e podem. Mas claro, não resultaria rentável, para os países ricos, fazer um investimento para treinar uma língua em ser mais normativa ou adaptar umas certas formas padronizadas. Vende mais, para o bom nome da cooperação internacional, alcançar grupos alvo e submetê-los a regras ocidentais. Assim, eu tinha, naquele momento que viajasse para a França, a magnífica oportunidade, talvez a única na vida, de ir lá ter com esses brancos da Europa e contar-lhes todas as verdades sobre a África, em termos de diversidades linguísticas, culturais e tradicionais. Como se sentiriam, eles, se nós os africanos, ou sei lá que outros povos do terceiro mundo, fôssemos aos seus

países com programas financiados internacionalmente, com a intenção de alfabetizá-los em Swahili e de fazê-los aprender a dança Nyau?

Continuando com as minhas pesquisas, apercebi-me também de muitas incongruências, no nosso dia-a-dia, mas que nunca passavam nos telejornais. No processo de obtenção de visto para ir a Europa, como estudante acreditada num programa de bolsas, tive que preencher vários formulários acerca do meu destino, o propósito da minha estadia, os fundos que ia receber para subsistir lá, o meu conhecimento da língua do lugar de destino e outras banalidades. Porém, em todos os impressos eu devia inserir o meu nome completo, data de nascimento e morada. Como se não bastasse, a morada não era de preenchimento livre, mas tinha as suas subdivisões: rua/avenida, bairro, número de portão e cidade. A maioria desses dados, eu simplesmente não os tinha. A rua da minha casa, ninguém sabia o nome; bairro, Chingodzi, de sempre; número de portão, inexistente; cidade? Claro, eu vivi sempre numa cidade, capital de província, Tete, mas como iriam fazer, para preencher aquele formulário, os que fossem oriundos de uma zona não urbana, como Cassacatisa, Manje ou Mufulira? O Ministério do Interior se empenha em considerar a todo o mundo como moradores de uma cidade, enquanto que os políticos só sabem fazer discursos anunciando benesses para os concidadãos. E por que não se fala dos conaldeões? Dos convilatanos? E dos comunícipes? Depois de algum receio, no meio das minhas hesitações, acabei colocando uma questão à funcionária que me atendera.

– Se não tenho número de portão, coloco o que? – inquiri.

– ZNP, zona não parcelada – respondeu, secamente, a funcionária.

– Mas está parcelada, só que não tem um número – insisti, ciente de que não tinha nada a perder, nem a ganhar, naquela disputa inútil.

– Se não tem um número, a lei nos obriga a colocar “ZNP”, filha. Faça isso e saia do assunto, recomendo-lhe – disse a senhora, desta vez com um tom mais paternalista, mas ainda oficial.

Despedi-me da minha mãe com uma carta, porque eu sempre fui melhor na escrita do que na oralidade. Muito pior me dava nos discursos emocionados, assim que tive que ler a carta em frente dela. Dizia-lhe que, para o nível subsequente de estudos, finalmente tivera escolhido ir para Paris, na França, onde faria o doutoramento. Devia fazer três anos na cidade da luz. Para tal, uma vez lá cheguei, tive que dedicar um bom tempo a aprender a língua. Por inconcebível que possa parecer, tive recordações fugaces de Jérôme e Cristine, os outros estrangeiros, congolese, que partilhavam quarto com Coppa no internato da escola secundária do Songo. Porém, o sotaque parisiense não era, nem um pouco, parecido ao dos meus ex-colegas.

Na Faculdade, entendia o que podia nas aulas, mas ainda gostava mais das aulas de Francês, com o professor Chrétien, xará do trovador de Troyes do século XII. Éramos uma turma maiormente de africanos, das ex-colónias não francesas, mais alguns indianos e poucos europeus, dos países escandinavos. Tínhamos aulas de língua todos os dias da semana, exceptuando a quarta-feira, em que o professor Chrétien tinha deslocções para efeitos de pesquisa para o seu doutoramento. Aquele conglomerado internacional, perto de trinta pessoas, éramos to-

dos desconhecidos, mas cedo superámos a timidez, através da motivação do professor Chrétien, que nos apresentava grandes nomes das letras francesas, como Verlaine, Rimbaud, Beaudelaire e Zola. Eu teria esperado iniciar com coisas mais básicas da língua, como as conjugações verbais, as preposições, a colocação pronominal, construção de perguntas, orações simples e subordinadas. Mas o professor Chrétien nos fez começar pelo mais complexo, e eu me senti atraída especialmente pelo simbolismo das *Fleurs du Mal*, de Beaudelaire. Podia descrever aquela poesia como uma surra intensa na cara, a cada verso. Tantos símbolos no papel, igual como para quem estuda o código da estrada, implica ter os olhos bem abertos em todo o momento, para evitar acidentes. Gostava do professor Chrétien que ele puxava os nossos cérebros, nas aulas, para que procurássemos sempre aquele cantinho escondido da massa encefálica, onde se pudesse encontrar alguma nova possibilidade. Ele entendia a leitura, e as artes em geral, como uma escavação de minas, em que os garimpeiros procuram o cantinho mais recôndito para alcançar o prémio grande.

Em Paris, senti que voltei a nascer, não só academicamente, mas também socialmente e como pessoa. O curso de doutoramento ia acompanhado de visitas obrigatórias aos museus e espaços artísticos de uma das capitais do mundo, e recordo-me de tudo, porque foi uma experiência reveladora, em vários aspectos. Aprendi, na teoria, e experimentei, na prática, a síndrome de Stendhal, com tantas opções de beleza ao meu dispor, nos museus do Louvre, d'Orsay, Picasso, Rodin, de *l'Orange-rie*, Quai Branly, Marmottan Monet, des *Arts et Métiers*, assim como o Centro Georges Pompidou, a Torre Eiffel e o bairro boémio de *Montmartre*. Esse meu renascimento era como se a

vida me permitisse recuperar uma certa dose de juventude que eu tivera investido a estudar no meu quarto, na casa da minha mãe, no bairro de Chingodzi, na cidade de Tete. Certamente, a juventude é a idade em que vamos atrás do tempo, e não se precisa de relógio. Por sua vez, quando nos aproximamos à velhice, o tempo é que vai atrás das pessoas. Mas eu não queria comprar um relógio, ainda, por muitas montras recheadas que visualizasse pelas avenidas centrais parisiñas. Queria sentir o ar jovem, apenas, e que os três anos de estudos na França não se passassem nunca, e se esticassem para trinta e três, ou para trezentos e trinta e três anos, como acontece em África, onde somos profissionais em esticar o tempo. Só me faltava Coppa, ao meu lado. Coppa, a personificação de um elixir da eterna juventude. Com ele na mente, fiz de tudo para me cuidar, estudar e ser boa. Nada de prestar atenção aos François, Nicolas, Jacques, Frédéric, Jules ou Jean. O único homem interessante que encontrei, para dizer verdade, durante todo o meu tempo em Paris, foi o professor de língua, Chrétien, mas ele era casado com os livros, incorrigivelmente infiel e cornudo, em simultâneo, goleiro e guarda-rede goleado. Hoje, com Proust, com quem não perdia o tempo; amanhã, com Artaud; outro dia, com Balzac. Portanto, não era uma opção para mim.

Eu lia e estudava nas bibliotecas, e falava com alguns colegas da Faculdade. Todos, franceses ou estrangeiros, dominavam os textos dos grandes literatos nacionais, enquanto eu só fiquei com Beaudelaire, porque me fazia lembrar todas as flores que minha mãe regava, com cuidado, na varanda de casa, na cidade de Tete, quando eu era menina. Nas conversas que o professor Chrétien promovia para que falássemos, os meus colegas também diziam que a França era uma das maiores po-

tências económicas e militares do mundo, assunto do qual eu não entendia nem sequer meia frase, especialmente ao início. Depois, a medida que trocávamos experiências mais profundas sobre as nossas culturas de origem, eu contei coisas de Moçambique e de África, relacionando a nossa pobreza com a usurpação colonial e imperialista de países como aquele, onde eu gozava de uma quantiosa bolsa de estudos. O professor Chrétien me aproximou e pediu-me uns minutos para falarmos a sós. Ele não queria que na turma houvesse tópicos de debate socialmente espinhosos ou de política, porque podiam resultar ofensivos para algum dos participantes, e toda a aula podia fracassar por isso. No entanto, ofereceu-me uma alternativa: ele próprio. Apaixonado pela história e temas de actualidade global, convidou-me a exprimir perante ele, no meu Francês ainda precário, qualquer coisa sobre as injustiças coloniais, a intervenção económica da França nos países do Sahel ou as políticas linguísticas de desprezo às línguas bantu africanas. Me encorajava para que falasse de qualquer coisa, à vontade. E não hesitei, pois era a oportunidade que eu tinha estado a procurar desde fazia tanto tempo, mesmo antes de saber que eu teria a maravilhosa oportunidade de estudar um grau académico num país tão rico e avançado, cientificamente, como era a França.

– Por que é que, vocês, franceses e outros europeus irmãos vossos, não colocaram indústrias pesadas nos vastos territórios africanos? Por falta de espaço não imagino, pois não?

– Imagina, Zambi – aceitou entrar na conversa, o professor Chrétien –, que se os países europeus, como o meu, tivessem levado as indústrias mais pesadas para a África, teriam criado impérios indestrutíveis.

– Bom, é uma opção – admiti eu, surpreendida pela posição do meu interlocutor –. E então, por que é que só criaram impérios passageiros, se tinham a possibilidade de se fazer fortes, indestrutíveis, como dizes?

– Porque nada é eterno, amiga – sugeriu.

O argumento de que nada é eterno me resultou incontestável. Quando se faz uma coisa pela primeira vez, é fácil se deixar levar pela emoção de fazer, terminar e ganhar fama pela grande empresa conseguida. Foi assim com os alemães, os mais burros de todos os colonos. Igualmente com os franceses, espanhóis, portugueses, belgas, italianos e ingleses. Meninos que brincavam sem saber por que razão e com quais consequências. Eis a única razão que o professor Chrétien encontrava para justificar o sucesso que tiveram as revoluções dos povos africanos, que levaram às independências nacionais, na sua maioria, na segunda metade do século XX. Mais tarde, muito depois dos países africanos alcançarem as independências, mas sempre com o maço do domínio económico, segundo o meu professor de língua, as grandes empresas têxteis instalaram as suas factorias em países subdesenvolvidos, como Taiwan, Bangladesh, Marrocos, Tailândia, Laos e China, onde os custos de produção e de mão-de-obra são infinitamente mais baixos. Depois, tudo se vende nos países ricos, por preços muito mais elevados, porque lá é onde há a grande indústria, tanto transformadora como consumidora, que constitui um sector insaciável e sempre em funcionamento.

– Daqui a um tempo, pouco, este modelo industrial também já não será uma opção para nenhum país do mundo – encerrou o professor Chrétien.

– Mas China é um país subdesenvolvido? – retorqui eu, que estava a aprender muitas coisas e, ao mesmo tempo, ficava confusa pela ingente quantidade de informações novas.

Lamentei a conclusão que o professor de língua me deu, porque desde sempre, em Tete, eu tinha ouvido que a industrialização será o caminho para o desenvolvimento da África no futuro, e com o exemplo do sector carbonífero de Tete, eu não me fazia a ideia, assim de repente, que um branco europeu me dissesse que esse tipo de industrialização já não serviria para nenhum país do mundo. Eu reflectiria, depois, que a vida não foi justa mais uma vez, porque os países africanos não teriam a oportunidade de fazer a sua revolução industrial, como os europeus tiveram chance nos séculos XIX e XX, tempo dos maiores horrores cometidos contra populações indígenas, curiosamente. Os europeus já consumiram a única oportunidade de implementar este modelo de produção e consumo, e eles próprios o aniquilaram, antes que os outros subissem ao comboio. Assim, se os povos africanos empreendessem uma imaginária revolução industrial, nos mesmos moldes que os europeus fizeram em tempos passados, onde é que poderiam ir buscar as matérias primas necessárias, como os recursos naturais, para poder fazer funcionar as máquinas? E onde iriam buscar os escravos, para poder trabalhar na extracção dos recursos e nas fábricas transformadoras? Mas já não tive força mental para colocar o assunto na conversa, facto este que teria prolongado demais a aula, e o tempo do dia já se tinha esgotado.

Fiz uma visita à Inglaterra, aproveitando algumas poupanças do dinheiro da bolsa. Apanhei o comboio, chamado *Eurotunnel*, em Paris, muito cedo de manhã, sabendo que, em pouco mais de três horas, estaria num outro país, ainda na Europa mas

com uma outra cultura, outra moeda, outra língua e outro fuso horário, pelo que tive de alterar a hora do meu telemóvel, atrasando-a em sessenta minutos. Sonhava com ver, com os meus próprios olhos, o Royal Albert Hall e o Museu Britânico, com a pedra de Rosetta e os frisos expoliados do Partenão de Atenas pelo ilustre Lord Elgin. Também almejava entrar no teatro *The Globe*, o búnquer de Shakespeare quando se encontrava a trabalhar na capital do seu país. Mas todos esses sonhos quase foram abaixo antes de entrar, quando na estação, depois de descer do comboio, os oficiais da migração me mandaram esperar por mais de quarenta e cinco minutos, só para conferir quem era eu. Finalmente passei, livre. Na capital, deparei-me com um prédio com uma enorme escrita na fachada, que dizia *London Metal Exchange*, e pensei em Coppa. Aqui é onde são decididos os preços do cobre e de tantos outros minerais, que o meu querido garimpeiro extrai das sujas minas africanas. Completei, nas ilhas britânicas, um periplo de duas semanas, no qual não fiquei apenas na capital, Londres, pois também encontrei tempo de subir para o centro do país, e visitar a casa-museu onde nasceu o bardo mais ilustre e universal, William Shakespeare. Da cidade de Londres, fui-me embora com a ideia de que aquilo não era o norte da Europa, mas um parque temático dedicado à gastronomia dos países do sul da Europa. Tudo cheio de restaurantes turcos, gregos, cipriotas, italianos e espanhóis, que se unificavam a falar em Inglês. Recordaria a Inglaterra como uma terra adorável em todos os sentidos, excepto no clima e na comida local. Nada a ver com o azeite, queijo e vinho dos franceses, e ainda menos equiparável à xima com peixe xikhowa e molho de tomate de Tete. Voltada da Inglaterra, deparei-me

com que os dias para a minha defesa final do doutoramento já eram escassos, pelo que devia preparar-me bem a sério.

Depois das aulas de língua francesa, que só aconteceram durante o meu primeiro ano, ainda conservei o contacto com o professor Chrétien, com quem conversava de todos os assuntos que surgissem, de qualquer âmbito. Nas conversas com Chrétien, havia espaço para tudo, que é como deve ser, quando se tem um amigo de verdade, indistintamente de quem seja e como se comporte. Ele queria saber se em Moçambique é perigoso andar sozinho pelas ruas de uma cidade, como Tete ou Maputo, de noite. A minha única opção de resposta nisso era que eu nunca ia sozinha, de noite, porque na cidade de Tete, quem anda de noite é porque anda a procura de coisas ilícitas. No entanto, ainda tive coragem de tranquilizá-lo.

– Espero que venhas um dia verificar com os teus próprios olhos, como é uma cidade moçambicana, africana, de dia e de noite.

– Adoraria vir, quem me dera poder viajar, só que agora não vejo possibilidade, talvez mais a frente – escusava-se ele.

Eu entendia que ele estava a se esconder por detrás do mito criado pelos homens brancos modernos, segundo o qual a África é longe e insegura para ir de férias, que vale mais a pena ficar nos países europeus ou ir para a América do Norte. Imediatamente, surgiu o tema de por que alguns países são chamados do primeiro mundo e outros, do terceiro mundo.

– Quando um grupo de famílias vive num prédio, não interessa qual é que vive no primeiro andar e qual no terceiro, o endereço é o mesmo, pois não, Zambi? – ele me perguntou retoricamente, de uma forma engenhosa, que adorei, e lembrei-me dos conflitos que tive, antes de viajar para Europa, na

hora de preencher formulários com o número da casa onde eu morava, numa zona não parcelada do bairro do Chingodzi, na cidade de Tete.

– O prédio é o mesmo, sim. Todos convizinhos – admiti, sem contemplações.

Também lhe contei que, nos países chamados mais desenvolvidos do mundo, se registam estatísticas de homens que espancam mulheres, e cada ano os números são mais elevados. Ele respondeu-me, também, de uma forma encantadoramente engenhosa. O Chrétien era um verdadeiro garimpeiro das palavras, sempre procurava a melhor opção, o exemplar único de frase que exprimisse um pensamento ímpar.

– Subdesenvolvido é o pior insulto que existe, em qualquer língua. Quando os meus antepassados iam para Mali, Senegal ou Camarões, por exemplo, ou quando os portugueses iam para a tua terra, diziam que os nativos africanos falavam línguas de cão. Os mandavam fazer os trabalhos mais duros, e os puniam fisicamente. Os belgas cortavam mãos aos coitados que não conseguissem atingir a meta diária de quantidade de borracha, que os europeus precisavam para fabricar pneus para os seus automóveis. Um homem negro com as mãos cortadas já não valia para nada, e portanto era executado ou lançado a uma vala, com outros corpos, enquanto que a esposa dele, e todas as outras mulheres da família, uma vez desprovidas de homem da casa, só serviam para que o homem branco as estuprasse, até cansar ou ficar masculinamente satisfeito.

– És muito duro com os teus antepassados, se bem não te falta razão, Chrétien – reconheci, tentando também animá-lo.

– É a pura verdade, Zambi. Aqui na Europa, temos tido a sorte de estudar história, os jovens da minha geração, com tes-

temunhas directas dos horrores do colonialismo em África, e com sobreviventes do Holocausto.

– Ninguém está limpo, se formos a ver. Do nosso lado, quero dizer, alguns africanos de hoje, por que não rejeitam as doações dos países ricos, em vez de comprar passagens aéreas em primeira classe? Se estão em contra do neocolonialismo, e não aceitam as interferências políticoeconómicas dos países poderosos, por que é que não negam, simplesmente, quando se trata de doações ou empréstimos?

– Porque vale mais a pena odiar o inimigo com os bolsos cheios, do que vazios. Enquanto o europeu anda na classe turista, com o mesmo dinheiro do governo ou projecto dele, o africano, que viaja no luxo da primeira classe, despreza as políticas de apoio internacional, cooperação e aquele papo todo – lamentou-se, mais uma vez.

– Certamente incompreensível, este mundo no qual fomos atirados e condenados a viver – encerrei, já cansada do assunto e não esperando mais nenhuma reacção pela parte dele.

Mas eu estava errada. Ele não bebia, mas se o tivesse convidado a tomar um ou duas cervejas, de certeza que teria começado a falar pelos cotovelos. Sem nenhuma substância etílica, me contou que não se pode confiar em ninguém, só pelo facto de que somos adultos, crescidos. Os adultos, neste mundo tão desigual, não têm direito à tudo, pois também fazem guerras, atentados terroristas, genocídios, poluição atmosférica e outras bárbarias. Tudo sempre é feito por adultos. O professor Chrétien nunca viu, igual que eu, uma criança a cometer nenhuma das barbaridades jamais praticadas pela humanidade.

O professor Chrétien veio presenciar a minha defesa final, perante um júri composto por cinco membros, todos muito sé-

rios. Preparei-me bem, não fiquei nervosa. Fiz o meu máximo e falhei. Todo o mundo comete falhas, tanto nos exames como em outras caminhadas desta vida, mas não implicando um resultado negativo, chumbado, recorrência, nada disso. Passei, com uma nota razoável, pois valorizaram o meu esforço de fazer a exposição em Francês, para além de responder perguntas na mesma língua, por mais de uma hora e trinta minutos. O tema da minha tese foi a inclusão das artes dos países do terceiro mundo em mais museus de todo o planeta. Descrevi sobre os mecanismos culturais a serem adoptados, e o presidente do júri assegurou que iria levar as recomendações de aplicação dos tais mecanismos a um seu amigo, jurista e com contactos no Ministério da Cultura da França. Esse reconhecimento já era mais do que qualquer nota *cum laude* ou salva de palmas. Em breve, seria o tempo de fazer as malas de volta para Moçambique, minha terra, e para o Zambeze, o meu rio.

9. Kimberley

No meu tempo em Botswana, vivi na vila de Ramotswa e deslocava-me todos os dias de bicicleta para a mina. Não mais de dez minutos. Perto da minha casa, havia uma escola secundária grande, com todas as instalações de primeiro nível, mas onde apenas acudiam seis ou sete alunos. Ridículo, pensei, na minha mentalidade de escolas superlotadas dos países por onde passara anteriormente, na minha vida. Só nesse instante me dei conta de que eu já não era um menino rural, nascido num povoado zambiano do distrito de Mufulira. Era um homem habituado às cidades, ao barulho de lojas, barracas, chapas e engarrafamento. Com aquilo, também entendi que estudar era algo proibitivo, só ao alcance de uma minoria da população mundial. Eu só andei de mina em mina, e não albergava esperanças de mais nada. De subsolo para mais subsolo, de caverna subterrânea para búnquer de paz. Ainda assim, sentia-me capaz de ensinar coisas aos meus colegas mineiros, pela minha boa práxis, e a muitas mais pessoas que passaram pelas melhores faculdades e academias. Imaginei que a Zambi estaria a estudar nas melhores escolas superiores do mundo, se calhar onde também poderia ser irresponsável de cozinha. A ela, eu também poderia ensinar muitas coisas. Sem este cobre que eu laminava, acharia ela que teria acesso às máquinas que usa? Os cabos com que carregaria o telemóvel, a televisão, o rato do computador, a lamparina que se iluminaria, discretamente, no seu orgulhoso abajur ao lado da cama. Tudo isso ela teria, sem saber, graças a mim. Aliás, teria por méritos próprios, porque ganharia um

salário e faria o que quisesse com o seu dinheiro, mais faltaria. O assunto é que ela usufruía de todas essas comodidades porque eu extraía a matéria que vai dar no fio, que se faz cabo e conecta máquinas. Apesar de ela não saber de tudo isso, não seria eu que iria lhe descobrir o mundo que já sabe, como se desvendasse a receita da sopa de alho ou da massa esparguete com molho de tomate. Só que não é igual, saber por contemplação distante do que saber por conhecimento de causa. Passei por uma altura, talvez pelo tormento que me provocava o baixo salário, que cada vez que ligava uma lamparinha ou carregava um telemóvel, estava a ver os meus sofridos colegas lá, na mina, com os seus irrisórios ordenados e as péssimas condições de semiescravidão, no avançadíssimo século vinte e um. Por um instante, comecei a hesitar sobre mim mesmo, achando que talvez não fosse apenas o baixo salário a causa dos meus pesadelos. Colmatar os problemas não é algo previsível nem planificável, só desejável. Na mina, eu já estava a ficar tinto, até o ponto de confundir se estava no trabalho ou na fila para levantar salário no banco. A postura corporal era a mesma, só que na actividade laboral carregava pá ou picareta, que, após tantos anos no ofício, já tinham passado a ser extensões das minhas extremidades. Decidi ir ver um médico.

Fui diagnosticado diabetes, uma das mais graves doenças que a humanidade já conheceu. O embate não foi mortal, mas quase. Não soube como reagir às palavras do médico. Inocentemente, arrependi-me de ter ido à consulta do hospital. Não me sentia tão mal assim, podia trabalhar, dormir, viver em geral, só com algumas dores no corpo. Mas agora, sabendo do meu estado clínico, tudo eram problemas. Deixei de sentir fome, sede e sono. Sabia que não voltaria a estudar, porque não tinha di-

nheiro, estava longe da minha mãe, as condições laborais eram duríssimas, ganhava pouco salário e a Zambi só vivia nos meus sonhos, cada vez de forma mais difuminada. Pensei que nada podia ir pior, e aconteceu isso. O meu corpo a desfalecer. Se já não podia trabalhar na mina, a única coisa que fazia bem, o que me restava para fazer, neste mundo? O meu sangue estava podre, e aquela era uma época de escassez severa de sangue, no banco dos hospitais de toda a zona sul de Botswana.

Tive que ir, no entanto, passo a passo. Primeiro, ir falar com os responsáveis de saúde da mina, e com a direcção da empresa, também com os recursos humanos, para reelaborar a minha situação profissional. Pelo menos, tinha direito a um subsídio, no tempo que estivesse em tratamento, até que me fosse autorizado voltar a trabalhar, com as devidas medidas preventivas. Uma nova vida, com tratamentos e cuidados que passaram a ser meus companheiros de viagem, como novos amigos que se cruzam no caminho de alguém e o acompanham porque eles querem, e porque esse alguém precisa deles. De facto, pouco mudou, em relação à vida que tinha antes. O tratamento médico me foi feito na vizinha África do Sul, onde a empresa tinha um acordo para enviar garimpeiros doentes. Tudo de graça para o meu bolso, mas com um alto custo para o meu bem-estar, as minhas rotinas, a minha pobreza digna e feliz, orgulhoso de continuar a ser o melhor empregado da equipa, em termos de números e quantidades extraídas. Não importava fosse cobalto, cobre, diamante, tantálio ou quartz, eu podia com tudo, como local ou como visitante, indistintamente. Até aguentava as prorrogações e as penalidades, se fosse míster desempatar com algum outro meu colega, ao mesmo tempo rival. Tudo isso se foi embora, pelo menos temporalmente.

Nas idas e vindas da clínica, em Joanesburgo, confraternizei com alguns moçambicanos, também trabalhadores do subsolo, que acarretavam algumas feridas ou contusões provocadas pelo empenho laboral. Especialmente me alegrei de ver o Reginaldo Mungwambe, que me convidou à sua casa, na cidade da Matola, perto de Maputo e nada longe de Joanesburgo. Menos de um dia de viagem, de carro próprio ou autocarro público, contando com a chatice da fronteira Lebombo-Ressano Garcia. Infelizmente, nunca consegui cumprir a minha promessa que lhe fiz, de chegar até lá, por exemplo um mês de Dezembro, porque quando ia à clínica, tinha terminantemente proibido sair da rota marcada pelo responsável médico da empresa. Não me interditaram, porém, o consumo de açúcar ou bebidas alcoólicas na pensão onde me hospedava durante os tratamentos, mas tive a decência de resistir à tentação de não tocar nos pacotinhos de açúcar, branco e castanho, que ofereciam no quarto. Limitava-me à água e a comida predominantemente verde, além de descansar e tomar a medicação que ajudasse os *ferryboats* do meu corpo a circular da melhor maneira. Tantas sensações entrecruzadas, durante aqueles dias, me fizeram pensar na Zambi, no feliz que ela estaria de saber que eu estava a me cuidar, a enfrentar o obstáculo que a vida me colocara com a maior diligência e disciplina. Também tinha acesso a um transporte da empresa para ir ao hospital provincial, duas vezes por semana, na mesma vila de Ramotswa. Não precisei de ser injectado sangue, durante o processo, porque eu estava a me autocuidar adequada e bondadosamente. Ainda assim, no hospital local asseguraram que, apesar da falta de sangue naquela unidade, seria possível solicitar, caso fosse necessário, algumas quantidades do precioso líquido, combustível do corpo humano, a

qualquer hospital dos países vizinhos. Tudo graças a um acordo vigente, promulgado e assinado por todos os catorze Ministros da Saúde da SADC⁸.

O diamante de Botswana acabou sendo um trabalho temporal, uma prestação de serviços, e depois acabei voltando para a África do Sul, que já era a minha segunda casa. Mas desta vez, fui transferido para Kimberley, um pouco mais a sul, lugar onde, em Maio do ano 2000, foi elaborado e discutido o chamado Processo de Kimberley, posteriormente convertido em filme. O tal Processo promovia umas condições dignas de trabalho para nós, os garimpeiros, de forma a não sermos vítimas inocentes de conflitos bélicos por um punhado de gemas, os chamados diamantes de sangue. Emprego assegurado, na capital mineira do mundo. Aquela foi a máxima conquista da minha vida profissional! Só os melhores mineiros do mundo, como os desportistas, é que podem convencer os clubes de elite para que os contratem enquanto estão de baixa por lesão. Justamente isso é o que eu fizera.

Ali, em Kimberley, fiz contactos com mais moçambicanos, a maioria do sul do país. Todos concordavam que a mina é um local onde há sucumbência, maningue tristeza e solidão. Durante a jornada laboral, só se pode ir para atrás ou para frente, mas ficar parado no mesmo local não é possível. Expertos de universidades internacionais, alguns seguramente colegas da Zâmbi, assegurariam, em panfletos que publicariam em revistas especializadas, que a actividade extractiva mineira danifica o subsolo e contribui para provocar as alterações climáticas. Que se

8 *Southern African Development Community*, em Português: Comunidade para o Desenvolvimento da África austral, composta por dezasseis países.

lixem, e venham cá a suar uma jornada no escuro, esses expertos académicos, que gozam de ar condicionados, telemóveis de última geração, televisão de plasma, automóveis inteligentes e demais luxos muito mais poluentes, graças ao nosso esforço, enquanto nós só levamos o mínimo para alimentar os filhos que nem podemos ter. Não são eles que fazem as leis de papel? Então, eu não entendo por que ainda vendem sacos plásticos nos supermercados, se são tão terríveis para o meio ambiente. Igual como a bebida alcoólica, não interessa quando e onde é comprada, por quem e em quais quantidades, mas sim onde se deita o líquido, já que dentro do corpo de uma pessoa pode ter efeitos devastadores. Seja como for, este era um assunto que já tinha crescido barba branca e estava a perpetuar-se.

Nesse período, só uns três meses depois de ter chegado a Kimberley, permiti-me recusar a proposta de ir para uma mina em Catoca, Angola. Os diamantes lá são bons e teriam-me pago bem, mas o risco de morrer por águas tóxicas não compensava. Com o meu estado de saúde, era tempo de calma. Na África do Sul, o maior risco eram as rugas que se podiam originar no meu bairro periférico dos negros, a maioria mineiros ou vendedores informais. Eu podia viver como um pobre toda a vida, mas encurtar o meu tempo de existência, por motivos de negligência laboral, não fazia parte dos meus planos existenciais. Porque ainda devia casar com a Zambí, a minha penelopélica dama que conheci graças à compaixão que ela teve de mim, após me ter mandado embora, com violência verbal, numa segunda-feira, na hora do jantar, no internato da Escola Secundária do Songo, vários anos atrás. Todavia, a própria Zambí, nesta tessitura, teria dito que não é lógico que eu rejeitasse o convite

do patrão, o chefe máximo, de ir para a terra do kuduro⁹. Que estava a cometer asneira, a perder confiança ganha através de muitos anos de sacrifício e eficiência silenciosa. Porque não havia, nem nunca haverá, eficiência barulhenta, ruidosa, turbulenta, farfalhuda ou espalhafatosa, não querendo soltar uma expressão mais raivosa. Imaginei que ela teria dito algo assim.

Em alguns momentos, cansei-me da bondade e do bom comportamento e tornei-me um incontrolado. Na bebedeira, no tabagismo, na vagabundice. De tanto tempo disponível que tinha para beber, fumar e dormir na rua, acabei por observar que a minha vida era como estar de férias permanentemente, não pelas actividades que desenvolvia, mas porque tinha muito tempo para elas, e sem ninguém atrás que me indicasse quando parar para voltar ao imperativo laboral, que não tinha, além de uma minúscula machamba de quintal. Quando voltei para a mina, disse aos meus colegas que tinha estado de férias, ocultando a doença, e brincava com eles dizendo-lhes que, durante as férias, tinha usado o meu tempo em ser um desempregado. Mas certo dia, nesse estado mental de termos saudades do trabalho, um estado pelo qual todo o mundo passa alguma vez na vida, decidi que tinha de fazer algo para me ocupar. Aprender economia, por exemplo. Mas não contar dinheiro ou calcular valores hiperinflacionados do kwacha, rand, pula ou metical. Devia aprender economia teórica. Brillantemente, qual um presente do céu, caiu nas minhas mãos um artigo sobre teorias de convergência económica, não sei qual beta e sigma, escrito e publicado em Inglês por um catalão experto na matéria. O moçambicano Reginaldo Mungwambe estava em casa, a fazer

9 Também escrito "cuduro". Dança e música de origem angolana.

de amigo, a tomar comigo um chá preto dessaborido mas com um pouco de canela em pó.

– E diz o que, essa teoria da convergência da beta e da sigma? – inquiriu o matolense, com gesto de interesse.

– Não me faças explicar. Mas acho que são duas teorias diferentes, não uma. Ou uma teoria única, mas explicada com duas definições contrárias, à escolha. Se gostas de beta, ficas com essa, e se gostas mais de sigma, decides que essa é a melhor explicação da tal convergência.

– Simples. *Insha'Allah* fosse assim com todos os conceitos e todas as demais coisas da vida. Defini-las por conveniência, não por natureza.

– Eu estava convencido que beta se refere ao caroteno da cenoura, que lhe dá essa cor alaranjada, que se come e faz bem à vista.

– O que terá a ver a cenoura com teorias económicas?

– Não sei. Às vezes, Mungwambe, não acredito que haja pessoas que se dediquem a isso, nas suas vidas. Como um trabalho real, de tempo completo, quero dizer. Não seria mais produtivo que viessem para as minas, a ocupar o meu lugar, agora que estou fraco e diabético? Afinal, tudo tem a ver com tudo.

Também ligávamos o aparelho e ficávamos a assistir qualquer coisa. Os políticos reformados costumavam dizer, nas palestras da televisão, que quando eles governavam, aquilo era política de verdade. Mudavam tudo de cima para baixo, foram orgulhosamente revolucionários e legais, ao mesmo tempo. Tudo foram benefícios para o povo. Entretanto, outros dessa mesma laia, adictos ao argumento contrário, diziam que, quando ficavam na oposição, aquilo era política de verdade, e que graças a eles, havia algum puxão de orelhas ao governo para

que fizesse as coisas certas, que de facto eram mérito da oposição, claro. Se não fosse por aquela gloriosa oposição, aquele governo só teria mudado tudo para que tudo continuasse exactamente igual.

Mais tarde, os nossos políticos entraram na obsessão das pontes. Katembe, Kazungula. Mas se esqueceram de reformar condignamente os *ferryboats* que serviram por tanto tempo de alternativa eternamente provisória. Sem *ferryboat*, as pessoas aglomeravam nas margens, sem poder passar. A uma certa altura, no meu organismo, senti que o barco da insulina não conseguia mais levar os alimentos de um lado para o outro da ribeira. O nutriente não atingia a célula. Tornei-me consciente do que significava ser diabético, e acabou o descontrolo com o álcool, assim como o chá com açúcar, o pão branco plastificado e o refresco assassino. Só comia, mas estava fraco, sem forças. Foi muito tempo sem saber o que eu tinha, antes de ser diagnosticado. Tive que esfregar os olhos várias vezes, quando recebi a notícia da minha diabetes, para ensiná-los a ver coisas novas, mesmo que fosse no mesmo lugar de cada dia e com as mesmas pessoas e coisas habituais. Ver mais além é uma arte que se aprende com a idade, pena que alguns a aprendem mais cedo e outros, mais tarde.

Igualmente me senti, quando tio Ndjema, mais uma vez, decidiu ajudar-me, sabendo da minha doença numa conversa com a minha mãe, quem, sem me perguntar directamente, sabia que eu estava doente pelo aspecto físico por mim mostrado, na minha derradeira visita à casa dela em Mufulira. Tio Ndjema me mandou um bom dinheiro, estando eu a receber a metade do meu salário durante o meu tratamento. As regalias de transporte e clínica não eram de borla, porque me eram desconta-

das do ordenado normal. Não sabia para onde dirigir aquele dinheiro que tio Ndjema me canalizou. Era dinheiro diabético, inflacionado. Os valores ficavam toxicamente acumulados no meu bolso, e tinha medo de afectar a quem me aproximasse. Precisava urinar aquele dinheiro todo. Os barcos da insulina saíam destruídos da fábrica pancreática, e os que dava para serem bem manufacturados, eram escassíssimos. Quantidades irrisórias. O meu corpo era palco de uma humilhação física, como se tentasse carregar dez toneladas de cimento na bagageira de uma bicicleta. Para além disso, as vias de passagem do sangue não conseguiam ser transitáveis. Os barcos afundavam e os comboios descarrilavam pelas estradas de vasos sanguíneos, cheios de covas e picos. Quando se tem um mal é fácil que se juntem outros. Como experimento, mictava num buraco da machamba ou na mina, para ver se saíam formigas de todos os cantos, à procura de beber a minha urina doce. Apareceram logo, como abelhas que vão ao mel. Se em vez de atrair formigas, atraísse cobre, ouro ou diamante, meu Deus, eu seria o garimpeiro estrela do campeonato internacional. As melhores equipas do planeta iriam contratar aquele meu talento, vindo do meu xixi doce.

Depois, passei para a dieta cetogênica, baseada em gorduras boas e eliminação de carboidratos. O meu estimado pão de cada dia mo tiraram. Com aquilo, nunca mais apanhei a lógica desse regime, assim como de nenhum outro. Assim, tornei-me experto em contabilizar calorias e percentagens de açucaração em todos os produtos. De nunca ler nada, passei a ser um leitor faminto de embalagens, mais do que dos conteúdos pseudoalimentícios. Também engordei, de forma insidiosa, durante aquele período. A primeira vez que fui sozinho à clínica, de nome

religioso, uma doutora de figura alta, esbelta e muito discreta, sem expressão facial, usava uma bata branca até os tornozelos. Mandou-me passar, sentei-me e enquanto eu terminei o meu sofrido depoimento, acto seguido me tomou a tensão com o esfigmomanómetro. Repetiu a operação. Até uma terceira vez. Logo, abriu o cardápio de testes disponíveis: VIH/SIDA, TB, malária, cólera, urina, glicemia e muitos mais.

– Qual queres? – ofereceu, como se fosse um *garçon* de restaurante de alto padrão. Só me faltava ter que deixar gorjeta.

Depois veio a época do gado fazer a transumância, minha própria, e da minha diabetes, que se movimentava por dentro de mim. Longas distâncias. Aí aprendi que a vida é o caminho, não o destino. Quando chegamos a um destino, só pensamos para onde iremos a seguir, como uma companhia de teatro ambulante. Numa certa ocasião, chegámos a um mercado, e essa foi a minha primeira vez num mercado grande, quase um grande bazar turco. Entendi que um lugar assim é a melhor sala de aulas de economia aplicada. Inflação e hiperinflação são conceitos que só podem ser aprendidos num mercado africano, melhor do que numa sala arcondicionada e com uma figura engravatada, que come três vezes por dia, a explicar oralmente. A distância não se dá bem com a aprendizagem, porque a procura de conhecimento deve ser feita de forma directa, sem intermediação e, se possível, sem sala de aulas. Com as minhas pesquisas independentes, no tempo que eu ficava em casa a recuperar, aprendi que um certo homem apelidado Hitler já escrevia, bem antes de ficar famoso, sobre a bastardização entre raças, mas era simplesmente uma forma literária de esconder o medo que ele sentia pelo mundo. Uma aplicação trivial do popular princípio que a maçã podre sempre vai estragar a maçã boa, dentro

da mesma bolsa, e não ao contrário. Mas se a raça ariana que ele defendia era tão forte, pura e boa, por que não confiava que os habitantes dessa sua raça poderiam tornar melhor o aspecto dos sujos judeus? A cultura é um jogo de tudo ou nada, não se pode apropriar, fragmentalizar ou nacionalizar. Por exemplo, à minha querida Zambi, se ela tivesse estado comigo nesse tempo, eu lhe teria dito que não conseguia falar mais que de pedras, poeira, varão e picareta. Mas pelo menos podia dizer que era capaz de escrever, e que a escrita funcionava como a minha tábua de salvação. No texto escrito, podia discutir livremente comigo mesmo acerca do sexo dos anjos, enquanto escaldava uma chávena de chá de canela, depois do trabalho, pois eu nunca usufruíra do descanso da mina, quando lá estava. Só sabia ficar à espera da próxima acção, qual um futebolista que, no intervalo do jogo, não vai ao vestiário e fica no centro do campo, à espera do reinício.

No que diz respeito à minha saúde, apliquei termos financeiros, desde bem cedo. O meu orçamento de bebidas açucaradamente gaseificadas já se esgotara fazia muito tempo. Não é que estivesse mais doente, é que simplesmente nasci pobre e sempre seria orgulhosamente pobre no que se refere à capacidade de engolir lixo. Melhor cicuta, que impede que fiques adicto. Nos dias de verão, estando em casa, eu desejava cumprir o sonho de cavalgar majestosamente pelo areial das praias de Durban ou Maputo, se é que conseguisse ir para um daqueles lugares, um dia. Um ano, ao Reginaldo Mungwambe não lhe foi permitido viajar para casa, em Moçambique, porque também estava doente, regras inapeláveis da empresa, pela nossa segurança e a dos seus familiares. Ele sofria do fígado, umas dores impertinentes que eram causadas por alergias de

origem ainda desconhecida. Talvez graças àquela situação, e também pelo calor que nos assolava, o calendário se estendeu, e os dias se esticaram como uma pastilha. Assim, chegámos ao dia trinta e dois de Dezembro, algo inaudito, no meio daquele terrível verão tórrido de calor. Umhas temperaturas, naquela zona do centro da África do Sul, que eram mais próprias do calor tetense, de quando eu estava na escola secundária do Songo, mais de vinte anos atrás. De facto, nem sei se era verão, propriamente dito. Acreditei que devíamos inventar um outro nome para aquele inferno, e o Mungwambe concordou, alegando que sempre eram os artistas, políticos e demais famosos que criam as novidades que alteram o curso sociocultural das demais pessoas. Desta vez não, seriam dois garimpeiros doentes, que iriam decretar o novo calendário, com o último mês do ano, um dia mais gordo. Eu recordava o verão, como o tempo em que as pessoas podem passear, ir à praia, andar à vontade pelo mundo. O tempo em que se gasta mais dinheiro. Dinheiro sulaficano, concretamete quimberlesco, naquele meu caso, em que recebia salário das minas da primeira divisão, na melhor equipa de garimpeiros do planeta. Este tipo de pensamentos, na companhia do humilde compadre moçambicano, me faziam sentir melhor e mais perto, cada dia que passava, de voltar ao terreno, com todas as minhas capacidades plenamente recuperadas. Mas também era ciente que, de estar ali comigo, a Zambí teria dito que, sentindo muito, aquele dinheiro, como qualquer outro, não tinha nacionalidade nem orgulho pátrio. Era dinheiro ganho com suor bantu, igual que o de todos os nossos vizinhos. Até o dinheiro que os brancos ganhavam lá nos seus escritórios de Londres, era mais bantu do que branco, pelo suor de quem o produzia.

Reginaldo Mungwambe era um jornalista frustrado, talvez por isso fizemo-nos amigos bem compenetrados. Tinha feito os dois primeiros anos da licenciatura, mas a pobreza familiar o obrigou a saltar para a Jon, onde foi de hotel para hotel, como limpador e segurança, e depois de mina em mina, igual que eu. Pouco a pouco, fui analisando a realidade de todos os meus colegas do subsolo, e concluí que todos éramos frustrados em alguma coisa, e que devido a um fracasso de juventude, tínhamos acabado lá, na mina. Portanto, quando ele tomava a iniciativa para conversar sobre algo, falávamos de jornalismo.

– Todas as notícias em destaque são estratégias mercantis de um conselho editorial. Hoje em dia, um jornal já não é feito por jornalistas profissionais – disse ele, embriagado de raiva.

– Então, qual é o trabalho do jornalista? – inquiri eu, ávido por aprender mais daquele ofício.

– O jornalista escreve, melhor ou pior, mas depois, quem de verdade selecciona os conteúdos do jornal, costuma ser um semianalfabeto que só sabe contar dinheiro e exemplares vendidos, mas não interpretar uma notícia devidamente.

– E achas que todos os jornais e meios de comunicação do mundo têm pessoas semianabecedariatas no seu conselho editorial? – eu colocava o nariz lá onde me interessava, apenas, pois não tinha nada a perder na conversa, na qual eu era um iletrado.

O Mungwambe não respondeu a minha questão, de forma directa, mas também não a ignorou. Primeiro, diferenciou entre jornalista e artista. Realidade e ficção. Pesquisa e criação fantástica. Soltou-me uma oração de sapiência, com a qual alegava a tese de que o jornalista moderno é um ser carcomido pelas balizas da realidade, pouco atractiva, enquanto que o artista é

livre, porque pode criar a ficção que quiser. Mas não por isso o artista tinha possibilidades de escrever textos mais bonitos dos que o jornalista produzia. Neste ponto, eu achei que o meu amigo estava a se contradizer, mas deixei que falasse até onde o fôlego lhe permitisse.

– O medo à folha vazia, o papel em branco! É isso que mais incomoda os jornalistas – concretizou.

– E os artistas, sejam poetas, conta-contos ou romancistas, será que nunca se enfrentam à página em branco? – desafiei eu, que estava a acompanhar com prazer os argumentos do meu amigo mineiro.

– A verdadeira ciência deve ser feita com base nos jornais e revistas, mas não com os destaques, com as notícias que vêm nas páginas centrais, longe do barulho e das letras maiúsculas coloridas – encerrou.

Nos tempos que estudou na Faculdade, de jovem em Maputo, o Mungwambe recordava que tinha feito um breve estágio na Rádio Moçambique, onde conheceu um jornalista português, chamado Ferreira, que vivia entre Lisboa e Maputo, seis meses em cada cidade, para evitar o frio. O Ferreira organizava visitas turísticas para estrangeiros em Moçambique, vindos de todos os cantos do mundo para descobrir a pérola do Índico. O Mungwambe, que uma vez foi convidado ao passeio, contribuiu com informações valiosas para os visitantes, e para o próprio Ferreira, que desconhecia muitas particularidades de lugares emblemáticos como o porto de Maputo. Também o Jardim Tunduro, a Fortaleza e a Casa de Ferro. A estação dos CFM na baixa. O palácio da Ponta Vermelha, só do lado de fora. O mercado Janete. A praça da OMM. A rotunda do Des-tacamento Feminino. A Praça dos Heróis. O miradouro da ave-

nida Friedrich Engels. O mosaico perto da subida do Caracol. O pequeno jardim de Dona Berta, na avenida Vladimir Lenine. A Feira do Artesanato, no Parque dos Continuadores. O Parque dos Cronistas. O Jardim dos professores, ao pé da rotunda do Hotel Cardoso. A estátua do Eduardo Chivambo Mondlane, a presidir a avenida homónima. As duas estátuas de Samora Machel, uma diante do Conselho Municipal, a outra na entrada de arco manuelino do Tunduro. O jardim de manutenção física António Repinga. A praia da Costa do Sol. Os museus da Moeda, de Geologia, da Revolução, das Pescas e o Nacional de Arte. O Mercado Central, onde o Ferreira obrigava os turistas a comprarem castanha de caju. O lanchonete da Associação dos Escritores Moçambicanos, na avenida vinte e quatro de Julho, nada longe do ilustre armazém de vinhos Socimpex. A Feira do Pau, na praça vinte e cinco de Junho, recheada de artesanato aos sábados. E os mercados da calamidade da baixa, em plena azáfama de uma terça-feira às onze horas. Algumas vezes, se havia tempo, os passeios incluíam uma saltada para a cidade da Matola, para ver a galeria do mestre escultor Alberto Chissano, no bairro do Fomento. Mungwambe recordava, perfeitamente, como os turistas só faziam fotos com um grande sorriso, em frente de um dos pontos de interesse, e imediatamente depois voltavam a ficar de rosto sério. Missão cumprida, como se o passeio fosse um sofrido trabalho que obrigasse a sorrir em determinados momentos, para poder ganhar o prémio da admiração popular nas redes sociais. Toda aquela história do Reginaldo me fazia sentir vontade de provar, de novo, a xima com couve de Moçambique. Também outras delícias que eu não ouvira mencionar, muito menos degustar, durante os meus

três anos no Songo, como mandioca, garoupa, água de coco, mucapata, matapa de amendoim e xima de caracata.

A minha situação em Kimberley não tinha os mesmos riscos do que na periferia de Joanesburgo, mas ainda existiam brigas ocasionais. Porém, a presença policial desse lado era maior do que na enorme cidade capital da província do Gauteng. Numa certa altura, eu não sabia se tinha mais medo da polícia ou dos malandros, mas se fez a escuridão em todo o bairro e o páni-co tomou contas de muitos dos vizinhos, de mim também. A energia eléctrica que Moçambique produzia no Songo e vendia por toda a região também tinha falhas de fornecimento naquela zona, e não apenas no seu país de nascimento. Eu temia sair à rua e ser apanhado com ladrões desalmados. Também sentia pavor pela opção de ficar encerrado em casa e que alguns, ainda mais desalmados, entrassem pela força e levassem tudo, eu incluído. Como se não bastasse, o Mungwambe não estava, aquele dia, porque tinha ido à clínica. Tive que pensar a sério em procurar um outro espaço para mim, solteiro e sem grandes exigências. No dia seguinte, com sol e paz dominical, tirei todos os meus pertences, que não era muita coisa, e usei tchova para a mudança. Desloquei-me para o outro canto da cidade, onde talvez poderia encontrar outros Reginaldos Mungwambes. O original, porém, ainda ficou no bairro anterior porque não sentiu o mesmo perigo.

– É que tu não estavas cá, ontem, com o apagão. É fácil falar de algo que não sentiste nas tuas carnes – adverti.

– Exageras, mano Coppo – me acalmou –. Aqui tem famílias com filhos pequenos, e vivem bem, nunca foram atacados.

Ainda conservávamos a amizade, e o contacto regular na mina. Eu já estava a recuperar-me, e conseguia adaptar-me à

minha nova vida diabética, cada vez com mais normalidade, enquanto que o Mungwambe também já estava fora de perigo, no concernente aos seus espasmos hepáticos. Como trabalhávamos mais horas, os honorários também subiam, e a minha alegria circulava mais livremente pelo meu corpo, tanto no interior como no exterior.

Neste estado de felicidade, dentro da doença, também plantei algumas árvores, no quintal, para embelezar o novo espaço onde morava. Actividades solitárias, como o desporto ou o contacto com a natureza, sempre são um bálsamo para a solidão e a dor. Um dia, era sábado de tarde, o Mungwambe apresentou-se na minha casa com dois sobrinhos, que chegavam para ficar, construir o seu próprio futuro.

– Lá em Moçambique não encontram nada que valha a pena, coitados.

– E aqui, para além das minas, o que querem fazer? Falam Inglês, Zulu? Tem feito algum curso? – interessei-me pelos miúdos, ambos com menos de dezoito anos.

Eu via a viva imagem de tio Ndjema, no Mungwambe, e a mim próprio naqueles dois moços, nos tempos em que eu fui para a fazenda de Lubumbashi. Convidei a eles três para que sentassem no jardim, pois fazia calor, e para que tomassem um chá ou sumo natural, à escolha. Refresco, pelas consabidas razões dietéticas, não tinha espaço no meu humilde lar. Trouxe as bebidas e concluí a rega da última planta do dia, uma laranjeira. Todo o jardim estava povoado por mais de vinte árvores, que tivera plantado em menos de três meses.

– Caraças! – exclamou o meu amigo –. Como cresceu essa planta, já está frondosa.

– Trabalhei muito, aqui, nas primeiras duas semanas – expliquei –, com essas quinze plantas. Depois esperei um pouco para ver se cresciam bem, neste solo, e só ontem que retomei com o segundo leque.

É verdade que eu tinha trabalhado muito, mas também menti, ou, melhor dizendo, escondi alguma verdade. A primeira árvore já existia previamente, uma acácia vermelha. Quando as folhas caíam no chão terroso, a ventania se encarregava de as espalhar, e finalmente, com a chuva, germinavam e cresciam autonomamente. Sem eu fazer nenhum trabalho de campo, a natureza é que fez por mim o plantio da maioria das árvores que, algum dia, ficariam frondosas. Como ex-fazendeiro, também gostava de kulimar¹⁰. Fiz um canteiro sintrópico, o chamado plantio da água, em que as plantas, por exemplo uma bananeira, transporta água e inunda as outras culturas da machamba, sem necessidade de mangueira, gota-a-gota, torneira, tanques ou furos. Minha vida mudou para bem, graças ao contacto com a natureza. Por isso devia agradecer aos malandros que provocaram problemas, no dia do apagão no meu ex-bairro. Esta oportunidade de trabalhar com plantas, no meu tempo livre da mina, numa casa mais pequena mas rodeada de verde, era mérito deles, e da polícia, que contribuíram para a minha saída da zona anterior. Os malandros, amigos do alheio, quando actuavam, estavam a me avisar de que eu devia sair dali. Pelo contrário, aprendi que quando é a polícia a actuar, em qualquer situação da vida, significa que já é tarde demais, porque já morreu alguém, se roubou alguma coisa ou se destruiu uma casa.

10 Expressão usada em algumas regiões de Moçambique para se referir ao trabalho agrícola.

Finalmente, e depois de muitas dificuldades, voltei ao ritmo de trabalho na mina, com a minha diabetes convertida num simples complemento do dia-a-dia. Tomar a medicação do médico e cuidar das minhas plantas tornaram-se mais dois actos de cumprimento obrigatório quotidiano, como comer, dormir, respirar ou escavar cobre e diamante.

10. A dura vida da docente

Recém-aterrada de Addis Ababa, onde fizera a última escala aérea da viagem de Paris a Maputo, decidi entregar-me ao luxo de um autopresente, e passei duas noites de hotel na capital moçambicana, perto da Costa do Sol. Depois da defesa final, feita em Francês, só tinha-me dado o prazer de um jantar, sozinha, numa taverna de categoria média mas com preço de dez estrelas, no centro da antiga vila luteçiana. Já em Maputo, só descansei, não tive forças nem coragem de me inventar uma lua-de-mel para mim e o meu certificado que me conferia o grau de Doutora. Não anima dormir com um papel de cartolina, acordar com ele e beijá-lo no carimbo, tomar banho e encontrá-lo na mesa, à minha espera, e matabichar a olhar para a assinatura do Magnífico Reitor. Contudo, os dois dias e as duas noites na cidade das acácias deram para descontraír, esquecer todo o Francês que tivera aprendido nos últimos três anos e meio, e planificar um pouco o futuro, quer mais imediato como a longo prazo. Para o porvir menos longínquo, estava feita. Sabia que devia voltar para Tete, ficar com minha mãe uns dias, e solicitar a vaga que desejava desde tanto tempo na mesma Faculdade onde me formei. Para o assunto do futuro mais além, Coppá ainda estava lá, por muito que me esforçasse em fazer a minha vida de mulher independente. O garimpeiro zambiano de olhos tristes e cara afiada continuava sempre presente, uma sombra translúcida e indelével. No restaurante de *buffet* giratório, foi-me fácil comer pelos olhos, que não estimam sabor

nem calculam calorias. Como em outras esferas, nos deixamos levar pelo físico, pela beleza exterior, sem observar a essência.

Cansada da azáfama que supunha, para mim, atravessar o mundo a andar de avião, decidi que voltaria para casa pela via terrestre. Se não houvesse barulho no Muxúngwè, até seria uma caminhada agradável, um epílogo brilhante às voltas dadas, de ponta a ponta do planeta. O mais curioso é que, na viagem de machimbombo, subi no carro e reparei na conhecida figura do Doutor Cumbane, a fazer o mesmo percurso que eu, no mesmo dia e com a mesma empresa transportadora. Poderia ter decidido pegar voo nacional, encurtar ou prolongar a minha estadia em Maputo, ou comprar bilhete de uma outra empresa de autocarros. Mas o destino quis que as circunstâncias confluíssem para que o antecessor e a sucessora encontrassem os seus caminhos naquele machimbombo, a sair da Junta, sob olhar da estátua com arma de Filipe Samuel Magaia. Assaltámos a estrada nacional número um e começámos a conversar, naturalmente, uma vez superada a mútua surpresa inicial pela coincidência. De facto, não foi uma conversa normal, eu tive que permitir que ele me envolvesse na sua forma de discursar. O Doutor Cumbane, sempre que falava, lutava por persuadir o interlocutor, não se importando se era uma conversa académica na sala de aulas ou um qualquer papo furado a circular de machimbombo. De repente, chegámos a um controlo de polícia, e o Doutor Cumbane reagiu, falando em voz alta.

– Esses sacanas analfaburros só sabem pôr multas, e sempre são multas erradas, por motivos muito menores, não tão graves que possam provocar acidentes – desabafou.

Não respondi, pois eu ainda estava com a mentalidade dos motoristas franceses, que não gritam nem consultam o telemó-

vel quando estão a conduzir, muito menos passam semáforos vermelhamente fechados. Contudo, fiz as minhas reflexões, acerca do que o Doutor Cumbane tinha dito. Achei que o mundo precisa que haja mais multas, e que não sejam multas apenas por infrações visíveis. As sanções devem abranger o facto de não sorrir, não se alimentar bem, não dormir suficiente, não agradecer, não regar as flores. Qual carta se pode cassar quando uma pessoa não cumpre com os seus deveres espirituais? Que-ria colocar este desafio ao meu companheiro de viagem, que de certeza teria analisado com atenção e respondido com alguma hipótese admirável, mas desisti de encher a minha cabeça e a dele. Fizemos um acordo tácito de não falar muito durante a caminhada, só quando necessário. Tanto eu como ele tínhamos vontade de fazer uma viagem contemplativa, quer para a paisagem como no que se refere ao interior das nossas almas.

– Vou para Tete e depois volto para casa, para Inhambane. Só estarei na terra do Zambeze para recolher algumas coisas da Faculdade, assinar os protocolos da reforma e encerramento da minha cátedra, e para despedir o pessoal. Logo estarei de novo a saborear tapioca e a mergulhar na praia de Barra.

– Saudades da terra, entendo. Tens medo de viajar?

– Tenho medo de todas as viagens. O avião me aterroriza, mas só o apanho se alguém paga a passagem para mim. De carro também não me sinto muito bem, desde que aconteceu o acidente de Capirizange, lá em Moatize, alguns anos atrás. Morreram muitas pessoas e a província de Tete esteve nos destaques de todos os jornais, por vários dias, devido àquela tragédia.

– Sinto muito pelas vítimas. Sim, acompanhei o caso. E assim, Doutor Cumbane, já existe alguém para lhe substituir na

UP de Tete, como director do departamento de História das Artes?

– Existe, com certeza. Mas não sei se já foi indicado. O mundo é imenso, e com oito bilhões de almas, alguém deve haver que tenha o perfil para esta posição que eu estou a deixar. De facto, eu não tinha nenhum perfil quando entrei, mas me fui fabricando pouco a pouco, até aqui. Caso houver opção e a minha voz tenha algum valor, vou propor-te para que ocupes o meu lugar.

Ainda queria falar mais, o Doutor Cumbane. Considerava que, hoje em dia, e nos próximos anos, num futuro não muito além, os movimentos migratórios seriam todos ao contrário. Se antes, nos tempos da industrialização, as pessoas abandonavam as zonas rurais para ir às cidades, por causa dos empregos que as fábricas davam, dando-se as mãos com condições de vida mais dignas, modernas, avançadas e menos rudimentares, a partir de agora será da cidade para o campo. A simplicidade é a mesma. Agora, as condições de vida avançadas, modernas, inteligentes e prósperas são as zonas com espaços abertos, ar puro, comida produzida localmente, longe das máquinas de alienação massiça que são as cidades, produtoras de analfaburos condenados às rotinas, ao consumo de produtos caros e de pouca qualidade, empregos ruins e pior remunerados, bichas e enchentes nos transportes, mercados, postos de saúde, escolas, lojas e bancos. A dicotomia de que tudo vai e depois volta, do campo para a cidade e vice-versa, eis a tese que o Doutor Cumbane tivera defendido, perante um júri criado para o efeito, na UP de Tete, para se tornar Catedrático de História.

– Já leste livros escritos por mulheres, Zambi? – questionou-me, repentina e inesperadamente.

– Poucos, sinceramente – apressei-me a mentir, para resistir o embate, porque, de facto, a minha resposta real teria sido “nenhum”.

– As leituras obrigatórias, da escolinha até a Faculdade, são todas escritas por homens. Me engano? – soltou, ele, amante das perguntas retóricas.

– São. Mas sei, através dessas obras maiormente escritas por homens, que Marie Curie ganhou um prémio muito importante, e que, quando o seu marido foi recolher um outro prémio, disse que os dois, o dele e o dela, eram por ela merecidos. E também, cá em Molambique, conheço algo do nosso assunto da OMM, do destacamento feminino, da Josina, que perdeu a vida tão nova, a lutar pela libertação. E depois ainda tens a Graça, a Luísa Diogo, a Alice Mabota e tantas outras.

– Mais, quero mais. Continua! – impeliu-me o Doutor Cumbane.

– A Revolta do Chachacha, na Zâmbia, é recordada por Kenneth Kaunda e outros dirigentes masculinos. Belo livro que escreveu Harry Nkuka Chibesakunda sobre o tema. Mas sem a vigorosidade com que as mulheres zambianas dançavam aquele ritmo de nome triplicemente unisilábico, os homens que hoje são chamados de heróis nunca teriam avançado para frente, naquela insurgência contra os colonos opressores.

– Sabes muito, Zambi. Parabéns. Dá para ver que, apesar de que os livros escolares de História ainda não contemplam as mulheres, por causas que para mim não deixam de ser mistério, pessoas jovens e progressistas como tu sabem como procurar as coisas. Ainda mais?

– Bom, sim, claro, há muito mais, no que diz respeito às mulheres, só não te quero apertar a cabeça.

– Aperta, mulher, que a viagem é longa e não estou com sono.

– Há o caso das norteamericanas, a partir de Rosa Parks, que não deixou o seu assento no autocarro por ordem de um branco. Rigoberta Menchú, da Guatemala, pela sua defesa dos povos e culturas indígenas da América Central. E Ruth First, da África do Sul, que se recorda mais por ter sido a mulher de Joe Slovo do que pelas suas reportagens de denúncia contra o Apartheid.

– Por não ter lido obras escritas por mulheres, sabes muito do teu género ao longo da história.

– Seguramente li muitas obras escritas por homens que falam de mulheres. Mas em qualquer caso, aprender estas coisas é um prazer que inunda de sabedoria.

– Seria uma pena que a UP te escolhesse para te encerrar no gabinete de directora do departamento de História, quando tu precisas de voar muito mais alto!

O Doutor Cumbane era bom a falar doce. E também tinha uma paixão, a pintura. Tivera exposto as suas telas em vários eventos nacionais e internacionais, diziam os expertos que se se tivesse dedicado a isto profissionalmente, teria atingido patamares altíssimos nas artes plásticas do país, até o ponto de ser o hipotético substituto natural do mestre Malangatana. Mas ele era mais da opinião que, não tendo sido professor de carreira, nunca teria adquirido o interesse e a paixão pela pintura. E que não pintava para se assemelhar a ninguém, apenas por prazer pessoal. Também pintava para ornamentar capas de livros, pois um bom livro sem uma capa de qualidade perde muito, e ele, como docente universitário e autor com várias obras publicadas, sabia bem disso. Não se julga um livro pela capa, mas

sim se pode considerar muito da capa, a partir do conteúdo do livro. Portanto, lia, escrevia e pintava, às vezes para si mesmo, outras vezes para decorar os trabalhos de outrem. Contudo, eu nunca ocupei a posição do Doutor Cumbane como directora de departamento de História. Quando comecei a dar aulas na delegação da UP de Tete, com o primeiro salário comprei um abajur decorativo, que conservaria por muito tempo, não pela beleza ou utilidade, mas só pela estima que tenho do momento, da vivência que um objecto pode trazer. Aquele abajur serviu-me, por alguns anos, como única base confiável para garantir a iluminação em casa, sempre que a Cahora Bassa nos permitia. Assim é que comecei a sentir-me escritora, primeiro de literatura científica, por imperativo profissional, e depois de poemas, cronicos, canções, peças teatrais e romances. Quando tive o meu primeiro computador, pegava nele cada noite e apertava as teclas, como se em vez de escritora, fosse uma pianista enfurecida, uma produtora de ódio artístico. Nem aprendi a tocar a timbila, instrumento da minha terra, e que cada vez mais estrangeiros tocam, para bem ou para mal, não sei. Naquele período, eu dava aulas de História das Artes Universais na UP de Tete, e numa certa altura, Moçambique me fez recordar as coisas boas que não tivera no meu tempo do doutoramento em Paris. O sol das quatro e tal da manhã, fazer desporto bem cedo, nas horas ainda frescas, e depois matabichar antes das sete, para ficar cheíssima de energia para todo o dia, se bem é verdade que essa energia vazava não mais tarde das catorze, em que o peso do calor e das horas acordada, com frenética actividade, me mandava parar, forçosamente.

Na cidade de Tete, continuei a fazer um pouco de desporto, pelos caminhos dos arredores do recinto universitário da

Universidade Pedagógica, cercados de imbondeiro, a árvore de malambe. Se caminhava ou corria de manhã, apenas me cruzava com umas poucas pessoas, vendedeiras de pão e badjia, trabalhadores de limpeza da própria Faculdade ou algum motorista que acordava cedo para ir fora da cidade, e começava logo a viagem para não encontrar o engarrafamento mais denso. Se decidia mexer o meu corpo de tarde, era um pouco mais difícil, porque havia mais enchente nas ruas e se fazia mais difícil praticar desporto à vontade, mas também tinha a sua parte engraçada, especialmente no momento em que o meu chefe de departamento, o Professor Zenóbio, saía da Faculdade com o carro dele e diminuía a velocidade quando me via correr, para me evitar a maior quantidade possível de poeira na cara. As primeiras duas ou três vezes que o fizera, eu estava convencida de que ele queria parar mesmo, e que eu parasse também, para me dar alguma instrução do trabalho, me recordar da seguinte reunião do Conselho da Faculdade ou me contar que a sua senhora estava doente e que só voltaria passados uns dias. Mas depois, entendi que ele era um homem bom, um pedacinho de pão, que sabia separar estritamente o trabalho profissional das vicissitudes pessoais. Caso fosse extremamente necessário, como no caso do adiamento dos exames de monografias por causa de um oponente externo, que teve infelicidade na família, ele também me ligava de noite ou aos finais-de-semana, coisa que nunca me incomodou. Pelo contrário, adorei a cultura que ele tinha de contar comigo e me informar de tudo, no devido momento, pois eu nunca fui boa na imaginação ou pesquisa intuitiva. Ele era o único motorista que sentia por mim, porque reduzia a velocidade. Era sempre assim: poeira no tempo seco, matope na estação chuvosa. O Professor Zenóbio, angolano catoquense

de nascimento, que para além de me chefiar, também usava os seus tempos livres e a sua clareza mental para escrever sobre aquilo que observava. Sobre nós, sobre as pontes, sobre as fronteiras, sobre os meninos que trocam dinheiro falso e vendem recargas para obter um rendimento exíguo. Muitos pensavam, no início que ele chegou, que uma pessoa de um outro país, mesmo que fosse um negro igual que nós, não poderia escrever nada sobre Kazungula, Luapula ou Cassacatisa. O estrangeiro devia ficar a fazer livros de viagens sobre Serengeti, Kilimanjaro, Gorongosa e Lake Malawi, no máximo, como faziam os brancos. Mais nada. Mas eu costumava desafiar, quando havia tertúlias de professores acerca deste tipo de assuntos. Será que um negro, um chinês ou um ameríndio não pode ir para a Europa, observar e escrever algo sobre a Linha Maginot, o gueto de Varsóvia ou a inclinação da Torre de Pisa?

Com tanto trabalho, eu como flamante Professora Doutora, o tempo para a família se reduzia cada vez mais. Finalmente, quando tive um sábado para ir almoçar em casa com a mãe e o meu irmão, recuperei todos aqueles anos de distância. O reencontro com o irmão foi bom. Ele já andava reabilitado das crises mais profundas que as marandzas lhe criaram, mas ainda estava sem a sua mulher digna que eu queria que tivesse. O vizinho Chazia já não estava, lá no quintal, pelo que tive que procurar o momento de dar as condolências. Um homem bom, que não entrava em problemas e que só procurou o melhor para a sua família, foi engolido pelas torrentes incontroláveis do ciclone Idai, numa missão de resgate em Nhamatanda. Paz à sua alma. A minha mãe, agora já sem o vizinho com quem conversar, estava a ficar cada vez mais murcha. Inclusive as flores da varanda aguentavam o passar do tempo mais firmemente

do que ela. Para além de estar derrotada, sem metas na vida, uma vez já viu os filhos a crescer, cada movimento que ela fazia era, de uma forma ou de outra, mais um passo do caminho para o cemitério, talvez para se reencontrar com o vizinho Chazia e bater papo com alguém, porque, por muitas flores que regasse, nenhuma delas aprendeu a falar como os humanos. A natureza tem as suas formas específicas de se comunicar, infinitamente mais contundentes e pragmáticas do que as das pessoas humanas.

Na casa que aluguei, no meu bairro natal do Chingodzi, partilhava o quintal com duas famílias, mas não eram de conversa fácil. Os homens sempre andavam atarefados, longe do lar, como o meu querido Coppa, sempre longe dos meus braços, mas sempre amarrotado ao meu pericárdio. Se não fazia desporto de manhã, aproveitava para matabichar bem cedo e ir para o escritório, onde sentava bem e tratava de documentos pendentes, que sempre eram muitos. Ocasionalmente, sentia que eu era a única pessoa capaz de digitar cartas eficientemente, imprimir, assinar, carimbar e escanar, para depois enviar por email, como documento adjunto. Por essa razão, ou pela falta de cooperação dos meus colegas, tornei-me uma espécie de secretária, servidora dos meus próprios colegas, relaxados, que levavam trinta minutos para abrir o email, sem incluir o atraso habitual na hora de chegada ao serviço. Quando, por milagre, tinha a oportunidade de dar aulas, encontrei-me na encruzilhada de ter que substituir o docente de língua francesa, numa das aulas que eram dadas no Centro de Línguas, fora do campus principal. Para além das preparações contra-relógio, de uma disciplina que eu nunca dei como docente, mas apenas recebi, recordei-me do professor Chrétien, apaixonado pela poesia e

amante de deixar a gramática normativa num segundo termo. Ele me desafiava a nunca responder, quando o estudante me perguntasse por que algumas regras, alusivas ao funcionamento da língua, têm mais exceções do que exemplos da própria regra. Em vez de ensinar com base a livros teóricos, me recomendaria que, pelo mesmo preço, desse aos estudantes um livro de poesia onde aparecessem regras e exceções, e assim a aprendizagem ficaria mais firme. Sempre que se analisa uma situação, nem que seja uma guerra mundial, um divórcio ou umas eleições autárquicas, é melhor prestar toda a atenção aos dois lados da mesma moeda, pois é a única forma de entender o porque do por que. O meu querido Coppa, nem por acaso um literato, se estivesse naquela minha situação, concordaria com o professor Chrétien.

Cansada de ser secretária de meninos, que nem tinham feito o doutoramento e pensavam que me podiam dar ordens, bem sentados nos seus cadeirões, decidi que aquele ambiente me ficava pequeno demais, apesar da boa relação com o chefe de departamento, o professor Zenóbio, e apesar de viver perto da minha coitada mãe e do meu alegre irmão. Para o seguinte desafio, arrumei as malas e fui de Tete para Maputo, onde fui contratada como docente titular do curso de Comunicação e Artes da UEM. Desta vez, também viajei de autocarro, mas sozinha. Sem o Doutor Cumbane, tive que engolir todo o percurso para sul em silêncio, a contemplar a mata e os vendedores da estrada nacional, quando parávamos nas vilas. Na capital do país aluguei um apartamentinho na Katembe, mas se fazia complicado andar de *ferryboat* todos os dias. Recém-chegada ao meu novo bairro, reparei que todo o mundo só sabia falar da nova ponte e estrada que estavam em construção, que iriam unir a enorme

distância da baixa da cidade com a Ponta do Ouro, a fronteira mais a sul do país, a cauda de Moçambique. Na Katembe, eu me preocupava com a segurança, minha e de Coppa, lá onde ele estiver. Me preparei, mentalmente, para deixar o meu emprego e ir socorrer o meu namorado da infância, o meu futuro esposo, único dono do meu coração. Mas tive que voltar antes mesmo de sair, porque entendi que éramos mais felizes na distância. Da primeira vez, ninguém do meu entorno laboral notou a minha ausência, pois tinha sido uma fugida inapreciável, equivalente a uma saída pontual de alguém que vai à consulta do médico ou à bicha do banco, e encontra engarrafamento. Mas da segunda vez, a minha forma de desatender trabalhos, estando fisicamente presente, na Faculdade, comportou um tormento grandioso e uma advertência catastrófica. Estive quase a passar do tudo ao nada, como quem dilapida a fortuna obtida em lotarias e deve recorrer aos créditos para poder recuperar o dinheiro, o alimento e o sustento material, uma vez perdida a dignidade para sempre. Mas não foi necessário chegar a tais acções, porque as referências que eu trazia da UP de Tete me faziam ser uma das melhores professoras de toda a Faculdade, em termos de profissionalismo. Bastava só não voltar a cair nos fantasmas do interior da minha cabeça, pensando em coisas que não podia saber. Caso algo assim fosse acontecer de verdade, e não apenas na minha mente, sempre haveria a opção dos contactos do passado, aqueles que te respeitam e apoiam mesmo quando estás mal, se bem eu, infelizmente, nunca tive a capacidade reinventória de outras pessoas, como Coppa.

No terreno profissional, tudo ficou acautelado, e não recebi mais advertências, pelo que me tornei uma professora cada vez mais e mais exemplar. Mas na solidão das minhas noites,

especialmente quando terminava o dia esgotada pela tensão de um milhão de coisas em unísono, eu pesadelava. Por exemplo, que Coppa me pedia para ir até a fronteira de Cassacatisa, ou Katete, como eles chamavam àquele cotovelo do mundo. Cinco horas de carro, desde a cidade de Tete para chegar a um portãozinho onde um guarda anotava tudo rudimentariamente. Até recordava, no meu líquido pensar da noite, que o motorista do chapa que fazia a rota de Tete para a fronteira era zambiano, mas que falava a língua de Camões com um forte sotaque tetense, e saltitava para o seu país uma vez por mês, que era o tempo que levava para juntar alguns meticais que se convertissem num valor decente, uma vez trocados em kwachas. Também era perfeitamente capaz de lembrar, com todos os detalhes da minha noite escura, que, na viagem de chapa, passámos um camião que tinha furado pneu, e o alegre chapeiro parou para perguntar o que se passava. Ele e o camionista trocaram palavras de desesperação pela incerteza, já era quase noite, e o meu motorista acabou dizendo “non tenhu sursalente. Ti dava!” e rearrancámos, com o propósito de chegar à fronteira antes das dezanove horas. Depois, aldrabão de taxi até a estação dos autocarros, que partiam para Lusaka a cada meia hora. Supostamente, no meu pesadelo, Coppa estaria à minha espera na capital, na zona de Northmead, para depois irmos juntos para a nossa casa, em Makeni. Mas nunca fui capaz de chegar ao desfecho daquela imaginação, porque a cada noite fazia o mesmo percurso, e o meu alarme tocava, para acordar e atacar o novo dia, no mesmo momento, em que íamos de chapa para casa.

Às vezes, durante os meus finais-de-semana de reflexão e leituras solitárias, recordava quão diferente era a vida de Mo-

çambique em relação à da Europa. Lá, o meu corpo levantava-se às oito horas, ou oito e meia. Em Moçambique, pelas seis e vinte no inverno e antes das cinco em ponto no verão. Não interessava a hora que ia dormir, tanto num caso como no outro. A biologia fazia o resto. Mas na casa da Katembe, energia a toda hora estava a bazar, tanto do meu corpo, como do sistema público alimentado pela Cahora Bassa. Impossível aquecer água para chá e ao mesmo tempo ligar-me ao Zoom para videoligações com estudantes e com o Conselho dos Professores. E quando conseguia ver por um minuto, a imagem se ultrapixelava e ia embora. Que suplício!

Cada noite, como se Caravaggio configurasse um novo tenebrismo, eu concebia o plano da visita fictícia de Coppa, ali mesmo, na minha casa da Katembe, sabe-se lá para quando. Eu só me preparava: assava frango, cortava vegetais, amassava xima, preparava caneca para lavar as mãos, esticava o pano de mesa, elegantemente, e pousava dois guardanapos em cima de cada prato, um a cada lado da mesa. No entanto, um dia de trabalho na UEM, conheci um homem branco, oriundo da Noruega, que trabalhava num projecto de nutrição, e que não deixava de repetir expressões moçambicanizantes como “bater um café”, “maningue tako” ou “espreitar”, que um estrangeiro qualquer, que está a aprender a língua normativamente, nunca iria apanhar, ficando desprovido de escudo. Também tentava comer xima com as mãos, mas era só fachada, não se adaptou.

– Vocês têm os relógios, nós temos o tempo – me soltou, uma vez, na nossa primeira conversa.

– Como diz, o senhor? – me dirigi a ele, incrédula, tão respeitosa quanto pude.

– É uma piada, mas sem graça, só para iniciar conversa
– escusou-se.

O Doutor Cumbane veio a Maputo, já reformado, onde ainda conservava amigos do mundo académico. Vinha para intervir numa conferência sobre o futuro da educação na África e o papel das novas tecnologias na sociedade actual. Ele viajou dias antes, porque gostava de se preparar bem, como uma equipa de futebol que se desloca uma semana antes ao cenário onde se disputa a final de um torneio, para ficar melhor concentrada. Teve um tempo para me encontrar, durante um descanso da preparação para a palestra, que decorreria numa sala do Complexo Pedagógico do Campus da Universidade Eduardo Mondlane.

– Diz-me lá, Zambi, o Professor Zenóbio faz o que, agora? – perguntou-me o Doutor Cumbane numa reviravolta.

– O teu substituto na Faculdade de Tete? – precisei de um instante para alcançar o curso da conversa.

– Sim, aquele, o angolano. Também foi o meu aluno, mas nada a ver contigo, em termos de capacidades académicas.

– Então, por que o escolheram a ele em vez de a mim, para ser o teu sucessor como director do departamento?

– Porque, em termos de ocupar cadeirões, não contam tanto as habilidades produtivas como as persuasivas, e nada persuade mais do que falar sem saber de nada, aparentado saber algo de tudo. A beleza está no interior, mas também nos olhos de quem espreita.

Recordei-me do lema “publica ou perece”, que me recomendara o professor Chrétien, o meu professor de língua francesa no tempo em que eu estivera em Paris. Ele tinha defendido o seu doutoramento um ano antes que eu, e entrou numa fase

frenética de lançamentos de obras e artigos em revistas. Até queria tentar a sorte com livros de ficção, romances e contos, e se calhar, algum dia, de poesia, emulando os seus admirados Verlaine e Rimbaud. Voltei a virar as minhas atenções para o meu interlocutor, o Doutor Cumbane.

– É bom saber, obrigado pelo conselho. Agora que penso, o Professor Zenóbio, mal entrou, padeceu uma febre assinatural. Estás a ver um recém-empossado que só sabe pegar em documentos e autorizar, seja o que for, mas que fique plasmada a sua rúbrica no papel, e que circule o mais possível para que muitos olhos vejam quem manda aqui agora.

– Uma forma de marcar território, igual que fazem os cães quando depositam as suas fezes no quintal do vizinho.

O Doutor Cumbane também me contou que há países, onde um filho de ministro e um filho de mineiro estudam na mesma escola, desde a escolinha até o pós-doutoramento, e tudo *mahala*. Também os filhos dos carpinteiros, dos taxistas, dos domadores de cavalos, dos professores, dos machambeiros e os das putas.

Foi bom matar saudades com o Doutor Cumbane. Fazia muito que não abordava com ninguém a questão da cola, desde os tempos em que eu começava a dar aulas, reflecti. A cola deve cumprir a sua missão adesiva, e para tal, é necessário que haja impregnação nos dois lados, não apenas em um. Para adquirir língua materna, a cola já vem na criança, mas para aprender uma segunda língua, o desafio é dos maiores. Não basta palavra por palavra. Os dicionários são a ferramenta mais odiada por muitos professores, eu incluída. Por exemplo, o que é um vizinho? É aquele que está porta com porta, fronteira com fronteira, como eu e Coppa? Ou será que somos vizinhos todos os

de uma mesma região, como Angola e Moçambique, que não partilham fronteira?

O Doutor Cumbane também me adiantou, em detalhes, o que vinha fazer em Maputo. Na conferência sobre o trabalho digital e as novas tecnologias, ele começaria por dizer que um país como Suíça faz mais negócio com café do que o Brasil, maior produtor mundial, e com chocolate mais do que Gana, berço do cacau.

– Quem me dera ir para a Nigéria, os reis da produção mandiocueira no mundo – lamentava, com um sorriso.

– Mas qual é a relação entre as tecnologias na educação e a produção de café, chocolate ou mandioca? – perguntei, confusa.

– Mais do que parece, querida Zambi. Isso de trabalhar a distância não é nada moderno, inventado porque existem computadores, telemóveis ou cabos de cobre que carregam energia em dispositivos. As distâncias são espaços imaginários, que os viajantes usam como escusa para criar romanticismo, e os homens de negócios eliminam, como um vulcão que, com as suas labaredas, destrói casas, estradas e plantações, impietosamente.

– Também eu, quando estive na França, fui mais de tomar uva, fermentada, é claro – expliquei ao meu ex-professor. Mesmo que ainda nunca cheguei até a China, tanto profissionalmente como por lazer, gostei da França e espero voltar para a região sul da Europa, onde tem menores quantidades, mas infinitamente mais qualidade vinícola, à semelhança dos nossos vizinhos sulafricanos.

Para preparar a palestra, o Doutor Cumbane falou-me de cinema, filmes que tinha assistido em distintas fases da sua vida. *Diamantes de Sangue*, de 2006, com a temática da injustiça das guerras criadas por exploradores, com o único intuito de

empobrecer as populações que têm o acesso mais próximo aos recursos minerais. Inevitavelmente, pensei num tema de História que aprendi, ainda antes de ir para a França, sobre o Processo de Kimberley, que supostamente acabaria com algo tão triste como ridículo. Sentia raiva pelo facto de que os poderosos se respeitem tanto entre eles, e que por isso a única alternativa que lhes reste para manter a sua hegemonia seja pisar os mais pobres. Por sua vez, o Doutor Cumbane também me falou do filme *Jogos de Poder*, de 2007, no qual um congressista norte-americano é levado a passear pelo campo de refugiados, num país centroasiático, cujo nome seguramente terminava por “istão”. Só faltava-lhe, ao actor, o chapéu e os óculos de sol para completar o safari de bebés sem braços, mães a carregarem imensos sacos de carvão e homens ababalazados, de um lado para outro, sem rumo para onde continuar nem muro onde parar. O congressista ainda teve tempo de fazer um discurso patriótico, antes de voltar para o helicóptero de regresso à capital, onde tinha uma reunião marcada com um embaixador, sobre o novo orçamento de sei lá qual subvenção para a manutenção das estradas, inexistentes, do cinto periurbano da capital daquele pseudoemirato. Numa palestra, o meu admirado professor tinha por costume inserir referências culturais de filmes, novelas ou obras de arte, para ligar o tema em destaque com alguma outra realidade importante.

Como docente de História de carreira, o Doutor Cumbane considerava Hitler um cornudo. Alguém que nunca fora assoviado em discursos públicos, em frente das massas. Não se maljulgue, argumentava o Doutor Cumbane, a adorável e angelical Eva Braun ao nível de pecadora adúltera. Podíamos chamar o *Führer* de cornudo, apesar de que os livros de história não

o fizessem, por uma razão bem simples: provocou que todos os irmãos, cunhados, primos, sobrinhos e demais parentes longínquos se abstivessem de ter descendência. Uma humilhante, abrupta e convulsa retirada, sem dúvidas maior que a do frente de guerra nazi em Estalinegrado. Depois de tantas referências a elementos culturais e justificações de pensamentos, o Doutor Cumbane me entregou um presente. Um tapetinho para o rato do computador, com motivos arabescos, muito lindo, que ele conservava de uma viagem que eu nunca fiz, ainda, ao Egípto. Um souvenir tão templário como imaginário. Decidi que o usaria no meu escritório.

A palestra do Doutor Cumbane foi excelente, como não poderia ter sido de outra maneira. Depois, a tomar um café numa mesa alargada, com outros palestrantes e professores, onde tive o privilégio de me enquadrar, houve uma análise mais profunda. Ele disse-me, em linguagem trocada em quinhentas, para que eu e os outros entendéssemos, que o nosso orçamento da vida vai mais além do dinheiro. Nós todos escasseamos em orçamento de água, ar, oxigénio, relva, árvores de folhas fotosintéticas, terra machambeira fértil. Em suma, todos nós somos doentes permanentemente aquarentenados.

Na minha casa da Katembe, tinha uma parede ao gotelé, uma técnica bem em desuso, mas eu sempre fui de estilos clássicos, e preferi não modificar aquela obra de arte infravalorizada. Algum dia, sem nada fazer, voltará a aflorar como um bem prezadíssimo e poderei deixar entrar celebridades na minha casa, que, por um preço, irão fazer fotografias e publicá-las algures, usando o meu gotelé como fundo da imagem. Negócio à vista. Mesmo assim, já estava farta daquela casa, o ambiente de in-

segurança no bairro, e a terrível distância de barco que devia fazer todos os dias para ir ao serviço. Era tempo de procurar uma nova residência, mais fixa, numa outra zona da cidade de Maputo.

Os meus estudantes, na faculdade, pensavam que a vida fosse uma escolha livre, sem limites, pois achavam que uma coisa ou outra, por diferentes que sejam, podiam mudar de um dia para o outro. Só se esqueceram, apesar de que eu como professora não me cansei de lhes recordar, que uma escolha tem esse nome porque também tem um certo grau de tempo substancial. Era por isso que, ainda por muito tempo, eu desafiava os estudantes com questões espinhosas, daquelas que provocam tensões intrafamiliares. Ou será que nas eleições podes trocar de partido, no dia seguinte que se dão a conhecer os resultados? Se a vida é feita de escolhas, quanto maior o número das mesmas, mais vida se adquire. Recordei, por um instante, o discurso que ouvira, faz muitos anos, do director da escola primária, no último dia de aulas, antes de que eu passasse para a escola secundária no Songo. Segundo ele, era possível falar de gastronomia ao se referir à educação ao longo da vida. Com esta linha de pensamento, escrevi uma pequena carta, que nem uma pequena mensagem motivadora, aos meus estudantes da Faculdade.

Prezados estudantes,

Eu produzo a comida que vocês irão consumir para se tornarem inteligentes e, assim, no futuro, poderão produzir mais comida para este mundo faminto, quer em termos académicos como alimentícios. Eu sou a cauda do vosso ser, a razão do vosso sustento presente e futuro. Não quero que produzam car-

ne com aspecto de toalha ultramolhada, sem nutrientes nem sabor.

Na carta, sem querer tecliei “cauda”, na terceira linha do texto da mensagem, porque o teclado está configurado com o “s” ao lado do “d”. Mas eu queria dizer causa. Engano absurdo, mas premonitório, achei logo. Fiquei a pensar por que é que essas duas letras são vizinhas, se pelo abecedário não corresponde. Todavia, encontrei o lapso antes de lhes enviar a carta digitalmente, e decidi não corrigir o erro. Deixei o “d” e não o troquei pelo “s”. Nesta vida, vale a pena encontrar erros para, depois, entender que apenas eram desvios, porque erros, como tal, não existem para quem faz algo com todo o empenho.

Na minha pesquisa imobiliária, pensei na ideia plasmada pelo galardoado Camilo José Cela, o escritor da Galiza, simpatizante do regime franquista, como tantos muitos outros intelectuais que devem simpatizar com qualquer néscia bestialidade, com tal de salvar a pele. Cela era partidário de que, para que a humanidade se igualasse, podia-se reconstruir as cidades e torná-las idênticas, todas as casas com aquecedor e boas condições. O dono de empresa imobiliária fazia questão de insistir que não estavam a descansar, pois apenas se tratava de uma mudança de actividade. O dia de encontrar uma boa casa chegaria, mais cedo do que tarde. Ele confiava que sempre havia uma primeira vez para tudo, e eu concordava, por exemplo, em que também algum dia se começa a passear por uma biblioteca, procurar um título e ficar a admirar a capa e o índice por mais de trinta minutos, como se fosse uma casa recém-construída.

Segunda Parte: Reencontro assíncrono

*Quan no dol el record,
dol l'enyor o l'absència*

Miquel Martí i Pol (1929-2003)

11. Querer e não poder

Com as poucas poupanças que conseguia amearhar, aqui e acolá, graças a draconianas dietas alimentícias de uma refeição por dia, baseada nos alimentos mais baratos e a usar as mesmas vestes durante toda a semana, me dirigi a uma loja de telefones, na cidade de Gaborone, numa viagem de fim-de-semana que o Mungwambe e eu fizemos para matar saudades dos outros estrangeiros, com os quais tínhamos trabalhado juntos na mina de diamante. Durante toda a minha vida, uma pequena parte do salário foi para comer, e a outra parte para o fandango. Mas se queria investir em algo especial, de qualidade, bastava obliterar a variável mais invariável de todas. O lazer, para mim, naquela época, tinha o aspecto de plantas, sementes diversas, bolsas plásticas para as mudas, tesouras de podar, mangueira e peças para reparar a torneira. Portanto, os dois telemóveis supunham um investimento importante, uma retaliação de novas sementes, por alguns meses. Quando foi a minha vez de entrar na loja, tive a ocasião de escolher o que mais gostasse, dentro de uma enorme gama de aparelhos de última geração, todos brilhantes e reluzentes, expostos um ao lado do outro. Devia levar dois, um para mim e o outro para a minha mãe. Pouco ou muito tempo que lhe restasse por viver à coitada viúva, queria aproximá-la a mim, nem que fosse virtualmente, com mensagens instantâneas e videochamadas. Comprei dois dispositivos iguaizinhos, ficando mais fácil decidir. Enviei um deles por serviço de correio internacional, pagando todas as taxas e juros que existissem, com tal de garantir que o pacote chegasse em

boas condições nas mãos dela, em casa, na aldeia do distrito de Mufulira. Depois do trâmite, lembrei-me de que, quando minha mãe era uma menina, existia uma coisa chamada cartilha de racionamento, para os alimentos, porque estes eram limitados, e cada cidadão, rico ou pobre, tinha direito apenas a uma certa quantidade. No dia em que eu comprava um telemóvel de última tecnologia, arrepiava-me pensar que cada cidadão, rico ou pobre, tinha um dispositivo semelhante, com o qual partilhava as suas intimidades para o público. Saí da empresa de transportes, que ia levar a minha encomenda para a mãe, e notei um sol insolente sobre a minha cabeça. Fui ao reencontro do Mungwambe e os outros, que seguramente estariam numa barraca a consumir cerveja e abundantes pedaços de oleaginosa carne de porco.

Aquando cheguei à porta de entrada do bar, saía de lá um homem baixinho, de casaco branco e a carregar uma pastinha preta, totalmente grosso, que caminhava em sinuoso ziguezague, de um lado para o outro da rua, milagre que se mantivesse em pé. Eu fiquei parado, por duas razões: por um lado, me surpreendeu que conseguisse andar, apesar de que percorria mais distância em curvas, sem avançar, do que para frente. Por outro lado, fiquei atónito pela pouca capacidade de reacção de todos os transeuntes, eu incluído, de não fazer nada para socorrer aquele homem, mais próximo de ser uma silhueta do que uma pessoa real, e ajudá-lo a chegar a um lugar seguro. Finalmente, sentou-se numa esquina, ou caiu, ainda a falar com os pássaros que o acompanhavam, muito mais considerados que os humanos, em termos de apoiar os da mesma espécie. Dentro do bar, saboreei a minha primeira cerveja em tantos anos, talvez desde que trabalhava na KCM de Ndola. O Mungwambe e os outros

queriam falar e consertar o mundo inteiro. O pobre, quando bebe, é capaz de resolver qualquer problemática para os outros. Em contrapartida, os ricos, bêbados ou sóbrios, unicamente são capazes de pensar em si mesmos e nos seus lucros, até às vezes esquecendo que têm famílias e empregos. Um dos colegas, ex-companheiro da mina, e que já espreitava a reforma, disse que devíamos ir, todos juntos, a um espectáculo cultural, como se fôssemos adolescentes. Me encomendaram a tarefa de procurar um concerto de música, por exemplo, acessível para todos os seis membros do grupo. Zambi voltou a aparecer nos meus pensamentos, descartando os homens ex-mineiros para ir com eles ao tal espectáculo musical. A Zambi aparecia-me na mente, com o seu lenço de cozinha e a sua cara de menina inocente, a servir arroz no internato da escola secundária do Songo, que para mim representava o desejo irrefreável de prazer, a luz que não se apagava no meu cérebro, a esperança ao fim do túnel, ao fundo da mina, de um futuro melhor, mais bem acompanhado e bem-sucedido.

De volta à minha humilde casa de Kimberley, depois daquele fim-de-semana louco de gastos desmedidos, senti que estava numa certa altura da minha idade madura, em que devia me abrir ao consumo e aos relacionamentos sociais. Caso contrário, corria o risco de caminhar rápida e silenciosamente para um envelhecimento vulgar e solitário. Assim, decidi que queria muito ir ao show de Tuku¹¹, o mais grande músico africano de todas as gerações, como se tinha comentado durante a conversa etílica em Gaborone. Ele actuava próximo mês em várias localidades zambianas: Lusaka, Ndola, Chingola, Mongu, Chi-

11 Oliver Mtukudzi "Tuku", músico zimbabweano (1952-2019).

pata, Livingstone. Também no seu país, Zimbábwe, nas cidades de Harare, Bulawayo e Bindura; Botswana, em Gaborone, Ramotswa, Palapye, Francistown, Kasane e na pequena vila de Lobatse; África do Sul, só em cidades grandes: Pretória, Joanesburgo, Durban e Cidade do Cabo; Eswatini, em Manzini e Mbabane; Moçambique, em Maputo, Matola e Beira. Uma miríade de possibilidades onde escolher a melhor opção, em termos de preços e possibilidades de viagem, com alojamento razoável e boas condições para passar umas pequenas férias, uma breve lua de mel, porque, para além do concerto, importava-me mais o bem-estar da Zambí, talvez também seguidora do Tuku, passar uns dias com ela, depois de tantos anos distanciados fisicamente, mas unidos no espírito. O caso era permitir-me uma alegria, algo diferente na minha vida de pobre garimpeiro anabecedariato. Tinha o dinheiro para o bilhete, só me faltava decidir onde e quando, para combinar tudo. Depois, iria enviar o bilhete do show à Zambí, por correio internacional, que ela receberia com grandíssima surpresa e ilusão. Só poderia aceitar o pacote completo, passar uns dias comigo e assistirmos música de qualidade ao vivo, dormir num hotel ou pousada com piscina, relaxar, falar, brincar, comer, beber e rememorar os tempos passados, na escola do Songo, assim como actualizar os nossos percursos actuais, pois um relacionamento formal, seja físico ou à distância, não pode apenas funcionar com base nas recordações do passado.

Seja como for, o nosso encontro romântico não podia ser na humilde casa onde eu estava a viver. Que vergonha, era uma casa pequena e nada acolhedora para uma mulher. Para mim servia, era muitíssimo melhor do que a fazenda de Lubumbashi, onde eu partilhava colchão com dois jovens, Jérôme e

Cristine, mais altos, grandes e fedorentos do que eu. Num local turístico, de repouso, em Mbombela ou Hoedspruit, só me faltaria o dinheiro, porque depois devia arranjar forma de ir para Joanesburgo ou Pretória, onde era o concerto. Se ela estivesse no Maputo, por exemplo, a dar aulas na UEM, aquela seria a melhor localização para ambos, bastava eu apanhar machimbombo nocturno de Kimberley para Joanesburgo ou Pretória. Ela poderia vir mesmo do seu carro, se quisesse, porque seguramente tinha carro. Olhando bem, dei-me conta de que eu era alguém bastante experto para fazer bons planos. Agora que tinha telemóvel, podia certificar todas aquelas meras suposições. Poderia perguntar-lhe se tinha carro, onde estava, qual trabalho estava a fazer, se tinha encontrado um homem melhor do que eu. Só que esta última, imagino que seria uma pergunta retórica.

Mas todo o plano, que eu considerava estar muito bem fraguado, veio se derrubar num instante fatídico. Na minha cabeça, aquele era o dia em que todos os problemas do mundo eram atirados em cima de mim. O gerente da mina chamou-me para ir ter com ele no seu escritório. Igual que no meu primeiro emprego real numa mina, tempo atrás, o gerente estava sentado no seu cadeirão de chefe, e mais duas cadeiras estavam vazias, a espera de serem ocupadas pelas minhas nádegas e pelas do director do departamento dos recursos humanos. Mas ainda faltava um outro membro, o director do departamento de comunicação da empresa, que trazia a sua própria cadeira do seu escritório, contíguo ao do gerente. O teor desta conversa foi muito diferente ao daquela outra que eu recordava, infelizmente. Aqui não houve mensagens parabenizadoras para mim, nem sorrisos. Nem levámos mais de dez minutos. O gerente

introduziu, saudou e deixou a palavra para o experto em comunicação, que fez uma breve e concisa exposição do assunto. Seguidamente, o perito em assuntos legais e recursos humanos explicou qual seria a minha nova situação contractual, e finalmente, o gerente retomou a palavra para comunicar a decisão, que já estava claríssima, tendo em conta as palavras dos outros dois.

Ficaram a saber da insurreição que eu, juntamente com outros colegas, tivera instigado na KCM de Ndola, anos atrás, e da qual eu saíra indemne, não sendo apanhado no caso das mensagens clandestinas que eu passava pelos vários sectores da mina para barricar a estrada do exterior do recinto da empresa, enquanto eu carregava chávenas de chá e café para os chefes. Não faço ideia de como chegou esta informação para os meus chefes de Botswana, e finalmente para os de Kimberley. Talvez seja que a ponte recém-construída em Kazungula é tão funcional que até as palavras circulam mais depressa, não só as mercadorias pesadas. Hoje em dia, está claro, a informação não conhece de idades nem entende de cargos, sonhos ou fronteiras. Assim, decidiram despedir-me, por questões éticas, muito ao seu pesar devido à minha eficiência, profissionalismo e dedicação à empresa. De um dia para o outro, o sonho de ir a um espectáculo musical e viajar a uma grande cidade sul-africana, onde poderia curtir uns dias de descanso e paixão com a minha amada Zambí, foi substituído por outro sonho, muito mais material e necessário: arranjar um outro emprego. Mas aonde? Devia ter muita atenção em quem contactar, nas minas onde eu já tivera trabalhado antes, na Zâmbia e no Botswana, ou outros contactos, ali mesmo onde eu estava, em Kimberley e demais partes da África do Sul, cujo nível de vida e cuidados médicos

era o que eu mais queria conservar. Só desejava que a pessoa que estivesse disposta a me ouvir e me admitir para trabalhar não tivesse prejuízos contra um pobre garimpeiro que, anos atrás, tinha participado numa canalhada insurreccional. Ainda bem, dentro da desgraça, que não tinha tido forma de comunicar nada à Zambi do assunto de viajar para passarmos alguns dias juntos, tampouco lhe tinha enviado o bilhete para o show do Tuku, porque simplesmente ainda não o tinha comprado.

Os factos ocorreram assim, pelo que conseguia recordar: às vezes, no subsolo, falava-se de barricar a estrada de acesso à mina. Como brincadeira, igual como começam os actos de violência doméstica, que acabam com mortes de mulheres e maridos suicidados ou na gaiola. O nosso plano era que faríamos barulho com duplo efeito: por um lado, os nossos chefes sentiriam que não podem entrar na sua própria empresa; e por outro lado, os motoristas que transitassem por lá iriam saber o que se passava naquela mina. Bom, naquela e em tantas outras do país e da região austral da nossa África. Eu vi-me na encruzilhada de um difícil dilema, eu que não deixava de ser um simples poupador regular e sonhador, a planificar o meu casamento com a Zambi, algum dia. Devia participar na revolta, mas também tinha que engenhar uma forma de não ficar visivelmente muito activo, na primeira linha, de forma a não ser purgado. Fingir uma doença e ficar em casa não era o meu estilo, e teria sido uma curiosa coincidência, suspeitosa demais. Portanto, tive de encontrar uma posição ideológica distante, mas não criadora. Ser o moço dos recados e encomendas era perfeito para tal, tendo em conta a minha experiência acumulada neste campo, durante os meus primeiros meses na delegação de Ndola. Só que ali passava mensagens compromete-

tidas, com frases de protesto, de um lado para outro da mina. Se fosse apanhado, coisa que nunca aconteceu, sempre podia usar o velho truque de dizer que eu não sabia quem teria colocado os papelinhos na bandeja por mim carregada, no espaço entre os pratinhos e as chávenas. A fim de contas, esta nossa revolução nunca desaguou em nada. Só alguns dos mais novos é que foram levemente punidos, sem emprego por dois meses, e com isso carregaram as culpas que eram nossas, dos mais adultos. Nada a dizer da própria acção, que não deu nenhum resultado em termos de melhoria das nossas condições infra-higiénicas de trabalho. Nenhuma cobertura na imprensa ou na televisão, mas também nenhuma purga. Posso dizer que foi como me tirar um peso dos ombros, quando tudo terminou. Mas não completamente, porque o assunto voltou, anos depois, como um bumerangue mais forte e agressivo do que quando fora atirado. É assim como fiquei desempregado, pela primeira vez na vida. Um garimpeiro desminado, como um jogador avançado sem bola para chutar, como um guarda-rede sem baliza para defender das bolas inimigas.

Quando perdi o emprego, decidi não ir à procura da Zambi, por orgulho. Ir para onde? Queria mas não podia fazer nada. Onde a procuraria? Moçambique é um país enorme, como encontrar uma pessoa em concreto, sem o contacto dela? Encontrá-la por prazer teria sido fácil, perguntar aqui, lá e acolá. Mas, quando se procura alguém ou alguma coisa por vergonha, quando é a necessidade que nos obriga, aí o orgulho costuma prevalecer, até nos esfomear. E se ela já não estivesse na sua pátria? E se talvez tivesse emigrado para Europa ou América, onde teria casado, feito filhos e trabalharia como chefe de de-

partamento de alguma Faculdade? Mais difícil ainda, porque o mundo é grande. Portanto, voltei para casa, na Zâmbia. Do lado positivo, estaria mais perto da minha mãe, de quem poderia acompanhar a parte final dos seus passos, e também estaria perto de tio Ndjema, ainda cheio de vida. Fiquei na xima e nas verduras, na charrua do peixe seco e da batata doce, com a fumaça do carvão, para depois acordar no meio da noite para beber água, devido à alta salinização do peixe. Um diabético a se alimentar, basicamente, de sal, peixe, carne, xima, água e, às vezes, pão com ovo. Mas faltou-me a ousadia, não consegui sair da rotina, comecei a ver todos os impedimentos e consequências de me deixar levar por uma emoção pontual. Um dia, de manhã até à noite, pintei o meu quarto e o da nossa esperada filha invisível. Cinco litros de tinta bastaram. Recordei-me dos tempos em que eu sempre encorajava a Zambi a não desistir nunca, porque se o fazes, os outros por ti nunca pensarão. Mais logo descobri que estavam a tentar dirigir-me daqui para lá, eis porque tive que estar sempre a correr. E ela também, Zambi, só que, de corrida em corrida, sentava em cadeiras melhores, dormia em colchões mais macios, comia melhores cardápios, bebia líquidos mais sofisticados e tomava banho em chuveiros reguláveis.

Com alguns contactos de Lusaka, recuperei o emprego que uma vez tivera, em Ndola, mas numa outra mina, porque na KCM não permitiam nada de segundas oportunidades para criminosos como eu. Ndola, capital da minha província natal, era, a fim de contas, o meu berço profissional, descontando a fazenda de tio Ndjema em Lubumbashi. Mas as condições laborais que apanhei desta vez foram as mesmas do que então, e isso, para um homem crescido como eu, não era boa notícia. De fac-

to, para ninguém é bom encontrar algo, depois de muito tempo, igual como o tivera deixado. Sinal de degradação, de falta de progresso. Indicador de parálise, mau augúrio e futuro fechado.

Contudo, um emprego era um emprego, melhor do que ficar sempre em casa. O repouso forçado por causa da diabete já fazia parte do passado, de uma época remota da minha vida. Naquele momento, eu precisava de acção, algo mais proactivo, movimentação, inclusive caos. Não me deixei levar pelo pessimismo. Fui visitar a mãe para lhe anunciar que ia para Ndola, a trabalhar, por um período probatório, que se poderia alongar e ficar definitivo. Nada de mal, aquela era a minha terra, sempre melhor isso antes que caminhar sem caminho. Afinal, o bom filho sempre regressa a casa, como a tradição espanhola obriga a fazer, no tempo de Natal, a todos os filhos que se fazem de malandros, e que andam por aí fora. Insuflei-me de energias positivas, graças ao enésimo emprego precário da minha vida, e passei para a seguinte página, novo capítulo. A pensar de novo no show do Tuku e na casa de hóspedes onde queria, mas não podia, passar uns dias com a Zambi. Só que, com todas as poupanças esgotadas, seria como recomeçar de zero. Sempre fui um pobre feliz, quer em casa como algures.

E a acção chegou. Ninguém, além da minha mãe, tinha acesso a me ligar pelo telefone, porque simplesmente ela era a única pessoa a quem eu dera o meu número. Inocente, eu, desinstruído e iletrado em tantíssimos campos do saber e do saber fazer. O telemóvel tocou.

– Você sabia que o homem é uma fera? – escutei, claramente, do outro lado.

Nem teria respondido a tal provocação, provável campanha publicitária de alguma companhia telefónica nova, se não fos-

se porque reconheci aquela voz. De facto, a loja de Gaborone onde comprei o telemóvel tinha registo do meu número, logicamente. E como, no momento da compra, mostrei o meu bilhete de identidade zambiano, imediatamente, por pura rotina comercial, eles mandaram toda a minha informação para os seus colegas da contraparte zambiana, que iriam cumprir a sua função de bombardeio publicitário. Nada novo ou inesperado, se não fosse por aquela voz tão familiarmente distante.

– Não. O que significa? – foi a minha única reacção, nem digna de ser considerada resposta.

Os meus lábios estavam a tremer, da mesma forma como no dia que os aproximei aos daquela mulher, já crescida, do outro lado da linha.

– Nada, querido Coppa! Era para ver se me reconhecias, assim, ao vivo!

– Como é possível? – inquiri eu, uma vez entendi que era ela, de verdade, e não uma piada.

– Encontrei o teu contacto, depois de procurar bem, graças a uma aplicação que permite ir no encaço de números de pessoas, só com o nome e algum dado, como por exemplo a idade e o local de nascimento, que eu conheço de ti.

– Ainda te lembras de quando e onde eu nasci? – burro eu, perguntei algo óbvio, porque ela e eu tínhamos os mesmos anos de vida.

– E tu, não te recordas de quem eu sou, onde nasci, onde estudei, qual era a minha função no internato do Songo? – desafiou-me.

– Irresponsável de cozinha. E diz-me lá uma coisa, já és responsável de alguma coisa, agora? – devolvi o desafio.

Ligava-me com um número moçambicano, porque iniciava pelo código +258. Passámos alguns minutos da conversa a evitar entrar em detalhes pessoais. Eu tinha medo e ela também, de que um dos dois já fosse comprometido, com família, filhos e outras ocupações. Mas afinal, com tanto medo recíproco, eu quis saber qual era o intuito da ligação. Era só me saudar? Não me iria contar o que faz, o que quer de mim?

– Na companhia onde pesquisei o teu número, me perguntaram por que queria entrar em contacto contigo, pois só fornecem contactos de terceiras pessoas se há algum motivo credível – soltou ela, de surpresa, talvez lendo as minhas intenções. Como sempre, mais avançada.

– E qual foi esse teu motivo? – perguntei, com toda a simplicidade de um garimpeiro pós-diabético.

– Que tinha planos de casar contigo, em breve, pelo que devia te ligar para acertarmos tudo.

– Casar comigo? Olha, já não estamos na escola secundária, Zambi. E para além disso, eu estou doente, de saúde física e financeira.

– Falo a sério.

– Eu também: fiquei doente, alguns anos atrás, mas já estou bem, porque eu respeito muito o meu corpo. Diabete, algo duro, mas me sinto melhor e apenas sofro sequelas.

– Quero vir ter contigo, te cuidar.

– Por que não começaste por aí, minha querida? – respondi, engraçado, ao sentir que tinha revertido o curso da conversa para o meu terreno.

Nenhum dos dois queria terminar a chamada. Era como se o tempo tivesse congelado, e não importasse adiar qualquer uma das outras obrigações diárias. Podia descomer, desdormir

e desbanhar, sem problemas, mas não seria capaz de ficar em jejum da alimentação que me dava a sua voz.

– Sou professora da UEM, uma universidade em Maputo, a capital de Moçambique.

– Conheço alguém da Matola, chama-se Mungwambe, grande meu amigo, colega de trabalho. E dás aulas de o que?

– Antes termina tu, a tua frase. Conheces um moçambicano, da Matola, isso muito bem. Mas é teu colega de trabalho, portanto tu trabalhas como...

– Quando nos separaram, lá no Songo, enfié o caminho para o Congo democrático, viajei com tio Ndjema e os seus dois sobrinhos, te lembrás daqueles dois, que dormiam comigo?

– Jérôme e Cristine, sim. Mas será que vais me falar de ti, ou apenas de outras pessoas?

– Fiquei por um tempo na fazenda de tio Ndjema, a trabalhar. Numa fazenda, trabalha-se como fazendeiro, não é? Então, fui fazendeiro. Mas cansei, e saí de lá com o dinheiro de dois cabritos, que tio Ndjema me ofereceu, exactamente com esse propósito de vendê-los e poder fazer o meu caminho.

– Eu dou aulas de História da Arte, para além de fazer mil trabalhos administrativos, porque cá está cheio de doutores que nem sabem tirar uma cópia com máquina – compensou assim, a Zambi, toda a informação que eu lhe dera, com alguma da parte dela. Nesta vida, sempre que se dá algo, volta dobrado.

Não tive coragem de lhe contar que, durante boa parte da minha idade adulta fui garimpeiro. De noite, na cama, e de dia, no subsolo, a minha vida era uma permanente escuridão, só quebrada pelas visitas ao médico, no tempo da eclosão da diabete no meu organismo. Essa chamada, essa voz e esse sotaque tetense removeram todo o meu ser. Nem fui capaz de

reconhecer em que língua tínhamos falado, depois de cortar a ligação. Toda a minha vida me passou pela mente, em questão de instantes. Curiosamente, recordei melhor pequenos detalhes do que as grandes linhas. Por exemplo, as punições com estrume de boi em Lubumbashi, quando chegava atrasado pelas manhãs. Tio Ndjema, por ordem do capataz superior, não por vontade dele próprio, me mandava ir buscar bostas dos animais e colectá-las em sacos, como se fossem batatas fedorentas. Eu carregava, com o meu esforço de jovem baixinho e fraco, e deixava o saco ao lado da machamba, junto a um montão de uma substância tipo areia, mas escura. Tio Ndjema teve de me explicar que, depois de um tempo, as fezes de boi que eu acabara de trazer tornar-se-iam daquele outro aspecto, que se chama estrume, e é mais fino e menos malcheiroso. Também aprendi, graças àquela punição, que o estrume dos bois era alimento para os canteiros da machamba, que também cobríamos com folhas secas e regávamos. *Pangono pangono*, fazia o trabalho do estrume, e uma vez recuperava a confiança dos superiores, ajudado pela mediação de tio Ndjema, voltava aos trabalhos normais, sem ter que carregar merda fresca em sacos duas vezes o tamanho do meu corpo. Curioso que, como punição, me atribuísem uma tarefa nova, na qual aprendia coisas sobre a natureza e o cultivo da comida. Se acumulasse castigo atrás castigo, teria considerado seriamente dedicar-me a ser agricultor. Mas me faltou a ousadia de pecar mais.

As consequências mentais, a partir daquela chamada da Zambi, não só me levaram ao passado, mas também repercutiram até no futuro, o horizonte desconhecido. Visualizei o nosso casamento, a voz dela, que não tinha mudado nem sequer um

ápice, a dizer “sim, quero” na sala Mosi-oa-Tunya¹² do Centro Internacional de Conferências de Mulungushi, na cidade de Lusaka, território neutral para os dois. Depois, teríamos a refeição de gala, financiada por um pobre garimpeiro como eu. Talvez os telemóveis alteram a voz, pensei, tornando-a de aspecto mais juvenil. Questionei-me, incrédulo, se ela também teria achado a minha voz igual como nos tempos da escola secundária, quando nos apaixonámos não só pelas vozes, mas pelo ser das nossas duas almas.

Já não quis mais convidar a Zambi para uma estadia relaxante, de lua de mel, férias ou fim-de-semana prolongado num hotel, nem ir com ela a um espectáculo musical. A minha intenção, depois de ouvir a sua voz, era que viesse ver a minha pequena machamba e a coleção de árvores fruteiras que eu cultivava em casa. Queria mostrar-lhe as papaieiras vermelhas, e conferir se ela sabia diferenciar aquele tipo de árvore da sua congénere não vermelha. Como ela era uma senhora de escritórios e ar condicionado, não devia saber que a papaieira vermelha se caracteriza por ter uns gomos escuros ao longo do caule.

Habitado ao trabalho na mina, eu sempre ia dormir com o programa certo para o dia seguinte, que era uma repetição do anterior e do subsequente. Cada jornada uma fotocópia exacta, gémea, da mesma família dos dias. O calendário do garimpeiro não deveria ter dias, semanas ou meses. E se os tivesse que ter, por ordem divina, podia-se igualar o nome dos elementos. É curioso que, para as outras pessoas do mundo, os não-garimpeiros, os dias da semana e os meses do ano têm nome, de segunda-feira a domingo, para os primeiros, de Janeiro a De-

12 A tradução literal de Lozi para Português seria “o fumo que treveja”. É o nome local do Parque Nacional das Cataratas Victória.

zembro, para os segundos. Mas eu não estava satisfeito, porque se discriminava os anos e as semanas, carentes de designação. Para nós, garimpeiros, tanto fazia se uma coisa acontecia num dia, terça-feira, da primeira semana de Março, ou da terceira semana de Outubro, calhando que fosse quinta-feira. Mas, como pobre do mundo, condenado da terra para Fanon, eu devia preocupar-me com os outros, as pessoas do mundo que tinham mais e melhor de tudo. Para todos eles, começando, por exemplo, com a minha querida Zambi, professora universitária, eu sentia a preocupação de que tivessem que viver, mesmo com todos os seus luxos, desprovidos de nomes para os anos e para as semanas. Ainda bem como fazem os chineses, que têm um ano para cada animal: o ano do rato, do boi, do tigre, do porco. Seria de supor, que quando acabam todos os bichos existentes no reinio animal, só teriam a alternativa de repetir os animais ou encontrar um outro sistema de designação, por exemplo, a partir de nomes de plantas, cores ou minerais do subsolo. O ano da papaieira, a semana do tseke. O ano verde, a semana azul. O ano do cobre, a semana do urânio.

Os anos ainda eram identificáveis da forma mais simplista, os números, que nem um código de barras ou um registo de entrada para presidiários. Mas as semanas não tinham nomes, nem códigos ou números! A minha solução era que se devia explicar, no mundo académico, que um exame está agendado para o sábado, sexto dia da semana da papaia vermelha, da uva amarela ou da banana, do mês de Novembro, do ano xis ou ípsilon. Assim já dava, e com certeza que, quando contasse aquilo para a Zambi, ela iria concordar e se empolgaria em divulgar a proposta para os fazedores dos calendários, pessoas influentes às quais ela devia ter acesso. Foi por este tipo de coisas que ela

se apaixonou por mim, e não pelas minhas qualidades como garimpeiro, que eu próprio nem me atrevia a lhe contar.

Tantos anos depois, a vida saldava um dívida comigo. De facto, a vida saía do assunto e me traspassava todo o peso da responsabilidade dos meus destinos, que por tantos anos estiveram em mãos alheias. Primeiro do tio Ndjema, depois dos chefes das minas, contra os que me revoltei e vivi para contá-lo, e finalmente do médico, que me limitou tudo que eu podia comer, beber ou fazer, segundo ele pelo meu bem. Assim tinham passado os anos, mas agora, já no fim da quarta década da minha existência, não podia deixar passar aquele comboio. Queria, também, deixar de sentir raiva e comiseração pelas pessoas que encontrava e diziam que não tinham tempo, porque andavam muito ocupadas. Eu nunca fui linguista nem pessoa de livros, só um simples garimpeiro, mas cheguei a saber que, com o cobre e outros minerais que eu extraía do subsolo, era possível fabricar máquinas e cabos que alimentassem as próprias máquinas, como por exemplo o telemóvel que eu tinha oferecido à minha mãe. Portanto, se a bateria da máquina se descarregava, precisava de se ligar à corrente. Mas quando atingia o cem por cento de bateria, será que o aparelho estava carregado, ou muito carregado? E quando ficava sem carga, era descarregado ou muito descarregado? Os senhores *muito ocupados* me mereceram, desde que eu era jovem, o mesmo respeito que um telemóvel barato. Possuem a sua utilidade inegável, mas são descartáveis e facilmente substituídos por outros. Igual que quando um telemóvel está ligado ou desligado, não pode estar muito ligado nem muito desligado, é isso que sentia pelos meus sucessivos chefes que tive. Me davam vontade de os desligar sem contemplações, retirando-lhes a bateria,

para que nunca mais se carregassem muito e explodissem, com novas políticas da empresa que prejudicassem a saúde dos trabalhadores. Cavilações minhas, um simples e pobre garimpeiro, diabético, mas que sempre andei com os olhos abertos, e às vezes muito abertos.

A mesma dívida que eu tinha com a vida era que eu me tinha deixado convencer por qualquer pessoa, para ir de um lado para outro, para fazer a minha vida, procurar o meu futuro. Mas de facto, o que todos eles quiseram de mim era alugar o meu corpo para construir os sonhos deles. Eu no subsolo, eles no átrio superior. O único que teve comiseração de mim foi, naturalmente, o tio Ndjema, o congolês pacífico e trotamundos que se fazia velho em idade, mas jovem no espírito. Minha mãe caminhava firmemente em direcção ao cemitério, o único lugar limpo e respeitado que existia na minha vila natal, e eu desconfiava que ela fosse a tempo de alcançar a companhia amorosa do tio Ndjema. Com os outros chefes, talvez por serem tão desalmados, aprendi uma coisa, lição imperdível: nunca permitir ser sobreenchido com coisas que não te apaixonam, pois vale mais uma única tarefa que preencha as horas, dias, semanas e muito mais. Vidas inteiras, se for preciso. Se no mundo da justiça existem as condenas de, por exemplo, seis mil anos ou duas cadeias perpétuas, significa que as pessoas sabemos que somos reencarnáveis. Que podemos viver muito mais, tanto se é para redimir pecados, procurar segundas oportunidades, ou para seguir cumprindo penas.

Naquele momento, deixei todas as ocupações periféricas das plantas do quintal, das papaieiras vermelhas, das sementes que se espalhavam sozinhas com a ventania e germinavam só com água da chuva, tornando-se árvores frondosas. Também devia

marcar distância com o Reginaldo Mungwambe, bom homem, mas que falava muito e bebia demais, pelo que eu não queria ser engolido num estado de solteiro permanente, a tomar cervejas desabafadoras, como um divorciado que usa os corpos das putas para disparar as balas brancas que ainda correm por dentro de si. Só ia manter uma coisa: trabalhar nas minas de Kimberley, recuperar a minha condição de jogador estrela e ganhar o dinheiro que me servisse para voar sozinho. Com o caminho mental livre de obstáculos, autodeterminei-me que, a partir daquele momento, só me preocuparia de fazer uma coisa, e a fazia de verdade: reencontrar-me com a Zambi para casar com ela.

12. Poder e não querer

Com a ideia de tornar mais fluída e frequente a comunicação familiar, minha mãe comprou um telemóvel de última geração, e me deu o seu número só a mim. Desconhecia se ela teria as aptidões necessárias para usar um aparelho como aquele, mas o certo é que ela me mandou uma videomensagem gravada, só para me dizer que já sabia fazer videochamadas. Perfeito, pensei, como eu andava muito de cá para lá, seria sempre bom manter o contacto familiar. Assim, o telemóvel deixou de me parecer uma simples extensão do trabalho. O escritório e as aulas ambulantes, que me perseguiram até à mesinha da noite, na casa de banho ou na lavandaria.

A imagem de Coppa não fugia da minha cabeça, por muitos sítios que eu conhecesse, viagens de carro e de avião, e decidi que a melhor coisa que eu podia fazer, naquele ponto da minha vida, seria ligar para ele, ouvir a voz dele. Não me foi difícil planificar uma estratégia e executá-la. Na companhia telefónica onde eu tinha o meu número registado, poderiam dar-me o número dele. Bastava dar alguns dados básicos da pessoa alvo, como o nome, a idade e o local de nascimento, para além da razão que me levava a contactá-lo, pois não se dava o número de terceiras pessoas a qualquer. Expliquei que precisava casar com ele, directamente. A funcionária da loja ficou a rir, e depois procedeu com o meu pedido, eficientíssimamente. Dizer a verdade sempre nos dirige ao destino que realmente queremos.

Uma vez consegui o número de Coppa, os medos e os fantasmas me apareceram, mesmo que eu sempre fui uma moça

decidida, forte e segura de tudo o que fazia. Mas agora, eu tinha um número zambiano, prefixado com +260, no ecrã do meu telemóvel, e não sabia qual seria o momento mais propício para carregar o meu dedo no botão verde que efectuasse a chamada. Todas as hesitações me enevoavam a mente. E se na loja falhassem, e fosse o número de uma outra pessoa? E se me responde uma mulher, talvez a sua amante ou mãe dos seus três filhos? E se não me responde ninguém? E se responde ele, o que é que eu falo?

Recém-ingressada na Faculdade, como professora titular da UEM, não conhecia nem sequer a metade de todos os professores das outras Faculdades ou unidades orgânicas. Muito menos o corpo directivo ou alguém das proximidades do Magnífico Reitor. Iria conhecê-los a todos, porém, na cerimónia de graduação que teríamos em Dezembro, um mês que fez tanto calor que parecia a brasa sofocante de Tete, e o calendário esticou-se até o dia trinta e dois daquele último mês do ano. Antes da cerimónia, ocorreu algo inesperado, porque o Magnífico Reitor veio ter comigo. Eu pensei, num primeiro momento em que vi a comitiva dele, em afastar-me e deixar passar, pois eu ali era apenas público, não autoridade. Mas quando a comitiva me seguia, entendi que não fazia nenhum sentido continuar a me esconder ou fazer passos curtos, como se quisesse fugir da cena. Eu estava bem txonada, com um vestido comprido, todo verde, e salto alto. O Magnífico, um homem alto, com penteado estiloso e vermelhamente engravatado, queria falar comigo, e eu não sabia se era por pura cortesia, porque era a professora mais nova na equipa, ou porque tinha algo por me contar. O homem prominente tinha o mesmo olhar que o director Denja Cóbwe da Escola de Formação de Professores em Chiúta. Se não fosse

pelos rasgos faciais, bem diferentes, teria jurado que fosse ele mesmo, com o seu abdómen abaulado, escondido por detrás de uma gravata enorme, o seu corpo grande, a sua cabeça redonda. Até se pareciam na forma de caminhar, uma coisa híbrida entre militar e modelo de passarela.

Primeiro, as formas de cortesia, pois para mim era a primeira vez a interagir com alguém de tão alta posição. Fiz tudo correcto, aos modos que fui ensinada em Paris, com o professor Chrétien. Só por estar ali, no meio de uma pessoa importante e os membros do seu séquito protectocolário, me fiz a ideia de querer abandonar a minha residência na Katembe, não porque não gostasse, mas porque as pessoas deste meu novo nível social devíamos estar mais perto, ficar mais acessíveis ao panorama cultural e académico da capital do país. Não imaginava nenhuma daquelas pessoas importantes ao meu redor, a atravessar todos os dias de chapa e de *ferryboat*, da Katembe para os bairros do outro lado da cidade e para a Faculdade.

O Magnífico Reitor perguntou-me acerca da minha aclimação ao meu local de trabalho. Eu respondi que tudo bem, por duas razões tão simples: por um lado, porque era verdade, pois o emprego na UEM era, pelo momento, o desafio laboral mais satisfatório que tinha empreendido. E por outro lado, porque não seria ético apresentar um problema mesquinho, caso existisse, para o Magnífico Reitor, que se dirigia ao palco de autoridades, onde iria proferir um discurso, e apenas estava a ter o detalhe de cortesia de me saudar. Ele ainda queria saber mais sobre mim, mas como o tempo não nos permitiu, só me convidou para uma conversa académica, em privado, um outro dia. Que contactasse qualquer um dos seus assistentes, para marcar

dia e hora, e que falaríamos de um tema que o apaixonava: a política.

– Já ouviu falar da política inclusiva, Professora Doutora Zambi? – perguntou ele, cortesmente.

Eu, que só entendia por política os cartazes vermelhos afrelimoados que minha mãe pendurava nas paredes da nossa casa, na cidade de Tete, não pude formular uma resposta plausível, mas aceitei o convite, com todo o prazer e honra. Ele ainda me dedicou mais algumas palavras.

– Os políticos de tantos países, também do nosso, são ególatras a mais não poder. Custaria tanto, quando fazem as suas reuniões, que chamam Congresso, convidar alguém dos partidos contrários? Sentariam lá, escutariam a linha ideológica do partido e manifestariam alguma opinião, favorável ou contrária ao respeito, mas de qualquer forma, todos aprenderiam coisas novas, para pensar mais e governar melhor a massa populacional, e não só dominá-la – e calou, finalmente, aquele homem imponente, após soltar a sua proclama, que por acaso eu admirei.

– Certo – cabeceei, timidamente, em sinal de aprovação, acreditando que o Magnífico já não tivesse mais tempo para mim. Mas estava errada. Como os poemas musicados da maior qualidade, um dirigente que fala bem sempre tem alguma frase para adicionar e superar tudo quanto já dissera ou cantara, anteriormente.

– Você não sabe que o homem é uma fera? – e despediu-se o Magnífico, sem aguardar a minha resposta, acompanhado por todo o séquito.

Não respondi, de facto, mas quando voltei para a minha realidade, agradei, sinceramente, aquela pergunta enigmática do

Magnífico Reitor. O evento terminou, no salão nobre da Reitoria da UEM, onde nos congregámos e depois tomámos um copo d'água. Finalmente, já estava cheia de coragem. Assim, encontrei uma frase para inciar a conversa telefónica com Coppo, caso ele ainda existisse, tivesse um dispositivo e respondesse a minha chamada.

Cheguei em casa bem cansada, mentalmente, pela carga oratória que os graduados e o coro cultural tinham depositado na minha cabeça. Descobri que a televisão não tinha sinal, mesmo que não havia nenhuma inclemência climatérica. Assim, tive que subir nas telhas e trocar a posição da antena. Tirei os sapatos, amarrei capulana, subi e vi que o cabo estava partido, mesmo que colado ao prato. Malandros! Numa situação destas, Coppo ter-me-ia dito que eu era só uma menina de escritório, de trabalhos limpos, gente fina, que não entra no mercado porque cheira mal, e que sempre subcontrata alguém para fazer trabalhinhos práticos, como trocar uma lâmpada ou a pilha de uma tocha, quando ficasse na escuridão, por uma falha da hidroeléctrica da Cahora Bassa. Eu responderia, ironicamente, que com muito orgulho! Porque se não tive tempo de aprender muitas praticidades da vida é porque passei boa parte da minha juventude mergulhada em livros, facto que me permitiu atingir um nível cultural holístico, para além de que me tornei capaz de instruir jovens estudantes em muitas artes e boas condutas da vida. E ainda assim, não me sentia mal por subir ao telhado de casa e mexer o prato e o cabo da antena, que não pude ajeitar porque algum desalmado o partira. Tirei foto da cena do crime e decidi que iria à loja, para reportar o problema e tentar resintonizar o sinal da minha tevê. Cada um se orgulha do que tem, não do que não tem.

Fisicamente, eu estava destruída pelos sapatos de salto pontiagudo e assassinos, como se o meu calcanhar tivesse culpa da sua fúria. Não obstante, qual melhor momento do que aquele mesmo para pegar no telefone e cumprir com a dívida que pesava na minha alma. Se tinha esperado mais de trinta anos, podia perfeitamente postergar mais um bocadinho, mas eu não era pessoa de procrastinações infinitas. Também nunca fui uma pessoa de pedir tempo ao tempo, nem de pedir nada a ninguém. Marquei o número que me tinham dado na companhia telefónica, com a esperança de recuperar algum percal que eu tivesse deixado cair, inocentemente, durante a minha juventude.

– Você sabia que o homem é uma fera? – pronunciei, sem esperar nenhum sinal do outro lado.

Nem confiava que me respondesse ninguém, pois poderia parecer uma provocação, uma campanha publicitária de alguma companhia telefónica nova, se não fosse porque a minha voz foi reconhecida.

– Não. O que significa? – foi a única reacção de Coppa, nem digna de ser considerada resposta. A voz era a dele, indiscutivelmente.

Os meus lábios estavam a tremer, da mesma forma como no dia em que, aquele homem, já crescido, aproximou os seus aos meus.

– Nada, querido Coppa! Era para ver se me reconhecias, assim, ao vivo!

– Como é possível? – inquiriu ele, uma vez entendeu que era eu, de verdade, e não uma piada.

– Encontrei o teu contacto, depois de procurar bem, graças a uma aplicação, que permite ir no encaço de números de pes-

soas, só com o nome e algum dado, como por exemplo a idade e o local de nascimento, que eu conheço de ti.

– Ainda te lembras de quando e onde eu nasci? – coitado dele, perguntou algo óbvio, porque ele e eu tínhamos os mesmos anos de vida.

– E tu, não te recordas de quem eu sou, onde nasci, onde estudei, qual era a minha função no internato do Songo? – desafiei.

– Irresponsável de cozinha. E diz-me lá uma coisa, já és responsável de alguma coisa, agora? – devolveu-me o desafio.

Lhe contei, abertamente, que eu tinha ligado para ele porque queria que soubesse que era o meu homem, e que iríamos casar, mais cedo ou mais tarde.

– Casar comigo? Olha, já não estamos na escola secundária, Zambi. E para além disso, eu estou doente, de saúde física e financeira.

– Falo a sério.

– Eu também: fiquei doente, alguns anos atrás, mas já estou bem, porque eu respeito muito o meu corpo. Diabete, algo duro, mas me sinto melhor e apenas sofro sequelas.

– Quero vir ter contigo, te cuidar.

– Por que não começaste por aí, minha querida? – respondeu, engraçado, ao sentir que tinha revertido o curso da conversa para o seu terreno.

Nenhum dos dois queria terminar a chamada. Era como se o tempo tivesse congelado, e não importasse adiar qualquer uma das outras obrigações diárias. Podia descomer, desdormir e desbanhar, sem problemas, mas não seria capaz de ficar em jejum da alimentação que me dava a sua voz. Em Moçambique usávamos a expressão “do Rovuma ao Maputo, do Zumbo ao Índico” para nos referir à extensão do nosso território.

Como é que eles poderiam dizer lá, na Zâmbia? Do Zumbo ao Shangombo? De Mweru a Kazungula? Pensei que todos os países deveriam ter um Rovuma e um Maputo, um Cabinda e um Cunene. Quem conhece os seus limites, aprende a não se extralimitar, a não pisar onde não deve.

Eu teria gostado muito de ir passar uns dias com Coppa, por aí, num local pseudoturístico, mas tinha medo de engravidar, no meio da loucura e paixão do reencontro. Já conhecia mulheres que, pelo que ouvia dizer às manas do bairro da minha cidade natal, ficaram grávidas e, conseqüentemente, perderam o emprego, mesmo antes de mostrar a mínima ondulação abdominal. Também acompanhava, no telejornal, que existia a prática de roubar bebês. Eu pensava que fosse feitiço de brancos, mas mesmo assim, me produzia pavor a ideia de cultivar um filho dentro de mim por nove meses, para que depois mo arrebatassem gratuitamente. Só de pensar nos coitadinhos bebês, como algumas pessoas os trocariam no hospital, clandestinamente, logo ao nascer, por somas de dinheiro tão opacas como quantiosas, me produzia náuseas. Teria gostado que Coppa me convidasse a passar uns dias com ele, sei lá onde. Um fim-de-semana prolongado em Lusaka, em Livingstone, em Joanesburgo ou num Parque Nacional, a ver elefantes e descansar do barulho da cidade. Mas o muro do medo me fazia recuar, e pensar no eterno dia-a-dia, como se não houvesse amanhã.

Cansada das duas travessias diárias de *ferryboat*, ida e volta, arranjei forma de sair dali, e fui viver no bairro central, Polana Cimento, na avenida Agostinho Neto, perto das traseiras do Hospital Central de Maputo. Poucos dias depois, ironicamente, inaugurou-se a ponte mal chamada “Maputo-Katembe”, que

unia Maputo com Maputo, do lado do Chamanculo para o lado da Katembe. Também comprei, depois de alguns meses de rigorosas poupanças, um carro de segunda mão que me ajudasse nas questões de mobilidade e prontidão. Para além da bicha no banco, o resto do processo foi pacífico, rápido, limpo e simples. Registei o livrete da viatura ao meu nome, com o apoio do antigo proprietário, que era jurista e entendia bem estas coisas de documentos e transferências de propriedade. Podia ter-me enganado, mandar-me assinar qualquer coisa que me compromettesse ou impedisse levar o carro, uma jogada contra uma inocente mulher que comprava carro pela primeira vez na vida. Mas não, nada disso. O jurista foi muito bom, também estava interessado em fazer as coisas limpamente e levar o tako dele, para alimentar a mulher e as crianças em casa.

Com os meus queridos estudantes da UEM, alguns jovens, outros já casados e com responsabilidades familiares, tinha um sentimento de poder e não querer, especialmente no início. Eles matriculavam para estudar, mas muitos só porque papá e mamá os mandavam estudar, e não por motivação intrínseca. Eu cheguei a sentir pena deles, como se estivesse a abusá-los, porque eu recebia salário e aprendia mais coisas do que eles, que pagavam mensalmente. Tinha muitos locais de Maputo e da zona sul do país que eu desconhecia, pelo que cada leitura, visita cultural a um museu ou exposição me fazia recuperar parte da juventude formativa. Um dia, levei a turma com um operador turístico profissional, um tal Ferreira, português que nasceu lá mas que ficou sempre em Moçambique, desde criança. Ele assegurou que as suas visitas culturais também eram adaptáveis a grupos escolares, não apenas para turistas que quisessem tomar café no Hotel Cardoso e falar de África como se já conheces-

sem todo o continente só porque estiveram em Maputo. Gostei especialmente da exceção que o senhor Ferreira fez para nós, aceitando levar-nos à galeria Chissano, no bairro do Fomento, na Matola. Acabei entendendo que, o sentimento de poder e não querer era algo que fazia parte da profissão docente.

Com tantas novidades materiais, do lado profissional, tive que redobrar esforços para me reenquadrar no âmbito laboral. As principais experiências do trabalho na UEM, como professora titular de História da Arte, não aconteciam apenas na sala de aulas. No gabinete, os estudantes faziam bicha, pacientemente, para que eu atendesse as suas preocupações. A nível financeiro, eles vinham ter comigo com cem mil escusas que lhes faziam acumular dívidas de propinas. Eu argumentava que, apesar de ser uma instituição pública, tínhamos regras, e eu não podia aceitar que eles continuassem nas aulas com dívidas das mensalidades. Eles argumentavam que não estavam a dever, só estavam atrasados nos pagamentos, e eu até quis contactar algum meu colega da Faculdade de Letras, para que me explicasse a diferença, em termos práticos, entre os verbos “dever” e “atrasar”. Mas num certo momento, senti que estava a tratar os estudantes como se fossem fornecedores de farinha de um padeiro, e que mais cedo do que tarde, aquilo poderia ter consequências no ambiente da turma. Como docente de uma instituição pública, também era meu dever mostrar que as pessoas temos coração. E assim, fazia pactos individuais com os estudantes, para que pagassem uma parte, fizessem um certo exame e depois continuassem a lutar para enxugar a dívida total. Olhando bem, os meus estudos em Paris foram pagos pelo estado. Antes de terminar o primeiro trimestre, tive confirmação de que todo o valor para os três anos já fora alocado correc-

tamente. Curiosamente, era um dinheiro de programas financiados pela França, para estudantes moçambicanos, e portanto, os valores voltaram lá donde nunca deviam ter saído, bastava me chamar para estudar e prontos, em vez de engordar contas bancárias, com as devidas comissões cobradas pelas entidades, com as transferências de ida e volta.

Todos agradeciam este tratamento que eu dava, chegavam pontuais à sala de aulas, e as dívidas ou atrasos reduziram-se velozmente. Na parte da gestão académica, recordava que em Paris, durante o meu doutoramento, me ensinaram a não preparar provas a queimarroupa, que era a forma como eram chamados os exames surpresa, de tipo vingativo, com perguntas não construtivas, apenas de memorização paquidérmica. Afinal de contas, os exames que eu preparasse também eram para mim, porque um professor vive em permanente estado de avaliação, seja sumativa, contínua ou diagnóstica. Só que não devia pagar propinas. Certo dia, me cruzei, no corredor da Faculdade, com uma senhora de rasgos árabes, denotadamente coberta com um niqab. Ela parou, quando me viu, e perguntou-me como fizera para reduzir as dívidas daquela turma ao zero. Eu respondi pragmaticamente, dizendo que eduquei a eles a estudar, não a pagar, porque, como um comensal que é bem atendido no restaurante e come com delícia, já sabe que deve pagar e deixar gorjeta, à discrição. Basta querer e poder.

Também os eduquei em termos médicos, porque se se que-riam ganhar a vida como artistas ou gestores culturais, deviam saber e saber fazer a triagem técnica, isto é, a selecção de conteúdos, métodos e argumentos que levam a decidir se uma obra de arte vale a pena ou não. Se calhar, nas Faculdades de Medicina se poderiam usar termos artísticos para aprender a tra-

balhar como médicos, que soubessem peneirar, misturar e dar expressão plástica ao sorriso dos seus pacientes, que precisassem de tratamento para recuperar a vida, ou que necessitassem um toque artístico nas suas caras, desfiguradas após um grave acidente de viação.

Naquela época, aprendi sobre plantas, com um colega da Faculdade de Ciências Naturais. Ele me dizia que a forma de uma árvore representa a vida de uma pessoa. A parte inferior, com as raízes, é a infância, fase em que devemos chupar para nos alimentar. O caule representa a idade adulta, em que devemos ser fortes e seguir um caminho, o mais recto possível, para poder avançar sempre em frente, para acima e nunca para atrás ou para baixo. As ramificações e folhas são a velhice, equivalente ao período em que nos espalhamos e seguimos caminhos diferentes, de forma que cada um acaba caindo no mesmo chão, como as folhas, individualmente, e umas caem mais perto do que outras. Com esta aprendizagem, e na ausência de filho ou sobrinho, decidi plantar uma árvore no pequeno quintal da minha nova casa.

Como professora, entendi que devia aprender a ocupar um tempo, todos os dias, para acompanhar as notícias no telejornal. Falava-se de garimpeiros atrapalhados em minas de mais de cem metros debaixo do nível do mar. Fazia-se um nó dentro do meu estômago. Entendi que, para aqueles sofridos garimpeiros, mesmo que não o soubessem, tudo quanto eles extraíam acabava no *London Metal Exchange*. Eles eram os que sujavam e colocavam as suas vidas em perigo, para que os meninos bons decidissem os destinos das riquezas extraídas. Que tal se, para equilibrar a balança, as populações de Makeni ou de Malhampsene, por exemplo, ficassem a decidir sobre os direitos

televisivos da *Premier League*, o penteado dos Deputados na Câmara dos Lores ou a atribuição do título de *Sir*, segundo o nosso ponto de vista africano, único e indiscutível critério majestático? No telejornal também diziam, os expertos na geopolítica, que se não há um bom governo interno, criar-se-á um governo externo, porque o poder não admite vazio.

A minha primeira turma que tive na UEM me atribuiu a alcunha pública de “debatedora”. Eu era a professora dos debates, da troca de ideias em qualquer momento. Era capaz de interromper uma aula para apontar um assunto em concreto, indistintamente de se tinha muito, pouco ou nada a ver com a aula em curso. Uma vez, discutimos sobre o significado duplo das palavras, como alugar. Numa primeira instância, alguém podia colocar-se no lugar do dono, que presta um espaço ou objecto a alguém. Porém, essa pessoa que oferece, por um tempo e preço a concordar, aquele espaço ou objecto, também está a alugar. Portanto, dar e receber numa mesma palavra. Boa poupança. Como o verbo engravidar, que pode ser usado desde o ponto de vista masculino como feminino. Apesar de não serem aulas de língua, o vocabulário sempre estava presente, como em todas as actividades humanas, e era objecto de opiniões várias. A aproximar o tempo das férias, alguém dizia que entrava de férias, mas o seu colega assegurava que saía de férias. Entrar e sair, mesma coisa. O primeiro argumentava que entrava, de férias, porque se dirigia ao período assim designado, autointroduzindo-se num novo estado, como quem entra em casa, vindo da rua ou da mata. O outro colega dizia que as férias são sinónimo de sair, ou seja, de descobrir lugares fora do habitual, e para isso é necessário sair. Contrapesando a poupança lexical anterior, nesse caso, duas palavras coabitavam para indicar a

mesma coisa. Como iniciar e terminar, que são verbos opostos mas que se aplicam, tantas vezes, a uma mesma situação.

Amiúde, os melhores debates, onde os meus estudantes de História da Arte ficavam mais bravos, eram os que tratavam sobre questões patrimoniais da África, o nosso continente. Como podia ser possível, provocava eu, no momento de dar o ponto de partida do debate, que algumas pinturas, máscaras e objectos tradicionais das culturas ancestrais iorubanas ou herero ficassem armazenados em escuros museus da Inglaterra, França, Alemanha e Estados Unidos? Seria como se, para os povos castelhanos, o manuscrito do seu *Cantar de Mio Cid*, em vez de ficar na Biblioteca Nacional da Espanha, em Madrid, estivesse engavetado num escritório do Terminal de Carga do Porto de Lobito, ou na Secretaria Administrativa da Localidade de Mahelane. Até quando precisamos aguentar e não dizer nada deste espólio? Aí era onde começava o debate real, e eu encorajava os meus estudantes, como se fossem candidatos presidenciais, a se atacar e se criticar os uns aos outros, sempre desde o respeito. E com certeza que cumpriam, por alguma razão não eram candidatos presidenciais. Acompanhei, no silêncio do meu canto da sala, como os meus estudantes, brilhantemente, promoviam campanhas de âmbito nacional, não só na cidade de Maputo, para que a arte africana voltasse às suas origens, porque se a memória de um continente está fora dele, fisicamente, estamos feitos. Dizia uma estudante, que para os africanos, quando morressem os kotas que ainda restavam, conhecedores do tempo colonial, corria-se o risco de que o período da ocupação colonial europeia ficasse numa fábula de cães tinosos inocentes, facilmente esquecível para os jovens. Não podia concordar mais. Afinal de contas, saiu o colega que

aprofundou na questão, colocando uma outra questão: para que serve a arte? E autorespondia-se: para deixar de adorar deuses dos brancos, que eles próprios na Europa já não veneram nem adoram. E para saber quem somos, mas isso, no capitalismo do mundo global, não é nada. Também era certo que, ao discutir temas religiosos com aquela malta de jovens estudantes, eu me sentia como quem pretende acartar água no meio do deserto. Só na imaginação pode haver um sucesso. De facto, era assim, com debates, como eu avaliava os meus estudantes, e não com exames recheados de perguntas eliminatórias.

Naquela mesma época da Faculdade, deixei de ler livros literalmente, seguindo mais um conselho do professor de língua francesa em Paris, o Chrétien. Começava pelo fim, e ia saltando capítulos, seguindo os passos de Júlio Cortázar. Recomendou, aos meus estudantes de História da Arte, que se algum dia quisessem ler livros, usassem aquela técnica, a leitura invertida, misturada, porque funcionava, pelo menos para mim. E era mais engraçado. Conseguia apanhar o sentido da história, igual que se fizesse a leitura corrida normal, mas também ganhava um valor adicional: compreendia melhor a arquitectura que o escritor tecera para a produção da obra, quais caminhos seguiu, que tipo de estrutura deu ao livro. Aprendia mais desta maneira, e tornava-me melhor professora.

Um dia, pelas dezasseis horas, eu saía da Faculdade pelo meu próprio pé, pois não fazia sentido andar de carro uma distância tão curta. As ruas de Maputo eram as vendedeiras de pão com badjia. Os revendedores de crédito, de todas as redes. Os estacionadores e limpadores de viaturas. Os jovens achinelados, que faziam bicha para entrar num banco. Os guardas dos

prédios, fardados qual soldados de uma divisão militar azul. E os vendedores de jornais, capulanas, saquinhos de castanha de caju, amendoim ou frutas, tais como laranja, banana e maçã. Em suma, um conglomerado de seres animados e animadores, coloridos, que configuravam a essência da cidade. Entretanto, as ruas de Maputo não eram as próprias avenidas, com os seus nomes de líderes esquerdistas, socialistas, comunistas, marxistas, engelsistas e leninistas: Salvador Allende, Kim Il-Sung, Ho Chi Minh, Mao Tsé Tung, Karl Marx, Friederich Engels, Vladimir Lenin, Olof Palme, Julius Nyerere, Agostinho Neto, Kenneth Kaunda, Mohammed Siad Barre, Patrice Lumumba, Amílcar Cabral. Não tinham esse nome por afinidade ideológica, me contou um colega, professor de História. Era só um reconhecimento aos povos que ajudaram Moçambique na luta armada pela independência. Com essa informação fiquei confusa. Significava que, se Adolf Hitler ou Josef Stalin tivessem apoiado a causa da independência da minha pátria amada, ou Mobutu Sese Seko, o arquitecto que providenciou um futuro para tio Ndjema, padrinho de Coppa, eles também teriam sido oferecidos uma avenida na cidade de Maputo? Não tive forças para pensar em tudo aquilo, estava esgotada, psiquicamente, depois de mais um dia laboral.

Tinha pela frente um breve passeio de quinze minutos, com paragem de reforço na padaria, e estaria em casa logo. Era o curso natural das coisas, aquilo que muitos chamam rotina. Mas naquela ocasião, surgiu a excepção que confirmou a regra. Despedi uma das minhas estudantes, uma moça que andava com pressas porque recebeu chamada de um familiar que fez acidente e estava no Hospital Central de Maputo, para ser operado ipsofactamente. A moça procurou um táxi, mas não havia

nenhum ao redor. Em Maputo, os táxis tinham uma tendência de só aparecer quando e onde ninguém os precisava. Fiquei nervosa, pois não podia deixar a minha estudante assim, de qualquer maneira, no meio da rua. Pena que eu não andava de carro, aquele dia, pois lhe podia ter dado boleia. Senti-me culpada por ter deixado a viatura em casa, e não pude fazer nada, além de acompanhá-la alguns metros. Até que, por milagre, numa esquina, um jovem acenou para ela, como se tivesse notado uma expressão de procura de transporte. Naquela mesma esquina, qual um esconderijo, havia uma fila de riquexós, vulgo tchopela, prontos para voar pela cidade, a bom preço. Senti-me aliviada, e adverti ao motorista daquela carrinha de invenção indiana, que tivesse cuidado, porque a moça ia ao hospital para ver alguém, não para ser tratada ela mesma, de um acidente. Concordaram o preço e o riquexó avançou, fulgurante, à velocidade do raio pelas artérias da cidade das acácias, em direção ao Hospital Central.

Por um instante, me achei desubicada e desajeitada. Sabia que devia enfiar o caminho para casa, mas sem tempo para eu reagir, o segundo riquexó da fila, que agora passava a ser o primeiro, avançou repentinamente até a minha altura, e me ofereceu os seus serviços, apesar de que eu já estava em movimento. Olhei para ele e não prestei atenção em quem era, talvez um jovem qualquer de Maputo. Fiz para ele um gesto de negação com a mão esquerda.

– Mana Zambi, sou eu! – gritou o homem, por acaso nem tão jovem.

– Mana? Como assim, sabe o meu nome? – retorqui.

– Quantos irmãos tens, afinal? – insistiu o tchopelista.

– Mano! Oi, desculpa, não te reconheci. – falei, uma vez olhei nos olhos e confirmei que era ele.

Desreconhecer um familiar, neste caso um irmão, deveria ser contemplado no código penal. Seja qual fosse a situação, o lugar, a hora do dia ou da noite, ou os anos que tivessem transcorrido desde que um e outro familiar não se tiverem cruzado. O meu único irmão, o kwacheneiro do mercado de Tete, amado e perseguido por todas as manas do bairro, anos atrás, agora fazia de taxista de riquexó na cidade de Maputo.

– O que fazes, tu aqui, mana? – me questionou, com toda naturalidade.

– Bom, seria eu a fazer esta pergunta, e não tu. Não achas?

– Tanto faz, relaxa. Sobe lá, te levo para casa *mahala*.

– Eu despedi a mãe, um dia que, como tantas outras jornadas, tu não estavas em casa, dizendo que vinha para Maputo. E não acredito que ela se esquecera de te dizer nada.

– Esqueceu. Tem uma doença que a faz esquecer-se das coisas. Qualquer nome árabe, suponho, porque a palavra é muito longa e começa por *Alz*. Semelhante a uma demência, e ela está bem, só que não consegue se relacionar com ninguém.

– Meu Deus, isso é terrível. Assim, no dia que ela se sentir doente de verdade, não terá como avisar ninguém para a socorrer. Nem sequer o vizinho Chazia, em paz descanse.

– Calma lá, eu só estou aqui por um tempo, próximo mês volto para casa, para ficar com ela.

– E com as tuas marandzas do Kwachena, que te conheço, mano!

– Quero dizer, que tu podes ficar cá, com a tua carreira docente, e visitar quando for tempo de férias.

– E se trazemos a ela para cá? Em Maputo há algumas clínicas que podem ajudá-la. Ou na Jon, que é aqui perto, e ela tem passaporte. Não podemos ficar só assim, a ver como ela apodrece.

– Não, ela não irá aguentar a viagem. O médico recomenda que não apanhe avião, e de autocarro já sabes como é. Uma viagem de machimbombo, nas estradas moçambicanas, não é apta para velhos, só para jovens dispostos a desgastar as suas nádegas.

– Vamos lá, me leva para casa e falamos um pouco mais.

– Eu já te disse, fica calma, e agora põe o teu rabo na banca traseira do meu riquexó. É bonito, não é?

Aceitei viajar com ele, apesar de que me sentia mal por lhe roubar tempo da sua jornada laboral. Entretanto, não seria ético pagar o serviço que um familiar directo me fazia, nem que fosse um serviço profissional. Durante o percurso, houve um silêncio entre nós. Ele andava concentrado na estrada, nos semáforos e outras sinalizações. Eu dei-me conta, um pouco tarde, de que a palavra “apodrecer” não foi bem seleccionada para me referir à mãe. Afinal de contas, todos apodreceríamos, algum dia, mas não ficou decoroso falar assim de alguém que ainda vive.

– Passei de duas para três rodas, mana. Todo o mundo pode progredir, nesta vida – brincou ele, meio sério, deixando entrever um certo ar de desapontamento no rosto, causado por uma vida dura, muito risco na cidade, pouco dinheiro e ainda menos relações sociais.

– E onde vives? – interessei-me eu, por ele.

– Quase na portagem, um pouco mais de lá, uma zona que chamam de Casa Branca, no nó da Machava. Nada especial, mas dá para ficar, sempre que venho a Maputo.

O meu irmão jantou na minha casa, mas durante a refeição recebeu duas chamadas, de vozes femininas, e em ambos casos respondeu “venho já”. Eu entendi que não ia conseguir persuadi-lo para que ficasse a dormir na minha casa, pois o turno de noite sempre era mais produtivo em termos financeiros, só que mais arriscado, também, pelos perigos da noite desiluminada do extrarrádio da cidade de Maputo.

De noite, eu sozinha na cama, impossível conciliar o sono, a conversa com Coppa voltou a começar, dentro da minha cabeça, numa variante dialectal sonâmbula daquilo que tinha sido realmente. E se me tivesse mentido? Talvez estaria doente, a passar mal, prostrado na cama, a comer pouco, desempregado, pobre, que precisava de ajuda. Mas ele, se já era tão orgulhoso para me contar a sua realidade, nem imaginei quanto poderia rejeitar que eu aparecesse, lá onde ele estivesse, para lhe oferecer dinheiro ou alguma ajuda material. Antes de encerrar as pálpebras, recordei que, um dia, no Songo, Coppa me perguntou se em Moçambique ainda tínhamos mfiti. Talvez ele pensasse que estava a atropelar a minha cultura, com aquela palavra.

13. Subsolo

Não acreditei que Zambi quisesse casar com um diabético como eu. Mesmo assim, a vida continuava, tinha algo por que lutar, e estava esperançado. Prometi-lhe que ia casar com ela, e que eu iria custear tudo que o casório implicasse. Tudo. Porém, em nenhum momento falámos de quando, onde, como, com quem. Cada certo tempo, enxergava as árvores do meu quintal, o quintal da casa da minha mãe, que definitivamente já não tinha forças nem para apanhar algumas rosas do campo, muito menos regá-las. Confiava eu que tio Ndjema aparecesse, com algumas novidades que alegrassem os dias da minha viúva mãe, apetrechada de pena e razões para chorar: as três filhas desaparecidas, todas fugidas; o marido ainda mais desaparecido, como se não tivesse existido nunca; eu, o único homem do seu sangue, de mina em mina, muito bom na minha área, mas incapaz de fazer ordem na minha vida; e tio Ndjema, sempre daqui para lá, mas sem prestar muita atenção à minha mãe. Eu queria condená-lo por esta falta de coração, mas como podia eu incriminar alguém por um crime que eu também cometera? E pior ainda, no meu caso, porque eu era filho directo da senhora que estava a murchar, enquanto que tio Ndjema era só um passageiro, um ajudante ocasional, um espectador sentado na primeira fila do teatro.

O Reginaldo Mungwambe deixou a África do Sul, passou de Moçambique, na Matola, onde teve problemas conjugais, e finalmente veio trabalhar na Zâmbia, numa mina de Chingola, na minha província. Cada vez bebia mais. E quando estava

grosso, numa barraca, confessou que a mulher o abandonara, cansada de não ver a ele, sempre doente, distante ou ambas coisas. Mungwambe achava, dentro da sua embriaguez, que ela teria apanhado um outro homem, moçambicano da Matola ou de Maputo. O meu amigo Mungwambe saiu da barraca, incomodado pelo volume alto da música, num quintal próximo. Sem contemplações chegou, viu, desligou. Abaixou o quadro eléctrico de toda a vizinhança. E ninguém protestou. Quem ou-saria sair para voltar a ligar, possibilitando um enfrentamento com um bêbado? Quando me cruzei com ele na manhã seguinte, tive que usar o velho recurso de tirar o telemóvel do bolso, ainda bem que o levava comigo, como quase sempre, e responder para ninguém. Alô?

Uma vez o Mungwambe esteve recuperado, eu andei atrás dele. Queria entender as verdadeiras razões da sua vinda para a Zâmbia. Ele me falou que, por um lado, era certo que a sua mulher já não queria saber mais nada dele. Mas não por isso é que alguém deve sair para um outro país e fazer contas novas da vida. Explicou que já não havia emprego em lado nenhum. Até me perguntou algo comprometido.

– Coppa, acredito que tu deves ter algum subsídio pela tua condição de diabético, não é? – fiquei com uns gestos faciais que fariam um compêndio de expressões da perplexidade.

– Que eu saiba não, nunca soube nada disso, já sabes, por ser trabalhadores estrangeiros, somos tratados bem e mal, com algumas regalias por um lado, e do outro, pancadas.

– Em Moçambique, um governante local apareceu a falar em público, segundo me contou a minha ex-mulher, a dizer que a população devia procurar o futuro em outros cantos, porque na zona não havia nenhuma possibilidade de ter emprego.

Há maior vergonha, para um governo? Dizer ao seu povo que não há emprego? Bem, quando se está desesperado é quando se soltam as verdades. Nem precisa beber para cumprir com o implacável ditado *in vino veritas*. Basta sentir-se ameaçado, acorrentado, sem escapatória, para começar a falar o que se devia ter dito desde o início da contenda. Se uns miseriosos insurgentes recrutavam população jovem oferecendo-lhes empregos ruins, não era mérito dos falsos empregadores. É que o trabalho de promoção para a causa insurrectiva já tinha sido feito, na sua maior parte, pelo próprio governo, abandonando essas populações ao desemprego, à falta de presente e de futuro.

– Mas não fica triste, Coppá, que ainda não te contei tudo! – recuperou o fôlego o meu amigo.

– Como assim, tens mais alguma novidade? – reanimei-me.

Sentados no pequeno salão da minha casa, ele pediu-me uma chávena de chá, qualquer tipo, porque a sua garganta estava a ressecar. Eu também preparei umas ervas para mim, e fomos sentar na varanda, ao lado da minha mãe, que só olhava, imóvel e impertérrita, a vida passar. O Mungwambe contou que, no breve tempo que passou na Matola, conheceu um casal de sulafricanos, a Clyde e o Brent, que trabalhavam em projectos culturais. Achei interessante, aquilo que o Mungwambe contava, mas não entendia o que tinha de especial, ou de que forma poderia afectar a mim ou a ele, profissionalmente. Eu já estava a sonocar, quando ele se empolgou de tal maneira, contando sobre um projecto que aquele casal trazia para nós. Queria fazer uma longametragem sobre nós, os garimpeiros, como denúncia das condições em que vivíamos. A directora do projecto era a mulher, Clyde, branca, sulafricana de Port Elizabeth, bonita, majestosa. Uma mulher com tudo.

– Esse casal de sulafricanos virá para cá em breve, nos próximos dias, e a nossa vida vai mudar, amigo – assegurava o Mungwambe, empolgado.

– Eles vêm para ficar aqui, no Copperbelt?

– Onde melhor é que eles poderiam captar a essência da vida dos mineiros? Eu já estive com eles dois dias, nas zonas rurais da Moamba, em Moçambique. Não são os típicos brancos que só ficam nos hotéis a tomar café e falar de África. Eles vão perto da realidade que querem filmar. Vais ver.

E os sulafricanos chegaram, de carro. Tinham atravessado a fronteira do lago Kariba, vindos do Zimbabwe. Ficaram em casa de um contacto, um dirigente das minas de Chingola, e no dia seguinte começariam a trabalhar, principalmente a falar connosco, para saber se éramos aptos para participar, remuneradamente, no filme que eles vinham fazer. Uma parte seria filmada em Ndola, onde ficaríamos dispensados, mas o resto estava previsto que o fizessem em Chingola, Kitwe e Mufulira.

Se apresentaram formalmente, e nós, mais de cinquenta homens e mulheres famintos de algo novo, sentámo-nos em círculo. Quando eles decidiram, foi a nossa vez de nos apresentar: nome, profissão e condição actual. Eu devia responder, por esta ordem “Coppa, fazendeiro e garimpeiro, actualmente desempregado, em perfeitas condições de saúde”. Se falava que estava em tratamento diabético, seria o fim do belo conto. Portanto, calei-me essa parte. Cada um ao seu compasso, a Clyde e o seu marido Brent tinham sido um casal exemplarmente bem penetrado, tanto no terreno profissional como no pessoal. Tinham uma filha linda, que estudava num internato de Durban, e a companhia cinematográfica não parava de crescer, com a rea-

lização de curtas e longas metragens, cada vez de forma mais regular e estável, algo nada fácil no mundo das artes cénicas.

Depois descobri, pelo que falavam alguns garimpeiros da zona, que a Clyde tinha uma dupla vida, como a sua admiradíssima Greta Garbo. Durante alguns meses do ano se dedicava ao cinema, produção e direcção de filmes, tarefa que lhe angariava inimigos, porque devia solicitar espaços às autoridades municipais, cortar avenidas ou provocar barulhos desnecessários em bairros calmos, por causa de argumentos de ficção que obrigavam a gritar ou usar efeitos sonoros estridentes, que incomodavam a população. A outra metade da sua vida ocupava-a com a escrita, já tinha publicado vários livros de contos, poemas e um romance, que depois daria lugar a um filme que a companhia produzira, e com muito sucesso, intitulado *Tropismos dos Tristes Trópicos*, uma linda história de ficção que glorificava, como tema de fundo, a figura do antropólogo francês Claude Lévi-Strauss, cuja vida e obra, na opinião da Clyde, tinham sido subestimadas pela humanidade. Na escrita, especialmente na poesia, Clyde tentava fazer de tudo para recuperar os amigos que perdia com o cinema. Sarava feridas como as cobras, aplicando o antídoto com a mesma ponta da língua que envenenava. Como a homérica Penélope, mulher de Ulisses, Clyde gostava de tecer e destecer, montar e desmontar, fazer e desfazer. Essa era a sua marca artística mais particular e identificativa. O nome completo da Clyde, que ouvi apenas uma vez, incluía um apelido composto, de brancos, que começava por Van, algo muito longo e impronunciável para o meu sistema fónico bantu, oriundo do bembafalante distrito de Mufulira.

– Vamos a isso! – pronunciava, de forma característica, a directora do filme, cada vez que se cruzava comigo.

– Vamos! – respondíamos, nós todos, como soldados a obedecer um general.

A Clyde adorava analisar a vida, os costumes, as formas de organização das comunidades de pessoas. Me lançava desafios, nos poucos tempos que tínhamos para conversar.

– Quem já viu um ser humano a perder um direito humano? Um coxo a fazer bicha para comida? Não seria normal que lhe tivesse sido dada uma mínima preferência? – colocava ela, como uma professora apaixonada pelos debates na sala de aulas.

– Bom, isso seria num outro planeta – retorqui eu –, aquele onde os direitos fossem humanos mesmo. O caso é que, aqui, por tradição milenária, os direitos das pessoas apenas são direitos papélicos. A nossa sina é fazer bicha, sempre. Para comer feijão, bicha; para levantar dinheiro, bicha; para pegar chapa, bicha; para votar nas eleições, a bicha mais íngreme de todas.

Trocávamos muitas impressões sobre a vida, a Clyde e eu. Achei-a muito próxima, infinitamente melhor que um político à caça do voto das populações rurais. Porém, quando era a hora de voltar a trabalhar, era inflexível, e com um sorriso pronunciava a sua frase insígnia: “Vamos a isso!”. O título do filme seria *Subsolo*, por motivos evidentíssimos. Entendi que só vinham filmar o meu inferno, a minha prisão. De facto, eu estava no purgatório laboral, porque tinha a posição menos má dentro uma das mais péssimas e sofridas profissões que pode haver neste mundo. Podia ver a luz do dia, e inclusive, graças à referência que trazia do director executivo de Ndola, às vezes me permitiam entrar no gabinete do gerente, para trazer o café, bolachinhas ou o jornal do dia, que cá na cidade chegava pontual, de manhã nas primeiríssimas horas, e não ao fim da

tarde, como acontecia na minha vila natal, onde, consequentemente, as notícias recebiam o nome de velhícias. O filme e toda a sua parte técnica eram financiados por uma companhia sulafricana que anos atrás tinha sido multada, pela Academia Nacional do Cinema da África do Sul, e proibida de realizar qualquer tipo de gravação, por culpa do ex-director, um aldrabão que só sabia ir de vila em vila a pedir quantias esmoladas, que depois ele gastaria em hotéis e restaurantes de luxo, enquanto a companhia se dirigia à bancarrota. Isto é, ele pedia para ser subornado, porque em troca dos valores que conseguia extorquir às honestas pessoas, normalmente pobres, desempregados e analfabetos, prometia-lhes uma aparição destacada nos próximos filmes que a companhia fizesse. Vendia as suas produções como o salto definitivo para se tornar uma estrela, não importando fosse quem fosse. Mas nada disso foi possível, na realidade, porque, como era facilmente esperável, a companhia foi à bancarrota e o corrupto entrou na prisão. Mas a companhia ressurgiu graças a dois novos investidores, Clyde e Brent, dispostos a pôr capital para fazer filmes de qualidade. Paralelamente, deveriam lutar para limpar a imagem danificada da companhia, mas a única forma de ultrapassar aquilo era com o que melhor sabiam fazer. Portanto, mãos à obra. Este filme do subsolo seria o primeiro, constituindo uma denúncia aberta das condições inhumanas que o garimpeirismo ainda implica, em pleno século XXI.

Durante o tempo que levámos com a gravação do filme, comia-se bem, apesar de que participámos muito pouco, nós garimpeiros, porque apenas éramos gravados enquanto nos dedicávamos aos nossos afazeres normais. Nos davam lanche de manhã, às dez, e de tarde, às quinze. Normalmente mandioca

ou batata doce, com sumo natural. Para além disso, as refeições eram de outro tipo, também. Arroz pintado ou xima à escolha, todos os tipos de salada, vegetais bem cozidos, molho recheado de cores, e um bom pedaço de frango, vaca ou peixe, nada a ver com o cardápio habitual do subsolo: feijão e arroz limitado, verduras de uma única cor e, com sorte, um molho aguado que acompanhava uma cabeça de carapau ou uma minúscula coxa de franguinho, muitas vezes podre. Muitos faziam jejum, como se fossem forçados pela religião muçulmana, não só no tempo de ramadão, mas permanentemente. Congolese, zambianos e burundese, todos iguais mas sempre, já por inércia, sabendo que em casa, de noite, teriam uma refeição digna e não queriam chegar a ela com o estômago cheio dos tóxicos dessaboridos que recebíamos na mina. Eu também pensei em seguir a mesma política deles, nem tanto assim pela religião, mas pela alimentação, só que eu não tinha a minha Zambi que me esperasse em casa, com um prato abundante de carne, peixe e xima. Nesta tessitura, a companhia que estava a fazer o filme, apesar da sua boa vontade de nos oferecer alimentação condigna, infelizmente não conseguiu captar a realidade do nosso dia-a-dia, de uma malta afundada e sem mais forças por fazer sonhos na vida, mas sim um grupo de robustos trabalhadores que estavam a tirar, pedra a pedra, mina a mina, a África austral do fundo do poço das actividades económicas. Nem vale a pena dizer que o filme vendeu muito, foi um sucesso, foi nomeado e galardoado em festivais internacionais, mas ninguém se recordou de nós, os garimpeiros, em termos financeiros ou de bem-estar, descontando uma brevíssima mensagem de reconhecimento, *na memória dos humildes trabalhadores da KCM e de todas as empresas mineiras do mundo*. Assim, nós garimpeiros éramos

humildes, só. Mas quando se faz um reconhecimento público a um militar, político ou intelectual, nunca se diz que foi alguém humilde, mas se diz que foi uma pessoa grandiloquente, excelente, maravilhosa e magnífica. Nada compensa quando a alma é pequena.

A Clyde conhecia muitas coisas dos países da África austral. Afinal de contas, ela era uma nossa irmã, só que a nós, negros, nos custava muito observar os brancos como iguais, em termos culturais. Esta mulher, de aproximadamente quarenta anos, tinha algo especial. Trabalhava como uma branca, falava como uma negra e vestia como uma mulata. Perguntou-me se conhecia Moçambique, ao que eu tive de responder afirmativamente, só que apenas tinha estado naquele país para os meus estudos na escola secundária, mais nada. Estar num sítio, por muito ou pouco tempo, em nenhum caso significa conhecê-lo. Mas cheguei tarde, ela já estava a produzir sons que mostrassem a sua sabedoria e vastidão de conhecimentos acerca de Moçambique. E não coisas de domínio público, como a luta armada ou a guerra civil. Ela conhecia a história da Argentina da Glória, mais conhecida por Tina Paulino, desportista moçambicana, enquanto eu, ignorante, que vivi no país dela por vários anos, não era capaz de mencionar o nome de qualquer desportista, escritor, cantor, político ou figura destacada da sociedade sulafricana. Sobre a Tina Paulino, a Clyde até recordava o detalhe da sua queda, numa final de Campeonato Mundial, na prova dos oitocentos metros, na cidade alemanha de Estugarda, em 1993. Depois, a minha directora fez uma ponte entre aquele episódio e o nosso contexto: há quedas das quais já não é possível se recuperar. Não importa quão fortes sejam, interessa a ca-

pacidade de se levantar depois e terminar aquilo que se começou. Seguramente falava de si própria, a minha amiga e chefe.

– Na Faculdade de Belas Artes onde estudei, em Queensland, na Austrália, nos davam termos de Linguística Aplicada, porque qualquer criação artística é a tradução de elementos que os sentidos captam. Vamos a isso!

– E como se chama isso, numa única palavra que eu possa compreender?

– Negociação do significado. Desculpa, são três palavras, mas já entendes, espero.

Entendi, perfeitamente, que qualquer criação artística devia ter em conta o papel do espectador, seja leitor ou assistente. Interessante, assim pelo menos o criador sempre terá o recurso de melhorar, de acordo com a crítica recebida, e não se sentir ofendido se alguém não gosta da sua criação. Diferentes entendimentos, pois uma obra de arte também podia ser feita, na visão da Clyde, com a intenção de que o espectador não gostasse da mesma. Assim, o vazio que fica depois de terminar o filme ou retirar uma estátua, também podia ser considerado parte da obra artística, porque produzia alguma sensação. Igual que a fome que sentimos faz-nos comer, com mais prazer, uma mesma refeição que para alguém inefomeado pode ser entendido como um suplício.

Curiosamente, e nunca soube como, a Clyde gostou de mim, um pobre mineiro, mais um do grupo, uma simples ovelha dentro do rebanho, sem atractivo nenhum. Sentia-me atraído por aquela mulher, tão activa, jovial e com uns níveis de estâmina incomparáveis, que até podia ter sido garimpeira e compeitr comigo, nos meus anos mais produtivos, em identificar ao melhor do mundo. Eu notava que ela queria passar tempo comigo, falar

de qualquer coisa. Num certo momento, encostou a sua cabeça no meu ombro, e me perguntou se eu tinha uma mulher, algo que eu não fui capaz de responder. Há perguntas que, quando não respondidas clarissimamente com uma negação, qualquer outra reacção implica uma afirmação, assim como ela entendeu o meu silêncio, uma vulgar solicitação de tempo para pensar. Mas pensar o que? Só era consciente de que, ali mesmo, tinha uma mulher cinco estrelas, ao meu lado, a curtir piadas, e que não me tratava apenas como se eu fosse simples população que participava do filme. Como eu não usava nenhum anel visível, ela se encorajou em querer saber sobre a minha vida marital, se é que existisse. Aí sim, tive que responder a verdade, não. Um não rotundo e incompatível com nenhum tipo de hesitação ou clivagem. O anel, eu levava-o no coração, uma aliança de cobre que apertava o pericárdio. A Zambi nunca desaparecia da minha mente. Mas eu também gostava muito da Clyde, adorava ter esse tipo de conversas, quer laborais como íntimas com ela. Me senti num dilema duro de contornar, por vários dias. Do lado de mais longe, a Zambi continuava lá, apesar de que eu só tinha uma imagem dela, na minha cabeça, como irresponsável de cozinha do internato, na escola secundária do Songo. Me mandava algumas fotos pelas redes sociais que eu começava a usar, só que ela nunca foi muito de se exibir. Também tinha a memória da voz dela, através da chamada telefónica que tivemos, porque ela me procurou. A Clyde não entendeu nada de toda aquela minha história de pseudoamor com uma menina, agora mulher, da qual passei tantos anos sem saber nada. Mas a directora da filmagem, muito lesta de mente, não entrou em sapatos que não eram do seu tamanho, e mudou o pulsar das nossas interlocuções. Ela já tinha bastantes dores de cabeça,

com o mais que provável divórcio do Brent, um moço de família rica, donos de jazigos petrolíferos, que a tinha conquistado na juventude com festas caseiras, ao estilo universitário norte-americano. Dentro de tudo, o Brent era boa pessoa, e fazia o máximo para aprender a gerir o negócio, mas nem por casualidade conseguia seguir o ritmo tão trepidante da sua senhora, em termos de actividade e produção.

Uma vez a Clyde entendeu a minha situação pessoal, surpreendentemente não se desligou de mim. Continuámos a passar muitos descansos juntos, a partilhar pão amanteigado, amendoim torrado e sumo natural. Todo o pessoal envolvido no filme, produtores, realizadores, caracterizadores, técnicos de som, responsáveis de material, actores, assessores e motoristas, dizia de nós que éramos uns adolescentes a paquerar, enquanto um muro já tinha sido levantado entre nós. Foi assim como entrámos em conversas um pouco mais íntimas. Numa dessas, ela me explicou que, depois de um certo tempo, o marido só ia com ela por emprego, já não havia paixão entre eles, era só negócio, fazer os filmes os mantinha juntos, mais nada. Me tocou a mão, indicando que era já o momento de voltar à gravação, e exclamou a sua frase, para que todos a ouvissem. Vamos a isso!

A Zambi estaria orgulhosa de mim, em saber que o meu filme seria projectado na África do Sul, e depois em mais países. Com sorte, ela poderia usá-lo como ferramenta pedagógica, para que os seus estudantes de Arte entendessem que, detrás de cada material, cabo ou máquina que um artista usa, havia um garimpeiro que punha em risco a sua saúde todos os dias, para que as matérias primas chegassem às indústrias e se fizesse arte. Era claramente um filme de denúncia, desde vários pon-

tos de vista. De princípio, o que me fazia mais feliz, era que o nosso caso, como garimpeiros, seria tratado na primeira ordem, quando se apresentasse o filme nos holofotes. Mas, ao longo da metragem, também se abordava a questão da corrupção na justiça, não apenas para questões laborais ou de saúde para os garimpeiros. No geral, dizia que, aos corruptos que roubam, bastava-lhes tirar uma pequeníssima parte do que roubavam, subornar os tomadores das decisões jurídicas e assim saírem incólumes de tudo. Na parte mais tensa do filme, onde eu não participava, se encenavam dois processos penais que, por intenção da directora, a Clyde, já estavam resolvidos de antemão. Um, clamorosamente, e o outro menos, algo mais discreto. Os meios de comunicação, inseridos no filme com o único propósito de justificar viagens e estadias pagas, faziam de tudo para dar reportagens informativas dos tais processos, agora um, e depois o outro, mesmo que a população local não quisesse falar dos mesmos. Falar muito de alguma coisa implica que se esqueça um outro assunto, porque os seres humanos preferimos, muitas vezes, seguir a massa que está errada antes do que tomar um caminho independente e mais correcto. O protagonista do filme, um actor sul-africano negro que interpretava um polícia de bairro, sentia autocomplacência por ter dado relatório aos seus superiores acerca das más práticas judiciais que engoliam a atenção do povo, não o deixando respirar, e muito menos pensar. Ao protagonista bastou-lhe preencher alguns minutos da crónica internacional do telejornal para tornar ambos casos, que investigava, num presente doce demais para ser rejeitado pelos meios de comunicação generalistas. Assim, o filme alectonava, deixando a mensagem que, quem está no poder, tem como primeiro e principal objectivo afastar quem ouse discutir

a sua posição, sem interessar o que digam os críticos. Um homem barrigudo, amigo de infância do polícia de bairro, e que no filme se tornara director de um jornal, argumentava que o importante para o negócio não é dizer a verdade, mas que as pessoas iletradas leiam e consumam informação fresca, acessível para qualquer público. As *fake news* são o *fast food* da informação, dizia. E a Clyde animava-o a adicionar, no guião, que as notícias falsas são alimentação sem nutrientes, massa desnutritiva rápida de engolir, barata e disponível de forma imediata, sem rodeios nem lenga-lenga. Para além de adictiva, muito, qual uma bala de açúcar incrustada no miolo da pessoa.

Terminado o trabalho mais duro da filmagem, só restavam alguns detalhes, que seriam resolvidos no dia seguinte, o último da estadia dos sulafricanos em Mufulira. Os últimos momentos que eu podia passar ao lado da Clyde. Sentámo-nos na relva, ela, eu e o actor que protagonizava o filme fazendo de polícia. Ele queria falar sobre aspectos técnicos da gravação, e não me incomodava por nada a sua presença, apesar de que fosse a vigília da despedida com a Clyde. No filme, um dos acusados foi julgado por destruir o mundo dentro da mina, enquanto que, no tribunal, alegava que só obedecia ordens da chefia, que geria um negócio legal, nos termos das ordenanças. O papel do polícia era juntar provas que o incriminassem, e comprovar que fossem acções ilegais, de acordo com os termos da lei. Por isso, teve de estudar muitas leis da vida real para poder fazer este filme. Estava a agradecer a Clyde por aquilo, como um estudante bem-sucedido depois de passar pela peneira de uma professora exigente com os detalhes. Pena que todas as ordenanças, leis e constituições sejam passageiras. Nenhuma lei é permanente, nem sequer a da gravidade. Eu me mantinha em

silêncio, não tinha nada muito empolgante por contar, da minha aparição no filme, além de constatar que fora uma experiência nova e muito enriquecedora. Só participei da parte inicial, na qual apareciam os garimpeiros a sofrerem roubos de material, ameaças de mafiosos que os obrigavam a dar-lhes diamante e cobre clandestino. Também fazia a minha segunda e derradeira aparição na parte final do filme, onde se vendia uma certa justiça contra os mafiosos usurpadores, e a nossa vida laboral experimentava uma série de benefícios, como melhor comida, segurança no emprego, períodos de descanso e seguro médico por acidentes, entre outras regalias. Se bem muitos desses elementos eram verídicos, a vida na mina nunca deixou de ser um sofrimento exasperante. O actor principal levantou-se, foi pegar uma cerveja, como prémio ao trabalho bem feito, e deixou-me a sós com a Clyde. Era a minha última oportunidade de fazer perguntas indiscretas.

– E por que já não tens bom relacionamento com o teu marido?

– A nossa filha quer mais a ele do que a mim, e isso dói muito, nem imaginas, Coppa.

Mostrei toda a minha anuência com o seu argumento. Como ia imaginar eu, que não fizera filhos? Só na minha imaginação, a Zambi dava a luz a um menino e a uma menina, mas depois sempre nos arrependíamos por tê-los trazido a este mundo. E ironizávamos que, um dia, num futuro não muito longínquo, fazer filhos seria pecado capital, o maior crime, porque implicaria trazer meninos inocentes para um mundo não inocente. A Clyde não era muito de lamentar ou empurrar as responsabilidades para os outros, mas desta vez, apareceu-lhe, espontaneamente, uma voz de queixa contra o mundo.

– Nos projectos onde trabalhei, antes deste, sempre há uma certa política ou cláusula de inclusão para com a população local: dar emprego às pessoas que vivem lá, na zona onde se faz o trabalho.

– E qual é o problema disso? – retorqui, ignorante, eu, como tantas outras vezes.

– Que muitas das pessoas que vivem nos locais onde fazemos os trabalhos não sabem nada nem passam nenhum filtro de selecção, com requisitos exigidos, para poder participar do nosso projecto.

– E então, por que é que vocês fazem trabalhos lá? – insisti, incrédulo.

– Pela experiência, Coppa. Pelo sentimento de ter estado lá, ter conhecido um novo ambiente, novas pessoas, um esforço enorme para uma produtividade baixíssima, mas sempre uma experiência marcável, acho eu. Vamos a isso!

Começava a perceber que aquela mulher tinha um coração grande. Queria produzir muito e de boa qualidade, mas também não queria deixar de lado a parte sentimental, o como, e não apenas o que. Ela argumentava, ainda com certo ar de queixa, mas já mais relaxada, que em muitos locais se contratava alguém porque era da zona e amigo do Chefe do Posto, do Régulo ou do Secretário do Bairro. Depois de contratar a tal pessoa, o trabalho organizava-se em função do que aquela pessoa era capaz de fazer, nem que fosse falar a língua local, regar plantas ou afugentar cobras. Clyde era plenamente ciente que o capitalismo mais puro, que representava o seu ainda esposo, não gostava dessas práticas, mas pelo menos era uma forma de descobrir talentos escondidos, como o meu. Ela falava a sério, mas eu só escutava na brincadeira, porque, de facto, nunca fui

capaz de prestar atenção a ninguém de forma séria. Ela insistia em que eu poderia ser uma estrela do cinema ou teatro, se mo propunha. Começar com pequenos anúncios publicitários, e depois avançar com seriados, até chegar aos filmes mais espetaculares. Ela estava completamente sóbria, se calhar fui eu que senti o cheiro da cerveja que rondava no ambiente, e acabei por fingir que desmaiava, só para atrair a atenção dela. Ficámos deitados, a rir por nada, por tudo, porque queríamos rir, os dois fingidamente desmaiados, como dois pré-adolescentes tímidos que se gostam, mas que desconhecem os passos subseguintes das artes amatórias. Entre tudo isto, o Brent passava muitas horas a beber com os trabalhadores da companhia. Ao contrário de um chefe que faz de tudo para que os empregados nunca parem de funcionar, ele apanhava os operadores de câmara, os motoristas, alguns actores ou maquiadores e obrigava-os a deixarem as suas actividades, porque ele queria alguma companhia para dar uns goles de cerveja e admirar as montanhas que se divisavam a uma certa distância, onde havia uma fila de aldeias pequenas, seguramente anónimas, inclusive para quem pretendia fazer um filme acerca da realidade do subsolo. Mais ou menos naquela aproximação de terrenos, onde o olho de Brent podia alcançar, estaria a minha aldeia natal, onde a minha mãe regava flores, esperando as visitas do tio Ndjema, e agora só esperava a morte, sem nada que lhe pedisse água ou carinho, com três filhas espalhadas pela província e um filho diabético, quase estrela cinematográfica, que não a iria deixar murchar em solidão.

Depois, quando voltou a sentar connosco o actor que fazia de polícia-herói, os três ficámos a falar, principalmente de assuntos da cultura geral, inclusive de política, onde eu sempre

fui analfabetizado. Mesmo assim, eu me sentia o homem mais culto do mundo, rodeado daquela malta. Por uma vez na vida, estava a fazer algo interessante fora do subsolo, precisamente um filme que tratava das cavernas subterrâneas que a humanidade se empenhara em cavar. O actor argumentava que a disponibilidade era uma coisa fácil de prometer, em palavras, mas difícil de encontrar em pessoas reais, quando mais se precisava. Os três sentimos uma conexão altamente adictiva, porque éramos pessoas muito diferentes por dentro e por fora, cumprindo com um conhecido princípio da física, que diz que os pólos opostos exercem atracção, uma força centrípeta e inevitável. Mas como nada é eterno, o Brent voltou da barraca e levou a sua esposa. Eu fui dormir em casa, com o meu colega Reginaldo Mungwambe, e o actor pernoitou na sua tenda. No dia seguinte acordei cedo, fui ao mercado e preparei um mata-bicho de mandioca e salada de frutas para todos, um luxo pelas condições que tínhamos no local. Os integrantes da companhia saíram extremamente felizes do local, e dirigiam-se para casa, em Port Elizabeth, por via terrestre. Deviam atravessar todo o Zimbabwe, até a fronteira de Beitbridge, e depois mais a sul, até o destino, onde iriam descansar e acertar os últimos pormenores técnicos, prévios ao lançamento do filme e que não requeriam da intervenção dos actores, nós os garimpeiros do subsolo. A Clyde me despediu efusivamente com um abraço, e eu fiquei sem saber se ela estaria disposta a tramitar o divórcio do Brent logo mesmo, ou lhe daria ainda mais uma oportunidade.

O filme foi projectado em muitos palcos de prestígio, e ganhou um prémio no Festival Internacional de Cinema de Joanesburgo. O júri determinou que o trabalho liderado pela Clyde

impressionara sobremaneira, porque cumpria com os parâmetros de proximidade ao povo, descrição de uma dura realidade que devia ser erradicada, e tecia nuances imperdíveis arredor dos conceitos de responsabilidade, justiça e sensatez humana. No discurso de aceitação do prémio, a Clyde fez uma menção emocionada aos garimpeiros, que aceitámos participar naquilo desinteressadamente, sem nenhum salário, apenas subsídio, para além da boa comida. Para mim, porém, tinha havido um outro elemento a destacar: a companhia daquela senhora altiva e exemplar, a Clyde, que nunca baixou a uma mina, mas que retratou o meu subsolo muito melhor do que eu poderia explicá-lo, depois de uma vida inteira mergulhado nele.

14. Anel do coração

Na mesma rua da minha casa, vivia um homem cuja cara me era familiar, seguramente da UEM. Era de nacionalidade norueguesa, mas só pelos documentos, pois ele se autoprotoclamava cidadão e aldeão global. Era o dono de uma multinacional detentora de sessenta por cento de participação operacional na bacia de Angoche, na província de Nampula, para além do delta do meu Zambeze natal. Gostei do homem, a toda hora estava a falar comigo e com outros quaisquer que passavam, acerca da acção social que a sua empresa fazia aqui e acolá. O seu argumento mais repetido era que este mundo, que estava de pernas para o ar, de facto nunca teve as pernas no sítio correcto. O problema, talvez, era que não havia um Presidente do Mundo.

– Estaria bem, não é? – eu lhe respondi, um dia, engraçada. Eu tinha tempo e queria conversa, papo político de qualidade.

Que uma pessoa dissesse a todos os chefes de estado locais o que devem fazer. Também haveria presidência dos continentes: América, um todo unitário, nada de sul, centro e norte; Eurásia, pacote completo; África também, uma unidade indivisível, assim se facilita o trabalho aos ignorantes do mundo rico que observam África como um único país. Eu concordava plenamente com esta posição dele. Depois de toda a ginástica das independências nacionais, ainda alguns pensam que todos os africanos somos iguais, negros, sujos, famintos, ladrões. No meu bairro, com o dirigente da multinacional e um outro homem do casarão contíguo, dono de um supermercado, consti-

tuímos uma comunidade de moçambibrancos, moçambipretos e moçambindianos bem peculiar e de boa avença.

Esse norueguês, de nome impronunciável para mim, de princípio me pareceu ser uma boa pessoa, trabalhador e cuidadoso. Mas em pouco tempo, identifiquei nele uma forte tendência em passar a vida a lamentar, como se todos os problemas se solventassem só contando-mos a mim, despossuída de uma vara mágica para tal. Queixava-se de que os serviços públicos exibissem mensagens atropeladoras da língua portuguesa, como *Carros utentes, vamos desenfetar as maos*, visto num cartório notarial, onde tinha ido autenticar uma cópia da sua carta de condução. Tinha tirado foto, e me mostrava o crime com o ecrã do seu telemóvel.

– Estás a ver, Zambi, tu que és professora vais me entender, espero.

– Apesar de que não sou professora de língua, sinto-me desrespeitada por um serviço público onde não há alguém competente para escrever aquela informação de forma decente – respondi, profissionalmente.

– Também, a comida da cantina da UEM é sensaborão.

– Não em todas as cantinas que existem lá – discordei, educada e distantemente.

– Em fim, melhores dias virão – encerrou, com raiva, porque sabia que eu tinha a minha parte de razão.

Sempre concluía a maioria das suas intervenções informais com aquela frase, mas todas as vezes que eu a repetia interiormente, acabava por pensar que devia ser ele quem fosse à procura dos dias melhores, e não ao contrário. Para além de tudo isso, o vizinho norueguês também era professor visitante, docente da mesma Escola de Artes, na UEM, onde eu dava

aulas dois dias por semana. Todo o mundo dizia dele que era um palestrante brilhante. Gozava de admiração entre todos os públicos, trazendo argumentos de um estrangeiro observador da realidade local. Dizia que, em Moçambique, onde o tempo era só uma palavra maleável, quando faltassem alguns minutos para uma certa hora marcada, as pessoas diziam, com toda a exactidão, que restavam oito minutos, por exemplo. Sete, quatro ou dois minutos. Mas quando a hora já tivesse passado, o panorama mudava, e os minutos de atraso eram apenas uma anedota imperfeitamente difusa, e os dizeres das pessoas tornavam-se do tipo “são as sete e tal” ou “são as dez e qualquer coisa”.

Um dia, pelas dezassete horas, quis convidar-me para uma miríade de actividades: sair para jantar, no bairro do Zimpeto; ir ao teatro, na baixa da cidade; chegar nas nossas casas da Polana Cimento, por fim. Era muito amigável, mas eu sempre tive medo, de novo. Eu não usava um anel visível, mas o levava no coração, um anel de cobre que me apertava o pericárdio. Fomos comer pizza, finalmente, num local próximo do bairro central, para não depender do engarrafamento ou outros constrangimentos potenciais, que as noites de Maputo sempre reservam. A cortar e partilhar pedaços de pizzas, margarita para mim, para ele havaiana, ele começou a lamentar do funcionamento das coisas, só porque demoraram alguns minutos na confecção da nossa comida. Depois, o norueguês acabou por fazer ligação com outros argumentos, que já trazia preparados de casa, achei, sobre o trabalho dele.

– Nos projectos onde trabalhei, antes deste onde estou agora, sempre há uma certa política ou cláusula de inclusão para com

a população local: dar emprego às pessoas que vivem lá, na zona onde se faz o trabalho.

– E qual é o problema disso? – retorqui, eu, curiosa por conhecer os argumentos dele em relação a este assunto tão africano.

– Que muitas das pessoas que vivem nos locais onde fazemos os trabalhos não sabem nada, nem passam nenhum filtro de selecção, com requisitos exigidos, para poder participar do nosso projecto.

– E então, por que é que vocês fazem trabalhos lá? – insisti, incrédula.

– Pela experiência, Zambi. Pelo sentimento de ter estado lá, ter conhecido um novo ambiente, novas pessoas, um esforço enorme para uma produtividade baixíssima, mas sempre uma experiência remarcável, acho eu.

O norueguês opinava que qualquer trabalho deste mundo devia ser dado a uma pessoa capacitada para tal, que se candidatasse. Não via problema nenhum no capitalismo, a concorrência, a luta por ser melhor.

Este meu amigo norueguês, só amigo, queria ensinar-me coisas. Também levar-me de passeio. Aos domingos e alguns feriados, costumava dizer que lhe dava para acordar cedo e saltar as fronteiras suazis e da Jon. Ida e volta no mesmo dia, até subiu para Mbuzini, uma vez, a conduzir e ao mesmo tempo a rezar para que nenhum pneu furasse, os amortecedores resistissem, e o motor aguentasse. E conseguiu chegar, lá em Mbuzini, onde um simpático e jovem chamado Charles o recebeu alegremente. Notava-se que estava falto de visitantes, ainda mais a sua colega dentro da casinha de segurança, no parque de estacionamento, enorme, todo ao dispor do norueguês. Não travou

palavra com a moça, Charles tinha pressa por lhe mostrar o interior do museu, com os fardamentos usados pelos tripulantes e passageiros do avião acidentado, a papelada nunca mais mexida com o expediente do caso, algumas imagens históricas, canetas com as que se assinaram acordos importantes. Depois saíram para o exterior, onde pôde contemplar aquilo que de verdade lhe interessava, os restos do avião e o monumento com as trinta e três barras a ecoarem por efeito da permanente ventania daquela montanha. Tirou algumas fotos numa placa, com escrita do Rolihlahla, e Charles lhe fez algumas perguntas sobre porque vivia no Maputo, o que sentia como homem branco num país de negros, se gostava do ambiente, se havia segurança para ele fazer uma vida tranquila, como poderia fazer lá na sua terra europeia, ou no Western Cape. O norueguês fez uma pequena paragem no seu relato, para beber água e ganhar fôlego. Reconheceu que não estava preparado para tais perguntas, não porque carecessem de interesse ou não as soubesse responder, mas porque as achava como se fossem perguntas que apenas um branco recém-chegado à África pode responder, e não ele, que já tinha andado tanto pelos países da SADC que não sentia necessidade de olhar para os negros como negros e para si próprio como branco. Era só mais um cidadão, mas aos olhos de Charles ele se tornou um branco, um daqueles brancos especiais que não se fazem de turistas borregos, mas de pessoas cultas e interessadas na causa dos africanos, na sua história recente e remota. De facto, o risco corrido na viagem valeu a pena, e ainda faltava rezar de volta para não quebrar nada do carro. Mas como era descida, seria mais fácil, pensou. No fim, Charles perdoou ao norueguês os dez randes exigidos para a entrada ao museu, mas o visitante acabou tirando uma moe-

dinha de um rand, que era todo o valor que ele trazia no bolso que fosse válido naquela República. Uma moeda pequena e oxidada, nenhum local melhor do que aquele, para deixá-la descansar. Fizera o caminho de volta pela via de Mananga, depois Namaacha, e daí para Boane, Matola-Rio, desdobramento na Machava-Casa Branca, e finalmente em casa, na cidade. Fiquei empolgada com toda a narração da visita que ele teve num local histórico, tão marcante para o povo moçambicano e de toda a África austral. Porém, eu nunca tivera chegado lá, ainda.

– Vamos para frente porque a ir para atrás não fomos ensinados – espetei, em referência às penúrias que o norueguês teve de passar com a viatura dele, tanto na ida como no regresso.

– Tens razão. Podemos ir um dia, para Mbuzini, ver aquilo – sugeriu.

Agradei a proposta, mas eu tinha uma outra sugestão para ele. Que fosse visitar a vala comum de Homoíne, no distrito homónimo, na província de Inhambane. Já que, na semana a seguir, ele tinha agendado uma visita às jazigas de gás natural em Panda, poderia chegar lá e contemplar aquela vala, com mais de trezentos e cinquenta corpos, chacinados naquele local na data de dezoito de Julho de 1987. Eu sempre pensei que este tipo de lugares, nada agradáveis, cumpriam a importantíssima função de nos fazer aprender a valorizar o silêncio.

– Vá lá e escreve tudo que faças durante a digressão – completei a minha proposta, que ele aceitou, sem protesto.

A minha intenção não era puni-lo, mas apenas que juntasse informação de campo, relacionada com o país, para quando fizesse uma nova palestra e quisesse conquistar a audiência não só com dados impressionantes de projectos renovadores para o país. Mande-o ir para lá e escrever tudo, autodocumentar-se,

porque um processo doloroso vale mais que passe rápido e com toda a intensidade da dor de uma vez, assim curaria mais rápido, e não converti-lo em agonia, sem cortar o problema de raiz. Era possível que tivesse criado mais um problema na cabeça do homem, mais do que ajudá-lo a resolver nada, mas ele, que conhecia as formas dos moçambicanos, entenderia bem o que eu lhe disse. Queria que andasse prevenido, simplesmente, porque sabe-se que, se alguém bebeu, bateu em alguém, abandonou uma criança, roubou, adulterou, heresiou ou cometeu algum outro pecado sem nome próprio, a melhor forma de redenção era a escrita de tudo, de princípio a fim. Uma parte narrativa, só para ele mesmo, e uma outra parte pública, de desculpas, onde reconhecesse tudo e limpasse toda a sujeira. Olhou para mim com ar de descrédito, não entendendo por que eu relacionaria aquele fantástico e nervoso bom homem, com qualquer um desses íngremes pecados que a humanidade tivera, por desgraça, inventado.

Como muitos dias, já ao anoitecer, cada um entrava na sua casa e se despedia até o dia seguinte. Mas naquela ocasião, ele mostrou um interesse em querer continuar com a conversa, por alguns minutinhos mais.

– Desculpa a indiscreção, mas um dia ouvi que falavas com um homem, seguramente teu irmão, a dizer que a mãe está a passar mal, que já é velha demais. Como é que ela está?

– Como sabes que aquele era o meu irmão? – interroguei.

– Não precisa ser espião, só captei que ele te chamava de mana – escusou-se o norueguês.

– A nossa mãe sofre de Alzheimer.

– Está a passar mal, por ter esta doença numa idade avançada, acredito.

– É uma doença muito complicada, porque avança em fases, e que afecta às pessoas de idade avançada, exclusivamente – expliquei, apesar de que ele já sabia bem disso.

– Sinto muito. Só espero que sofra o menos possível – o meu vizinho tentou animar-me.

Agora, ele já parecia satisfeito, como se tivesse saldado uma dívida e se sentisse melhor, porque se interessara pela minha família. Mas fui eu, naquele momento, que ainda queria dizer uma última palavra.

– Dizer que a velha está a ficar velha não resolve nada. É equivalente a afirmar que escalar o monte Everest é difícil porque é uma montanha muito alta.

O meu vizinho norueguês foi convidado para uma reunião de membros da SADC e agentes de projectos externos, que decorria, durante duas jornadas, no Centro Internacional de Conferências Joaquim Chissano de Maputo. Ele, em qualidade de *stakeholder* omnipresente, tinha pouco a dizer, nesse tipo de ocasiões, mas muito a escutar. Cada vez que ouvisse palavras tais como “projecto”, “iniciativa”, “campanha” ou “programa”, as suas orelhas faziam de antenas parabólicas e captavam um sinal que indicava possibilidade real de fazer dinheiro. Naquela reunião se juntavam responsáveis de grandes projectos, quer públicos como privados, ao nível da região. Curiosamente, todos os líderes negros dos países da África austral vinham acompanhados por um grupinho de assessores europeus, americanos ou orientais, que acabavam dictaminando cada passo da negociação plenária, sempre com um olho nos interesses próprios, ou seja, puxando a sardinha para a brasa do país que representavam. O meu vizinho sentia-se cómodo nesses fóruns, e no

dia antes, apareceu na minha casa com três mudas de roupas diferentes. Estávamos a desenvolver, sem nos dar conta, uma espécie de irmandade misturada com amizade, na qual nada ficava de fora, e tudo tinha o seu espaço bem delimitado.

– Oi, Zambi, tudo bem? Não sei o que me fica melhor para ir à reunião dos mandamaíses – disse, mostrando-me as três mudas.

– São dois dias, pois não? – retorqui eu, que não esperava aquele dilema num homem tão seguro de si mesmo, tão viajado, tão capaz de tudo e tão curtido em mil batalhas.

– Sim, mas ajuda-me lá a combinar, por isso trouxe as três combinações de fatos, para fazer e desfazer.

– Evita o traje de pinguim, te imploro – implorei-lhe, porque preto por fora e camisa branca seria para casamentos ou festas mais solenes.

– Está bem, então deixa combinar: para amanhã, o fato azulado, gravata escura, e para depois de amanhã, sem casaco, só a camisa vermelha e gravata branca, calça preta.

– Combinado. E saúda lá essa malta de piqueniqueiros, se tens ocasião. Graças a este tipo de parcerias é que eu pude ter a bolsa de estudos para o doutoramento na França.

O norueguês disse-me que o piquenique não seria tempo de grandes conversas, só saudações entre sumos, cafés e bolachas. O momento mais social seria, sem dúvidas, o almoço, especialmente o do segundo e último dia. Tudo dependia de com quem fosse assignado, pelo protocolo, para partilhar mesa de refeições. Mas prometeu que iria ver o que podia fazer, para algum dos seus estudantes da UEM se beneficiar de programas interessantes, parcerias que abrissem as janelas e as portas de novos mundos. No primeiro dia, porém, quando ele chegou de

noite em casa, eu estava na varanda a jantar. Esperava que ele tivesse sentado comigo, tomado uma água e contado os destaques do dia, mas não fez nada disso. Entrou em casa, ouvi como tomava banho e se metia nos lençóis, sem jantar, seguramente porque no Centro de Conferências o menú teria sido bem recheado de delícias nacionais e internacionais. Logo de manhã, mesma cena, mas em sentido inverso, de dentro para fora. Eu a tomar café e a me aprontar para o meu dia laboral, na varanda, só pude escutar como ele tomava banho e ver como saía, apressadíssimo, a caminho do segundo dia. Talvez uma negociação muito gananciosa, ou um novo contacto interessante, estivessem a ocupar os seus pensamentos, que nem tomou café e pão amanteigado, como costumava fazer cada dia nas primeiras horas. Findos os discursos, a maioria aplaudidíssimos, a sessão plenária encerrou os dois dias, com um propósito comum e pouco surpreendente: alavancar a produção de planos educacionais, que funcionassem como plataforma para a inclusão de jovens nos mercados de trabalho produtivos dos países, com a visão de que todos os países da região importassem menos produtos básicos, no fim da década em curso.

De regresso à vida, depois de dois dias em que me abandonou a mim e a todas as outras coisas, o norueguês voltou a sentar-se comigo. Ofereci uma cerveja, que declinou porque estava muito cheio de comida, e as misturas fortes lhe provocavam um medo atroz. Sentou-se comigo, na minha varanda, depois de desapertar o nó da gravata e tirar os sapatos. Trouxe uma reflexão interessante. Disse que, de tudo quanto escutara durante os dois dias, o que mais lhe causou assombro foi a necessidade de aparelhos de tradução, executada oralmente por expertos, dentro de cabinas para o efeito.

– Todos eram africanos, nativos ou residentes, como eu, que percebemos bem o contexto do que se falava – desabafou.

– Mas têm línguas diferentes – retorqui. Acredito que nem todos falam Português ou Inglês. Haveria um Swahili, um Shona, um Herero, um Francês acongolesado, pois não?

– Todos irmãos. Me dói usar tradutor entre irmãos de sangue – lamentou o norueguês.

Alegava que, para algo assim, não precisava que chamassem a esses todos para virem a Maputo, podia ter-se feito uma gravação, na língua que cada um melhor dominasse, e depois seria emitido um juízo final, com a mesma proposta que saiu, na presença de todos. Também, asseverou que esta reunião lhe fez recordar algo que faz parte da triste realidade global, não apenas africana. Nas conferências e cimeiras internacionais, em que se encontram altos dirigentes de todos os cantos, sempre há tradutores, humanos ou em dispositivo de orelha. Às vezes, os dois métodos são necessários, porque o mandatário pode não se sentir cómodo com um ou com outro, e há de mudar ao longo do evento, para não ficar *lost in translation*. Já faz parte dos pressupostos de quem organiza o evento, o próprio governo do país anfitrião ou organismo internacional, que as suas excelências são tão burras que não entendem línguas nem culturas estrangeiras, as dos outros. Mas para quem viaja de avião, passageiro normal, turista simples, passaporte ordinário, já se pressupõe que sabe Inglês ou alguma língua local do sítio para onde vai ou donde parte. Nos aviões comerciais, não há aparelho auricular nem muito menos tradutor humano, simultâneo.

E no dia seguinte foi para Inhambane. Quando voltou, não me comentou nada sobre a vala comum de Homoíne, nos primeiros dias após o regresso. Só falava do sucesso que tinha

feito em Panda, onde as extracções andavam muito bem e isso permitia que a sua organização tivesse mais chances de continuar a receber financiamento para projectos comunitários. Em termos religiosos, o norueguês era pragmático como ele só.

– Não me interessa Deus nem igreja, importa-me é o acto de rezar. Da mesma forma como, na prática sexual, não me importo com o duro e tortuoso caminho dos espermatozóides nem o culto ao erotismo que alguns fazem. Só o acto é que vale a pena.

Na parte económica, naquela fase da minha vida, aprendi a diferenciar os activos dos passivos, e que ambos eram complementarmente necessários para a vida, como o sono e o sonho. Em outras fases da caminhada, observei as minhas próprias pegadas, deixadas com mais ou menos elegância e robusteza. Quando olhei para atrás, um dia, comecei a ler todas as minhas pegadas e confundi-me, pois não sabia se estava no meio do mato, num aeroporto parisino ou numa biblioteca da zona baixa da cidade de Maputo. Pensei no meu querido Coppia, e confiei que ele, fosse rico ou pobre, estivesse a gerir as suas economias da melhor forma.

Um dia, o norueguês explicou-me que o processo das quitacções para obtenção do documento de residência em Moçambique, já pela quinta renovação, desta vez seria diferente, porque vinha do casamento, com toda a vontade de fazer corresponder o seu dedo aliançado com o documento que diga “Casado” no espaço do estado civil. Afinal o sacana era casado, e mo disse desta forma tão vulgar? Sem anel, e a mulher a quinze mil quilómetros de distância. Lamentou que o serviço de marcação da bicha, na migração, fosse caótico, porque se juntava pessoal nacional, que queria tratar do passaporte, e gentes estrangeiras,

como ele, que pretendiam estender a sua residência na Pérola do Índico.

– Na migração só há paquistaneses, libaneses, indianos e bengalis, todos de por aí, com os seus vestidos kandura e turbantes na cabeça.

– Há muitos que, por tradição familiar, fazem negócio com bebidas e produtos alimentares. Enquanto nós, moçambicanos, lhes compremos produtos, as nossas autoridades continuarão a autorizá-los para ficar aqui. Dinheiro é dinheiro.

– E nada em contra disso – argumentou o meu vizinho –, só que estão por todos lados, mesmo quando viajo a Europa, eles também estão lá, a fazer bicha na migração e a vender comestíveis, reparar aparelhos electrónicos e tirar fotocópias.

– É a globalização – tentei concluir.

– É engraçado quando têm que tirar foto, para o documento oficial, e levam vários minutos para tirar o turbante ou chapéu que usam, e as mulheres o niqab. Uma cerimónia. Talvez, exclusivamente para o dia que devem ir à migração, podia-se pedir autorização a Allah todopoderoso para que os deixasse ir sem nada disso, todo o dia, e assim flexibilizar as gestões.

– Muito prático e pragmático, meu senhor – brinquei com ele, em sinal de aceitação pela improvável mas engenhosa hipótese que ele acabava de lançar.

– Pouco práticos eles, em todo o caso – reclamou o norueguês.

– Cada um é bom em alguma coisa, neste mundo.

– Refiro-me que são pouco práticos na arte de se dar nomes. Estávamos sentados todos juntos ali, todas as raças e cores, enquanto uma senhora do Senami chamou pelo nome de Mohammad Abdulá, e levantaram-se três homens em uníssonos. Tanto negócio e tanto negociante.

– Sério? Deve ser um nome comum para eles, como para nós seria António Paulino, Amélia Mondlane ou José Machava. Não Zambi, por acaso.

Ainda falámos um bocado sobre os nomes das pessoas tentando adivinhar quais seriam os nomes mais comuns de cada país do mundo, como se fosse o dia internacional das onomásticas pouco originais. Acabámos observando, pelo que tínhamos visto nas nossas digressões pelo mundo, que existiam pessoas que, antes de falecer, pediam aos familiares que colocassem o grau académico em todos lados: na lápide, na nota necrológica do jornal e no vaso que contivesse as cinzas. *O Senhor Doutor Excelentíssimo Fulano de tal, faleceu pacificamente, vítima de doença*. Naquele momento é que consegui que o norueguês me falasse da vala comum de Homoíne, que não tivera esquecido de visitar, apesar do programa apertado em Panda.

– Vi que não há nenhum nome nem título, porque nem sequer há nomes. Mais de trezentos corpos, todos iguais, com a mesma dignidade.

– Por triste que pareça, a morte é a forma mais honesta que a vida tem para ditar justiça entre humanos, e não os tribunais.

– Lá em baixo, duvido que haja alguém interessado em contratar um Professor Doutor Catedrático falecido.

Os ciclones, vulcões, cheias e secas eram elementos que eu ouvira como coisas longínquas, que não me podiam acontecer a mim, só aos outros. Mas desde que o norueguês me contou a experiência que ele viveu no ciclone Idai, na zona centro do país, entendi que a fúria da natureza é implacável. De facto, a natureza não é furibunda nem violenta, os comportamentos humanos é que são verdadeiramente furiosos contra ela, inócete, e fazem com que ela reaja contra o humano opressor,

como faria qualquer oprimido. Aquele ciclone, me contava o vizinho, tinha sido uma resposta do planeta, e matou física e espiritualmente, mas esquecendo de tirar a vida a tantas muitas pessoas que, assim, só foram permitidas a ficarem mortas em vida, como tantos outros seres condenados às grades do ar livre. Sem vida no mundo dos vivos, a depender da quentura da lava vulcânica, da velocidade lapidar do vento, do peso inflexível da água em excesso e da escassez da mesma.

Para além de tudo isso, o norueguês também cultivava cebolas no seu quintal, e adorava comê-las. Eram o condimento indispensável para todos os pratos, qual um bálsamo que sarava todas as doenças.

– Estas cebolas do meu quintal, não choras quando as cortas. Choras quando as comes, pelo excelso sabor que têm – exclamou, uma vez, como um pai orgulhoso pelas boas notas do seu filho na escola.

– Espero degustá-las bem cedo – eu dizia, sinceramente do fundo do meu coração, porque eu sempre estive interessada em provar a comida dele. Mais nada, só amigos, eu confiava que ele acabaria entendendo.

Tão fofo, quando contava essas coisas de verduras e os cuidados que dava às plantas. Com as suas particularidades, era um bom homem, valia a pena que fosse o meu vizinho. Em certa forma, sem ele saber, me trazia recordações do meu querido Coppa, a quem eu imaginava a cuidar das suas plantas, num quintal como o meu. A cozinhar xima com essas mesmas verduras e molho de tomate e cebola.

Os convites para jantar em casa do norueguês me exonavam de cozinhar para mim, depois, em casa, coisa que agradecia bastante. Nada mais do que isso, nunca, por muitas tenta-

tivas que ele fizera para que eu passasse uma noite lá, na sua cama. Ele já vivia em Maputo por mais de quinze anos, tendo antes passado por várias zonas do país, como Chókwè, Nacala e Chimoio. Previamente, de jovem, tivera estado na África do Sul, Zimbabwè e Angola, para além da Guiné-Bissau por um breve estágio. Mas nunca conhecera a Zâmbia, pelo que eu lhe tinha vantagem em alguma coisa, pelo menos. Era homem de mundo, sem dúvida, tendo deixado a sua gélida Noruega natal aos dezanove anos, trocando-a pelas quenturas subtropicais. Ainda hoje, quando ele vai ao banco, reclama que não é capaz de fazer a mesma assinatura, exactamente igual, por duas vezes. O traço não satisfaz o funcionário, facto que implica tirar o Dire, fotocopiá-lo e ir ter com o gerente, que finalmente aceita, porque a identidade é inegável, só que olha para o europeu, alto, magro e de olhos pequenos, e pensa “coitado, tanto que deve ter estudado e feito na vida, mas não é capaz de repetir um mesmo traço do seu próprio nome duas vezes. Nem que o mandássemos assinar cem folhas de papel, nenhuma das assinaturas coincidiria”. É isso que deviam pensar dele os banqueiros moçambicanos, que não queriam ferir as sensibilidades dele, cliente fiel. Trouxe uma salada de frutas para a sobremesa, que aceitei com enorme prazer.

– E essa cicatriz aí, o que foi? – perguntei, uma vez que ele arregaçou as mangas da camisa e descobriu a marca de uma ferida remota, mas ainda visível, no antebraço direito.

– Angola, vinte e nove de Janeiro de 1988 – começou ele, com um tom de voz baixo, para dar seriedade à ficção –. Eu corria, completamente desprotegido, para chegar à tenda onde se concentrava a cúpula militar e directiva dos aliados

do MPLA¹³. Eu tinha que entregar um boletim ao assistente directo de Fidel Castro. Mas no caminho, uma bala inimiga atingiu-me no braço que carregava o papel, que ficou cheio de areia, sangue e poeira. Mas consegui recuperá-lo e completar a minha missão.

Eu já ouvira essa história, algures, de um jovem soldado raso a dar um documento importante a essa mesma pessoa, no mesmo contexto histórico. Desconfiei imediatamente que isso fosse verídico, porque naquela altura, o norueguês deveria ser um moço de uns quinze anos. Me recordou o director Denja Cóbwe, na forma de contar as suas andanças juvenis, e no conteúdo. Parecia-me que os homens, pelo menos alguns que apareceram na minha vida, quando avançavam para a velhice, ficavam todos de acordo em inventar a mesma história, que foram a Angola para proteger o Cuito Cuanavale, e estiveram ao lado do líder cubano. Ainda assim, fiz-lhe acreditar que eu acreditava a história dele, e concluíu que, na próxima palestra que proferisse na UEM ou algum outro foro público, advogaria para que a Declaração dos Direitos Humanos incluísse a garantia de que todas as pessoas nunca tivessem que ver cicatrizes no seu próprio corpo.

– Foi o que apaixonou a minha mulher por mim, a cicatriz – soltou, repentinamente, o norueguês.

Era a primeira vez que me falava abertamente da sua vida amorosa, se bem eu já sabia que tinha uma mulher, porque me falou disso no dia que foi trocar o estado civil do bilhete de identidade. Interessei-me, com cautela, pelo assunto, pois se ele se abria a falar seria, acreditei, porque estava disposto a

13 Movimento Popular de Libertação de Angola.

partilhar este tipo de coisas comigo, a sua única amiga, pelos vistos. Assim, tínhamos uma forma de construir a nossa distância sentimental, em condições de segurança razoável.

– E ela, a tua mulher, tem visitado cá regularmente? – perguntei, só para dar continuidade.

Crasso erro, eu acabara de cometer. Mereci ser julgada e condenada, igual como quando não reconheci o meu irmão em Maputo, porque andava dentro de um riquexó e nem prestei atenção à voz dele. Desta vez, não medi o peso das palavras, e ousei deixá-las cair como quem deita bombas contra pessoas indefesas e depois declara que desconhecia o alcance terrível dos artefactos explosivos. As palavras têm essa característica bélica, feliz ou infelizmente, só que as bombas não enganam, nem se podem descontextualizar, enquanto que as palavras podem atingir vários alvos ao mesmo tempo, com diferentes graus de intensidade, à discreção do emissor.

– A minha esposa perdeu a vida num acidente de viação. Muito cruel, mas também foi uma lição para mim, saber que a vida tem este tipo de coisas – falou, secamente, eu a escutar tacitamente.

Não soube como reagir àquilo. Só juntei as palmas das minhas mãos, em gesto de oração. A esposa do meu vizinho norueguês, sulafricana, tivera impulsado, muitos anos atrás, o projecto de criar uma companhia artística que produzisse filmes atractivos, que denunciasses problemas sociais e outras situações irritantes. Com o falecimento dela, a força do norueguês para empurrar o projecto para frente esgotou-se em menos tempo do que um menino poderia levar para tomar um copo de refresco açucarado. Finalmente, a companhia de fil-mometragens foi mal gerida por um primo da mulher do no-

rueguês, um corrupto profissional que só sabia convencer as pessoas pobres para que tirassem alguns emolumentos, que ele gastava secretamente em lazer e outras licenças pessoais, e a companhia artística quebrou. Até que, um belo dia, um jovem casal, composto por um mulher chamada Clyde e um homem chamado Brent, investiu na companhia, com tal de revitalizá-la. Tudo isso, que era verdade verdadeira, tinha acontecido antes de que o norueguês iniciasse o seu percurso empresarial em solitário, primeiro em Angola, depois em Moçambique, onde apenas contava com os amigos, a quem devia chamar sócios, que adquiria por um preço determinado.

– Lamento imensamente, não devia ter feito aquela pergunta – escusei-me, um pouco tarde. Mas ele não se incomodou.

– Despreocupa-te, Zambi. Tu não sabias, fui eu que não te contei tudo de forma clara e directa. Me pareceu uma pergunta bem normal – encerrou ele, amável e delicadamente.

– E aquela coisa do documento de identidade, como casado?

– Sou divorciado, eu? Então, quero conservar o estado que decidi junto com ela até que a morte nos separasse.

Quando nas cerimónias se diz “até que a morte nos separe”, significava, para o norueguês, a morte dos dois membros do casal, e não apenas um. Assim, esse que ficava, conservava todas as obrigações matrimoniais. Uma vez ela pereceu, tirou o seu anel e o juntou ao dela, dentro do caixão, ele ficando só com uma recriação fictícia, um anel do coração, apertando-lhe o pericárdio.

No dia sete de Abril, o norueguês apareceu com umas flores: orquídeas, lírios e camélias, exactamente como as que minha mãe costumava regar na varanda de casa, na cidade de Tete.

Ele queria passar o dia comigo, levar-me a almoçar num restaurante da zona baixa da cidade. O fiz passar, sentar na sala e bater um café. Deixei o leite, o mel e a canela em pó na mesa, para que escolhesse. Nada de açúcar, droga não permitida na República Impopular do meu humilde lar. A dar uns sorvos, o norueguês lamentava. Desta vez, o assunto que lhe dava dores de cabeça era que muitas meninas, algumas estudantes universitárias, não sabiam dizer por que aquela data era feriado nacional. Só sabiam que “era sete de Abril”, nada do dia da mulher moçambicana, das mamas que cozinhavam nos campos de batalha da Frelimo, nenhuma ideia de uma tal Josina, nem Graça, Luísa, Vitória ou Verónica. Nada. No almoço, durante a minha segunda taça de vinho branco, pensei em voz alta que eu me tornaria a primeira mulher Presidente da República de Moçambique. Nesse momento, prometi que todos os cidadãos iriam saber, e com detalhes, qual era o motivo da celebração daquela efeméride, assinalada no sétimo dia do quarto mês do calendário anual.

15. Incêndio

Notei um espasmo em todo o corpo quando desliguei o telefone, após uma breve conversa com Jérôme, o mais velho dos meus antigos amigos e companheiros de escola e de esforços fazendeiros em Lubumbashi, durante a juventude. Depois de anos sem falarmos, uma breve conversa serviu para me informar de que Tio Ndjema perdera a vida, vítima de um acidente. Um chapeiro bêbado levou pela frente o homem ancião, poço de curiosidades, anedotas e saberes práticos. Dos outros passageiros, cinco saíram feridos graves, dois leves e um completamente ileso, o motorista, ainda grosso quando fizeram acto de presença as autoridades policiais. Diz-se que Deus escolhe mal, ao levar pessoas para o mundo dos mortos. Pelo contrário, ele escolhe os melhores para ficar com Ele no seu reino. Por que razão iria Deus querer estar acompanhado de um irresponsável, não capaz de controlar a sua paixão étlica antes de conduzir um transporte público? Esse, que fique no mundo, para que os coitados dos vivos o aguentem. A minha primeira reacção, depois de saber que tio Ndjema perdera a vida, foi de querer informar a Zambi, logo mesmo. Ela devia recordar-se daquele homem, que me cuidava como um pai a um filho, e que discutia de política com a mãe dela. Porém, renunciei, porque senti que não seria agradável que ela ouvisse a minha voz chorosa, igual que na primeira conversa bilateral que tivemos, mais de quarenta anos atrás, ao pé de um muro a meio construir, da Escola Secundária do Songo.

Saltei a fronteira de Kasumbalesa e fui para a fazenda de Lubumbashi, onde se celebrou o funeral. Muitas pessoas se congregaram, e eu fui o último a chegar, no mesmo dia. Portanto, perdi o velório, só pude estar presente no momento das preces e canções que as mulheres da fazenda e das comunidades circunvizinhas ofereceram para o falecido. Na tradição daquele lado, a idade, e não a identidade da pessoa que entrava no caixão, determinava o tom das canções, as mensagens de condolências, a refeição do dia e os dias de luto posteriores. Para tio Ndjema, Cristine e Jérôme decidiram, junto com alguns dos aldeões de mais idade, que se guardassem duas jornadas de silêncio laboral, exceptuando tarefas essenciais, como alimentar os animais ou regar as machambas. Também se estipulou a refeição do dia na base de xima, carnes de cabrito e vaca, luman-da e katapa com amendoim, salada de alface, molho de tomate, repolho e peixinho kapenta. Depois de engolir tudo aquilo, em rigoroso silêncio, eu ao lado dos sobrinhos do falecido, apareceram as bebidas alcoólicas. Mas eu desvinculei-me desse ambiente e voltei para o cemitério, para conversar com a lápide. Trouxe comigo uma rosa, completamente murcha, mas por ser uma das que minha mãe tinha regado, um dia, pensando em tio Ndjema, achei que teria um valor sentimental importante e que iria decorar, indecorosamente, a janela fechada e selada do novo lar de tio Ndjema, no subsolo. Falei, em voz alta, que estava triste pelo facto de que ele não estivesse a descansar em subsolo zambiano, perto da casa que tantas vezes visitara, em Mufulira. Mas ninguém respondeu. Também tinha trazido um dos cadernos que ele me comprara, durante a minha estadia no internato do Songo, e confessei-lhe que tinha usado mais páginas para escrever os meus sentimentos pela Zambi do que a

resolver tepecés da escola. Inocente, eu, pois não estava a revelar nenhuma novidade. Ele já conhecia, desde o meu primeiro ano lá, que o meu rendimento escolar nunca fora bom, e que a Zambi fazia muitas tarefas por mim, clandestinamente, só para que eu passasse os exames. Mas mesmo assim, tio Ndjema aguentou mais dois anos, e me permitiu permanecer naquela escola até a décima classe, momento em que me tirou de lá para o sofrimento duplo, provocado tanto pelo trabalho escravo na fazenda, como pela ausência da minha amada Zambi.

Jérome apareceu no cemitério, para me anunciar que o recinto fechava em cinco minutos. Ele era o responsável que guardava a chave pelas noites. Achei curioso que os mortos tivessem um horário de recolhimento obrigatório, igual que os vivos, só que para os mortos não implicava mudança nenhuma no estilo de vida. Obedeci a voz de comando do meu ex-companheiro de quarto no internato do Songo, e voltei para casa dele, onde dormiria na sala de jantar, e desde onde partiria de novo para Zâmbia na manhã seguinte. Os dois irmãos, Cristine e Jérome, continuavam a viver juntos e a trabalhar na fazenda, como se o tempo não tivesse transcorrido. Nenhum dos dois casou nem fez filhos, surpreendentemente, mas achei que já estariam completos com tantos meninos, filhos dos outros trabalhadores, a circular pela vastidão da fazenda. Eles se esforçavam a falar em Inglês comigo, mas eu respondia numa mistura entre Francês e Português, assim cada um usava o código que menos dominava, e nos igualávamos em possibilidades comunicativas.

Na manhã seguinte, logo cedo às quatro horas, foi o momento da despedida com os sobrinhos de tio Ndjema, Jérome e Cristine. Num gesto de complacência, elemento imaterial que eu já dava por inexistente naquela casa, Jérome tirou o seu te-

lemóvel e pediu o meu número, para nos manter em contacto, falar de vez em quando. Aceitei. Por último, o obediente e silencioso Cristine apressou-se em abrir-me a porta, não fosse que eu perdesse o primeiro chapa do dia, em direcção a Kasumbalesa, e tivesse que permanecer horas ao relento. Daquela vez, tio Ndjema não deixou nenhum valor monetário para mim, nem sequer um caderno onde eu pudesse anotar como teria decorrido o funeral dele. Subi no carro e, quando encheu de passageiros arrancou, mas subitamente voltou a parar. Pneu furado. Tio Ndjema teria exclamado que isso, em tempos de Mobutu, não teria acontecido, pois o motorista teria assegurado, na vigília, que as condições da viatura fossem as óptimas para viajar logo cedo, para a fronteira zambiana. Contudo, cinco horas depois, por fim abandonámos Lubumbashi, e eu, sentado no carro, a abraçar a pasta que continha os meus pertences básicos para a viagem, virei-me para o lado direito, onde se podia vislumbrar, de longe, o portão azul e branco do cemitério, dentro do qual repousava o homem que exercera, para mim, as funções de figura quase paterna.

A morte de tio Ndjema não foi o único incêndio a atear a minha vida, naqueles tempos. De regresso para casa, na Zâmbia, eu fiz, sozinho, o mesmo percurso que um dia, ainda miúdo, fizera na companhia do recém-falecido e dos seus dois sobrinhos. Agora podia dedicar-me mais afinadamente a cuidar da minha mãe, a quem nem me ocupei de lhe contar a fatal notícia, incluindo todos os rios de pranto que inundaram o terreno da fazenda de Lubumbashi. Na parte económica, naquele momento da minha vida aprendi a diferenciar os activos dos passivos, porque ambos eram complementarmente necessários para a vida, como o sono e o sonho. Em outras fases da caminhada,

observei as minhas próprias pegadas, deixadas com mais ou menos elegância e robusteza. Quando olhei para atrás, um dia, comecei a ler todas as minhas pegadas e confundi-me, pois não sabia se estava numa clínica privada sulafricana, numa fazenda do sul da República Democrática do Congo ou nas profundezas de uma mina de diamantes do Botswana. Analisando bem, a compra do telemóvel, tempo atrás, era o melhor exemplo de bem activo, uma classe magistral de economia aplicada. Não sei como nunca cheguei a ser director de uma grande companhia multinacional ou banco comercial. Graças àquele produto, muito custoso em relação aos meus ordenados na mina, pude recuperar muito mais do que tinha gasto. Não recebi nada em troca, em termos financeiros, mas o contacto com a Zambi me dava energias para continuar com a vida, encontrar-me com ela, casá-la e retribuir-lhe de volta todo o carinho familiar que ela me dera no internato do Songo. Em contrapartida, tinha algumas portagens de montantes passivos, difíceis de administrar, já na quinta década da minha existência. Minha mãe, devido à velhice, precisava de cuidados constantes, e eu devia acarretar as despesas de clínicas, transporte e medicamentos, porque as minhas três irmãs continuavam sem querer saber nada. Ficou-me claro que todas elas tinham apanhado a genética do pai. Pensei na minha amada Zambi, e confiei que ela, fosse rica ou pobre, estivesse a gerir as suas economias da melhor forma.

Uma confissão de uma infidelidade é um acto de sinceridade, de reconhecimento de um erro. Mas como se pode confessar uma quase infidelidade? Devia contactar a Zambi, ligar para ela e saber como estava. Porém, a última coisa que eu queria era provocar frustrações, briga, acusação, silêncio e amea-

ças cruzadas. Eu devia dizer-lhe que tive uma amiguinha que queria mais que amizade. O único problema era que eu nunca entendi o que se podia esperar, mais além da amizade, com ou sem toque. O que eu fiz com a Clyde foi algo totalmente profissional, e parcialmente pessoal, mas sem chegar ao nível de intimidade. Fui olhado por uma pessoa do sexo oposto, e isso já era infidelidade do primeiro nível, segundo eu entendia, inocente em tantas questões, também nisso. Aquando ligasse para a Zambi, devia seleccionar bem o discurso introdutório, de forma que fosse pedagógico mas não pesado, e depois passar para os assuntos maiores. O caso da pseudoinfidelidade não devia ficar escondido, mas também não podia ser de balde. Senti que estava a preparar um encontro bilateral entre altos dignatários, onde cada palavra tem o peso do mundo inteiro e o veneno de cem mil cobras enfurecidas. Tinha que falar com ela de forma ofensiva e defensiva, com palavras de carrasco e de médico, de incêndio e de bombeiro, de frio e de manta. Tinha um tepecé moral de confessar, e também de curar os destroços que eu próprio fosse provocar com a confissão. Mas esconder informação não fazia parte dos meus planos. Ensaiei vasta e completamente o que eu devia dizer. Porém, me esqueci, imperdoavelmente, de incluir uma das componentes mais fundamentais de qualquer interação comunicativa entre pessoas: escutar o interlocutor.

Para sarar feridas, queria propor à Zambi que fizéssemos literatura de telemóvel, a versão moderna do que antes chamavam género epistolar. Uma forma de arte, no nosso tempo, clandestina, subalterna, ilícita. Sentia-me como Emil Nolde, um desses coitados pintores degenerados, perseguidos pelo nazismo. Ignorava como se daria, ela, em termos de escrita.

Talvez, como professora, dedicava tempos livres a escrever poesia, crónicas geopolíticas, artigos de opinião nos jornais ou contos para crianças. Imaginei que ela tivesse um tipo de escrita empolgante, que fizesse descobrir o poder das palavras-chave. Construí, na minha cabeça, uma Zambi literária, quer como narradora ou como personagem, capaz de pegar uma simples expressão usada no dia-a-dia pela maioria das pessoas, no meu mina-a-mina, como por exemplo “trapiche”. Ela pegaria nesse meu armazém, cheio de montões de cobre, já embalado e pronto para enviar para os mercados internacionais, e produziria um parágrafo requintado de vida e significado. Depois, um capítulo, e, em ligação, um livro enorme. Seguidamente, uma trilogia. Finalmente, uma coleção esplêndida, que tantos júris literários de todo o mundo admirariam e fariam esforços para interpretar nas suas línguas respectivas. Seria um luxo interagir com ela, mesmo que nada dessa imagem fosse verdadeira. Mas antes, devia passar pela caríssima portagem, financeira e sentimental, de ligar para ela de viva voz.

– Sou eu – comecei, timidíssimo.

– Eu também sou eu – retorquiu ela, brincalhona.

– Oi Zambi, sou Coppa, queria dizer. Estou a chegar à tua casa, em breve. Me abres a porta?

– Sim, Coppa, tenho o teu número gravado, sei quem és. Como assim que vens para a minha casa?

– Deixa para lá, só queria chamar a tua atenção. Mas de facto, é verdade, quero chegar à tua casa, te visitar, passar uns dias contigo, se me dizes onde é que fica.

– Uns dias, só? Que tal para o restante das nossas vidas?

Me nocauteou ao primeiro embate. Nesse momento, arrependi-me de não me preparar para escutar. Claro que eu queria

passar com ela o restante da minha vida, mas simplesmente não estava preparado para falar disso ao telefone, logo nos primórdios da conversa. Nem sei como continuou a comunicação, seguramente eu a balbuciar tantíssimo, que ela tomou a dianteira e fizemos um pacto. Concordámos que os dois ficaríamos a pensar, cada um no seu cantinho, e voltaríamos a ligar-nos em dez dias, para decidir como, quando e onde nos encontrar. E para fazer o que, independentemente da duração. Não me recordava da última vez que eu concordara fazer algo com alguém, de mútuo acordo. Talvez tivesse sido com a própria Zambi, no Songo. Ela me abriu as portas da sua casa e da sua vida, com aquela proposta de dez dias de reflexão, e eu não estava disposto a desaproveitar a oportunidade, deixar escapar o comboio.

Pensei na Clyde, em como estaria, lá em casa. Se já teria recuperado o carinho da filha adolescinsolente, e se já teria consumado o divórcio de Brent. Só ela podia saber disso, naquele momento. Do meu lado, eu só consolidava o meu afastamento do subsolo, e devia procurar actividades para fazer e entreter o corpo e a mente. Não era suficiente com pensar na Zambi, imaginá-la e atribuir-lhe características fictícias. Também não bastava ir ter com o meu amigo Mungwambe, cada vez mais distanciado das barracas, e portanto mais acessível. Nem colher sementes espalhadas pela aldeia, plantar e regar árvores, ou administrar medicamentos à minha mãe, enquanto conversávamos. Precisava algo mais, e me inesperava ignorar o que poderia ser. Um certo dia, alguns dias depois da minha volta do funeral de tio Ndjema no Congo, e estando eu numa zona de conforto entre o desemprego indefinido e a reforma prematura,

apresentou-se em casa uma senhora italiana, idosa, para falar comigo.

– Com licença – pediu, educadamente, desde o limiar fictício do meu quintal –. Coppa, te recordas de mim?

– Boa tarde, senhora. Lamento dizer que não, pois a vida dá muitas voltas ao redor de nós, e nem todas as caras são associáveis aos donos. Mas pode entrar, claro, é bem-vinda – ofereci, gentilmente.

A senhora branca, muito magra e alta, andava firme, com um chapéu vermelho. Como teria chegado até lá, não fiz ideia, porque o último chapa que vi passar, chegado de Kitwe, deixara passageiros muito cedo, e de tarde voltara a sair. Se calhar um carro particular teria trazido a senhora, e a esperava algures, num ponto da vila inapreciável pelos meus olhos, desde a posição onde me encontrava. De aspecto físico invejável, já claramente na oitava década da sua existência, notava-se que a mulher tinha tido uma vida saudável e rica, em termos de vivências memoráveis. Talvez vinha fazer exercícios de memória, para não se atrofiar, e assim também me ajudaria com a minha mãe, que precisava de companhia, movimento, acção, mexer os músculos extrínsecos e intrínsecos da língua. De facto, perguntou-me por minha mãe e interessou-se pela saúde dela. Eu continuei, por vários minutos, sem saber quem era aquela misteriosa mulher que apareceu assim, de repente, como quem cai do céu. Esta última não seria, por acaso, uma probabilidade muito alocada, mas ainda incompleta, para me fazer perceber por que é que veio parar justamente lá, na minha casa e não em um outro ponto do planeta.

Saudou a minha mãe, que nem reagiu, tratando-a como uma completa desconhecida. Quando a estrangeira tomou a pala-

vra, começou por comentar que o meu olhar era exactamente o mesmo da minha mãe, e que os meus rasgos faciais não tinham perdido nem sequer um ápice do que eram na minha infância. Depois, me contou que, num momento da sua vida adulta, ela teria ficado cansada de homens, e só quis ficar sozinha ou com alguém que *non rompe le palle*¹⁴. Só para conviver, nada de namoriscos ou cerimónias. Ainda antes de me contar a razão que a trouxe ali, explicou que tinha sido dona de uma pizzeria num dos *malls* de Lusaka, mas cansou-se de ver sempre os mesmos clientes.

Muito tempo atrás, nos primórdios do século passado, os pais daquela senhora estavam estabelecidos no Congo. Não na República Democrática, depois Zaire, mas na República do Congo, nação popularmente conhecida por Congo-Brazzaville, cuja capital rende homenagem a Pierre Savorgnan de Brazza, o explorador italoafrancesado, que ganhou uma fama de colonizador “bom” naquele cotovelo do mundo. Os pais da senhora tinham uma fazenda de bois, cabritos, patos e galinhas, para além de vegetais, que ficara famosa em todo o país, e o casal convertiu-se no principal fornecedor de carne para a minoria europeia que campava por ali, e também para algumas famintas elites negras. Porém, o casal decidiu enviar a sua única filha, esta senhora que me visitava, para Europa, onde cresceria e faria estudos até o nível de bacharelato, que a habilitava para trabalhar como jornalista, porque tinha escolhido a vertente de estudos do *liceo artistico*. Já com idade de decidir por si mesma, a jovem de nacionalidade italiana decidiu voltar para a África, o seu berço, mas não para continuar o trabalho dos seus pais,

14 Expressão em língua italiana que se traduz como “não incomoda”.

porque a fazenda já estava moribunda e os clientes, tanto os ricos brancos como os famintos negros, não eram tantos como para fazer que o negócio rendesse com suficiência. Assim, a jovem fez o seu percurso independente pela Tanzânia, Malawi, Zâmbia e finalmente pelo Congo Belga, onde vivenciou em primeira pessoa o discurso do rei Balduino I de Bélgica, no dia da independência. Também teria testemunhado, antes, os turbulentos anos do Congo Belga, e depois, o governo ainda mais turbulento de Patrice Lumumba e a eliminação dele.

Durante todos esses anos, ela tivera estado a trabalhar para um jornal italiano, como correspondente da actualidade das colónias africanas. Seguidamente, com a subida ao poder de Mobutu Sese Seko, ela não quis voltar para a Europa, simplesmente porque teve medo de sair do Zaire. O jornal onde trabalhava encerrou, ela perdeu o emprego e teve de ficar com a pobre e humilde família de tio Ndjema, que a acolheu carinhosamente, porque durante as reportagens que ela fizera para o jornal, interagira muito com as populações da fazenda de Lubumbashi. Curiosamente, naquele regime, as pessoas tinham mais medo de sair do país do que de entrar, ao contrário do que acontecia em outras ditaduras ou situações de opressão colonial, nas quais todo o mundo, nacionais e estrangeiros, queriam abandonar o inferno, nem que fosse para ir a um outro igual, mas não aquele. Sem homem nem filhos, a senhora educou tio Ndjema como se fosse um irmãozinho, enquanto ela ia crescendo e integrando-se nas formas de vida africanas, sem contacto nenhum com imprensa europeia ou qualquer pessoa de pele branca. Com as mínimas recordações que tinha da fazenda dos pais, no país vizinho homónimo, ela contribuiu para que a família de tio Ndjema estabelecesse um conglomerado de pessoas que, em

função das suas capacidades, ajudassem a alavancar a produção e melhorar as suas condições de vida. Ela mesma procurou o parceiro que acabaria sendo o capataz da fazenda, e treinou com tesão o jovem Ndjema, para que ele fosse o líder dos trabalhos, a pessoa de mais confiança do capataz. Com o fim do Zaire, a mulher ainda permaneceu por quatro anos no Congo pós-mobutiano, onde fez filhos, três rapazes, com um homem belga que trabalhava em projectos da Unicef. Sem grandes demoras, perdeu o medo e foi tentar a sorte na Zâmbia, onde juntou algumas poupanças e abriu um local de comida italiana, em Lusaka. Para os filhos, ela aplicou o mesmo princípio que ela tinha recebido quando menina: permiti-los ir crescer e estudar na terra de origem, em internatos e com a ajuda de familiares, e depois que decidissem sozinhos se queriam voltar para a África ou ficarem no velho continente. Se bem aquele negócio era só uma modesta pizzaria, era importantíssimo que funcionasse bem e fizesse as poupanças maiores, que depois levariam-na a abrir o seu verdadeiro sonho: uma escola técnica. De alguma coisa, isso já se veria, mas escola técnica. E conseguiu o sonho, anos depois de fornecer e servir pizzas deliciosas a preços populares, como manda a tradição italiana.

– Falou de tio Ndjema, e entendi por que me procura – intervi, propiciando que ela bebesse água e recuperasse fôlego –, mas não me contou como me conheceu. Como sabe que existo, e que posso ser útil para a sua escola técnica?

A senhora italiana, como educadora do jovem Ndjema, tinha ficado mais do que amiga, com ele. Quase uma irmã com direito a toque, e andavam muito de lá para cá. Numa das visitas a Zâmbia, a italiana e tio Ndjema conheceram um fazendeiro que queria comprar um terreno em Chipata, e foi a mulher italiana

quem o ajudou, moral e financeiramente, a fazer a aquisição. De regresso para Lubumbashi, ela visitou a minha casa, em Mufulira, mais de cinquenta anos atrás, enquanto eu era só um menino que tinha muito medo dos cães. Naquela única visita que tio Ndjema nos fez, estando acompanhado de uma mulher, minha mãe ficou furiosa pela presença daquela estrangeira, que agora não reconhecia, porque achava que era a amante do seu amor platónico, tio Ndjema.

– Estou de caminho para Lubumbashi, vou visitar a campa do tio Ndjema. Mas não vou ficar lá por muito tempo. Voltarei.

– Quando? – interessei-me, repentinamente.

– Ainda não te contei tudo, meu filho. Deixa-me falar e vais perceber tudo. E traz-me um pouco de água, se faz favor, estou resseca.

Aproveitei para lhe contar que era diabético, mas muito bem-sucedido, sem efeitos adversos, porque seguia a medicação fielmente e o meu estilo de vida era simples. Levantei-me à velocidade do raio e voltei com um copo cheio de água mineral fresca, recém-saída da geleira.

Com a sua avançada idade, ela tinha abdicado de todas as suas tarefas, tanto laborais como passionais, mas não das responsabilidades. Dos seus três filhos, um vivia em Lusaka, casado com uma zambiana, e os outros dois participavam, desde a Itália, no negócio familiar, uma academia de treinamento de pessoas jovens, que seriam enviadas a trabalhar em projectos de desenvolvimento comunitário em áreas rurais. Era, de facto, um tipo de empresa subcontratada, pelo governo e pelas empresas grandes, para dar esse treinamento e garantir que muitos jovens locais tivessem acesso a vagas laborais e desistissem de emigrar. Ao início, a academia funcionou com

fundos da embaixada italiana na Zâmbia, mas num certo momento, as repetidas crises económicas do sul da Europa obrigaram a matriarca a tomar a decisão de continuar, com outras parcerias ou com poupanças próprias. Porque voltar para a vida da Itália, por muito café, pasta, pizza e tiramisú que houvesse lá, não estava nos planos da senhora e do filho africanizado. A senhora idosa queria contratar-me, para um certo propósito que não desvendou imediatamente. Antes queria demonstrar que era uma mulher de mundo, interessada pelas artes, e que tinha ouvido, pelas boas críticas do filme *Subsolo*, que eu era muito bom, uma estrela. Mas não entendi em qual disciplina ou arte, eu poderia ser considerado uma estrela. No garimpeirismo ou na actuação?

– Quero que sejas professor. Que ensines sobre segurança e riscos laborais, concretamente no subsolo, nas aulas da minha escola. Temos uma subdelegação em Ndola, cá perto, para que não fiques longe da tua mãe, que te necessita.

Ela ignorava que, para além da mãe, tinha uma outra mulher de quem ocupar-me, não porque tivesse problemas de saúde ou não conseguisse sobreviver sozinha. Simplesmente porque devia ir ter com a Zambi, e agora tinha tempo de ir ter com ela. Só me faltava o dinheiro, não apenas para viajar, mas para custear a minha nova vida, começando com a cerimónia de casamento. Portanto, a proposta da italiana cobrava todo o sentido, do ponto de vista profissional, pois me senti um reformado demasiados anos da minha vida laboralmente útil, e aquela oportunidade me serviria como terapia.

– Professor, eu? Sou um ignorante em muitas coisas, demasiadas, para ser digno dessa designação.

– Mas também és experto em certos rudimentos, no que diz respeito às minas. Muitos jovens zambianos precisam de ti, que os adrestes. Pensa no bem para o país, a tua pátria, contribuir para que os jovens tenham emprego e façam o bem, sem necessidade de ir embora para a Jon, como fizeste tu.

A pátria. Isso me enfureceu interiormente, mas fiz de tudo para não exteriorizar a raiva perante a doce, educada e delicada senhora italiana. Qual era essa mania dos europeus, desde sempre, em invadir os outros povos com proclamas nacionalísticas, de bandeiras e propaganda patriótica barata? Não seria mais fácil me dizer que precisava de alguém para ensinar os jovens a descer na mina, e picar forte para extrair o máximo cobre possível, para engordar os bolsos dos donos, neste caso, uma família de italianos? A ideia em si não era tão má, só que me produzia pavor pensar em voltar ao subsolo. A minha vida, naquele momento, estava ocidentada para a Zambí, reencontrar-me com ela. Com a interferência que me provocara a proposta da senhora italiana, os dez dias de reflexão que a Zambí me deu para pensar no nosso relacionamento, teriam que lidar com um novo ingrediente. Num arrepio, quis responder e sair do assunto, fazer como se aquela visita nunca tivesse acontecido. Mas nem sempre somos capazes de ligar o cérebro com a língua.

– Eu já tenho muitos anos, não estou para mais descidas aos subsolos. Só estou no purgatório, à espera que o céu me venha levar, um dia. Mas por enquanto, cuido da minha mãe e de algumas árvores, cá no meu quintal. Obrigado pelo interesse.

– Mas que tal se te ofereço um grau académico? – adicionou, como quem aumenta sal a um prato sensaborão de arroz com feijão manteiga.

– Qual grau? – retorqui, a balbuciar, não conseguindo juntar mais de duas palavras sem me atropelar a língua.

– Qualquer, o que tu quiseses: medicina, engenharia, literatura, sociologia, ambientalismo, história, sei lá. Escolhe à tua vontade.

Isso mudou tudo, mais uma vez. Eu, estudar? A formação era algo urgente muito tempo atrás, devia fazer. Não ao nível daqueles jovens da Europa que, antes dos trinta anos de idade, já têm feito dois doutoramentos, mas pelo menos à satisfação da minha necessidade. Agora já perdeu toda a urgência, e só fiz uma parte dos estudos que eu queria fazer na Escola Secundária do Songo. A estudar, aprendi que vale a pena regular a actividade de um único ramo, e saber-se diversificar. Ainda assim, tudo continuava sendo igual de urgente: a saúde, os estudos, mudar o mundo, reformar os políticos. Para estudar, tive que aplicar a agressividade que nunca aprendi na prática desportiva. Fosse futebol, basquetebol, judo, caratê ou qualquer coisa onde for preciso o contacto corporal, desconsegui, durante toda a minha infância e juventude, bater no rabo dos gajos a quem devia bater no rabo. Mas alguma coisa ficou no subconsciente, e não fui nada pietoso com os papéis, com os documentos descarregados da internet, com os ensaios para entregar em tempo e hora, com os exames orais e escritos. Despoletei voracidade sem contempções, e cheguei a ser uma grande estrela do garimpeirismo mundial. Pena que, como no futebol, cinema ou outras disciplinas, no nosso grémio não se fazem galas, com pompa e entrega de prémios, menções honrosas ou nada parecido. Na mineria, só se transpira e se luta para chegar a fim de mês vivo. E cheguei vivo a muitos finais de mês, com orgulho podia contar que estava vivo e bem de saúde, e com mais conhecimentos que

alguns geólogos, que só pisaram a parte subsolar das minas por duas ou três vezes em toda a vida.

– Pensa no que eu te ofereci, meu filho, enquanto eu mato saudades com tio Ndjema, através da lápide. Voltarei a passar daqui a dez dias.

Esta coisa de estudar, fazer exames orais e escritos, preparar e proferir discursos, apresentações, debates e escrever artigos seria algo quase inédito, para mim. Desde a escola secundária, no Songo, que não me dedicava aos livros, e com pouco sucesso, infelizmente. Talvez, olhando bem, poderia ser uma forma de me aproximar à Zambi, só que antes era preciso apagar o fogo daquele pseudoincêndio que eu tivera com a Clyde. Na conversa que tínhamos, após os dez dias de reflexão, em primeiro lugar eu devia reconhecer que o passado era a única coisa que não podíamos eliminar. Com isto, esperava ganhar-me a sua confiança, de novo, se é que alguma vez a perdera. Se é que alguma vez a tivera. Depois, com toda certeza, eu estava esperançado em que ela abrisse as portas da sua localização concreta, e desvendasse as possibilidades de nos encontrar. A minha principal bala, e tinha muitas munições de paciência para convencê-la, era o facto de querer casá-la e ficar permanentemente com ela, sem importar onde. Que me contasse qual trabalho fazia e quais planos tinha para a reforma, que já estava a aproximar para mim também, definitivamente. Eu sabia que ela queria a mesma coisa comigo, ou algo semelhante.

O Reginaldo Mungwambe veio ter comigo, exultante, com um sorriso do tamanho do mundo, a cantarolar melodias revolucionárias na sua língua local, Changana.

– Bom dia, irmão, qual é a razão desta toda alegria?
– perguntei.

– Vou para casa, para sempre! Viva Moçambique, ohe ohe!
– exclamou o Mungwambe.

– Como assim? – interessei-me pela repentina viragem na vida do meu amigo.

– Minha ex-mulher me deu um certo grau de amnistia. Poderei visitar os filhos sempre que quiser, e resolveríamos as nossas diferenças, para o bem deles. Mas nada de voltar a estar juntos. Por que não vens comigo, assim procuras a tua amada Zambi?

Perdi tanto o mundo de vista que nem respondi. Fui directamente para o quarto, peguei a minha bolsa e comecei a meter roupas e outros poucos pertences necessários para uma longa viagem terrestre. Longa e merecida. E também necessária, para o meu coração e espírito. O plano era que, na primeira semana em Moçambique, poderia ficar na sua casa da Matola. Saímos logo cedo de manhã, pelas quatro horas, e apanhámos o primeiro chapa para Kitwe. Daí, um outro carro para Ndola e um outro para Lusaka, onde conseguimos chegar antes do pôr-do-sol. De novo pelas quatro horas, da manhã seguinte, fomos à paragem dos comboios interprovinciais, na zona central da cidade. Subimos no carro que tinha a escrita “Katete-Chipata” na parte frontal e saímos. Descemos na cidade de Katete, e como ainda era meio-dia, decidimos parar para comer alguma coisa modesta. Ingerimos dois pães amanteigados, comida de internato e também de viagens longas, pelos vistos. Andámos alguns metros, até que um jovem apareceu e gritou para nós “*border, Mozambique border!*” Durante o trajecto no táxi dele, pouco mais de uma cinquentena de quilómetros, o moço nos

contou que era técnico electricista de todo tipo de máquinas, e que, como actividades alternativas de ganha-pão, arranjava trajectos em táxi e servia mesas no restaurante de um amigo, três dias por semana.

Porém, quando chegámos à fronteira, tudo mudou. O meu mundo, que nunca esteve de pernas no chão, virou mais uma vez de pernas para o ar. O Mungwambe, alheio ao meu colapso mental, cruzou o posto de travessia à velocidade do raio. Do lado zambiano, Chanida, foi um simples trâmite de despedida, nem perguntas comprometidas de quanto dinheiro estava a levar consigo nem nada disso. Do lado moçambicano, Cassacatisa, ainda foi mais rápido, pois ele se apresentou no balcão com o passaporte aberto pela página correspondente. O oficial carimbou e bemvendeu o seu compatriota, oferecendo-lhe um sorriso com o sotaque tetense mais puro. Já em solo pátrio, o Mungwambe me procurou com a vista, e só naquele momento se apercebeu que eu tinha ficado do lado zambiano, o meu solo pátrio. Ali parado, sem expressão facial, deixei cair a minha pasta no chão, e gritei para o meu amigo.

– Eu não posso!

– O que se passa contigo? Claro que podes – regitou, de volta, o matolense.

– Tenho que voltar para casa, minha mãe está doente – escusei-me.

– Não é possível. Me falaste que ela teria um jovem da vila que a cuidaria. Qual é o papo agora? Tira lá passaporte e cruza, és cidadão sadequiano, não precisas de pagar visto, só carimbar e entrar – insistiu, não percebendo a minha situação.

O Mungwambe não percebia qual era o meu problema real, que me impedia cruzar a fronteira, por uma razão muito sim-

ples: não lhe contara a verdade do prazo de dez dias que eu tinha para voltar a falar com a Zambi e fazer as coisas ordenadamente. Ainda estávamos no quarto dia. Também, como se não bastasse, a história que um jovem da vila iria tomar contas da minha mãe foi uma invenção cruel, e eu não podia deixar aquela mulher, viúva desde que a conheci, sozinha e inermes, sentada na varanda de casa, sem ninguém que lhe recordasse as horas para tomar os comprimidos. Além disso, tinha o outro prazo, também de dez dias, que a senhora italiana me tinha dado para trabalhar para ela, em Ndola, e que expirava dois dias mais tarde do da Zambi. A imagem dos rostos daquelas três mulheres, provocadoras daquelas decisões, passaram em repetidas ocasiões pela minha memória. Minha mãe, minha amada e minha possível nova chefe.

O Mungwambe devia avançar para a cidade de Tete, e depois, ainda no mesmo dia, comprar bilhete para ir ao Maputo no dia seguinte, com saída pelas duas horas de madrugada. Como não tinha tempo a perder e desejava mais que nada chegar em casa, também não me matrecou mais. Soltou um último grito de despedida, quase uma gargalhada, recordando-me que a casa dele era na Matola, que podia ir visitar quando eu quisesse. E foi embora, à procura de chapa para a cidade de Tete.

16. Quebra fogo

A minha mãe não se recuperava. Pelo contrário, só se autoengolia mais e mais na sua doença degenerativa. Tudo isso eu sabia por informações do meu irmão, que estava em Tete a revender peças de viaturas de segunda mão a clientes esporádicos, na sua maioria malawianos, que reclamavam da enorme inflação do seu kwacha. Com aquilo, o meu irmão conseguia algum sustento para si e para alimentar a nossa mãe, além das ajudas que eu mandava, com a máxima regularidade, cada mês ou cada dois meses. Mas chegou um momento em que eu decidi que devia vivenciar aquilo por mim mesma. Pelo menos se fosse a Tete, confiava que poderia ter a derradeira oportunidade de ser reconhecida pela minha mãe, ou talvez nem isso, depois de tão prolongadas ausências minhas. O calendário escolar, com uma agenda infernal em termos de obrigações administrativas e de pesquisa, me fez procrastinar eternamente o plano de viajar para casa.

Sem prévio aviso, o meu irmão voltou para Maputo. Eu estava a tomar chá de gengibre, na minha varanda, a pesquisar páginas da internet que contivessem informações válidas e confiáveis, e assim poder recomendar aos meus estudantes que as usassem. Esgotada a chávena de chá, olhei para o relógio e vi que ainda tinha tempo para ficar sentada alguns minutos, antes de sair para a Faculdade, assim deixaria passar o engarrafamento mais entupido da manhã. Em algumas culturas dizem que todos os carros da cidade estão a passar à mesma hora pela mesma via, para indicar que há uma congestão considerável.

Por exemplo, quando estive em Paris, ouvi muitas vezes aquela expressão, em sentido figurado. Em Maputo, se podia dizer a mesma frase, mas com todo o sentido literal. Toda a cidade, mais alguns ocasionais vindos de outros pontos de fora da região do Grande Maputo, passava de carro privado ou chapa à mesma hora, das seis e trinta às sete e trinta, e pela mesma via, a avenida Joaquim Chissano. Um minuto antes e um minuto depois, o silêncio absoluto, e assim até o engarrafamento de tarde, de saída, onde a mesma situação se repetia em sentido inverso, das dezasseis às dezassete horas. Fiquei a pensar que, quando vim morar no bairro central, fazia já mais de dois anos, um homem veio advertir-me de que havia muitos ladrões na zona, e que não podia deixar tudo espalhado de qualquer maneira, ao que respondi, ufana, que por mim, roubar podem tanto como quiserem, à vontade, porque de facto seria um favor, me pouparem o esforço de eliminar todos aqueles resíduos calamitosos da obra, que nunca foram limpados pelo anterior proprietário. Como não havia nada de valor, só havia lixo, deixei-lhes caminho livre, mas curiosamente, desde aquele dia, aquele homenzinho jamais voltou, com a ameaça de que alguém pudesse entrar e levar nada, nem um pedaço de bloco que caiu, ou um ferrinho oxidado que restara dos pilares.

O meu irmão me apanhou de surpresa. Enquanto eu estava a lavar a chávena recém-usada, ele entrou com o riquexó dentro do quintal. Podia estacionar perfeitamente do lado de fora, que é seguro, e entrar pelo próprio pé, mas a marca radical dele em fazer as coisas de qualquer maneira, desde miúdo, o levava a cometer actos innecessários e um pouco aterradores, como aquele, tendo em conta que as dimensões do meu portão não

eram, precisamente, enormes. Desceu do triciclo motorizado, e ficou parado no quintal, à minha espera.

– Mana Zambi, estou aqui – disse, com um sorriso honesto.

– Eu também estou aqui, mano – respondi, feliz pela sua visita, mas preocupada com a minha iminente saída, pois a aula que tinha no tempo de manhã era com uma turma que estava para realizar exames parciais em breve.

– Trago novas, mas se estás muito apressada, vou fazer uns serviços e falamos depois – anunciou.

– Boas ou más? – perguntei, sem deixar de meter os meus pés dentro dos sapatos e a enfiar um cinto preto e fininho ao redor da saia verde.

– Uma é óptima, é que eu estou aqui, cheio de clientes para a semana.

– Só isso, mano? E como está a mãe?

– Eis a outra notícia que trago. Tens de ir para casa, o mais cedo possível. Que tal se vamos juntos na próxima semana?

– Será que ela está tão mal?

– A doença de nome árabe não cessa, mana. É uma daquelas situações que só podem ser tratadas com coração, não só com medicamentos administrados por alguém de bata branca.

Despedi o meu irmão, que saiu espiritado em direcção à baixa da cidade, onde devia buscar uma encomenda e levá-la para o bairro da Machava-Socimol. Eu fui aos meus assuntos académicos, com a promessa de jantar com ele. Como se não bastasse, o vizinho norueguês ia-se embora de Moçambique no dia seguinte, para sempre. Voltava para o seu país nórdico, desenvolvido e congelado, onde iria criar o seu espaço para envelhecer. Ainda perguntei ao meu irmão se podia fazer um tempo, amanhã bem cedo, pelas cinco horas, para levá-lo ao aero-

porto. Ao que ele me respondeu, com um sorriso, que para ele não existe nenhuma hora que se considere “bem cedo”, porque dormia em função dos clientes que tinha, vinte minutos aqui, trinta depois, uma hora de noite, mais uma hora de madrugada, segundo conveniência. Mas assegurava que não era perigoso, inclusive circular de noite, pelos bairros periféricos.

Tivemos a nossa última ceia, os três juntos. O norueguês, o meu irmão e eu. Talvez, pela presença do meu irmão, o norueguês reprimiu as suas hipotéticas intenções de procurar entrar nos meus lençóis, depois da janta. Teria ficado feio, como despedida, e ele era um homem incomum, mas também, sem dúvidas, digníssimo. O tema de conversa entre os dois homens foi a segurança rodoviária. Um lamentava da falta de transportes na cidade, o outro alegava que as estradas moçambicanas não têm boas condições para circular depressa, e que se as estradas fossem todas melhores, as distâncias seriam mais curtas. Eu pensei, e adicionei em voz alta, que no dia em que Moçambique tivesse autoestradas de quatro faixas por cada sentido, do Rovuma ao Maputo, seria o momento de reclamar porque não teríamos comboio de alta velocidade que permitisse ligar Maputo e Pemba em quatro horas e meia, Maputo e Tete em três horas e um quarto, Maputo e Inhambane em quarenta e cinco minutos. Sempre queremos o que não temos, e nunca valorizamos o que já está ao nosso alcance. Só que, essas coisas de Moçambique, ao norueguês já não lhe importariam muito, pois abandonava o país em poucas horas. Trouxe duas garrafas de vinho, uma de branco e uma outra de tinto. O meu irmão só tomou meia taça de cada variedade, para provar, porque pelo menos nisso, na bebida, já tinha feito uma notável transição para a madurez. Entre eu e o norueguês es-

gotámos toda a garrafa de vinho branco e mais da metade do tinto, como se fosse água benta. Eu preparei xima, batata frita e salada, ele preparou frango e peixe vermelho, tudo grelhado. Rememorámos tempos passados das nossas vidas respectivas: eu, africana, na Europa e ele, europeu, na África. Dizia que, quando pisara o aeroporto de Mavalane, pela primeira vez que chegou a Moçambique, um moço achinelado lhe ofereceu uma carrinha para puxar as malas. Ele aceitou a carrinha, mas não que o menino fizesse aquele trabalho pesado. Entraram numa lenga-lenga absurda, mais ainda tendo em conta que o recém-chegado não falava Português, até que o norueguês cedeu e permitiu que o menino completasse a tarefa, que lhe serviria para garantir o seu sustento diário ou semanal, em função da generosidade do norueguês e de mais alguns outros viajantes que passassem por lá nos momentos subsequentes. O meu ainda vizinho recordava, exactamente, que como não fazia ideia da quantidade que devia despender naquele serviço imprevisto, acabou tirando uma nota vermelha de cem meticais. Se dava vinte, o valor da nota mínima, seria pouquíssimo, e se tirava uma verde de mil, ostentoso demais. O termo médio-baixo o ajudou a sair do assunto airosamente, ainda ignorando o valor cambial da moeda moçambicana, sempre oscilante, em relação ao dólar norteamericano e as suas congêneres de referência, as europeias e asiáticas. Gostei de ouvir aquelas todas venturas, porque afinal de contas me faziam perceber que todos, alguma vez na vida, nos sentimos estrangeiros por nacionalidade, por desconcerto financeiro ou por ambas razões. Também entendi, com aquele dilema do norueguês na hora de decidir o salário do moço portabagagens, que Moçambique era um país sem medida. Recomendei ao norueguês que quando chegasse à sua terra

e sentasse para conversar com os seus amigos e familiares noruegueses, lhes contasse que em Moçambique, as pessoas adoravam falar de si mesmas e da sua própria cultura, ao contrário do que fazem os europeus, que só querem descobrir coisas dos outros, mas sem dar nada em troca.

No fim, ficámos que eu iria visitá-lo, um dia, quando sentisse saudades da Europa. Sempre pensei que, apesar das suas particularidades, esse norueguês podia ter ocupado o segundo lugar na lista de candidatos ao meu coração, só que isso não passou de ser uma ilusão impossível. E pensei em Coppa, como cada vez que um homem mexia no meu órgão bombeador de sangue. Sempre Coppa, aquele menino zambiano, como pano de fundo, como papel de parede ao gotelé, como demiurgo ubíquo, como *deus ex machina*, como luz de gás invisível. Sempre presente.

Na madrugada seguinte, antes das cinco horas, o meu irmão, que pernoitou na minha sala, bateu na porta de casa do norueguês, que ainda com babalaza, saiu logo, já preparado para viajar. Ia com roupa simples e sem cinto, de forma a não ser forçado a tirar e colocar a peça no momento de passar pelo arco de detecção de objectos metálicos do terminal do aeroporto. Eu acordei com o barulho do meu irmão, mas apesar da minha babalaza, já estava mentalmente programada para acordar na hora h. Antes de entrar no riquexó, com uma mala grande e uma pequena, de mão, o norueguês olhou para mim, despediu-se com um abraço e um beijo na bochecha.

– Eu te amo. Da forma que tu quiseres, mas eu te amo, Zambi. Fica bem.

– Vou ficar bem, obrigada – não tive coragem de responder mais nada.

Apesar de que eu sentia algo profundo por ele, inexplicável, mas profundo e intenso, não fui com eles ao aeroporto. Um novo dia laboral começava, qual uma montanha empinada, cheia de obstáculos. E o meu irmão levou o norueguês errante para o aeroporto no seu modesto riquexó.

De tarde, quando regressou para casa após todos os serviços, o meu irmão voltou a estacionar o riquexó dentro do quintal, invadindo um espaço que eu podia usar para brincar com os meus filhos, se os tivesse. Aquela forma de parquear indicava que o dono do triciclo já não iria sair mais naquele dia, até a manhã seguinte, sabe-se lá que horas. Assim, enquanto eu estava a preparar jantar, desta vez sem vinho, tivemos tempo para conversar, mana e mano, das nossas coisas. A situação da mãe era a preocupação maior para ambos, só que fazíamos de tudo para não falar disso, como se não existisse, igual à forma como os governantes lidam com a emergência climática do planeta.

– No sábado podemos ir à praia da Ponta do Ouro, nós dois – sugeri, de repente.

– Interessante, nunca cheguei lá, diz-se que é bonito, e agora que tem a estrada nova fica mais acessível.

– Mas não vamos do meu riquexó, coitado não aguentaria essa distância.

Para resolver a situação da nossa mãe, devíamos ser pragmáticos. Se bem o meu irmão não sabia nada dos meus sofrimentos por Coppa, se preocupava mais pela minha situação marital do que por si mesmo, pois parecia aceitar ficar toda a vida atrás de marandzinhas, ou ficar solteiro de vez. Mas eu, a sua irmãzinha, devia estar com alguém, fazer filhos, sentir o calor masculino. Decidimos que aquele sábado seria o dia final da reflexão

para resolver os nossos assuntos familiares. Ele prometeu que conduziria o meu carro, coitadinho de segunda-mão que quase nem usava, e me deixaria à vontade, na areia da praia ou na água, enquanto ele iria descobrir o território da própria praia, ou procuraria novas amizades femininas pelo bairro, longe da zona puramente turística. Precisava confessar tudo ao meu irmão, em primeiro lugar, e assim ele entenderia que não podia olhar para um lado só, precisava de virar os meus olhos em sentido oposto, um para oriente, o outro para ocidente.

Sábado de manhã, como combinado, partimos do bairro central para a rotunda da Malanga, onde apanhámos o desvio da Katembe. Atravessámos a maior ponte suspensa da África austral e pagámos a inevitável portagem. O meu irmão a conduzir, eu a soltar as moedas. Andámos em silêncio a maior parte do trajecto, e nalgum momento considerei, para os meus adentros, que simplesmente estávamos a gastar combustível para ir fazer uma actividade que podíamos resolver em casa, ou na praia da cidade de Maputo. Mas deixei que tudo fluísse, naquele sábado de manhã sem trânsito nenhum. Éramos os donos da estrada, e ao mesmo tempo, vergonhosamente, eu não era dona dos desígnios da minha própria vida.

Chegados à praia da Ponta do Ouro, estacionámos no espaço habilitado para tal, um areal não apto para machimbombos pesados, achei, logo quando entrámos. Sem espaço para decidir o que fazer primeiro, se comer, mergulhar, dar uma volta ou sentar na areia ou debaixo de uma sombra de árvore, uma figura me despertou a atenção sobremaneira. Um homem muito idoso, descamisado e com calção pretoavermelhado, levantava os dois braços com eufusão, na minha direcção. Hesitei por vários instantes se era a mim, que cumprimentava, ao meu irmão

ou a alguém outro. Girei trezentos e sessenta graus sobre mim mesma, e não visualizei nenhum outro transeunte, pelo que aquele homem só podia ser conhecido meu ou do meu irmão. Talvez um cliente do riquexó, na cidade, ex-dono do triciclo, ou qualquer outro negócio que o meu irmão trazia entre mãos. Mas o idoso gritou o meu nome, pelo que restei estupefacta, sem margem de reacção. Era o meu admirado Doutor Cumbane, reformado, sem todo o cabelo que uma vez tivera. O meu irmão e eu sentámos na areia, ao lado do meu ex-professor. Estava a passar uns dias de descanso naquela praia, que nunca antes conhecera. Os seus neurónios ainda estavam como quando tinha quarenta anos menos, e a sua voz aflautada continuava a me impor um respeito especial, de pessoa demasiadamente humana. Perguntou-me quem era aquele homem ao meu lado, e como éramos geneticamente muito parecidos, não tive como fazer a piada de dizer que era o meu maridão. O velho estava naquela posição, a meio caminho entre sentado e deitado, desde as seis horas da manhã, mais ou menos o mesmo tempo em que nós saíamos de Maputo para aquele último recanto do distrito de Matutuíne. Uma carrinha azul e branca, com duas barcaças na trela, passou pela nossa frente, com oito pessoas dentro, seguramente turistas que queriam curtir um passeio pelas águas quentes e salgadas do Índico. O Doutor Cumbane apontou para a comitiva, que era a única coisa em movimento, dentro de todo o meu campo visual. Entoou a sua voz de conhecedor da matéria.

– Aqueles aí te dão uma volta de barco, em trinta minutos dá para ver desde aqui até as pontas Malongane e Milibangalala – explicou.

– Do outro lado, já é África do Sul, não é? – perguntei.

O Doutor Cumbane mexeu a cabeça de cima para baixo, em claro sinal afirmativo. Com um movimento de queixo, indicou que ali mesmo, depois dos montes que delimitam a ponta geográfica, era a cauda do vasto território moçambicano e o começo da enorme extensão das terras do rand. Não só a terra, também a água tinha fronteiras, porque se uma das barcas recreativas cruzava para as águas territoriais sulafricanas, imediatamente saía um helicóptero à procura do condutor da embarcação e o prendia, nem que fosse uma invasão de um centímetro. A razão daquilo, segundo o Doutor Cumbane, era que os países têm leis, e em relação ao mar, a lei dizia que um movimento marinho causado pelas barcas podia alterar a flutuação dos peixes no seu hábitat natural, conseqüentemente dificultando o trabalho dos pescadores, e depois, muito mais conseqüentemente, reduzindo a capacidade lucrativa para o sector da pesca, prejudicando o produto interno bruto daquele sector e de todo o país, em geral. Tudo por um centímetro de invasão oceânica. Em breve, concluía o ex-professor, haveria portagens e postos de controlo fronteiriço no próprio mar, com peixes vermelhos, pedra, carapau, serra e garoupa como oficiais de migração, a carimbarem os passaportes dos seus congêneres que quisessem atravessar para um e outro lado da fronteira, para serem caçados por uns ou outros pescadores. Logicamente, também adicionava o Doutor Cumbane, haveria peixes avantajados, que pretendiam abrir caminhos alternativos, clandestinos, de migração subaquática, ou inclusive alguns aprenderiam a respirar fora da água para poder usar um caminho secreto, no meio dos humanos, para poder completar a migração.

O Doutor Cumbane estava à vontade, queria falar, e não me importou nem um pouco ser ouvinte daquele homem, tão bem

treinado e experto em alimentar cuidadosamente cada palavra antes de deixá-la sair pela sua boca, qual fossem passarinhos a piar, felizes por serem libertados da gaiola. O meu ex-professor e director de departamento recordava-se da primeira vez que viu estrangeiros, muitos brancos e mulatos, vindos da África do Sul, nas praias de Tofo e Barra, sua província natal de Inhambane. Todos vinham pelas praias, enquanto no seu próprio país também há praias. No entanto, no seu país não tinham a tapioca e as tangerinas de Inhambane, mas quando iam para lá não as consumiam, e o Doutor Cumbane se perguntava qual seria a motivação que os fazia viajar toda essa distância, carimbar passaportes, gastar combustível, pagar alojamento e comprar comida a preços desorbitantes, se tinham tudo isso e muito mais em casa.

O meu irmão foi passear pela areia, mas eu sabia que ele só estava atento aos rabos das moças que passassem, de preferência negrinhas. Eu fiquei a escutar atentamente as venturas de juventude do Doutor Cumbane. Contou-me que fez amizade com dois brancos, o Patterson e o De Grouw, amigos inseparáveis. O primeiro falava Inglês puro, de raiz britânica, enquanto que o seu parceiro falava também o Inglês mas mostrava um forte sotaque do Afrikaans, pois era descendente de neerlandeses. Patterson e De Grouw sempre andavam juntos de um lado para o outro, para nadar, jogar voleibol, tomar umas cervejas e até para dormir. Eram tão amigos, que se um deles apanhava uma moça e o outro não, o mais sortudo devia interromper o romance para que o menos afortunado não ficasse sozinho. Também, se os dois conseguiam entrar no mundo do sexo feminino na mesma noite, cada um ficava despreocupado pelo outro até o dia seguinte. O Doutor Cumbane, que era miúdo, servia re-

frescos e pratos de comida na cantina que o seu pai regentava, na praia de Tofo. Por ser ainda miúdo, não podia trazer bebidas alcoólicas nas mesas dos clientes, mas um dia, sem muita aglomeração no local, Patterson e De Grouw sentaram numa das mesas, decididos a beber. Como o menino se negava a servir cervejas aos dois estrangeiros, que teriam uns vinte anos de idade na altura, pediu-lhes para aguardar, porque o dono do local ou a empregada mais velha estariam de regresso em breve, daqui a nada. Os dois sulafricanos não aceitaram essa resposta, porque, segundo eles, “daqui a nada”, em Moçambique, significava nunca jamais. Tentaram subornar o moço, que ainda assim, inocente em assuntos pecuniários, se negava a abrir a galaria com as bebidas alcoólicas.

Os dois estrangeiros não queriam barulho, e convidaram o puto para que se sentasse com eles, na mesma mesa, a tomar sumo de ananás e assim entreter o tempo de espera, até que chegassem as pessoas autorizadas para servir as bebidas de graduação etílica. Na conversa, os dois brancos aproveitaram os momentos de sobriedade que ainda tinham para dar uma aula de história ao jovem moçambicano, que olhava para eles não querendo fechar as pálpebras, de forma a não perder nenhum detalhe. Patterson e De Grouw contaram acerca do conflito que os seus antepassados travaram entre 1899 e 1902, a chamada Guerra dos Bóeres ou Guerra Anglo-Boer. Mais de um século atrás, os Patterson e os De Grouw se odiavam à morte. Mais tarde, os seus descendentes aprenderam a viver em paz, a partilhar a terra na qual coabitavam. Só que, curiosamente, agora que eram amigos, para ir à praia já não queriam usufruir daquela pela qual lutaram os seus antepassados, mas preferiam ir para Moçambique.

O Doutor Cumbane terminou de contar toda a vivência, alusiva à sua infância, e olhou para mim.

– Desde aquele dia, Zambi, que fiquei apaixonado pela história, em geral.

– Agora entendo por que te fizeste professor.

– Pensa que tu também podes conviver com alguém que não conheces, ou que pensas que conheces.

Com toda aquela história de pessoas alheias, e mais ainda com aquela última frase, entendi que ele me queria transmitir um pensamento profundo, para que eu agisse em consonância. Porém, com algumas peças ainda soltas, a flutuar pela minha mente, agradeci as palavras.

– Acho que tem razão, Doutor.

– Desde que estou reformado, sinto que tenho razão em tudo.

A distância da Ponta do Ouro com a cidade de Maputo, quando já eram dezasseis horas, me fez pensar que devia ir buscar o meu irmão e voltarmos logo para casa, evitando a sempre perigosa condução nocturna. A despedida com o Doutor Cumbane foi fria, imprevista, nem me dei conta que, de tão velho como estava, aquela podia ser a última vez que me cruzava com ele, porque ele já se aproximava à nona década do seu glorioso vagar pelo mundo. Ele, viúvo e os quatro filhos já a fazerem vidas independentes, todos em Inhambane, o patriarca dos Cumbane ficava a descansar, por mais uma semana, num hotel bangaló, naquele recanto de praia, o mais a sul de Moçambique. Curioso, o meu admirado professor, que ingnominiava os sulafricanos que iam para as praias de Inhambane, em vez de usufruir das suas próprias, e ele próprio saía de Inhambane para ir mergulhar os pés e comer garoupa no mesmo Índico, mas da Ponta do Ouro. Me desejou tudo de bom nos meus anos subseguintes

de carreira académica, que já não eram muitos pela frente. No caminho de regresso pelo tapete alcatroado não avistámos nenhuma impala, girafa nem elefante, ao passarmos pela zona da Reserva Especial de Maputo. Deviam estar acaçapados, camuflados entre a vegetação, a espreitar as espécies de viaturas criadas por seres humanos, que ousavam circular pela sua zona de jurisdição animal.

Chegada em casa, o meu irmão nem teve tempo de entrar comigo e descansar, porque tinha serviço marcado com uns clientes, que iam ao Estádio Nacional do Zimpeto a assistir jogo dos Mambas contra Guiné-Bissau, no caminho de classificação para a Taça Africana das Nações. Esse mergulho e a conversa com o sábio ex-director do Departamento, serviram de quebra fogo contra todas as frentes abrasivas que me ameaçavam. No coração de uma mulher, a passagem do amor ao ódio só depende de um tic-tac de relógio. Se Coppa não me ligava durante os próximos dias, decidi que não ia esperar mais, e devia ser eu a ligar para ele. Contudo, o telemóvel tocou.

– Sou eu – começou ele, timidíssimo.

– Eu também sou eu – retorqui eu, brincalhona.

– Oi Zambi, sou Coppa, queria dizer. Estou a chegar à tua casa, em breve. Me abres a porta?

– Sim, Coppa, tenho o teu número gravado, sei quem és. Como assim que vens para a minha casa?

– Deixa para lá, só queria chamar a tua atenção. Mas de facto, é verdade, quero chegar à tua casa, te visitar, passar uns dias contigo, se me dizes onde é que fica.

– Uns dias, só? Que tal para o restante das nossas vidas?

O nocauteei ao primeiro embate. Nesse momento, senti que ele se arrependia, para os seus adentros, de não se ter preparado para me escutar. Claro que ele queria passar comigo o restante da sua vida, mas simplesmente não estava preparado para falar disso ao telefone, logo nos primórdios da conversa. Na continuação, ele só ficou a balbuciar tantíssimo, motivo pelo qual eu tive de tomar a dianteira, e fizemos um pacto. Concordámos que os dois ficaríamos a pensar, cada um no seu cantinho, e voltaríamos a nos ligar em dez dias, para decidir como, quando e onde nos encontrar. E para fazer o que, independentemente da duração. Recordei-me, como se fosse logo mesmo, da última vez que eu concordara fazer algo com alguém, de mútuo acordo, porque tinha sido com o próprio Coppa, no Songo. Também confessei, de forma a colocar uma barreira quebra fogo, que olho por olho não tínhamos de ficar cegos, necessariamente. Bastava abrir bem os dois, depois de tudo. Sexo podia fazer com várias pessoas, não ia negar, mas aquele norueguês queria na verdade fazer amor, e amor eu só fazia com Coppa, mais ninguém, porque o coração nunca pode ser polígamo ou poliândrico.

Depois de muitas considerações, um estudante da turma que eu lecionava me surpreendeu com um pensamento que ia mais além da arte criativa. Argumentava que, igual como as máquinas que se fabricavam no mundo moderno, nós, humanos, também deveríamos ter uma obsolescência programada, para saber quando e como vamos morrer, e assim seria muito mais fácil planificar as nossas vidas, experiências, loucuras, riscos e também avisar os seres queridos para que ficassem preparados em caso de tragédia. A própria pessoa, antes de ser finado, poderia deixar o seu velório arranjado, a funerária paga e tudo

bem disposto, sem necessidade de juízes ou notários a darem fé de que alguém fosse mais ou menos legítimo, por parentesco ou por puro aproveitamento, para salvaguardar os pertences de quem já não estivesse entre os vivos. Um bom argumento é aquele que ajuda a pensar nas razões por detrás do próprio argumento, assim como nas razões em contra do mesmo. Assim, decidi que, uma vez passados os consagrados dez dias de reflexão acordados entre Coppa e eu, seria o momento de ligar e conhecer as razões que nos levaram a ficar distantes por tanto tempo, e também os motivos pelos que ainda queríamos nos reencontrar.

Mas não liguei. Simplesmente, passei à acção. Eu tinha duas frentes abertas, complementando-se uma com a outra: por um lado, a minha mãe, e por outro lado, em simultâneo grau de importância, Coppa. A primeira necessidade era, logo que os exames da minha turma na UEM terminassem, ir visitar a senhora que me pariu, pelo que só comprei passagem de ida. Quando cheguei à cidade de Tete, no aeroporto de Chingodzi encontrei-me com um taxista, o Mucavele, que tinha vindo à minha procura, e já tinha sido pago pelo meu irmão. Chegámos ao destino e descarreguei a minha mala grande da viatura. O taxista Mucavele foi-se embora, e eu me enfrentei à fronteira mais hermética de todas as que já tivera tentado atravessar: a do limiar do quintal de casa, a minha própria casa onde nasci e cresci. Lá dentro, constatei que minha mãe já não tinha forças para regar nada, nem flores nem a si própria, porque a encontrei sentada, na varanda, o meu irmão a lhe colocar um copo de água na boca, com um comprimido efervescente dissoluto no líquido. Porém, ela ainda podia falar, e dizia que, com cuida-

dos, a flor floresce. Trabalho teria eu, para identificar se falava em sentido literal ou figurado, concreto ou abstracto. Me reconheceu e perguntou-me se eu tinha um homem que me cuidava, porque eu tinha, segundo ela, aspecto de flor bem florescida. Compungida, não me ruborizei, porque a minha pele é negra, mas a sensação de atrapalhão me invadiu, e senti a raiva de não ter feito filhos, eu já na quinta década da minha vida, ela na oitava. As mães nunca podem deixar de dominar as mentes dos filhos, sejam quais fossem as circunstâncias.

No segundo dia da minha estadia em casa, ela já não me reconheceu e nem falou comigo. Contudo, fiz das tripas coração e me dediquei a regar todos os tipos de flores que ainda existiam na varanda de casa. Quem regava era o meu irmão e, algumas vezes, o médico que a tratava, que tinha a decência de chegar em casa uma vez por semana e pelos seus próprios meios, sem pedir nenhum valor em troca, enquanto tinha clientes à espera dele na clínica privada, e pacientes que o precisavam no Hospital Provincial de Tete. Uma vez reguei todas as plantas por duas ou três vezes, rendi-me à frustrante evidência: aquela minha viagem não tinha servido para nada, eu não tinha relação nenhuma com aquela senhora, e o tratamento médico decorreria igualmente, até que o corpo e a mente da velha, inexoravelmente, se desligassem. Me senti como uma pedra no meio do rio, em que as águas circulam braviamente e batem na pedra, que todo o mundo pode ver, ali no meio, solitária, ao tempo que as águas continuam o seu curso, sem remordimento de culpa por ter batido numa simples pedra, que podia ficar ou desaparecer, e nada pararia.

O único elemento motivador que eu tinha para ficar em Tete era a ausência de Coppa. Se os milagres fossem algo do mundo real, naquele preciso instante, Coppa teria decidido não esperar pela minha chamada dos dez dias. Teria arrumado as suas malas e feito o caminho, pelo menos até à fronteira de Cassacatisa, e depois, a caminho da cidade de Tete, ligar-me-ia para dizer que já está na minha casa, e pedir-me, a sério, se eu lhe podia abrir a porta. Mas nunca achei que aquele menino esfomeado do internato do Songo atingisse tal grau de independência decisória, e muito menos a coragem de fazer algo que não estava concordado. Ainda faltavam três dias para que vencesse o prazo de dez. Olhando bem, eu na verdade gostei dele por isso mesmo, porque era um moço duvidoso, pouco decidido, mas muito observador, vital e conformista. Em Tete, eu estava perto da fronteira zambiana, e sentia que podia exercer um tipo de atracção magnética.

Precisava de olhar para ele, frente a frente, e dizer que fui amada por um estrangeiro, um norueguês que me fez feliz à sua maneira, com as suas rarezas, mas nunca em sentido amoroso. Perdi a noção dos dias que me restavam de férias, até o reinício de aulas. Nem sequer pensei em pedir mais dias em casa por questões familiares. Tinha direito a permanecer em casa se a minha mãe precisasse do meu apoio, mas a realidade era mais dolorosa do que a própria doença: eu não era ninguém naquela casa, só uma regaplantas, porque os restantes cuidados já eram exercidos pelo sacana de meu irmão, bem-sucedido em algumas artes que eu nunca lhe conhecera. Se não fosse ele, teríamos tido que furar os bolsos e levar a velha para um asilo na África do Sul, onde ela passasse os seus derradeiros dias, semanas, meses ou anos em paz. A um certo ponto, a mãe era

também uma pedra para mim, e senti inveja pela forma tão gloriosa como o Doutor Cumbane tinha envelhecido, radicalmente ao contrário do que a minha mãe. Quem nos dera conhecer o momento em que já não servimos. Quando somos servíveis, ninguém nos ensina como afastarmo-nos a tempo, para não incomodar. Igual que, quando estamos vivos, ninguém se recorda de falar das boas qualidades de um futuro falecido.

17. Lei

Arrependi-me de não ter cruzado aquela fronteira, quando viajei com o Mungwambe. Teria chegado à cidade de Tete e ter-me-ia encontrado com a Zambi, simplesmente. Caso não, teria avançado a sul, para o Maputo, onde poderia ter usado os meus dias para procurar locais bonitos para casar. Mas eu sempre fui de províncias, andei de vila em vila, pisei algumas cidades grandes e também escritórios de chefes poderosos, mas sempre fui um homem ruralista, em contraposição aos capitalistas das cidades capitais. Mas afinal, por que é que eu, ou minha mãe, e tantas outras pessoas do meio rural, éramos chamados “provincianos” ou “de províncias”? Será que as pessoas da capital não tinham província? Na criancice, normalmente, comíamos xima e verduras, e como não tínhamos o luxo de usar prato, muito menos talheres, pegávamos folhas naturais de mandioca ou de maçaniqueira e as usávamos como prato descartável, só que algumas vezes aguentavam por duas ou três refeições. Pensei nisso quando me cruzei com a patroa italiana, quando ela veio ter comigo. Pensei que tinha algo para acertar comigo, da nossa relação laboral e a forma como ela poderia ajudar-me a cuidar da minha mãe, mas de facto, só queria papo simples. Contou-me que, quando ela era criança, fazia oito décadas e meia, as pessoas já comiam aquilo que nós, tempo depois, passaríamos a chamar bolachas. Pegavam numa certa porção de farinha de trigo, um montãozinho de açúcar, se o tinham, uma colher de manteiga, um dedinho de sal e um copo de água. Levavam cada coisa para a boca, individualmente, um ingrediente após o ou-

tro, e assim poupavam o esforço de ter que misturar, deixar repousar, fornear. Tudo cru, entrava e alimentava. Assim, ela tinha crescido na opinião de que a pobreza não era a escassez de matérias primas, mas a falta de meios para manufacturá-las e transformá-las em produtos de consumo.

Desde que saí do Songo, mais de cinquenta anos atrás, sentia como se a vida tivesse corrido irrequieta, mas o tempo tivesse permanecido em estado de paragem. Seria pretencioso demais dizer que tudo funcionara perfeitamente, mas andou bem. Depois de tantas caminhadas, algumas para cima e muitas para baixo, no subsolo da vida, cansei-me de ver pessoas que achavam que o mundo era uma coisa irreal, distante. Assim que tinha abandonado o Mungwambe na fronteira de Cassacatisa, para ficar com as minhas três mulheres, agora só podia fazer três coisas, nesta exacta ordem: primeiro, aceitar a proposta laboral da senhora italiana; depois, arranjar alguém que cuidasse da minha mãe, enquanto eu estivesse fora de casa, a trabalhar; e finalmente, ir atrás da Zambi, em Moçambique ou onde fosse míster ir, desde que fosse um lugar dentro do planeta, o único planeta que a humanidade já habitou. Para a primeira mulher, a menos importante do ponto de vista sentimental, fiz-lhe um pedido encarecido: postergar o início do meu serviço por uns meses. Apenas o tempo suficiente para eu recolher os pedaços da minha alma, espalhados pelo mundo. Não lhe falei com essas palavras, mas ela me entendeu igualmente. Esse emprego seria como uma reforma activa, uma maneira de me manter operacional, na mesma tarefa que tinha feito durante tantos anos. Até me senti encorajado de incorporar um novo verbo, com as suas flexões e derivações, ao meu dicionário: subsoloar. Assim, eu subsoloaria até o fim dos meus dias, junto com

outros jovens subsoloadores, que aprenderiam a nobre arte do subsoloismo, com um dos melhores expertos subsoloistas da Zâmbia e de toda a África austral, a zona do mundo onde mais se subsoloava, e portanto, era necessário, para além de patriótico, que eu subsoloasse por mais alguns anos. O salário era o que menos me importava, de tudo aquilo. Para os cuidados da minha mãe, o Reginaldo Mungwambe já não era uma opção, e outras pessoas que encontrei ao longo da caminhada, como por exemplo a Clyde ou os sobrinhos de tio Ndjema, Cristine e Jérôme, andavam longe demais. A missão era claríssima, pois com a mãe devia procurar que ela ficasse em boas mãos enquanto eu estivesse ausente.

A matriarca italiana foi justa comigo. Não boa, ou maternalista, simplesmente justa, que não era algo de pouca relevância, em casa de pobre, ignorante de leis e procedimentos burocráticos. As condições eram claras, que até um subsoloista sem estudos como eu podia perceber. Podia ficar livre por quinze dias, para cumprir os deveres sentimentais que eu não fizera em toda a vida. Me daria um subsídio, como ajuda para que eu andasse à vontade e assim não esquecesse que era ela quem me permitia tudo aquilo. Formas de chefiar.

Aquela regalia, porém, tinha o seu preço, como tudo nesta vida. O valor económico das coisas é o mais ligeiro de pagar, basta fazer um gesto manual. A nora da senhora italiana, a esposa do seu filho mais novo, o único que vivia em África, ficaria a cuidar da minha mãe durante o tempo que fosse necessário, para que eu viajasse ao encontro físico e espiritual da Zâmbia. Livre por um lado, pegue pelo outro, porque o salário da cuidadora, logicamente, deveria ser deduzido do que eu conseguisse por dar as aulas de segurança subsoloar. Por sua vez, o meu

emprego ficava, com aquela manobra, sujeito ao comportamento da minha mãe com a jovem zambiana. Se a minha mãe cometesse alguma imperdoabilidade para com a cuidadora, eu seria o principal indiciado, arguido, acusado e caluniado. Claro que a patroa também não me falou nestes termos exactos, mas é o que eu entendi. A senhora idosa me apresentou a sua nora, a Rosalyn, uma jovem de uns trinta anos, bonita, alta, com um sorriso contagioso e uns braços fortes, seguramente de amassar muita xima com pau de madeira.

Ela era natural de Chipata, lugar de doce lembrança para mim, porque é onde mais pude namorar com a Zambi, por dois dias, num fim-de-semana prolongado que o saudoso tio Ndjema nos levou para lá, tantíssimos anos atrás, em tempos da escola secundária, no Songo. Porém, Rosalyn não tivera uma infância nada fácil, em Chipata, nem muito menos nos lugares pelos que acabou passando, na perseguição de uma certa dignidade. Contou-me que, durante a juventude, fizera de tudo, excepto de prostituta, e com essa informação, não pude evitar pensar que a profissão mais antiga do mundo, com pessoas como ela, estaria em sério perigo, e a estabilidade do produto interno bruto de todos os países do mundo, a oscilar rocambolescamente. Finalmente, explicou que ela perdera os pais antes da adolescência, não conseguiu terminar nem sequer a nona classe, e foi parar a um internato de pessoas carenciadas, que era administrado por uns padres da Itália. Por acaso, o seu futuro esposo passou daquele orfanato, como primeira fonte de emprego quando voltou de fazer os estudos de bacharelato na Itália, com a intenção de permanecer na Zâmbia. A Rosalyn voltou a nascer, no amor por aquele bonito galã, enviado por Deus o mais poderoso, para tirá-la da pobreza e do errabundismo. O jovem italozairiano, que

tinha nascido na República de Mobutusesesekolândia de uma mãe italobrazzavilliana, também se apaixonou pela Rosalyn, e de forma recíproca, iniciaram uma série de planos conjuntos para se ajudar o um ao outro. O moço apoiaria a Rosalyn nos estudos, no orfanato até na décima classe, e em escolas públicas a partir de lá, para frente. Conseguiu, tendo em conta que a Rosalyn fez o curso de licenciatura em Direito na Universidade da Zâmbia, e recebera o certificado de conclusão do curso das mãos do ilustríssimo ex-presidente e herói panafricano Kenneth Kaunda, como melhor estudante da promoção. Tudo com fundos que o jovem conseguia poupar, do que tinha trazido da Itália mais os trabalhos que fazia no orfanato de Chipata e outros centros sociais. Entretanto, a Rosalyn apoiou, de forma sentimental, qual um campo base para o alpinista que sobe uma montanha, o jovem euroafricano de pele branca. Todo europeu na África, por muitos anos que esteja no continente, sempre precisará de um ponto de apoio visível e inconfundível. Um recurso humano, como se diz nas empresas capitalistas.

Depois de ouvirmos a comovedora história da jovem Rosalyn, a matriarca italiana aceitou que eu pudesse ir para trabalhar em Ndola só depois de dois meses, em vez dos quinze dias propostos inicialmente. Decidida a parte laboral, era o momento de apresentar a Rosalyn à minha mãe, e vice-versa. Logo no primeiro dia juntas, ainda na minha presença, a Rosalyn preparou uma xima deliciosa, que se podia cortar com as mãos, qual uma fatia de pão consistente e esponjosa. Por lei de vida, a minha mãe já não podia amassar nada relacionado com a culinária, muito menos carregar baldes de água na fontenária dos vizinhos ou no rio, que cada vez andava mais seco. Minha mãe gostou da xima e das verduras saborosas que a Rosalyn com-

prou e preparou com toda a destreza. Se deram bem, as duas mulheres, e eu não podia ser mais feliz, naquele momento. Parecia que as flores da varanda de casa, tão ressecas pela falta de água, voltavam a sorrir, como uma criança logo depois de tomar banho, ou como uma comunidade pobre que aguardava a visita de um senhor engravatado e muito importante da cidade, que só prometia e voltava a sair sem deixar nada visível, nenhuma melhoria. Mas neste caso, a própria Rosalyn, com o seu sorriso, era a melhoria, para além de todos os bons serviços que ela oferecia, com o coração, para que a minha mãe ficasse bem, igual que uma pessoa reformada a gozar dos seus dias dourados de jubileu. Tive a certeza que a minha mãe já nem se lembrava de que, algum dia, naquela mesma vida, tinha sido viúva.

Assim, resolvida a questão das duas primeiras mulheres, a italiana e minha mãe, mais a nova incorporação, Rosalyn, agora tinha que usar muito bem o semestre concedido, antes de voltar para o subsolo. Devia planificar o que fazer com a Zambí. Aliás, não o que fazer, mas como fazer, e com que meios ou companhias. Todo o meu tempo e energias, acumulados em mim por mais de cinquenta anos, ia dedicá-los à Zambí, a partir daquele momento. Se com a mãe tive alguma sorte, graças à aparição da Rosalyn, com a Zambí, a única mulher que me arpoou o coração, era muito mais simples: ir ao seu encontro, anelar, casar, lua-de-melar, festejar e recuperar a vida que nunca tivemos opção de passar conjuntamente.

A matriarca italiana me deu um valor simbólico, como adiantamento salarial pelos trabalhos que eu deveria fazer na escola dela. Foi um gesto semelhante a quem liga pelo telefone só para saudar e não ser esquecido, coisa que eu nunca antes aprendera, na vida. Em alguns tempos, a senhora comentava

que ouvira governantes que, quando encorajavam a população a deixar de comer carne, por questões sanitárias, enfureciam os criadores de gado, que se sentiam excluídos da sociedade, empurrados a desaparecer como fazedores de uma actividade económica ancestral. Outros dirigentes, em exibição flagrante de ignorância, alegavam que não servia de nada mexer no passado, remover ossadas de pessoas mortas em tempos pretéritos. De toda aquela reflexão da senhora, me resultou curioso que nenhum arqueólogo reagisse em contra, por medo a ficar desempregados, pois a tarefa do arqueólogo é desempoeirar a mente das pessoas, para que nunca se deixe de pensar em quem somos, donde viemos e porque somos como somos. Os arqueólogos não reagem às provocações do dirigente, segundo a sogra da Rosalyn, porque sabiam que nunca podiam ficar desempregados, só quando morressem e outros arqueólogos fossem desempoeirá-los.

Com tanta paz e perdão interior, autoconvenci-me de que o plano de casamento já era real, verdadeiro. Me restavam poucos meses de reforma, antes de voltar a trabalhar sabia-se lá até quando, pois o emprego com a italiana era por tempo indefinido, e se não o cumpria, me enfrentava a enormes multas laborais por incumprimento e falta de patriotismo. Faltava só um dia para vencer o prazo de dez com a minha amada, e a minha cabeça, de noite, inventou um diálogo com a Zambi.

- Vais aguentar, Zambi? – perguntava eu, no sonho.
- *Dura lex, sed lex*. A lei é dura, mas é a lei – retorquia ela.
- O que queres dizer? – devolvi eu, desconhecedor de sentenças jurídicas numa língua morta.

– Que se já aguentei tantas décadas sem a tua presença física, já não faz mal mais alguns dias – imaginei que me responderia, ela, docemente.

– Assim venho aí, para ter contigo, minha querida.

– Já estou cá, meu querido. Só que tu não abriste as portas de ti mesmo.

Todo sonho vira pesadelo quando acordamos. E como fiquei sem fio argumental, qual um roteirista de telenovela barata, acordei logo. Aquela conversa de ida e volta, a ferver dentro do meu cérebro de garimpeiro imaginativo, me fez entender que o nosso relacionamento ficava estabelecido e consolidado, pelo simples facto de que, aguentar por várias décadas o sentimento por alguém seria sinónimo de não poder viver sem aquela pessoa, uma prova de amor mais poderosa do que qualquer beijo, anel ou cerimónia com champanha, bolo e demais fastos. Nunca me deixei levar pela paixão passageira, pelo menos em termos de prazeres horizontais, nem com a Clyde. O velho ditado de “pão para hoje”, fome para amanhã, aprendi-o muito bem e sabia como funcionava, por experiência. Eu tinha respeito pela Zambi, para além de amor sincero, e não ia gastar dinheiro, que duramente ganhava no subsolo, em satisfazer o meu pênis só. Se o dinheiro não fosse meu, mas doado por alguém, talvez teria brincado um pouco mais, porque esse custava menos de ganhar, e doía menos se acabava por alimentar as licenciosas, que afinal de contas também são pessoas que devem chegar a fim de mês. Ir às putas, afinal, não contaria como infidelidade, mas como crime. E eu não era nem infiel nem criminal. O valor que eu ganhei sempre foi, e mais agora, uma parte para os pequenos passivos, e o restante para os activos, as coisas grandes da vida, especialmente uma: o nosso casamento, da Zambi e

eu, que seria no mesmo dia com as bodas de prata e de ouro. Ouro verdadeiro, puro, impoluto, recém-extraído da mina.

Os meus amigos, lá no bairro da minha infância, faziam-me burla porque nunca falei fluentemente a língua local, Bemba, nem qualquer outra das línguas de raiz bantu que se usavam nos territórios onde vivi, sobrevivi, subvivi e subsoloiei. Só consegui falar Inglês, Português e Francês, este último por imposição dos congolezes, Cristine e Jérôme, sobrinhos de tio Ndjema. Aquele velho também me ensinara alguns palavrões na língua de Rousseau, mas de verdade o propósito mais didático que ele tinha quando nos visitava era reensinar a língua do amor à minha viúva mãe, só que ela nunca o entendera. As burlas por não falar língua local ficaram todas aí, no bairro. Não vieram comigo, felizmente, nos meus percursos vitais que estou a contar aqui ao prezado leitor que conseguiu lê até este ponto. Depois, por venturas da vida, tive um tempo em que me interessei por aprender uma mistura de Changana, Ronga e Zulu, quando fui parar às minas da Jon, onde a maioria dos colegas de escuridão subterrânea eram moçambicanos, da etnia machangana, da zona sul. Sortudos eles que, para ver as suas famílias no Natal, apenas deviam subir num *my love*, cruzar uma única fronteira, e daí correr para o lar, onde os esperava uma cama quente, um prato de proporções kilimanjâricas e uma equipa de filhos e sobrinhos. Mas também desisti, porque não seria um deles só por falar a língua. Devia aprender a cultura, os costumes, as tradições, as formas de comunicar-se, resolver problemas, fazer famílias, cozinhar e comer como eles, e tudo isso eu nunca consegui, nem sequer na minha própria terra. Viver culturas alheias e aprender a respeitá-las requeria enormes doses de tempo, paciência e introspecção, pelo que

entendi que era algo só para ricos, gentes de bem, que não sofriam por comer, beber ou dormir num colchão digno. As leis não estavam feitas para os pobres.

Na minha zona natal, quantos mais furos eram abertos, menos água estava disponível. E ainda colocavam torneiras, como se os tubos de copolene trouxessem o precioso líquido já incorporado, pronto para jorrar incansavelmente. Os mais velhos, contava-me a minha mãe, cresceram com o refrão de “temos o que temos, nem mais nem menos”. Antes de partir, desta vez tive tempo de tomar uma chávena de chá com a minha mãe, a matriarca italiana e a Rosalyn. A jovem zambiana confessou uma cena de quando conheceu a sua sogra. A mulher branca, italiana, que já nem se recordava do leite em pó nem das penúrias que os seus pais e avôs passaram nas guerras, admirou quando a jovem, sua nora, disse que gostava do tiramisú e das panquecas que a senhora tinha preparado com leite, ovos e farinha. A conversar sobre as receitas, os dizeres foram os seguintes:

– Para o tiramisú, que é muito difícil, nem quero que me enumere os passos a seguir. Só quero vê-lo pronto para consumir!

– Tá bem, filha. Para as panquecas usei leite, ovos e farinha, misturei e depois meti na panela, procurando manualmente fazer a forma circular o mais perfeita possível.

– Usou leite fresco? – inquiriu a Rosalyn.

– Do supermercado! – respondeu, espontaneamente, a sogra.

Com este problema sociolinguístico, sogra e nora começaram a se olhar de igual para igual, apesar das intermináveis diferenças. A menina de Chipata queria estabelecer a diferença entre o leite fresco, ou seja, líquido, e o leite em pó, tão

utilizado na sua terra. A mulher europeia, por sua vez, quis estabelecer a diferença entre o leite fresco, ou seja, líquido e recém-extraído do mamilo da vaca, e o leite também líquido, comprado no supermercado, empacotado num quadrilátero de um litro, de papelão, com seis faces e oito vértices. E ainda, em conversa sobre o dia-a-dia, e o acompanhamento das notícias, surgiu a seguinte troca de frases entre elas, segundo me contou a matriarca:

– Ainda vais a Chipata, filha? Deves andar cheia de saudades.

– Sim, vou duas vezes por ano, pois é longe, mas ainda é o mesmo país. Vamos lá juntos o seu filho e eu, e honramos o local onde nos conhecemos. Mas para mim ainda bem, nada a ver com o seu filho, o meu esposo, que só pode ir à sua querida Itália quando o Santo Papa se digna a recebê-lo.

– O Santo Papa? – estranhou a sogra.

– É uma forma de dizer que aprendi com o seu filho, mãe – explica a jovem Rosalyn –. Significa que nunca, ou quase nunca; só quando há um milagre.

– E tens televisão em casa, lá em Lusaka? – perguntou a sogra, querendo afunilar a conversa para um assunto mais ligeiro, com menos carga familiar, enquanto minha mãe e eu permanecíamos calados, sentados entre as duas mulheres, eu a aprender trivialidades da vida, minha mãe a desaprendê-las.

– Claro, mãe – explicou Rosalyn, compreensiva –. Todo o mundo têm televisão, hoje em dia é obrigação, tanto na cidade como nas zonas mais recônditas.

Eu não sabia se a jovem tinha ficado chateada com a sogra porque desprezou os pobres zambianos negros, colocando-os na categoria de alguéns que não têm nada, mesmo que fosse a esposa do seu filho, um quase zambiano branco. Se calhar,

hesitei eu para os meus adentros, a jovem também poderia ter ficado admirada que a velha lhe perguntasse aquilo, e de que não tivesse, ela própria, um aparelho tão comum para uma vasta parte da população mundial.

Com as novas tecnologias, agora pelo menos podíamos conversar por videochamada ou teclar instantaneamente. Assim, ousei perguntar, de forma directa, à Zambi, se conhecia uma cidade chamada Bandung e onde ficava. Ela respondeu-me que é aquela cidade onde houve a Conferência de 1955, entre os países não-alinhados, ou seja, os perdidos e afundados, alguns mais do que outros, mas todos os descartados pelas potências maiores.

– Meu Deus, sabes muito de muitas coisas! – exclamei.

– Quem te contou algo sobre a Conferência de Bandung? Aquele tio Ndjema, acredito – elucubrou ela, acertadíssimamente.

– Bom, claro, ele foi o meu mentor. Sabes que a Conferência de Bandung colocou no mapa do mundo os nossos países, além de muitos outros que ninguém conhecia, lá no mundo desenvolvido?

– Sim, sei. Apesar de que nós nem sequer éramos países, ainda, naquela altura. Fomos colocados no mapa do terceiro mundo, que não sei se é pior do que não estar em mapa nenhum.

Fizemos um intervalo na nossa conversa, como num jogo desportivo. Aproveitei para me esvaziar fisiologicamente, e voltar a ferver água para café. Não queria dormir, pois sabia que depois da segunda parte, viria a reflexão mais interior, que podia ser duríssima. Tracei uma estratégia para mudar o rumo da conversa, soltar um ataque surpresa que mudasse a direcção

do vento ao meu favor. Me recordei da despedida, se calhar o dia mais duro de toda a minha vida, mais do que qualquer descida aos subsolos. Mas o recurso de mudar de assunto e fugir da realidade, quando se fala com alguém, é barato de usar, mas caríssimo de encaixar, como um golo no último minuto do jogo final pela taça mundial. O nosso último contacto real, físico, cara-a-cara, foi no pátio central da Escola Secundária do Songo, local onde cantávamos um hino nacional que nunca aprendi, e do qual só fiquei com a ideia ambígua do que podia querer dizer “lavrando na certeza do amanhã”. Lembrei-me de Jérôme e Cristine nas lojas de fora da escola, e tio Ndjema a controlar todos os meus movimentos com a Zambi, até que pude encostá-la para a parte traseira de uma parede, onde improvisámos a despedida propriamente dita. Nem recordava se tinha havido beijo, abraço ou pranto. Só sabia que eu queria ter um momento a sós com ela e consegui. Saí do portão de escola pela última vez dos três anos que passei lá, e tio Ndjema apressou-me para que subisse ao primeiro chapa de uma longa viagem de sucessivos transportes públicos. Recordei olhar pela janela traseira, e ver que a Zambi voltava para a fila da cozinha, onde ela servia a refeição, com um lenço azul na cabeça, para proteger os seus delicados cabelos perfeitamente trançados. Retomámos a conversa.

– Coppa, desvergonhado, recordas quando me mandaste vir ao teu encontro numa lixeira? – me acusou.

– Bem, mas vieste igualmente, não é? – me defendi.

– Não me conspurca assim, você. Não sabia que te referias a uma lixeira mesmo. Pensei fosse um nome que se dá a um local público.

– Era no caminho da lixeira, não dentro nem ao lado dos vasilhames e embalagens empoeirados e destruídos. Considera isso, você.

– Considerá-lo como um lugar romântico, é isso que estás a me querer dizer? Para namorados se encontrar?

– Dois apaixonados se encontram um dentro do outro, tanto faz o local físico que os rodeia.

– Pensas que vou te esperar até envelhecer? – soltou ela, como condicionando o seu perdão a um certo comportamento que eu devia adoptar.

– Tu não ficas velha, só cresces – respondi-lhe, com um ar de absoluta sinceridade.

– Te espero de braços abertos, mas recorda que, se passa muito tempo, os braços cansam – rematou.

Naquela altura das nossas idades adultas, aquela conversa entre a Zambi e eu resultou-me terapéutica. Recordámos como nos conhecemos, como vivemos distanciados ao longo de toda uma vida. Eu lhe contei que fui garimpeiro toda a vida, primeiro na terra natal, depois, qual uma estrela do futebol, fui contratado por uma empresa maior, da África do Sul, a primeira divisão do garimpeirismo. Mas nenhuma mina de ouro ou diamante quimberlesco me abstraíu do meu cobre natal. Ela me contou que se dedicou à docência, teve posição estável, primeiro em Tete, depois se estabeleceu em Maputo, na UEM, mas não deixava de sentir falta da xikhowa do rio, por muita primeira divisão académica que houvesse na cidade de acolhimento. Me explicou que tivera viajado por todo o mundo, em missões de serviço: Londres, Lisboa, Tóquio, Rio de Janeiro, Singapura, Alice Springs, Stellenbosch. A Liga dos Campeões

das conferências científicas era um bairro para ela. Sempre teve a coragem de se recordar de mim, o seu homem. Mas eu, orgulhoso até os miolos, nunca quis ficar dependente dela, e não fiz tentativa de contactá-la até muito tarde, quando as flores já começavam a anunciar intenções murchatórias. Eu disse para ela que sempre que recebia algo como subsistência, não esquecia que para o nosso casamento, uma vez ela aposentada, pagaria eu tudo. Cerimónia, pastor, banquete, fotografias, vestidos, buquê com flores de verdade e de plástico, transporte e lobolo. Tudo.

Queria trazer para ela um pouco de mel da Zâmbia, produzido localmente, para que ela se recordasse de quão doce eu podia ser, e quanta doçura foi desperdiçada nos subsolos. Fui à procura do mel, loja após loja, mas só tinham marcas industriais, nada artesanal, de pior qualidade e mais caro do que o mel puro, infelizmente. Quantas coisas funcionavam assim, para as pobres pessoas da cidade: o mais caro era o menos bom, mas mesmo assim optavam por aquele, em vez de o mais barato e saudável. E não apenas com o mel, pois também as frutas, o pão, o grão de arroz, o sabonete, a roupa, os sapatos, as bolachas e o leite, entre outros muitos produtos. Inclusive a água engarrafada sofria dessa doença.

Eu tinha a ideia fixa de casar com ela cada dia, com os meios que forem disponíveis, porque não há momento ideal para quem espera. Só há momento perfeito quando se cria. A Zâmbia já sabia disso desde fazia muitíssimo tempo, mas eu, excellentíssimo ignorante, estava a aprendê-lo tão tarde, naqueles dias da minha adultice. Há quem diz que nunca é tarde para aprender coisas na vida, mas eu lhe recomendaria que voltasse para a sua própria infância e juventude, e voltasse a fazer tudo igual

como o fizera na sua vida. É por isso que precisava de tempo para descansar de dia, e assim estar fresco para sonhar durante a noite.

Não valia a pena esperar mais. Os anos passavam, mas era importante que o espírito lá estivesse, sempre. Se não marcávamos o nosso casamento para já, se podia dizer que, em minha vida, não teria feito nada, absolutamente, para além de transitar da infância para a velhice, do nascimento para a morte, do berço para a campa. Quando Zambi quiser, talvez amanhã ou no próximo ano; mas devia acontecer, tínhamos que casar, só que ficar juntos já seria um estágio ulterior, muito mais difícil. O mais fulcral era que, na minha vida, encontrei alguém cujo destino é incerto, como o meu. Esse alguém, entre todas as mulheres e todos os homens, era a Zambi. A encontrei fisicamente na Escola Secundária do Songo, um dia, tanto tempo atrás, mas a fui encontrando cada dia, um pouco mais, até hoje. Recordei-me de tio Ndjema, dizendo-me, muito tempo atrás, lá na fazenda de Lubumbashi, que quando fosse adulto iria saber o que é isso de código ético. No código ético do amor, como em tantas outras áreas da vida, o perdão é elemento indispensável. E ninguém melhor do que com a Zambi, para aplicar esta corroboração da evidência.

Para o casamento, devia comprar fato, cinco frangos, sumo de canhu doce e bebida fermentada, tipo sura. Também amendoim, mandioca, uma cabeça de vaca e várias caixas de cerveja. Mas, olhando bem, quem iríamos convidar, ao nosso casório? Tocar-se-ia música ao vivo, zambiana e moçambicana, e dançaríamos até o amanhecer seguinte, honraríamos a paz e harmonia que tivemos no namoro da casinha de tio Ndjema em Chipata, na altura em que éramos muito mais jovens. Mas não

fariamos planos de viver juntos, e cada um ficaria no seu canto. Do meu lado, eu não estava disposto a condenar a mulher que amo ao meu pedaço de subsolo. Duvidava que ela quisesse viver em Ndola, onde eu estaria no subsolo a maior parte do dia, e ela ficaria a construir uma casa, caso tivesse fundos para tal, do ponto de vista financeiro e sentimental.

Aquele emprego me trouxe delírios de grandeza, sonhos impossíveis, de jovem lançado que não conhece a medida de nada. Honestamente, só queria que o assunto do casamento passasse o mais rápido possível, apenas para saldar a dívida da promessa eterna, e poder voltar para a minha realidade, na sujeira e falta de ar do subsolo, onde eu encontrei toda a felicidade da minha vida. Mas para poder casar com a Zambi, devia encontrá-la. De facto, esses delírios de grandeza estavam quase a me fazer virar uma outra pessoa, alguém que se saía bem na vida, superior às suas possibilidades. Mas como eu já era um experto em descidas para o subsolo, nunca cheguei de cair no mundo das desgraças em forma de vícios ou adicções. Pensei que, por regra geral, quem tinha mais poder aquisitivo, também devia automaticamente comer mais. Se tinha hábito de comprar um frango por semana, com um novo emprego, devia olhar para metas maiores, dois, três, cinco ou dez frangos por semana, para o mesmo número de pessoas. E eu sempre andei sozinho, se bem é verdade que o Reginaldo Mungwambe veio comer várias vezes na minha casa, na África do Sul, mas nem de longe isso justificaria que eu tivesse entrado em dinâmicas arriscadamente pergiosas. E não entrei, porque a Zambi sempre me susteve, mentalmente, nalgum cantinho escondido da parte traseira do meu encéfalo. Sem fazer nenhuma formação, consegui entender, porém, que no mundo havia dois mundos, e não três,

como se proclamava algures. A matriarca italiana ainda me deu mais uma lição de vida, pois ela viu que eu também não estava interessado na receita do empalagoso tiramisú, nem sequer no tipo de leite que ela usara para as panquecas. Contou-me que, neste nosso continente dos esquecidos, as vias de saída eram múltiplas, mas que eu devia observá-las com cautela: as janelas eram para os que brincavam mal, as chaminés para os pobres de espírito, os búnqueres para os que não queriam viver, e que só os verdadeiros vencedores usavam a porta. Encorajou-me a procurar a minha porta, nem que fosse minúscula, antes do que qualquer alternativa rasteira.

No meu mundo, o dos pobres, a gente nasce com tudo, apesar de que eu, paupérrimo, nunca soube disso. Desde bem jovem, tive casa, terreno, sementes de cebola, alho e batata já lançadas. Mais tarde, vi que o emprego estava difícil, salário ainda, tanto fazia se era dia um, quinze, vinte e cinco ou trinta e um. Salário ainda, sempre. Até parecia que muitos dos meus conterrâneos do mundo da pobreza, do subsolo, nasciam com parceira e filhos, como congelados numa cambra secreta, e que só deviam ser expostos ao público enquanto o indivíduo quiser entrar no desafio de ser marido e pai. Por sua vez, no mundo dos ricos, os seus habitantes estudiosos e fazedores de outras muitas coisas, deviam lutar por isso tudo, a elevados custos, planos e acordos com o chefe, tudo enquanto continuavam a lutar por fazer uma casa aos poucos, comprar uma viatura em prestações, estudar de noite, comer mal, muitas correrias de documentação legal e pouco tempo para as intimidades. Também, muitas vezes, algumas pessoas ricas faziam leis, sem olhar para a justiça. Finalmente, os ultrarricos eram, normalmente, aqueles que nasceram na pobreza e logo, de repente, por um talento

descomunal ou golpe de fortuna, passaram, em um breve piscar de olhos, do nada ao tudo. Porém, nem eu nem *Zambi* fazíamos parte deste selecto grupo populacional.

18. Reforma do perdão

Depois das confissões e de fazermos as pazes, passados dez dias, Coppa e eu concordámos duas coisas: a primeira, que nos encontraríamos em território neutral, não em Tete, Mufilira nem Maputo. A segunda, que iríamos contrair matrimónio. Bastava chegar um dia, solicitar o agendamento, e se não houvesse muita bicha de amorosos, podíamos ser atendidos, oficialmente, na jornada a seguir. Outros detalhes ainda estavam por ver, analisar e decidir. Eu, já no ocaso da minha carreira docente, podia reformar quando eu quisesse, logo mesmo. Uma reforma provocada pelo perdão, não só pelos anos de serviço.

Apesar de que não era a palavra que eu mais necessitava ou queria ouvir, desculpas aceites. Pedir desculpas é das coisas mais bonitas desta vida. Então, por que somos tantas pessoas que, dia-a-dia, privamo-nos de tal bel prazer? O perdão, o acto de pedir desculpas, é uma arte que vale a pena praticar de vez em quando. Não todos os dias, para não sobrecarregar. Como o dinheiro, as desculpas é algo de que as pessoas não falamos frequentemente, mas que todos queremos ganhar, e por méritos próprios, na maior quantidade possível.

Naquela altura das nossas idades adultas, aquela conversa entre Coppa e eu resultou-me terapêutica. Recordámos como nos conhecemos, como vivemos distanciados ao longo de toda uma vida. Ele me contou que fora garimpeiro toda a vida, primeiro na terra natal, depois, qual uma estrela do futebol, foi contratado por uma empresa maior, da África do Sul, a primei-

ra divisão do garimpeirismo. Mas nenhuma mina de ouro ou diamante quimberlesco o abstraíu do seu cobre natal. Eu contei para ele que me dediquei à docência, tive posição estável, primeiro em Tete, depois me estabeleci em Maputo, na UEM, mas não deixava de sentir falta da xikhowa do rio, por muita primeira divisão académica que houvesse na cidade de acolhimento. Lhe expliquei que tinha viajado por todo o mundo, em missões de serviço: Londres, Lisboa, Tóquio, Rio de Janeiro, Singapura, Alice Springs, Stellenbosch. A Liga dos Campeões das conferências científicas, modéstia aparte, era um bairro para mim. Sempre tive a coragem de me recordar dele, o meu homem, como ele de mim. Mas ele, orgulhoso até os miolos, nunca quis ficar dependente de mim, com bom critério, achei. Seria por esse orgulho que não me pretendeu contactar até muito tarde, quando as flores já começavam a anunciar intenções murchatórias. Ele disse para mim, que sempre que recebia algo como subsistência, não esquecia que o nosso casamento, uma vez eu aposentada, pagaria ele tudo. Cerimónia, pastor, banquete, fotografias, vestidos, buquê de flores de verdade e de plástico, transporte e lobolo. Tudo.

O meu irmão, quando estava em Tete, usava a mesma motorizada de sempre, só que não era a mesma dos tempos da juventude. Explico: ao longo dos anos, tinha estado a trocar-lhe as peças exteriores e interiores, inclusive o motor, mas ele dizia que era a mesma. Notei que chegou cansado, mas ainda assim devia motivá-lo para que não descuidasse as suas obrigações como homem da casa. Conversei com ele sobre os erros da vida, que nós todos cometemos, em menor ou maior medida. Ele alegava que era melhor arrepender-se de algo imperfeito

que fizemos, do que de algo que só aconteceu, perfeitamente, na nossa mente. Primeiro o ataquei, porque as manas do bairro, na nossa cidade natal de Tete, ainda falavam dele como um frequente visitante do mercado Kwachena, muito mais de noite do que de dia. Mas depois entrei no papel de irmã caçula, que confia no seu mano mais velho, e apresentei-lhe as minhas dores do coração.

– Tudo bem por lá? – perguntei, enquanto ele entrava em casa e eu organizava a medicação da nossa mãe alzheimerica.

– Não fisguei ninguém, prometo – ironizou.

– Vamos à montanha amanhã? Dizem que este chuveirar de hoje vai parar – propus eu –. Assim poderemos ver a nossa cidade desde mais acima, onde tudo parece mais fácil e acessível.

– Folgo em saber – respondeu ele, em atitude de pouco interesse pela minha proposta –. E quem fica com a mãe?

– Levas a ela com a motorizada, só até onde o terreno está bom, e depois ficamos ali, curtimos o ar puro e voltamos.

Não o convenci. Eu fazia aquelas propostas de sair para passear, porque via no meu irmão a única presença masculina real, como um prego ardente ao qual me devia agarrar para que o meu coração não perdesse o ritmo do batimento e não virasse de uma mulher melindrada. Mas ele encarnava a figura do não estudioso, malandro e desorganizado, que quanto mais ignorante, menos poderoso, mas também mais seguro de si mesmo, com menos riscos e responsabilidades.

– Tiveste a decência de nunca mais pisar aquele bordel, mas os teus amigos kwacheneiros não te abandonaram, sei disso.

– Marandzas não quero mais – se defendeu, apesar de que eu sabia muito mais do que ele falava.

– Tiveste que quebrar o jejum tantas vezes, acidentalmete. Mas quem sou eu, mano, para julgar a tua actividade sexual?

– Prometo que tenho feito de tudo para que me deixassem de ligar no fim do mês, só para dizer que estavam sem crédito.

– Irmão, conheces aquela canção que diz “contamina-me, mas não com o fumo que asfixia o ar”? – desrumei a conversa para o meu lado.

– Não, não escuto essas caqueiradas. Essas são músicas de amor de lá, do Maputo?

– Nada disso, é que tive um colega espanhol, quando estudei em Paris, que entoava a toda hora aquele refrão, e agora me sinto personificada nele. Cada vez que Coppa me pede em casamento, já sei que não é real e é só fumo, poluição.

Definitivamente, e graças a aquele diálogo com o meu irmão, amigo de malandros, aprendi que casar não era só pelo coração, seria preciso que houvesse um certo poder financeiro. E Coppa só podia quando chegasse a reforma dele, se é que, sendo garimpeiro, conseguisse chegar à idade requerida. Também entendi que a culpa da nossa permanente vida separada não era dele. Culpa era só um termo religioso aplicável aos domingos, na igreja, mas não para complicar relacionamentos. Eu preferi, durante prolongadíssimos anos da minha vida, o tempo ao ouro, mas não fui capaz de que ele saísse do ouro para ganhar tempo. Todo aquele tempo deixado, durante a juventude, à procura de ouro nas minas, valia mais do que qualquer riqueza. Valia o preço de uma vida. Mas por que não ficou no cobre e na kapenta, em casa?

Ligou para mim, por fim. Nem demorei a desligar o telefone. De início, me desafiou com conhecimentos académicos, tipo se eu conhecia a Conferência de Bandung. Disse que sim, e

acrescentei informações que ele não tinha, mas gostei que me perguntasse por algo assim. Teria prolongado a minha aula a falar sobre outras grandes conferências mundiais, como as de Teerão e Berlim, mas não era esse o tema da nossa conversa, propriamente, depois de tanto tempo sem trocar palavras de viva voz, nem que fosse através do aparelho. Quando discutíamos sobre quantos filhos teríamos, quando e onde nasceriam, e como os educaríamos. Fizemos aborto antes de conceber. Por isso, somos criminais, arruinar vida de alguém, que ainda não existe: igual que as potências colonizadoras fizeram connosco. Nos mataram antes de nascer, para que não nascéssemos nunca, de vez, e só ficássemos ligados ao umbigo de um patriarca que não vê mais além desse mesmo seu umbigo, que nem sabe cortar o cordão umbilical, muito menos transar bem com outro colonos para fazer uma geração de filhos melhores do que nós. Retomámos a conversa.

– Coppa, desvergonhado, recordas quando me mandaste vir ao teu encontro numa lixeira? – o acusei.

– Bem, mas vieste igualmente, não é? – se defendeu.

– Não me conspurca assim, você. Não sabia que te referias a uma lixeira mesmo. Pensei fosse um nome que se dá a um local público.

– Era no caminho da lixeira, não dentro nem ao lado dos vasilhames e embalagens empoeirados e destruídos. Considera isso, você.

– Considerá-lo como um lugar romântico, é isso que estás a me querer dizer? Para namorados se encontrar?

– Dois apaixonados se encontram um dentro do outro, tanto faz o local físico que os rodeia.

– Pensas que vou te esperar até envelhecer? – soltei, como condicionando o meu perdão a um certo comportamento que ele devia adoptar.

– Tu não ficas velha, só cresces – respondeu-me, com um ar de absoluta sinceridade.

– Te espero de braços abertos, mas recorda que, se passa muito tempo, os braços cansam – rematei.

Só sentia pena de não esperá-lo em casa, ao fim de cada dia, com um prato cheio de carne, peixe e xima, quando ele chegasse cansado do trabalho na mina, onde as refeições deviam ser infernais.

Isso de esperar por Coppa sempre no mesmo lugar não estava a animar. Devia voltar para Maputo e obedecer o Doutor Cumbane: tentar conviver com alguém que não conhecia ou que só pensava que conhecia. Sabia muito de Coppa, mas não o conhecia, pela distância. Já me fiz toda a ideia dele só por como o conheci na Escola Secundária do Songo. Quando me encontrasse novamente com ele, poderia levar o choque da minha vida. Ainda bem que não conheceu o meu irmão, pois tinha a certeza que teriam formado uma dupla terrível, de um lado para o outro, a caçar meninas, compravender todo tipo de substâncias ilegais e fazer biscates aqui e acolá. Ainda bem que era da minha idade, estudou comigo e só foi embora para ser fazendeiro, no Congo-Kinshasa, e depois garimpeiro, sei lá onde, mas enquanto já tinha uma certa dose de escolarização dentro de si. Porém, eu me preparei para o choque, porque eu queria exactamente isso, um choque de proporções mastodônticas. Já estava cansada: eu podia reformar a qualquer momento da minha carreira docente, pois já tinha cumprido com o número

de anos estipulados para gozar do descanso laboral. Também, ensinar e aprender não são coisas que impliquem reforma, porque sempre me podiam perseguir. Igual como a extracção mineira não acabaria só porque um garimpeiro reformasse. Igual que o coração, que nunca reforma, porque no dia que deixa de bombar sangue, todo o mundo começa a falar daquele coração como se fosse o centro das atenções da vida dos ainda vivos. Precisava que Coppa me perdoasse, não por nada que eu quase fizera com o norueguês, isso nem contava. Me doía mais o facto de que eu nunca me preocupei por ele, se calhar todas as máquinas que eu usei, desde computadores até cabos eléctricos, seria ele e tantos mais como ele quem os produziam. Só queria repreendê-lo por uma coisa, quando o tivesse frente a frente. Meu querido Coppa andou a trabalhar tantos anos em minas, para financiar os conflitos inter e intrafricanos que acabavam por dificultar as nossas possibilidades de eliminar fronteiras e ficar juntos. Alimentava, por um salário seguramente irrisório, o negócio sujo de homens engravatados, que provocava a pobreza dos nossos povos subsaarianos, e que, como o peixe que se morde a sua própria cauda, jovens e homens maduros como ele andassem à procura de empregos miseráveis como aquele, para sobreviver. Não para viver.

Cheguei no Maputo, completei o período de exames finais que as minhas turmas enfrentavam, como tinha feito em qualquer dos outros anos anteriores. E finalmente, chegou o dia da minha reforma laboral. Com uma festa na UEM, reconhecia-se a minha dedicação nos anos de serviço. De facto, o reconhecimento a um professor não deveria ser tanto pelo tempo que exerceu a docência, mas pelo sacrifício que assumiu anterior-

mente, formando-se como educador, preparando-se para as aulas, lendo e sublinhando obras já sublinhadas, nas mesmas passagens, por outros leitores ou futuros professores. Na minha celebração, não estiveram presentes o Doutor Cumbane nem o Magnífico Reitor. Muito menos o ilustre Denja Cóbwe, o meu inspirador director da Escola de Formação de Professores em Chiúta. Quem apareceu, contra todas as minhas previsões, foi o professor Chrétien, vindo directamente de Paris, e que estava a passar férias em Moçambique, com a sua mulher e filha, de vinte e dois anos. Finalmente, o meu ex-professor de língua francesa encontrara o amor físico e carnal, fora dos poemas de Verlaine e Rimbaud. A saborear bolo de chocolate na companhia de Chrétien, recordei-me de dificuldade de fazer contactos que se perpetuava como cultura da Europa. Curioso, argumentava eu, porque lá é onde tudo estava tecnologicamente ultraconectado, enquanto que na África, por exemplo em Moçambique, os milhões de habitantes, sem muitos meios modernos, se comportavam como uma grande família, porque todo o mundo era amigo de alguém ou cunhado do amigo daquele, que trabalhou com o marido da tia do amigo, que mais tarde teria ficado a regentar um lanchonete, onde o pai de um colega da turma costumava tomar café, no caminho do serviço, e onde coincidia com um professor de escola, que era natural da mesma zona na qual o sobrinho do amigo viveu por um tempo, antes de se mudar para um outro bairro, no qual também tinha vários conhecidos de tempos remotos, semifamiliares. Com aquele panorama conglomerado, era como se todos os cidadãos tivéssemos direito a contactar os uns com os outros, sem importar a classe ou estatuto social. O professor Chrétien aprovou o meu raciocínio.

Sáimos da cerimónia, e eu não tinha pressa por voltar para casa. Chrétien e eu andámos pela cidade, a mulher e a filha dele tinham ficado na piscina do hotel. Mas será que não tinham hotéis com piscinas, na sua cidade de Paris, que vieram até Maputo? A passarmos pela avenida vinte e quatro de Julho, comentei que o supermercado maior daquela zona, uma companhia internacional oriunda da Alemanha, serviu para assegurar mantimentos aos estrangeiros durante a guerra civil. Bravo! Um país em guerra podia dar-se o luxo de assegurar que os estrangeiros continuassem a usufruir de carnes, peixes, ovos, farinha, legumes, frutas variadas e frescas, pão fresco recém-forneado, espécies, refrescos, vinhos e muito mais, enquanto os locais só podiam contemplar tudo isso de barriga vazia, desesperançados. Até, para os forasteiros, melhor que a guerra tivesse continuado sempre, porque pelo menos alguém comia. Em tempos de paz, muitos desses estrangeiros ir-se-iam embora para os seus países, ou para uma outra nação em guerra, para usufruir dos recursos e gastar-lhes os mantimentos. Chrétien, mesmo em férias, não podia deixar de ler, traduzir, corrigir e analisar morfologias da rua. Avistámos a rua da França, anexa à praça da OMM, com a placa de recordatório da visita presidencial, efectuada por Jacques Chirac em 1998. Depois, descemos até o portão do Centro Cultural Franco-Moçambicano, na praça da Independência, ao lado da Casa de Ferro, desenhada pelo seu conterrâneo Gustave Eiffel.

– O tradutor é traidor, sempre ineficaz mas indispensável. Uma vez escrevi isto num exame de história – comentou, de repente.

Eu não entendi se fazia referência a alguma escrita que ele viu na cidade, e que eu tinha ignorado durante os mais de vinte

anos que passei em Maputo. Como eu nunca fui amante da poesia e não engolia os versos de Verlaine e Rimbaud, menos ainda de Artaud, li alguns livros de história. Matava dois pássaros com um único disparo, porque aprendia a língua francesa e dominava alguns episódios pretéritos daquele povo oeste-europeu, ancestrados do professor Chrétien. Assim, eu soube, pelo menos, que o povo da França uma vez se revoltou contra a monarquia, aos gritos de liberdade, igualdade, fraternidade. Mas como é que eu iria traduzir correctamente *égalité* por “igualdade”, com raízes de palavra foneticamente tão distantes? Recordámos a minha primeira aula de Francês, em Paris, tantos anos atrás, em que escrevi “egalidade”, como se aquilo significasse alguma coisa na língua oficial do meu país. Mas ele, professor de língua experto, não me corrigiu logo, me deixou caminhar com o erro. Mas também era culpa, lamentava eu, dos fazedores dos livros, que só me deram a lição com a escrita original em Francês. Uma versão bilingue teria resolvido tudo. Na cerimónia da minha despedida na UEM, foi anunciado o nome do meu sucessor como professor titular de História da Arte, o professor Malauene, um conceituado académico e pesquisador. Porém, pelo facto de ser um homem que substituíra uma mulher, o meu amigo francês teve de fazer um comentário dentro dos seus moldes socioculturais europeus.

– Será preciso encontrar uma outra professora como tu, Zambi, para te substituir e manter a equidade de género. Não achas?

Não achei nada a favor nem em contra daquela proposta. Eu conhecia o conceito de equidade de género, mas só nos meus moldes socioculturais africanos. Fiquei pensativa, hesitando sobre o tal conceito que o professor Chrétien tinha configurado,

na sua mentalidade europeia e recheada de poetas com as suas flores do mal. Ele criticou as correntes sociais mais recentes, nas quais parecia que o assunto da equidade era importante só quando faltavam mulheres, não quando eram só mulheres a fazerem as coisas.

– Mas não viste que é um homem, o professor Malauene, quem ocupará o meu lugar? Ainda assim, ficam quatro mulheres no conselho de professores, num total de treze membros – acalmei-o.

– Sim, refiro-me à equidade. Eu entendo que não só o número de pessoas de um e outro sexo deve ser equilibrado. Preocupa-me que dessas quatro mulheres, nenhuma ocupa posição de liderança.

– Despreocupa-te, imediatamente. Homens ou mulheres, o que interessa é que há uma equipa bem profissional a tomar contas da Faculdade. A instituição não vai cair, na minha ausência.

– Vejo que aqui não chegou nada dos movimentos feministas, estou errado? – sentenciou ele, deixando entrever, em apenas uma frase, a mentalidade pós-colonial dos europeus, que consideravam África como um simples recipiente passivo de todas as acções originadas na avançadíssima Europa.

– As mulheres que ocupam cargos de liderança institucional, na maioria dos casos, também chegam em casa e cozinham para o marido, lavam roupa e preparam-lhes água quente de banho, enquanto eles só tomam cerveja. Onde está a equidade, aí? – soltei, e Chrétien ficou em silêncio, incapaz de argumentar o meu posicionamento, território desconhecido para ele.

Enquanto caminhávamos, o professor Chrétien também me contou a sua infância, em linhas gerais. Ao contrário de mim, ele não conhecera mãe, apenas pai, que tinha sido, primeiro, um adeleiro legal, no norte da França, e depois um traficante ilegal de migrantes que passavam por lá, chegados da Bélgica, Alemanha ou Espanha, depois de longuíssimas travessias desde Paquistão, Iraque, Síria ou dos países da África Central. O pai de Chrétien ajudava-os, por um preço desorbitado, a chegarem até o porto de Calais, e daí burlava a polícia francesa para que os desesperados migrantes molhassem os seus corpos nas frígidas correntes do canal da Mancha, e chegassem, com recurso a umas balsas precárias, à cidade de Dover, em solo britânico, terra prometida de riquezas, emprego e bem-estar permanente.

O meu ex-professor de língua francesa passou toda a sua infância na incerteza de confiar ou não naquele homem, seu pai, a quem só via uma ou duas vezes por semana, e o obrigava a partilhar quarto com alguns dos migrantes em trânsito, todos homens. Naquela tessitura, o jovem Chrétien aprendeu rudimentos das línguas Árabe, Swahili, Ioruba, Inglês, Turco e Alemão, ao tempo que ele ensinava o Francês com textos de Verlaine, Rimbaud, Artaud, Beaudelaire e Proust aos viajantes efêmeros. Foi essa a razão de Chrétien querer ser professor de línguas. Para ajudar às pessoas que se encontrassem indefesas em território desconhecido a eliminar as barreiras linguísticas que o mito da torre de Babel se empenhou em construir, sem a permissão das gerações posteriores. Também, como professor, Chrétien confessou-me que lhe seria mais fácil fugir daquele mundo de ilegalidades, herdado do pai, onde só havia terror, drama, fome, frio, desesperança e medo. Isso me chocou muito, porque eu, oriunda de um país pobre, me formei como

professora porque quis, ninguém me obrigou, tive acesso a um bem imaterial, acessível para escassíssimas pessoas: a vocação. A andar pelas ruas de Maputo, eu estava a escutar uma pessoa do mundo rico, a lamentar infortúnios e desgraças que eu só concebia como inerentes à África.

Sentámos numa pastelaria para tomar café. Com Chrétien tive ainda mais revelações históricas, que eu não conhecia, antes de passarmos para um diálogo mais académico, mas também desconcertante, tanto para ele como para mim. Da sua terra de origem, uma terra onde eu vivi por três anos, mas onde só aprendi a língua oficial, ele me disse, com desorgulho patriótico, perante a minha incredulidade, que o seu país popularizou um artefacto que cortava, limpamente, cabeças dos condenados à morte, com o objectivo de evitar o sofrimento prolongado do enforcamento ou do machado. O tal artefacto chamava-se guilhotina, em honor a um médico apelidado Guillotin, apesar de que os médicos têm como missão salvar as vidas das pessoas, independentemente da sua condição jurídica.

– A máquina foi popularizada no século XVIII, ou seja, 1700 e tal. Zambi, sabes quando é que foi abolida? – me perguntou, derrotado pela história, com os olhos semiencerrados.

– Acredito que logo, depois dos terrores máximos, voltaria a haver um regime de paz e estabilidade. E vocês franceses sempre têm sido um país rico, dos mais avançados – esforcei-me em responder.

– Rico sim, avançado já não sei. Mas diz-me lá uma data aproximada – insistiu.

– 1830? 1860? Finais do XIX? Começos do XX? Após a Primeira Guerra Mundial, em 1918, com a assinatura do panfleto

versalhesco? – lancei, como quem atira uma pedra no meio do oceano, pretendendo pescar uma muxama.

– Nada disso, Zambi. 1981, faz quatro dias – concluí o meu atormentado ex-professor.

Terminámos os cafés e ele pediu mais um, mas eu não o imitei. Chrétien queria que eu falasse de coisas minhas. Eu disse que ele poderia ter sido actor, porque representava as capacidades de enganar às pessoas segundo conveniência, como o protagonista de *La Vita è Bella*, quando traduz as macabras instruções de um oficial nazi transformando-as em música celestial, na língua das pessoas humanas. Sobre as minhas coisas, contei-lhe que, uma vez reformada, iria sentir saudades das quartas-feiras na UEM. Aquela jornada, talvez por ser no meio da semana laboral, era tida como o dia de Todos os Lanches. Comíamos frutas e bolachas às dez horas, com motivo do Conselho de Professores. Depois, às quinze horas, reunião semanal da direcção da Faculdade, com sumos, mais bolachas ou pão com salada. Tudo isso sem contar o almoço das doze, na base de sopa de feijão manteiga, com alguns grãos de arroz branco intercalados. Nos outros dias, era como se tivéssemos todos um outro estómago, outras necessidades fisiológicas e outros costumes e crenças. Voltámos ao assunto académico, onde os dois podíamos nadar na mesma água sem afundar.

– Nunca tiveste aqueles alunos que dizem desconhecer o tepecé a fazer, alegando que não estiveram na aula passada? – perguntei, como se eu ainda fosse uma jovem professora à procura de conselhos dos mais expertos.

– Maninguéssimas vezes, infelizmente – me respondeu.

– Onde aprendeste esse moçambicanismo tão puro? – perguntei eu, atordoada, não sabendo se estava a falar com um francês em Maputo, ou com um moçambicano em Paris.

– Faz dias que estou cá em Maputo, e não fico apenas a tomar café no hotel. Desde que aterrei, no mesmo aeroporto e como linguista que sou, me dediquei a observar com os ouvidos e a escutar com os olhos as vossas formas de comunicar.

– Brilhante, quem me dera ter a mesma capacidade na minha área. Chegar a um país novo e analisar as obras de arte, enquanto estou a viajar de táxi, falar com alguém ou tomar café.

– E, com tudo isto, qual era a pergunta, mesmo?

– Dizíamos sobre os estudantes que não fazem tepecé nem sabem nada das aulas anteriores, alegando ausência.

– No teu lugar, escolheria um evento histórico nacional. Responderia, por exemplo, que também não estive nos Acordos de Lusaka, nos dias seis e sete de Setembro de 1974, porque talvez aquele dia tinha ficado doente. Mas mesmo assim, era obrigação minha saber o que acontecera no tal evento.

– Acredito que poucos te discutiam o argumento – intuí, em voz alta.

– Nunca ninguém teve nada em contra. Não cheguei de usar este exemplo, moçambicano, mas sim muitos da cultura europeia. Eu não participei da assinatura do Tratado de Versalhes, nem de outros eventos, como a Revolução Francesa, a construção do muro de Berlim, as guerras napoleónicas, o desembarque de Normandia, o funeral de Estado pelo caudilho Franco, a unificação italiana, as revoluções dos cravos e do veludo, o massacre de Srebrenica ou o golpe de De Gaulle, que resultaria na Constituição da Quinta República.

– Mas apesar de não teres participado em nenhum desses acontecimentos, serias capaz de contar duas palavras de cada um.

– Um pouco mais de duas palavras também, modéstia aparte – sorrisou.

O professor Chrétien, por defeito de linguista, era também um interessado em geografia, nomes de países, designações históricas, mudanças de nomes e cores de bandeiras. Com a família, tinha passado uns dias num parque nacional da África do Sul, e agora curtia as praias calmas e as ruas emblemáticas da capital moçambicana, para depois voltar para a sua megacidade.

– Nunca entendi por que há bandeiras nacionais que incorporam escritas e outras não – manifestou.

– Estás a referir escritas como “Ordem e Progresso”, “*Plus Ultra*¹⁵” ou “Deus é Grande”?

– Exactamente. Não vejo o sentido em proclamar nada, só admirar a disposição das cores, e prontos, já deveríamos ter uma imagem da nação que é representada.

– Assim, gostas mais das que não apresentam escrita? – desafiei.

– Sim, definitivamente. Não imagino que, um dia, se um país perdesse uma guerra, os invasores obrigassem a trocar as escritas das suas bandeiras por “Desordem e Involução”, “*Non Plus Ultra*” ou “Deus é Pequeno”.

Argumentos respeitáveis que não ousei rebater. Chrétien olhou para o seu relógio. Viu que eram quase dezoito horas, enxugou as gotas de suor da sua frente e ultimou o seu segundo

15 Inscrição em Latim que significa “mais além”.

café. Apesar de que estávamos numa sombra, aquele dia era de típico calor maputense, só que ele confiava em não sei qual função autorreguladora do corpo humano, que é capaz de engolir bebidas quentes, em pleno dia de sol tórrido, e assim resistir melhor a temperatura. Tínhamos pouco tempo para conversar, pois ao pôr-do-sol, iminente, a mulher e a filha de Chrétien iriam ficar cansadas de brincar na piscina ou no serviço de spa do hotel, e gostariam de contar com a presença do homem da casa para jantar, dar um passeio, admirar a baía de Maputo ou conversar com o pessoal do hotel, que lhes explicaria, de bom grado, curiosidades da cultura local. De repente, eu já a me levantar da cadeira, ouvi que ele ainda me queria dizer qualquer coisa.

– E o teu namorado, ainda está como estava naqueles tempos? – atacou, frontalmente, o meu ex-professor, onde mais me podia doer.

Esperava qualquer coisa, na conversa com Chrétien, mas não que se interessasse pelo meu querido Coppa. Antes de abrir a boca, lembrei de momentos com ele, e da raiva que ganhava às saudades, por não estar com ele. Quando Coppa era dito, na mina, para orientar certos trabalhos entre os seus colegas, ele considerava, qual um intelectual brilhante e renomado, que não sabia orientar. Como alternativa, ele dizia que era capaz de ocidentar, como eu. Afinal, éramos almas gêmeas, um para o outro. Mesmo quando eu tinha ido, por questões laborais, à China, Japão, Índia, Madagascar, Jordânia ou Quênia, dormi em hotéis de estilo europeu, funcionais, limpos, com alguma marca de cultura local na decoração e no menú, já está. Mesma coisa com a palavra desnortear. Por que não podíamos perder o sul, em vez de só o norte? Estive dessulada muitas vezes

na vida, especialmente em Paris, porque me faltava o calor do meu hemisfério, e se não tivesse conhecido o professor Chrétien, nem sei se teria conseguido encontrar o caminho certo.

– Naqueles tempos? Acredito que agora ele esteja bem – de-fugi de dar mais detalhes, surpreendida, ao mesmo tempo que não neguei, como uma adolescente em transe, que Coppia continuava sendo o meu homem.

O professor Chrétien riu-se da minha resposta improvisada, exactamente igual como o director Denja Cóbwe se rira de mim no discurso de recepção da escola da ADPP em Chiúta, tantas décadas atrás. De facto, Chrétien não queria saber nada concreto de Coppia, só queria comprovar que uma mulher, mesmo com anos pesados de idade, sempre seria coquete. E como a minha pele é negra, não ruborizei, mas fiquei, igualmente, sem jeito. Ele ia-se embora no dia seguinte do dia depois, e dei por descontado que ele queria passar as duas últimas jornadas na pérola do Índico ao lado das suas duas pérolas familiares. Ele ligou para um taxista, que apareceu imediatamente, enquanto eu me preparava para uma breve caminhada até a minha casa. O francês ainda teve tempo de dar-me um derradeiro conselho.

– É duro despedir alguém que teve desavenças com a chefia, e no dia da despedida descobrir que era uma pessoa tão brilhante.

A partir daquele momento, entendi um novo conceito de fazer fila, quer na espera por um serviço bancário, quer para a conquista do coração de alguém. Após uma longa bicha, quando fosse o meu momento de ser atendida, mesmo que aparecesse o chefe com chatices de chefe, e interrompesse o funcionário, cansado, que te diria “volte só amanhã, hoje a máquina está inoperativa”, esse seria o momento de ficar, imperterritamente.

Se eu não era atendida, seria eu que atenderia o funcionário do balcão, ou o coração que batia por mim, do outro lado, pondo em cena a frase *Don't call me, I will call you*.

19. Adeus às flores

A vida do pobre não costuma ter reviravoltas milagrosas, e a da minha mãe não foi uma exceção. Fazia muito tempo que andava murcha. Aliás, não andava, era Rosalyn que a fazia andar, distâncias curtíssimas, da casa de banho para a cama e daí para o cadeirão da varanda. Até que não aguentou mais, por causas naturais. O carpinteiro de Mufulira fabricou um caixão simples, à medida exacta do corpo dela e dos ordenados médios que eu recebera, durante toda uma vida no subsolo. Se a Zambi tivesse estado no funeral da sua desconhecida sogra, com certeza teria trazido flores do quintal da sua casa, regadas pela sua mãe, ou por ela mesma, com água do mítico e lendário rio Zambeze. Porém, não tive coragem de ligar para ela e contar-lhe algo assim. Mais uma vez, receei que ela ouvisse a minha voz a chorar, igual como tantíssimos anos atrás, no internato da Escola Secundária do Songo. Nos tempos tecnologicamente superficiais que me tocou viver, e que felizmente minha mãe evitou, aplicava-se o ditado de que, quando se abre uma flor, a mesma flor se esquece do seu próprio cheiro de flor.

A morte de um familiar sempre provoca os gestos mais humanos dos que ficam no suprasolo. O meu velho ex-amigo Cristine, o mais novo dos sobrinhos de tio Ndjema, apresentou-se em Mufulira, pois a notícia do falecimento da minha mãe circulou, qual uma pasta de viagem, nos chapas transfronteiriços da zona, através das bocas e das orelhas dos seus viajantes, a maioria fazendeiros bembófonos que faziam trabalhos sazonais em um e outro lado. Me resultou estranha a ausência

do seu irmão mais velho, Jérôme, e pensei que aquele tivesse mandado apenas o mais novo em representação dos dois. Ainda assim, ousei perguntar.

– Como está o Jérôme? Não veio contigo?

Cristine ficou cabisbaixo e em silêncio, o que me fez pensar no pior desfecho. Mas eu, ainda tão ignorante em assuntos básicos, apesar de ter completado a sexta década da minha existência, não concebi uma possibilidade ainda pior do que a morte. Cristine respirou fundo e começou a relatar.

– Jérôme já não é quem tu conheceste, virou uma outra pessoa. Chega em casa ababalazado cada noite, se é que consegue chegar, porque tem dias que fica maldeitado nas barracas ou em paragens de transportes.

O mais velho dos sobrinhos do falecido tio Ndjema, desde que ganhou o prémio máximo do totobola, só fazia que falar de dinheiro e de política, para além de gastar sem medida em produtos passivos para o bolso, activíssimos para o corpo. Perdeu a timidez e a vergonha que sempre o caracterizaram, e também a ética. Mandava imagens via telefone, a toda hora e para todo o mundo, dos restaurantes onde comia, hotéis onde dormia, meretrizes que contratava, uma para cada tipo de prazer. Cristine disse-me que ficava ensalivado só com ver as fotos, mas não invejoso, porque sabia que um dia aquele desenfreado do irmão ia acabar, seguramente com um choque grande, mais contundente do que a própria ascensão.

O novo estilo de vida de Jérôme caracterizou-se pelo aqui e agora, os prazeres momentâneos e sem cozinhar nada a fogo lento. Foi ao Zimbabwe, assistiu um show de Tuku, conheceu uma bela zimbabweana e foram juntos passar uma coisa assim como uma lua-de-mel. Não parava de mandar fotos ao irmão

mas novo, Cristine, que mas fazia ver. Esse foi o principal tema de conversa entre nós, ex-companheiros de quarto no internato do Songo. Também, para além de mandar fotos, o irmão mais velho também meteu capital num dos partidos políticos da República Democrática do Congo, que não era nada, mas que, graças à inversão do fazendeiro afortunado, subiu como a espuma nas eleições autárquicas tidas no fim do ano anterior. Num piscar de olhos, Jérôme passou de lançar sementes, cavar a terra, regar, alimentar gado e procurar lenha, a ser membro dirigente de um órgão nacional, com visões panafricanas. Advogava que qualquer sistema político, seja capitalismo, comunismo, socialismo, feudalismo, fascismo, ditaduras disfarçadas de democracia ou ditaduras sem disfarce nenhum, sem dinheiro não podiam sobreviver. Assim, ganhou-se o coração das massas, tanto de classes pobres como de algumas elites. Não chegou a se candidatar para nenhum comício, porque havia outros membros directivos com mais anos de militância, e esses eram os principais escolhidos para a primeira fila no dia das votações. Apesar de tudo, e do seu comportamento exibicionista, pouco exemplar para com o seu irmão fazendeiro, Jérôme tinha razão na questão do dinheiro. Com ele, o mundo é um cúmulo de sorrisos e lágrimas, de pessoas ao redor dos que têm o poder. Sem ele, a pessoa não existe. Enquanto o irmão mais velho só se dava aos luxos de viver bem e falar em público, o mais novo, ressentido, só fazia que preocupar-se pelo seu único familiar, já que ele próprio não tinha uma vida apaixonante, com emoções dignas de serem partilhadas e mostradas ao público, nem sequer nas redes sociais mais vulgares. Contudo, o mais curioso e inacreditável é que Jérôme fez de tudo, e conseguiu, para mobilizar as massas. Eu, em contrapartida, passei toda a

vida sem saber como fazer para me mobilizar a mim próprio e à Zambi, para ficarmos juntos um ao lado do outro. O dinheiro era a chave, afinal, para fazer as coisas, mas eu tinha dedicado tempo demais na minha vida a procurar minerais que enchessem os bolsos dos meus chefes.

Cristine pediu-me para ficar e passar a noite na minha casa. Rosalyn também, recém-desempregada. Acedi em que os dois ficassem, pois não tinha motivo nenhum de mandar embora pessoal, naquele momento em que acabava de me despedir da minha mãe. Infelizmente, nenhuma das minhas três irmãs veio, sabe-se lá por que causas. Eu sabia que a Zambi tinha um irmão, mais velho, que andava de motorizada na cidade de Tete. Mas nunca o conheci, e sempre pensei que teríamos sido bons amigos. Na vida aprendi que todas as meninas que se comportavam bem na escola tinham um irmão mais velho que fazia malandricas, e portanto, o irmão da Zambi não poderia ser uma exceção. Teríamos ido juntos às barracas, a dar voltas pelo mercado e nas esquinas das meninas, e a minha amada Zambi teria descoberto, logo, que eu era um homem vulgar, chorão, preguiçoso, despreocupado e inepto para os estudos. Mas eu nunca conheci o tal irmão, e nunca fiz nada para merecer a fama de malandro, nem de maluco. A Zambi era um daqueles casos de uma menina entre cem mil, que não gostassem, nalgum período da sua vida, de moços malandros, expertos, arriscados, malvestidos, trapaceiros e fortes. Passou uma vida inteira só a gostar de mim, sempre e sem exceção. Mas não veio ao funeral da minha mãe.

Se cumpriu o velho ditado bélico que diz que, em tempos de guerra, os pais enterram os filhos, e que em tempos de paz, são os filhos que inhumam os progenitores. Recordei-me de que,

na minha infância mais terna, o pastor da nossa igreja batia palmas incansavelmente por vários minutos, algo que na cultura europeia teria sido liquidado em apenas dez ou vinte segundos. Com tanta energia que ele inseria no acto, transmitia uma magia especial que quase justificava toda a comida que recebia nas casas dos crentes, depois da missa, em domingos alternados. O mesmo pastor, inexistente durante toda a parte subsoloar da minha vida, voltou a se fazer presente, já idoso, para officiar a missa do funeral. Éramos só eu, a Rosalyn, a matriarca italiana e o Cristine, na primeira bancada da humilde casa de caniço que servia de igreja multiconfessional. Qualquer um podia passar por lá: pentecostal, testemunha de Jehová, católico, luterano, zione, calvinista ou de qualquer outro nome. Nas bancadas traseiras, gentes locais, desconhecidos meus, mas próximos da minha mãe em algum momento da vida dela.

Depois da cerimónia formal, veio a parte tradicional, que na minha terra era feita a um nível equivalente ao de uma festa. Bebida alcoólica era o que havia demais. Parecia como se a profissão daquelas pessoas todas, que se congregaram na esplanada das barracas da aldeia, fossem bebedores profissionais, a receberem um salário por isso, em horas contadas de duro trabalho, não só de consumir mas também de analisar os tipos de garrafas, as marcas, as diferentes percentagens etílicas e ingredientes. Para além da bebedeira conjunta dos aldeões, em honor à minha defunta mãe, começaram a aparecer pratos com moelas, pernas de frango, racheles, rodela de polony, porco e peixes vermelho e pedra, com porções de xima. Seguidamente, para os que não tinham um estômago tão adaptado, tirava-se pão, mandioca e batata doce com azeite, manteiga e salada. Depois, as frutas, as melhores da temporada, tais como papaia,

manga, ananás, maçã e banana. E por último, os lanches: amendoim torrado, biscoitos água e sal, bolachas achocolatadas e abaunilhadas, sorvetes e sumos. Antes de ninguém ficar pedradamente empolgado, porém, o dono do estabelecimento, senhor Felicity, aproximou-me, sendo que eu era o organizador do evento, arquitecto da convocatória. Não o financiador, pois cada um pagava a sua própria conta. O senhor Felicity fez uma advertência muito clara e simples, sobre o nosso comportamento. Cristine e Rosalyn ouviram tudo, nitidamente. Fomos comunicados para não ser oportunistas, não sair a correr se aparecesse algum agente da lei e ordem, a querer saber o que fazíamos ali, tantas pessoas juntas, a comer e beber como se não houvesse amanhã, na presença de crianças, no seio de uma comunidade trabalhadora, que no dia seguinte devia acordar bem cedo para lavrar a terra e garantir o seu sustento.

Pedi ao Cristine que fosse comunicar a mensagem do dono da barraca aos outros grupinhos que se iam formando, cada um de cinco ou seis pessoas, sentadas ao redor de uma caixa de garrafas de cerveja e alguns comeretes. Na figura da Rosalyn visualizei, por uns instantes, a minha amada Zambi, a me fazer companhia naquele momento difícil para mim. Imaginei-a tão real e vívida, que até alcancei a pôr minha mão em cima do seu pulso, que estava acelerado. Calada, aquela jovem e esplendorosa mulher transmitia muito mais do que todos os outros improvisados contertulianos, alguns dos quais já andavam desmedidamente grossos, esquecidos do motivo da reunião, que era o recordatório da minha mãe, a mulher que mais rosas tivera regado em toda a história da vila, se é que havia registos de tal actividade. Recordei-me que a Rosalyn era uma mulher casada, precisamente com um filho da minha patroa, e retirei a minha

mão do pulso dela, apesar de que em nenhum momento ela fizesse gesto de aceitação ou repulsa pela minha aproximação. A imagem da Zambi se desvaneceu ipsofactamente da minha vista, mas ainda assim imaginei que gostaria de conhecer o marido da Rosalyn, em Lusaka ou em Chipata, duas localidades que eu conhecera em momentos e situações bem diferentes da minha vida passada.

Cristine voltou do recado, e veio com ímpeto de dar-me aula de história, aproveitando o acompanhamento sentimental. Sentámos para jantar ele, Rosalyn e eu, mas só ele que falava. Entre copo e copo de cerveja, e com certa razão, assegurava que na história tem havido uma obsessão em separar países com o mesmo nome, como no caso da sua terra natal, onde sempre devia haver um Democrático e um outro sem nenhuma designação especial: República do Congo e República Democrática do Congo; Coreia do Norte, que na verdade é República Popular Democrática da Coreia, e a República da Coreia, que o mundo chama de Coreia do Sul; República da China, maiormente conhecido por Taiwan, irmão pequeno da República Popular da China; nos tempos, até os europeus também tinham disso: República Democrática Alemanha e República Federal Alemanha. Mas qual é a necessidade de dizer, no próprio nome, que o país é democrático? Seria como se as pessoas se chamassem Fulano Educado, Livre, Honesto, Inteligente, algo assim. Em vez de prolongar um nome para ficar cerimonioso, que tal simplificar isso e praticar os valores democráticos, educados, livres, honestos e inteligentes, de forma efectiva? Sempre pensei nisto, quando ia ao mercado. Observava os produtos, e todos apresentavam embalagens cheias de escritas, com letras grandes e coloridas, a predicar tantíssimos benefícios automáticos

para o nosso organismo. Às vezes dava-me a impressão que o comprador podia chegar a se sentir mais numa biblioteca, em vez de numa loja de produtos básicos. Mas de facto, não eram todos os produtos que faziam este tipo de proclamas triunfalistas, que escamoteavam a realidade. Constituíam excepção as frutas e as verduras, que ficavam caladas, não mostrando nenhum reclamo, nada ultravitamínico nem maravilhas ultrasónicas para melhorar o funcionamento dos rins, dos músculos ou da garganta.

Desta vez fui eu a ligar. Acreditando que ela já estivesse à espera da minha chamada, não procurei surpreendê-la. Só cumprir com o meu dever, que também seria uma surpresa, tendo em conta o meu nível de flagrantes e imperdoáveis incumprimentos, ao longo de tantos anos. Não lhe falei nada da minha mãe, por medo da situação e do próprio telefone, um aparelho simples demais para comunicar o falecimento de alguém. Já que nunca tivera conhecido a minha mãe, não a quis incomodar com a morte de uma sogra inexistente. Um dia, no futuro, poderíamos visitar a campa dela e eu lhe contaria tudo sobre as rosas que ela arrumava, preparava e regava, quando ainda era jovem e tinha forças, tanto para viver como para sonhar.

– Sou eu. Confias em mim? – soltei, de repente, como forma de estudar a capacidade de reacção dela.

– Eu também sou eu. E confio em ti, como confiei sempre. Diz-me lá onde é que estás e vou ao teu encontro – ofereceu ela, bondadosa.

– Não venhas – interrompi –. Eu vou para Maputo e daí partimos juntos para Xai-Xai. Espera uns pocus dias só. Daí va-

mos para Chongoene, território neutral, e fazemos a cerimónia íntima. Já estaremos reformados.

– Por tradição, eu não posso viajar contigo. Tu tens de chegar antes. Chongoene me parece bem, já passei de lá alguma vez. Lugar íntimo e recolhido. Aprovado! – aprovou ela.

– Aceito! – aceitei eu, apesar da ilusão que tinha depositado em viajar com ela, pela segunda vez na vida, contando com a aventura em Chipata, dos tempos da escola secundária, sob protecção de tio Ndjema.

Eu queria que falássemos da lua-de-mel, que seria ali mesmo, depois da cerimónia oficial, numa das praias da zona, e também numa casa que alugaríamos na vila, talvez um quarto casal, suíte nupcial, de uma pousada bem aconchegada.

– Vamos dormir juntos – assertei.

– Vamos fazer amor? – perguntou ela.

– Nem precisa, isso seria malgastar tempo. Dormir com alguém é o maior acto de amor que existe.

Na conversa, ela disse-me que também aprendera uma certa mistura de três línguas, como eu. No caso dela, três línguas do sul de Moçambique, quando estive no Maputo. A vida oficial era em Português, mas o resto, aquele sentimento indefinido e difuso, era tudo em língua local, e ela devia fazer o esforço de se adaptar, porque na sua profissão docente era importante cuidar a imagem, tanto a nível físico como intelectual.

Combinámos que seria uma cerimónia simples, em território neutral. Não ficou claro se a proposta foi minha ou da Zambi, mas se escolheu o local de Chongoene, em Gaza, terra de laranjas e tangerinas. Para além de adoçar a vida, também seria o lugar onde eu poderia descolonizar a mente. Depois de tantas descidas e subidas nas minas, só a morte da mãe me ajudou a

encontrar o foco, motivar-me para seguir fazendo caminho ao andar.

Nos dias prévios à viagem, senti uma mistura de medo e desafeição. Primeiramente, a decisão mais difícil: viajar para onde? Onde fica esse tal Chongoene, que eu sugeri e aceitei a cegas, como local do reencontro? E depois, as dúvidas existenciais. Seria mesmo que era real, tudo aquilo? O que é que devia preparar, física e mentalmente? Começou a chover, fazendo-me sentir ainda mais amaldiçoado, depois de toda uma vida no subsolo, protegido das inclemências meteorológicas, aparecia o pranto do céu sobre mim e o meu plano de viagem, na consumação do reencontro com a minha amada Zambi. Por su vez, as flores e demais plantas faziam festa dupla. Por um lado, a se rirem de mim, empapado até os ossos, e do lado contrário, a celebrar a bênção pela chegada do nutriente. Minha mãe, desde o cemitério, passou a ter os mesmos direitos e obrigações que a varanda de casa: receber flores. Os mortos, igual que as plantas e os animais, não assinam acordos com ninguém, e portanto não podem ser apontados em caso de alguma falha. Decifrar o código do coração da Zambi era a minha tarefa principal, e só iria saber se ela me queria de verdade quando eu estivesse lá, cara-a-cara com ela. A viagem era indispensável, e eu sentia que tinha a chave para abrir a porta, mas não era capaz de encontrar a porta e executar o movimento que convertesse a fechadura em abertura.

Partilhei com o mundo o último excerto, minúsculo, das energias que eu ainda tinha, para planificar a minha rota de viagem. Faria sozinho a parte que já conhecia, e que renunciarei a seguir no dia que abandonei o meu amigo subsoloeiro, o Reginaldo Mungwambe, que seguiu feliz para os adentros do

seu país, enquanto eu ficava no meu. Desta vez, ultrapassada a província de Tete, o Saara moçambicano, seguiria para sul, à procura da entrosagem de caminhos que me levassem à Zambí, o meu único destino possível. Olhando bem, seria quase a mesma rota que eu já tinha feito, na companhia do Reginaldo Mungwambe, alguns anos atrás, mas que não completei. Desta vez, devia comportar-me melhor, porque para melhorar, devia sair do retrogradismo, mas sem esquecer as razões que me levaram a cair nele.

Ignorante fui toda a vida, mas o essencial sempre soube: que devia melhorar a minha gestão do tempo. Sentado na varanda de casa, pela primeira vez na ausência da mãe, fiquei toda a tarde a contemplar a minha vila natal, onde não havia viva alma a manifestar nenhuma emoção, só silêncio. Todas as alegrias permitidas àqueles aldeões, tinham-se esgotado na celebração da sepultura pela minha mãe. Até que não houvesse mais um morto, não haveria, exceptuando a clandestinidade, direito a bebidas e comidas em abundância. Era o momento culminante do adeus às flores que a minha mãe, e mais ninguém, soube regar pacientemente durante toda a vida. De repente, uma voz retumbante invadiu os meus tímpanos. Era a Zambí, que na minha imaginação, gritava que estava aí mesmo, que fosse ter com ela, que eu era o único homem da sua vida e que ela sempre se manteve fiel, até o ponto de nem fazer filhos. Soou muito real, mas como os meus olhos não viam nada que condizesse com aquela voz, tive de ficar no pensamento. Em breve, eu me subjugaria ao reverberante sorriso da Zambí, autoconvencido de que podia passar a comer pão seco e desamanteigado, todos os dias, o importante seria a alimentação dos raios vitamínicos que ela me insuflaria. Se já me emocionava assim, apenas pelo

pensamento, como seria na realidade, no momento do nosso reencontro assíncrono?

Os convidados que teríamos deviam chegar pontualmente, pois ninguém casa às escondidas. Em todo caso, eu deveria ser o primeiro em me fazer presente debaixo de um cajueiro milenário, onde uma senhora de batina preta viria ter comigo, com uma caneta e um livrinho cheio de carimbos e papéis pentagramados. Eu aguentaria toda a cena parado, começando pela aparição dos convidados, ainda bem que não seriam muitos. Escolhi vestir de fato laranja-guantameiro, escuro e ligeiramente avermelhado, em honor à minha trajectória laboral, ao meu nome e ao da minha província natal, Copperbelt. Os diamantes e outras jóias, se bem também eram da minha família subsoloar, considere-os sempre puramente femininos, e deixei-os para a Zambi, enquanto que o cobre sempre foi o metal mais masculino de todos, o condutor de energia através de cabos eléctricos, a autoestrada dos tubos de água quente e gás. Gravata verde, para contrastar com o brilho do fato. Não imaginei a roupa da Zambi, porque só me lembrava dela com avental de cozinha, lenço que cobria metade do seu cabelo e às vezes de capulana. Se calhar, podia vir assim mesmo, não me teria importado por nada. Sem tio Ndjema nem minha mãe, quem apareceria lá em Chongoene, do meu lado, seria só o Reginaldo Mungwambe, meu amigo moçambicano, matolense, companheiro de subsolos internacionais. Sozinho, porque a situação conjugal dele não teria melhorado desde os tempos em que semivivíamos juntos. Nem a matriarca italiana, nem a Rosalyn, Jérôme, Cristine, Jameson, taxista tswana que vivia na Jon, as minhas irmãs de Mufulira ou a professora de Português que me ridicularizou a mais não poder numa aula na escola se-

cundária do Songo. Sinceramente, por mim bastava que viesse a Zambi. O resto do mundo podia cair, e eu levaria a minha esposa para o subsolo, sem remorsos, onde seríamos felizes e comeríamos perdizes. Seria melhor assim, que o mundo caísse.

Na noite antes de viajar, sonhei que a Zambi colocava as suas mamas em forma de bolas de rãguebi na minha cara, eu a gozar de prazer e a sofrer de falta de oxigénio, em simultâneo. Febrilmente, não dormi. Eu estava a delirar.

Inevitavelmente, quando cruzei a fronteira de Cassacatisa, veio à minha mente a imagem do Reginaldo Mungwambe, a gritar para mim, enquanto o oficial da migração lhe devolvia o passaporte, mas eu, agora, estava do outro lado donde tivera ficado naquela ocasião. Do lado certo. Me senti extremamente bem-vindo, como se aquela extensão de mata verde, atravessada por uma triste e solitária estrada degradada, fosse casa. De facto, no distrito de Mufulira também tínhamos muita mata e poucos quilómetros de vias alcatroadas. Fosse o que fosse que devia acontecer comigo a partir daquele momento, sabia que estava a fazer o movimento correcto. Esperei pacientemente pelo carro que fazia a rota para a cidade de Tete. Não tinha nenhum que fosse para o Songo, mas também não tinha nada por fazer lá. Eu já não podia mais ser uma pessoa que diz uma coisa e faz a contrária. Aquela viagem significava o início e o fim de tudo. Os desejos podem tornar-se reais ou não, em função das condições, mas os planos, para merecerem esse nome, nunca podiam dar errados, pois ninguém faz planos para falhar. Numa guerra, o general não irá planificar bombardeios contra os seus próprios soldados, assim como, no alto mar, o capitão nunca poderá executar uma manobra propositada para afundar

o barco. Durante a longa viagem de chapa, eu tracei o plano perfeito: voar pela estrada, dormir na cidade de Tete, mergulhar nas místicas águas do Zambeze e continuar até o tal lugar chamado Chongoene, onde iria esperar pela Zambi. Na minha tradição, como em tantas outras, a mulher sempre devia ser esperada, desimportando se fosse para casar, comer, brincar, trabalhar, cozinhar, viajar, cobrar, pagar, ir ao mercado, escutar o jornal da rádio ou atender uma cerimónia fúnebre.

Mas nada disso aconteceu como planejado, porque um certo acidente, desincluído de qualquer programa de viagem, aconteceu: pneu furado. Se tio Ndjema estivesse comigo, a fazer comigo aquela mesma rota que já fizemos juntos uma vez, diria que, nos tempos de Mobutu, pneus nunca furavam. Nas ditaduras do século XX podia-se passar fome, morrer de disenteria, malária, sida ou cólera, receber visitas surpresa de famintos militares em casa, estupros redobrados, cadeia e julgamentos repressivos sem passar pelo tribunal, além de muitas mais injustiças e incomodidades vitais. Mas pneus dos chapas, esses nunca furavam. Tive de pernoitar junto com os outros dez viajantes e o motorista-cobrador, dentro do carro, janelas fechadas hermeticamente, sentados todos. Era a opção mais inteligente, ou menos arriscada, porque apesar do calor infernal e a desvantagem do vento em soprar, o exército de mosquitos não teria permitido que nenhuma das doze pessoas saíssemos frescos, porque teriam feito um banquete colossal à custa das nossas peles.

Ficámos travados na altura da vila de Manje, e na conversa com os outros viajantes que, como eu, não conseguiam colar as pálpebras, eu sentia vergonha de dizer que me dirigia ao meu casamento. Andar de chapas podres, que arrebatavam pneus

e obrigavam a expor a saúde, para um kota como eu, não seria condigno de explicar. Mau exemplo.

No terminical dos transportes do centro da cidade de Tete, ao lado do campo de jogo, devia subir carro para Maputo, porque não existia nenhum que fosse só para Chongoene, nem Xai-Xai, a capital provincial. Só podia ser até a capital do país, pagar a tarifa única da viagem completa e descer onde fosse mais conveniente. Para mim, ainda não doeu muito, porque tinha dinheiro da matriarca italiana, mas para os passageiros que desciam em Govuro, logo depois de atravessar o rio Save, imaginei que seria muito mais oneroso o facto de pagar uma viagem que só fariam pela metade.

Uma senhora, uns dez anos mais nova que eu, sentou-se ao meu lado depois de passarmos a ponte do rio Save, linha separadora entre as zonas centro e sul do país. Ela era de Mandlakazi, apelidava-se Mondlane, e ia para casa, depois de cinco meses de serviço humanitário em Sofala, no troço entre Beira e Nhamatanda, onde houvera um terramoto de proporções descomunais, deixando centenas de mortos, milhares de feridos e muitíssimos meninos órfãos sem casa, escola ou igreja onde se refugiar pelos destroços ocasionados. A mulher disse que iria escrever uma crónica daquela vivência, com uma mistura de elementos científicos e de ficção. Não ousei perguntar se a ideia de uma escola ser refúgio, tanto para crianças como para adultos, estava contemplada dentro da parte académica ou da imaginação literária. Mas com certeza, pensei, sem necessidade de falar nada em voz alta, que não havia necessidade de um terramoto para reabilitar infraestruturas escolares. A senhora amenizou a viagem ainda mais, quando passou a falar, eu a escutar, da história da província de Gaza, donde ela era natural e

onde eu me dirigia para cumprir com a maior façanha da minha vida. Primeiro achei que exagerava, só queria impressionar um estrangeiro, porque proclamava que aquela vasta província era o berço de vários imperadores e três presidentes, dos quais, um do movimento libertador, e dois do país independente. Não acreditei, pois seria muita coincidência. Mas ela insistiu, e me falou de um seu familiar, apelidado Mondlane, que não aguentou a mais bruta jogada dos poderosos e morreu sem ver o país independente, mas já com passos gigantes para tal. Nas lutas de libertação africanas, o facto de se levantar contra o colono já era um passo muito firme para a vitória. Se o opressor não respondia imediatamente e com muita fúria, já era um outro passo enorme, quase metade do terreno psicológico já teria sido ganho. Assim é como Eduardo Mondlane deixou o tabuleiro, segundo a opinião da senhora Mondlane, minha companheira de viagem, que fez uma pausa para prender fôlego e chupar metade de uma laranja, eu a outra metade. Passados uns minutos, tanto ela como eu deitámos as polpas da laranja pela janela, numa zona de mato inerme, e quando me predispunha a dar uma soneca, ela desembeinou mais munição. É que o tal Mondlane tinha sido tocado pelo poder do imperador Soshangane, avô de Ngungunhane, resistentes impertérritos dos portugueses no território de Coolela, também na mesma província.

– Assim, a história deste país se resume toda nesta província, porra! – exclamei, a meio caminho entre a pergunta, a estupefacção, a curiosidade e a franca admiração.

Antes que ela me respondesse, recordei que, quando cruzei a fronteira de Cassacatisa pela primeira vez com tio Ndjema, Jérôme e Cristine, em direcção ao internato do Songo, cruzei-me com um grupo de portugueses que trabalhavam na

planta hidroeléctrica da Cahora-Bassa, e diziam que toda a história de Moçambique se resumia naquela província, porque lá tinha o mítico e lendário rio Zambeze, muitas das populares zonas libertadas durante a guerra, o peixe xikhowa e a maior companhia subministradora de energia eléctrica para a região subsaariana. Recordei-me, pelo que contava o chefe daquele grupo de trabalhadores, que antes existiu o nome aportuguesado de Cabora, e depois, com o original, a barragem só passou às mãos dos moçambicanos no ano de 2013. Um pouco tarde, se se considera 1975 como ano real da independência. Porém, entendi que os nomes aportuguesados eram muitos mais, e não só de uma província em particular. A minha companheira de viagem rebuscou na sua cabeça, e achou os exemplos locais de Kampfumo, pela imposição de Maputo; Kalimani, por Quelimane; Mandlate e Mondlane, por Manjate e Monjane, respectivamente; Murakweni, por Marracuene; Mbowani, por Boane. Agradei pela aula de sociolinguística, e pensei em exemplos da minha cultura, mas tive que mergulhar no mar da ignorância, por milionésima ocasião na minha vida. Depois de um breve silêncio, ela retomou o fio do que eu tinha exclamado previamente.

– Nem tanto, mas aqui temos o que temos, como todo o mundo: nem mais, nem menos – retorquiu a mulher, que prestou atenção ao meu sotaque de estrangeiro, quase apátrida –. Mas olha, o senhor fala bem português, é donde?

– Sou zambiano, só que passei três anos da minha juventude em Tete, no Songo – expliquei à senhora, que me parabenizou por ter mantido os básicos da gramática do Português, após tantos anos sem apenas praticar com ninguém.

– E vai para onde? Maputo? – perguntou a mulher.

– Nada, não – esforcei-me em esclarecer –. Fico num lugar que chamam Chongoene, nunca estive lá, mas a minha futura esposa me indicou para descer na paragem, procurar um espaço para dormir e me encontrar com ela amanhã.

– Também aqui, em Gaza, nasceram Samora Machel e Joaquim Chissano, primeiro e segundo Chefes do Estado. Esta é uma terra de águas, e também de galinhas.

Na minha reflexão, perguntei-me se alguma terra existia para ser só casa de galinhas. Devia haver de tudo, meninos pobres nascidos em zonas ricas do mundo, e meninos dotadíssimo de talento, mas que, por nascerem no fim do mundo, ficavam escondidos e obliterados. Julguei que talvez o mundo poderia distribuir os continentes em zonas de habitação para cada tipo de galinha. As poedeiras viviriam todas na Ásia, porque lá é onde se produz tudo, o motor fabricante do planeta; as de tipo cafreal, nas Américas; as do mato, na África, sem discussão; as sintéticas, meio de plástico e engordadas com compósitos de ar químico, na Europa; e na Austrália poderiam ficar só com os marsupiais, e todo o mundo feliz, em equilíbrio.

De facto, o equilíbrio podia ser encontrado de muitas formas. Também a partir da produção de verduras, localmente, para beneficiar a comunidade. Sem adubos químicos, tudo natural. Para mim, a única salvação do equilíbrio se resumia numa única palavra: Zambí. Cheguei a Chongoene e segui as instruções que a minha amada me tinha dado. Encontrei uma pousada simples, sem luxos, de acordo com os meus orçamentos da vida. Comi frango assado com batata frita e salada, e provei uns sorvos da cerveja local. Nada especial, mas boa, sendo que eu não tinha elementos de comparação.

Se os meus cálculos não falhavam, a Zambi estaria a sair de Maputo no exacto momento em que eu estivesse a pagar as contas daquela refeição. Entrei no meu quarto da pousada e abri a minha mala. Comecei a ter dúvidas de tudo: do fato, da gravata, dos sapatos pretos, inclusive da roupa interior. Sentia-me como um adolescente que ia a uma competição desportiva importante e devia demonstrar que servia para aquilo, com tal que os seus pais não fossem tão duros com a disciplina escolar e lhe permitissem jogar mais, explorar o seu talento. Do lado de fora, soava a música *Ni lhaisse*, do artista local Xidiminguana, também nascido na província de Gaza, que admirei em silêncio. Pensei que podia servir, perfeitamente, para receber a noiva, no dia seguinte, no momento que ela entrasse na zona de jurisdição da sombra arbórea onde se celebraria a cerimónia.

20. Território neutral

O senhor Alzheimer cumpriu escrupulosamente o dia e hora marcado para vir levar a minha mãe, para que deixasse de ser um semivegetal. Fazia muitíssimo tempo que andava murcha. Aliás, não andava, era o meu irmão que a fazia andar, distâncias curtíssimas, da casa de banho para a cama e daí para o cadeirão da varanda. Até que não aguentou mais. O carpinteiro do bairro do Chingodzi fabricou um caixão muito bonito, à medida exacta do corpo dela, e digno de uma cuidadora de plantas profissional, das melhores do mundo, especialmente na irrigação. Se Coppa tivesse estado no funeral da sua desconhecida sogra, com certeza teria trazido rosas do quintal da sua casa, regadas pela sua mãe, ou por ele mesmo, com a escassa água das deficientes fontenárias da sua zona natal. Porém, não tive coragem de ligar para ele e contar-lhe algo assim. Receei ouvir a voz dele a choramingar, igual como tantíssimos anos atrás, no internato da Escola Secundária do Songo.

A morte de um familiar sempre provoca os gestos mais humanos dos que ficam no suprasolo. O meu velho ex-director de departamento, o Doutor Cumbane, não veio ao funeral, e pensei que, talvez, ele já estivesse do outro lado, a preparar uma recepção de honra para a minha mãe. Quem esteve presente nas exéquias foi o meu único irmão e um séquito de cidadãos, incluindo o edil da cidade de Tete, o único homem da terra que já vira um cadáver voltar à vida, segundo contos populares dos povos do vale do Zambeze. Um moço, de menos de dezoito anos de idade, estudante de música, durante o velório tocou

uma melopeia muito emocionante, de deixar cair lágrima. Se cumpriu o velho ditado bélico que diz que, em tempos de guerra, os pais enterram os filhos, e que em tempos de paz, são os filhos que inhumam os progenitores.

Quando a minha mãe discutia assuntos políticos com tio Ndjema, uma coisa entendi. Para além de partidos, constituições, formas de governo ou ideologias, a política não me pagaria nenhum salário nem me serviria nenhum prato de comida. Só a ciência poderia alimentar o meu progresso humano, para que depois, os políticos desempregados ou afugentados dos sectores produtivos da sociedade, tergiversassem a realidade científica para o seu interesse de dominação das massas. Se não existissem políticos, as descobertas científicas mobilizariam as massas, em vez das diatribes inúteis das figuras escolhidas, às vezes pelo povo, pelas balas de cobre em outras ocasiões.

O fim da minha mãe, nonagenária, era apenas o início do meu próprio fim, por lei de vida. A morte de um familiar foi o melhor recordatório de que existia uma coisa chamada futuro, e que não valia a pena procurar sempre o tempo perdido, apesar de que o meu ex-professor de língua francesa, Chrétien, admirador fervente de Proust, não concordasse plenamente. Lia Proust, mas nunca escutou Manolo García. Acanhava-me a ideia de ter que deixar este mundo, um dia. Como se a morte tivesse direito a se personificar, na fase prévia ao casamento, notei que o Cemitério Municipal do Mpadue, ao pé do estuário do Zambeze, me recordava que ainda tinha espaços vacantes. No passeio que fiz, dentro do recinto, com motivo da primeira semana da minha mãe, me recordei de algumas pessoas que me fui cruzando ao longo dos tempos, questionando-me se ainda estariam vivos ou já no subsolo. O cooperante norueguês,

palestrante renomado e conquistador, teria recuperado a sua felicidade de gelo, na terra natal? O professor Chrétien era da minha idade, portanto não entrevi nenhum motivo de figurá-lo no bairro dos inumados. O Doutor Cumbane, com quase total certeza, e muito ao meu pesar, já deveria estar a descansar à sombra dos coqueiros de Inhambane, com um pouco de tapioca cozida dentro do caixão, para que falasse humanamente, aos seus novos amigos, do maravilhoso lugar donde ele era natural, na época de vivo. O espanhol que conheci no doutoramento em Paris seguramente estaria com as suas distrações típicas: jantar tarde, montar presépios em Setembro para estarem prontos em Dezembro, matar touros com bandarilhas, assistir futebol e dormir sextas após o almoço. Aterrava-me imaginar a todos eles, e também ao director Denja Cóbwe, ao meu irmão e a mim mesma, um dia, a criarmos malvas no inframundo.

Eu sempre aprendi, precisamente com o director Denja Cóbwe, que Moçambique ficou conhecido na história como “terra de boa gente”. Pelos livros de História, sabia que a chegada dos primeiros portugueses aconteceu nas praias de Inhambane, onde foi-lhes tão irrisoriamente fácil espoliar e dominar. Desta feita, concluí que ser boa gente não saía em conta. Mais valeria sermos maus e que não nos tivessem invadido. Assim, seria fácil ir para qualquer terra estrangeira, chegar em casa de uma família, roubar tudo quanto existisse, tanto as possessões materiais como as identitárias, e depois renomear aquela família como a mais boa, pacífica e gentil do mundo. Só que o director Denja Cóbwe insistia muito em que procurássemos mais além dos livros oficiais. Depois das capas de superficialidade, seguindo o conselho do director, encontraria que, quando os navegantes chefiados por Vasco da Gama foram

um pouco mais para sul e passaram Mandlakzi, já mudaram de opinião em relação às boas gentes, meus antepassados. Isso me ajudou a eliminar qualquer sinal de ceticismo em mim, já que estava prestes a casar um estrangeiro, o meu querido Coppa. Também aprendi a considerar que os povos não éramos ricos ou pobres em função do que tínhamos ou éramos roubados materialmente, mas pelo que fazíamos com o que tínhamos e não nos roubavam. Havia tantas coisas que os colonizadores nunca levaram, que me resultava inconcebível que ainda Moçambique fosse pobre. Onde ficavam as receitas tradicionais, as crenças religiosas puramente africanas, os jogos e desportos locais? Podíamos fazer uma campanha para incluir ntxuva¹⁶ no programa oficial dos Jogos Olímpicos. Seria imaginável que o Comité Olímpico Internacional rejeitasse tal proposta, se o espírito olímpico que os seus integrantes tanto proclamam, se caracteriza por incluir todos os povos num só, que promove os valores da paz e da harmonia entre as diferentes raças, etnias e grupos culturais? Como professora de Artes, também fiz, sem muito sucesso, campanha entre as minhas turmas para que passássemos a obrigar os nossos desportistas a dançar uma Makwayela¹⁷ cada vez que fossem competir fora das nossas fronteiras. Semelhante àquilo que fazem os raguebistas neozelandeses com as suas Hakas.

Teria adorado que Coppa conhecesse o director Denja Cóbwe. Se tivesse aguentado mais dois anos no internato do Songo, poderia ter optado a uma bolsa para estrangeiros, para ser formado como professor, não porque fosse muito bom

16 Jogo de mesa tradicional, considerado o xadrez africano.

17 Dança tradicional da zona sul de Moçambique.

nas aulas, mas porque as bolsas de estudos normalmente iam para quem estivesse disponível, no lugar e momento oportuno, como quem recebe uma bomba de guerra, não por culpado ou genocida, mas por ser alvo à conveniência de quem dispara. Com o director Denja Cóbwe a abençoar a mim e Coppa, sempre cumprindo as regras do internato, eu teria investigado profundamente se na Zâmbia também existia alguma designação benévola que os colonos lhes deram, como o nosso “terra de boa gente”, apenas para justificar a rapina e abusos para com os nativos. Com o director Denja Cóbwe, bastava cumprir com o trabalho marcado e acenar com a cabeça repetidamente nas aulas dele, para se ganhar uma fracção do seu coração de governante académico e político ao mesmo tempo. Coppa teria sido a pessoa perfeita para se converter no menino predilecto do director, o formando estrela. Só que, na altura em que eu estava no centro de formação de professores, em Chiúta, a realidade era parcialmente outra, para Coppa, porque ele estava a se tornar uma estrela do garimpeirismo e não das metodologias da didáctica da História.

Desta vez foi ele a ligar. Imaginei de tudo, como se a minha vida voltasse a se aprontar para dar uma volta de cento e oitenta graus, esquecendo o ponto de partida e de chegada, se é que tinha algum. Só de escutar a voz de Coppa, eu me fazia a ideia de que estava a trocar de residência, iria viver numa outra casa e isso requeria, na minha mente, tirar tudo e voltar a inserir no novo espaço, parte por parte, exactamente como estava no local de origem. Ainda bem que não me dediquei à política, porque, se por mim fosse, governaria a golpe de decreto, permitindo que um pedaço de terra, com a sua casa

e machamba, se mudasse de país. E se aquilo fosse possível, fisicamente? Extirpar um pedaço da nação e insertá-lo numa nova terra, além fronteiras? Com certeza, teria-me assegurado muitos conflitos internacionais com os países que eu permitisse ser invadidos, mas só tensões locais, não uma guerra mundial, porque isso só pode ser criado por países ricos e influentes, de pessoas brancas, nunca por negros. O telefone tocou.

– Sou eu. Confias em mim? – soltou, de repente, como forma de estudar a minha capacidade de reacção.

– Eu também sou eu. E confio em ti, como confiei sempre. Diz-me lá onde é que estás e vou ao teu encontro – ofereci, com toda a minha bondade.

– Não venhas – interrompeu –. Eu vou para Maputo e daí partimos juntos para Xai-Xai. Espera uns poucos dias só. Daí vamos para Chongoene, território neutral, e fazemos a cerimónia íntima. Já estaremos reformados.

– Por tradição, eu não posso viajar contigo. Tu tens de chegar antes. Chongoene me parece bem, já passei de lá alguma vez. Lugar íntimo e recolhido. Aprovado! – aprovei.

– Aceito! – aceitou ele, apesar da ilusão que tinha depositado em viajar comigo, pela segunda vez na vida, contando com a aventura em Chipata, dos tempos da escola secundária, sob protecção de tio Ndjema.

Ele queria que falássemos da lua-de-mel, que seria ali mesmo, depois da cerimónia oficial, numa das praias da zona, e também numa casa que alugaríamos na vila, talvez um quarto casal, suíte nupcial, de uma pousada bem aconchegada.

– Vamos dormir juntos – assertou.

– Vamos fazer amor? – perguntei.

– Nem precisa, isso seria malgastar tempo. Dormir com alguém é o maior acto de amor que existe – sentenciou o meu futuro marido.

Concordámos que seria uma cerimónia simples, em território neutral. Não ficou claro se a proposta foi minha ou de Coppa, mas se escolheu o local de Chongoene, em Gaza, terra de laranjas e tangerinas. Para além de adoçar a vida, também seria o lugar onde eu poderia descolonizar a mente. Depois de tantas entradas e saídas das salas de aulas e reuniões de professorado, só a morte da mãe me ajudou a encontrar o foco, motivar-me para seguir fazendo caminho ao andar. Já reformei, assim encarava os primeiros dias da minha vida nova. Estava pronta para casar. Estava à espera de Coppa, iríamos para Chongoene, território neutral, a meio caminho dele e de mim, e longe das nossas terras de origem.

De toda a informação que consegui juntar sobre ele, nas conversas que tivemos na distância, fiquei ciente que Coppa sempre fora incapaz de falar linguas bantu, apesar de ser africano. Como me envergonharia, um irmão zambiano que não dominava nenhum idioma, só se defendia em Inglês e Português, para além de balbuciar Francês. Devia ter tido aulas com o professor Chrétien, pelo menos conhecê-lo e trocar impressões. Curiosos como eram, aqueles dois homens, cada um à sua maneira, o europeu teria analisado cada palavra de Coppa em Francês, e detectar a variante dialectal congoleza com sotaque lubumbashiano.

Eu também aprendi uma mistura de três línguas, do sul de Moçambique, quando estive no Maputo. A vida era em Português, mas o resto, aquele sentimento indefinido e difuso, era tudo na língua local Ronga, e devia fazer o esforço de me adap-

tar, porque na minha profissão docente é importante cuidar a imagem, tanto a nível físico como intelectual. Para além dos momentos académicos internacionais, com viagens ou recepções de oradores de diversas geografias, que normalmente decorriam em Inglês.

Como trabalhou nas minas toda a vida, não queria que fálássemos disso quando nos reencontrássemos, pois só iria ficar atribulado. Por muito que se possa gostar de uma profissão, quando se descansa é para descansar. Sempre terei a dúvida de com quantas mulheres estive, ocasionalmente, porque para um homem que andou tanto, como ele, seria relativamente fácil ocultar filhos espalhados e irreconhecidos. Como tantos homens desalmados, receei que Coppa tivesse tratado as mulheres como bancos, onde se fazia uma bicha para depósitos em numerário, uma outra para o atendimento geral, e ainda a terceira para o caixa automático. Mas quando viesse ter comigo, eu não admitiria nenhuma das três variantes, nem que fossem rápidas, eficientes e efectivas. Comigo seria ao contrário, devia directamente dirigir-se para o escritório da gerência, localizado no meu coração, e a partir daí procurar o balanço mensal ou anual, e assim, ali mesmo, começar a liquidar toda a dívida sentimental que teria contraído com a minha pessoa física e jurídica. Sem taxas de juro, eu só queria que equilibrássemos toda a nossa história e não apenas jurar, debaixo de um cajueiro, que tomaríamos contas um do outro pelo resto dos nossos dias neste mundo.

De ter estado comigo o Doutor Cumbane, eu ter-lhe-ia contado todos os meus planos, que iria me reencontrar com Coppa em Chongoene, território neutral. O meu ex-professor ter-me-

-ia contado que Gaza, a sua província vizinha, em tempos de Samora era o celeiro do país, em termos de cultivos, que até o vizinho Zimbabwe, depois da cruenta guerra de Ian Smith, comprava o nosso arroz. Ao longo dos tempos, sempre tem havido países que importavam comida para poder alimentar o seu povo e assim desenvolver todos juntos com o objectivo de deixar de comprar produtos de fora. Em contrapartida, também tem havido casos de importação forçosa, comprar só pela dependência, sem nenhum plano de abandonar aquela prática viciosa.

Coppa contou-me, rápida e sub-repticiamente, que iria demorar mais alguns dias, uma semana. Por ser um iletrado que nunca passou da décima classe, controlava bem as regras de dominação psicológica. Me deu um discurso com papo supérfluo, dizendo que estava com muitas saudades, que me queria cuidar, organizar o casório, fazermos uma viagem juntos e sei lá quantas mais ficticidades, para depois apanhar-me cansada e soltar que tinha tido uma negociação com uma senhora italiana muito idosa, e que precisava ficar por três dias, ainda na Zâmbia, a resolver um assunto pós-laboral, e depois viajar de transportes públicos até a minha localização. De facto, ele tinha mais distância por percorrer, e eu não seria quem fizesse sangue de um imprevisto, após uma vida inteira de previsões constantemente frustradas. Contudo, se já tínhamos esperado por mais de cinco décadas para nos reencontrar, o que importava mais seis ou sete dias? Faltava uma semana para o assunto acontecer, e libertar todo o lastro, levantar todos os fundos dos nossos corações e esbanjá-los depredadoramente. O que é que podia fazer, eu, por aquele tempo? Ocupei o meu tempo com muita reflexão, um pouco de arte, pintura, música e pensamen-

tos filosóficos. Em alguns momentos do meu percurso docente, travei debates com excelsos professores de filosofia, que não se diziam professores a si mesmos, nem docentes, porque só autorizavam ser chamados de filósofos. Alegavam que um filósofo é uma pessoa que pensa e escreve, não apenas pensador, como outros círculos apontavam, erradamente. Queriam reivindicar o papel do filósofo como produtor, transmissor e director de percursos de aprendizagem. Não suportavam que os apresentassem, nos simpósios universitários, como “Fulano de tal, filósofo, pensador e professor”, porque o termo filósofo já englobava toda a noção de quem pensa e de quem professa, mas não necessariamente profetiza. Com todas aquelas intervenções, eu a saborear a minha reforma sem muita paixão, decidi que queria escrever um livro sobre gemas e pedras preciosas, e não o faria a partir de artigos científicos ou manuais de geologia, mas unicamente com recurso a todas as minhas memórias da vida. O livro, porém, nunca saiu. Material para escrever tinha, e escrevi, sobre pedras preciosas e semipreciosas, com os quais se faziam bons colares, tema que eu conheci. Mas sentia que, se publicasse aquele compêndio, estaria a usurpar indecentemente a biografia do meu querido Coppá, ele que passara toda a vida nos subsolos a extrair minerais e outras gemas. Só podia propor, ao meu futuro esposo, que escrevêssemos e publicássemos o livro conjuntamente. Ele daria o fundo de conteúdos, eu contribuiria com as formas e a própria redacção. Cada qual com a sua mania.

Adorei a ideia de fazer planos para depois, mesmo que fosse algo em conjunto com uma pessoa que era praticamente um desconhecido, e sem saber quantos anos nos restariam de vida. Me sentia rejuvenescida e refortalecida, capaz de saltar

os obstáculos sem necessidade de tocá-los, e como se fosse uma escritora que nem precisa de dicionário para transformar os pensamentos da cabeça em sintagmas do papel. Mas afinal, alguém que escreve sem usar dicionário, pode ser tido como escritor? Nem me importei em procurar resposta, pois, já reformada, a academia não me perseguia mais. Seria eu, quando quisesse, a procurar a academia, por prazer ou por necessidade. Do meu ponto de vista de professora reformada, entendi que não havia idade numérica, tudo era flutuante e inexacto, tanto para o futuro longínquo como também para o porvir de cinco minutos à vista.

Acompanhava nos jornais, na secção de notícias de âmbito internacional, que os casos de dívidas ocultas não deixavam de aflorar, aqui perto, de lá e acolá. Nunca antes reflecti, tão profundamente, sobre o facto de que as coisas que aconteciam longe podiam vir a ter uma réplica na nossa própria casa, mas naquele momento me preocupei, porque se nós éramos o único país onde não se produziam tais casos, inevitavelmente todos os potenciais corruptos do mundo iriam encontrar refúgio no nosso cantinho e estragar a nossa imagem. Não se pode ser bom, neste mundo. Ao escutar o rádio, enquanto eu tomava café na varanda de casa e recordava os tempos com o norueguês, sentia vontade de levantar a mão e perguntar à locutora radiofónica, qual fosse minha professora, ou a feminização do director Denja Cóbwe, como era possível que se julgasse um crime só dez anos depois de ter sido cometido, presuntivamente. Bastava pagar uma caução mínima, dentro de todo o bolo roubado, e a vida continuava, sem mais. Enquanto isso acontecia, outros diziam que a luta continuava. Mas qual luta? Por que não falaram nunca antes, estes revoltosos, insurgentes de

hoje? E só agora, quando o ditador do tal país, muito distante de Moçambique, já estava nas últimas?

Me preparei para viajar, arrumei uma pasta pequena e calculei a rota, com as suas paragens biológicas, visualizei o estado das estradas, pelo que recordava das outras vezes que tinha andado por aquela via. Apanhei os objectos mais necessários e comecei a comprimi-los para que entrassem nos cantos da pasta, equilibrando o peso. Liguei o rádio, com a esperança de ouvir algumas músicas inspiradoras, que fossem de acordo ao meu estado de incerteza emocional, pois passavam muitos anos que eu não fazia algo pela primeira vez. Me tornei experta em muitas artes e técnicas, especialmente na academia, ao longo dos anos, tanto na teoria como na prática. Pinteí água-fortes de notável qualidade, desenhei logotipos de muitas empresas e decorei espaços culturais, que precisavam de um toque de vida. Mas viajar para o meu casamento, e mais num local semi-desconhecido, um território neutral, como quem joga a final de um torneio internacional, era novo para mim. Porém, não tocavam nenhuma música interessante no rádio. Tinham interrompido a emissão para actualizar os ouvintes. O jornal de notícias, nos seus destaques, anunciava que a portagem de entrada na cidade de Xai-Xai, por onde devia passar na minha digressão até Chongoene, aumentava de preço exactamente no dia seguinte, como feito de propósito para que eu fosse a honrosa primeira vítima daquele novo espólio popular. Como se não bastasse, a segunda notícia em destaque também afectava a minha viagem, pois dizia que se registara um aumento dos troços estradais com covas grandes, não aptos para carros pequenos. Tentei o meu irmão, como forma de sacar alguma

informação que me ajudasse a acalmar-me e poder assegurar a viagem, pelo menos de ida.

– Já conduziste carro por estradas com covas grandes, mano?
– consultei, como se não tivesse um interesse concreto, apenas casual.

– Muitíssimas vezes, mana – fez intenção de continuar a falar, para dar mais detalhes, mas finalmente calou.

– Obrigado, é que estou a ouvir que o nosso país só sabe andar para atrás, em termos de rodovias.

– É o método mais rupestre e efectivo de evitar acidentes, por estranho que pareça. Nas estradas mais bem asfaltadas é onde os motoristas se emocionam, competem, muitos bebem e alguns perdem a vida, miseravelmente, provocando orfandades e viuvezes.

A pobreza dos países africanos era a melhor escola para contactar com a vida real. Os países mais desenvolvidos podiam tomar nota deste método que o meu irmão acabava de me revelar. Os conceitos de beleza e justiça tornaram-se relativos, maleáveis e difusos, especialmente ao fim da minha carreira como docente de arte. Numa das turmas que tive na UEM, a estudarem mestrado, havia uma mulher jovem, de beleza extremamente inexplicável com palavras, loira de cabelos, de pele branca e nascida na Namíbia, de uma família neerlandaemã. Ela estava a fazer um estágio em Moçambique, incluindo umas pesquisas no Reino de Eswatini acerca do conceito de beleza. Surpreendeu-me por várias razões: a primeira, que suscitava debates muito profundos entre os seus colegas, e também organizava mesas redondas com outras faculdades. Não o fazia por exigências de guião do seu estágio, mas simplesmente por paixão, que é a forma como se deveriam fazer todas as coisas

da vida. A segunda razão era que sempre se esforçava em dizer “nós, as mulheres africanas” quando discursava. A audiência levava tempo a encaixar que uma mulher fininha, branca e que falava uma língua com sotaques ocidentalizados pudesse ser equiparada às mamas de capulana do Xipamanine, representantes antonomásticas da verdadeira África. Mas finalmente, passadas duas ou três repetições do lema “nós, mulheres africanas”, o público entrava em sintonia. Achei maravilhoso. Num dos debates perante a minha turma, mais de cinquenta pessoas, a estagiária namibiana pediu ao público, a maioria jovens negras e negros, que levantasse a mão quem se identificasse como aborígene ou indígena. Alguma mão se alçou, mas sem o acompanhamento da explanação, pois a maior parte dos jovens só ouviram aquelas designações raciais como algo a evitar. Seguidamente, a lideressa do debate desafiou todos os homens a que olhassem para a mulher mais próxima, e apelou que cada moça prestasse atenção no moço que estivesse mais perto dos seus alcances visuais. Uma vez concluída a parte contemplativa, que nem levou uns trinta segundos, a estagiária mandou que cada pessoa descrevesse, oralmente, os elementos principais da beleza da figura observada. No fim das apresentações, analisou com uma certa profundidade, e concluiu que os meus jovens estudantes do segundo ano de História das Artes só sabiam descrever a beleza seguindo modelos ocidentais, que descartavam a beleza de tipo indígena. E aquilo estava ligado com a timidez insultante que mostravam os estudantes, quando eram questionados sobre a sua própria identidade indígena ou aborígene. Comprovei, graças a uma branca, que a beleza dos negros africanos estava limitada, por defeito, e supeditada à aceitação das outras raças dentro da raça humana única, numa

sociedade contaminada por frases como “és muito linda, por ser negra”. Os indígenas, bonitos ou feios, tinham sido mentalizados, em pleno século XXI, o século da África, que a sua beleza era um espólio da beleza pura dos afortunados de tonalidades mais claras. Uma injustiça que só podiam pagar com o silêncio e a cegueira, até aquele dia.

Os magníficos debates que aquela estagiária liderava serviram-me de inspiração para me preparar mentalmente para o casório. Eu não ia demonstrar minha beleza a ninguém, nem muito menos justificar que pudesse amar alguém de uma certa posição social e atractivo exterior. Coppa não era bonito, honestamente, para os cânones mais gerais. Mas era gostosissimamente belo para mim, e isso era o que importava. Escolhi um vestido verdeazulado, exactamente a cor das águas do mítico e lendário Zambeze. Sobressaíam também alguns minúsculos tons dourados, mas que não tiravam o ar escuro de toda a peça. Melhor assim, pois eu nunca fui amante de iridescências. Não ia fazer a viagem sozinha, de Maputo a Chongoene. Usei os meus dotes persuasivos para que o meu irmão me levasse, e foi mais fácil do que teria imaginado previamente. Ofereci que trouxesse alguma das suas maninhas de Maputo, porque com certeza devia ter algumas. Mas rejeitou, e dedicou-se simplesmente a assumir o seu papel de motoristacompanhador silencioso. Emprestou um táxi verdeamarelo de um amigo taxista da capital, que lhe devia uma ajuda por alguns clientes que o meu irmão levava de tchopela, um dia que o táxi teve problemas hidráulicos. Aquela última parte me preocupou, apesar de que eu estava agradecidíssima pelo esforço do meu irmão em conseguir a viatura que me levaria ao reencontro do meu querido Coppa.

– Mas será que esse carro já está mesmo bem dos problemas hidráulicos que teve faz pouco? – perguntei.

– Importante é que eu sei conduzir bem qualquer coisa que ande de motor, com duas, três, quatro ou seis rodas – respondeu, ufano.

Visualizei toda a viagem na minha cabeça. Tínhamos mais de duzentos quilómetros de ida. Pensei que, se por cada quilómetro ouvisse uma canção, afinal da viagem poderia ter problemas para escolher qual seria a melhor para a celebração. Mas também, se levava comigo um livro de duzentas e tal páginas, podia terminá-lo antes de chegar, sempre que conseguisse ler ao ritmo de uma página por cada mil metros. Mas infelizmente, esta opção não era viável, pois eu nunca fui pessoa de ler durante uma viagem, porque apanhava tonturas, e muito menos me seduzia a ideia de dormir, algo impossível para o meu sistema nervoso, enquanto o meu corpo se encontrasse dentro de um veículo em movimento. Sairíamos de casa logo cedo, pelas cinco horas, para evitar o engarrafamento do centro de Maputo, até apanharmos a estrada circular, em direcção a Marracuene. Pararíamos a matabichalmoçar na vila da Manhiça, onde estacionaríamos na parte alta da vila, com vistas ao rio Incomati, e gastaríamos alguns minutos em ninharias de crianças crescidas, como tirar mil fotos na mesma posição, levar uma pedra de recordação ou beber água, para comprovar se o Incomati era igual de doce que o Zambeze, e caso o fosse, estudaríamos a possibilidade de repovoar uma comunidade xikhowense no sul do país. Se calhar, os primeiros peixes colonizadores iriam organizar uma Conferência da Manhiça, na qual decidiriam a partilha do Incomati em regiões, com um chefe para cada troço

do rio, colocando fronteiras artificiais, traçadas sobre um mapa cor-de-água.

Porém, antes de chegar à vila da Manhiça, num tramo de curvas e contracurvas da zona de Chibututuíne-Alvor, o carro parou, por motivos alheios à nossa vontade. Eu, ignorante de mecânicas toda a vida, me aterrorizei e vi passar a oportunidade da minha vida, a única e verdadeira, de fazer algo de bom comigo mesma. Sem aquela viagem, eu deixava de ser Doutora, professora, mulher indígena, pessoa humana, irmã de alguém e esposa de ninguém. Em contrapartida, o meu irmão ficou inexpressivo, e num movimento de volante eficaz, conseguiu dirigir a viatura para o lateral, de forma a não criarmos problemas com polícia ou outros carros. Nem quis imaginar que os agentes da lei e ordem, da patrulha de trânsito, aproximassem e nos pedissem explicações. Documentos e tudo demais tínhamos em ordem, inclusive o valorzinho de subsídio extralaboral para os polícias, que o meu irmão escondia entre a roupa, sempre que viajava. Se aparecesse a polícia, eu nem me preocupava pelo dinheiro ou a avaria do carro. Morreria de vergonha se eles nos perguntassem onde íamos e eu tivesse que dizer que ia ao meu casamento, mas como tivemos avaria teríamos que passar a noite num mecânico da estrada até conseguirmos continuar. Mas o destino teve a sua parte de clemência. Nem polícia, nem avaria grave. Só furámos um pneu, traseiro esquerdo. Confiei nas boas mãos do meu incansável e manhoso irmão.

– Isso em Tete nunca me aconteceu, porra! – exclamou ele, enquanto abria o porta-bagagens para tirar o subsalente.

– Nunca furaste pneu? – perguntei eu, surpreendida.

– Olha, mana. Eu, de motorizada ou tchopela, já avariei motor, parti carroçaria, saiu corrente e voltei a pôr, limpei filtros,

ajustei cabos eléctricos e troquei óleos podres. Mas furar pneus, nunca, porque sempre coloco os olhos no exacto lugar onde o pneu irá pisar instantes depois, dando-me tempo de rectificar a trajectória e evitar perigos.

Pelo menos, não atirava as culpas a ninguém, sabendo que, de forma tradicional, muitos motoristas de certa idade tinham a tendência de clamar contra o governo actual, cada vez que furavam pneu, dizendo que “nos tempos de Samora, isto não acontecia”. O meu irmão não era de reclamar ao ar, muito menos contra saudosos marechals. Colocou o pneu subsalente, com alguma sofreguidão, enquanto eu o apoiava, passando-lhe a chave de rosca para desapertar e voltar a apertar os parafusos dos dois pneus, o sainte e o entrante. Em questão de minutos, aquilo ficou ultrapassado, só que o novo pneu andava falto de ar, e tivemos que andar a velocidade da tartaruga idosa até encontrar umas bombas, onde conseguimos encher o pneu recém-colocado e os três restantes, só para assegurar. Por falta de tempo, perdido na aventura do pneu furado, não conseguimos ter momento de parar na Manhiça e dedicar-nos às bagatelas que eu teria proposto e ele teria aceite. Decidimos avançar até a Macia, onde sentámos para bater um pão com badjia e chá quente de capim-limão, purificador. Estávamos a poucos quilómetros do objectivo. Retomámos a rota enquanto o meu irmão-motorista se mostrou fresco e pronto. Tive a gentileza de comprar bananas e castanha de caju para ele, se durante o caminho sentia antojo.

Voltando à vida real, tinha a viagem ainda pela frente. Se os meus cálculos não falhavam, Coppa já teria chegado a Chongoene, para dormir numa pousada qualquer, não sem antes co-

mer uma perna de frango, com batata e salada, na sua última refeição como homem solteiro, no exacto momento em que eu estava a entulhar o meu vestido de noiva na minha pequena mala de viagem. Porém, algo estava a faltar, mas não fui capaz de concretizar mais, só que era algo nosso, imprescindível, e hesitei sobre se Coppa também se teria apercebido. Entrei no meu quarto de casa e liguei o rádio, só por curiosidade. Soava a música *Balada para as Minhas Filhas*, do artista local José Mucavele, nascido em Chibuto, um distrito da mesma gloriosa província de Gaza, onde eu me dirigiria no dia seguinte, logo cedo de manhã, para trocar o meu estado civil. Admirei a música em silêncio, e pensei que podia servir, perfeitamente, para eu ser recebida, como noiva, no momento da minha entrada na zona de jurisdição da sombra arbórea onde se celebraria a cerimónia.

Epílogo – Bodas de carvão

*There is nothing like returning to a place that remains unchanged
to find the ways in which you yourself have altered.*

Nelson Mandela (1918-2013)

Sentados num lanchonete, Coppa e Zambi nem acreditam que hoje seja hoje. Estão a consumir produtos locais, como castanha de caju, mandioca, massaroca, laranjas e tangerinas. Não há escassez de nada. Olham-se com medo e com alegria ao mesmo tempo. Hoje é o dia do seu casamento, no território neutral de Chongoene, e a lua-de-mel será, durante três dias, com as suas três noites, na praia de Xai-Xai. Depois de tudo, seria o momento da segunda despedida, depois da primeira que tiveram, tantas décadas atrás, na Escola Secundária do Songo. No regresso, cada um se reencontraria com as suas respectivas terras de origem.

– Estás feliz, Zambi? – pergunta Coppa, que devora a massaroca apressadamente.

– Custa dizer, mas sim – admite ela –. Hoje é o dia mais feliz da minha vida, Coppa. Não pelo casamento, nem pelos comeretes e beberetes. Muito mais porque, quando te vejo, pela segunda vez na vida, confirmo que valeram a pena todos os anos de fidelidade. Só espero não voltem a passar mais sessenta anos para te ver de novo.

O irmão da Zambi, cansado da viagem, foi estacionar o táxi emprestado e foi descansar num quarto da mesma pousada na qual Zambi e Coppa passariam a noite mais romântica das suas vidas. Ainda falta uma hora para a cerimónia, nada de especial, puro trâmite que justificasse o momento, o sentimento intangível e impagável com nenhuma criptomoeda ou mineral precioso do subsolo. Eles não só estão a celebrar o casamento, também festejam as bodas de ouro, de prata, de papel e de diamante. Tudo no mesmo dia. No mesmo lanchonete onde estão agora, os empregados já preparam a mesa reservada, dentro do local, sobre a qual pousam vinho em garrafas com rolha de cortiça, não esse com tampinha manual de rosca. Um branco de pelo menos doze por cento e dois tintos de catorze para acima. Não falta a castanha de cajú de Xai-Xai, torrada, para lhe tirar aquela seiva natural, como a Zambi gosta. Se ela quiser, ainda, celebrariam também as bodas de cobre, mas não aqui, lá em casa, na terra de Coppa, pois cobre é o que tem de mais.

– Convidaremos o gerente da KCM para ser testemunha do meu lado, e o teu irmão da tua parte – propõe Coppa –. O que achas?

– Muito bem, acho que é uma boa proposta. Mas esse gerente da KCM, ainda continua vivo? Se já era entrado em idades, há mais de quarenta anos, como estará agora?

– Nada, convida-se o filho ou sobrinho que o terá sucedido na empresa. Naquele dia, trarei para ti um anel feito de todos os tipos de flores que as nossas mães cuidavam, sempre, e regavam, quando podiam, nas varandas das suas casas.

– E por que não fazemos as bodas de carvão? – retorque Zambi –. É o que tem de mais lá na minha zona. Preferiria que

o Doutor Cumbane fosse o meu acompanhante, mas infelizmente já não deve estar para festas.

– Mas fica com o teu irmão, aproveita tu que tens família. Não aches que eu quero muito um gerente que nem conheço, filho de um racista, não porque não tenha coração, mas porque a alma lhe foi engolidada pelas finanças e os recursos humanos.

– Então, que seja aquela senhora italiana, que chamas de matriarca, ou a nora, que é de Chipata. Olha, por que não vamos a Chipata, nós dois?

Mastigam e engolem a comida, pausadamente. Zambi interroga, Coppa escuta, meio confuso. Os olhos dela brilham cintilantemente, emocionada, reflectindo o apressado batimento do coração. Os dele gozam da luz natural da vida pura, depois de tantos anos debaixo da terra, a extrair minerais que só brilham nas lojas. Mudam o tema de conversa sem aparente foco concreto. Só trocar vozes, sentir as reminiscências das mesmas conversas e gestos que intercambiaram, tantos anos atrás, na Escola Secundária do Songo.

– Primeiro Songo, quero ver se aquele muro onde me beijaste pela primeira vez ainda continua a meio levantar, ou se já se terminou.

– Se calhar já se derrubou. Mas olha, não fui eu a te beijar. Eu aproximei porque estavas a chorar, queria te mimar, e tu aproveitaste para contactar os meus lábios.

– Tens razão – admite Coppa, a essas alturas, sem nada a ocultar.

– Sabes qual é a diferença entre o criminoso de bairro e o corrupto em grande escala? – Zambi quer mudar de assunto.

– A gravata? – intui o zambiano, com os olhos fixos no rosto da sua dama, quase esposa.

- Para além disso, meu.
- Não sei, diz lá.
- Os anos de condena de cárcere.
- Pensei que fossem idênticos, desde que o crime perpetrado seja o mesmo.
- Nenhum crime é idêntico, nunca.
- Quem diria que tens trabalhado numa faculdade, a dar aulas de arte, e tenhas um grau académico tão prestigiado – contraataca Coppa –. Com as perguntas que fazes, pareces inspetora policial.

A senhora que oficia a cerimónia faz um discurso quase académico, que a Zambí não consegue diferenciar de uma palestra do Magnífico Reitor da UEM. Passada a parte mais rotineira, a funcionária do cartório notarial pede aos nubentes para que ponham os anéis. Em teoria, deve ser primeiro Coppa a colocar a aliança na mão esquerda da Zambí, e depois ela faria o mesmo a ele. Durante a acção, deve haver palavras, adverte a mestre de cerimónia. Aliás, durante as palavras, o juramento pelo acordo de união eterna, deve haver acção, movimento de mãos e dedos. Mas nesta vida, tantíssimas coisas nunca são, na realidade, como deveriam ser. Os anéis não os têm! Nem Coppa nem Zambí tiveram feito pensamento de comprar anéis. Como não pensaram nos anéis, algo tão essencial? Seria como se um jogo de futebol estivesse prestes a iniciar e ninguém tivesse trazido bola nem delimitado balizas. Mas, como nesta vida tudo pode acontecer diferente de como deveria ser, a cerimónia continua com tudo praticamente igual, só que devem pular a parte mais simbólica.

Algumas pessoas curiosas se fazem presentes e circundam a sombra da árvore onde decorre a cerimónia, que está prestes a terminar. Nem são amigos, familiares ou colegas de serviço. Simplesmente aldeões chongoenenses ou das zonas circunvizinhas que sentem pena pela falta de público, e se predispõem a aplaudir aqueles dois desconhecidos, forasteiros, que se casam. Uma vez o fervor explode e diminui, a atenção vira-se para todos lados menos para os recém-casados, que nem sentem nada, só um alívio, uma mínima ressonância pelo facto que seja possível entrar e voltar a sair, tão fugazmente, na e da vida de alguém.

Sentados na areia da praia de Xai-Xai, Coppa conta alguns detalhes à Zambi de como se recuperou da diabetes com relativa facilidade, e confessa que nunca superou a prolongada ausência dela na vida dele. Por isso, pensa em voz alta, enquanto a sua esposa escuta, que na vida, quando se supera algo muito difícil com facilidade, é sinal de que algo muito trivial pode vir a se complicar profusamente, como contrapeso, pois não pode existir ninguém tão abençoado que se saia bem de tudo. A partir de agora, aprendeu a viver com a doença e com a saudade.

A Zambi, por sua vez, explica as suas aprendizagens principais da vida. Confessa ao seu marido que, depois de andar muito pelo mundo, não teve tempo de se explorar a si mesma. Chora e pede desculpas ao mundo por não ter feito filhos.

Passados os três dias, com as suas três noites de sexo furioso dos dois adultos envelhecidos, mas com paixão adolescente, é o momento de continuar, para onde seja possível. Cada um por seu lado, mas juntos. Pelo menos até a cidade de Tete, a urbe de Moçambique que contempla o Zambeze sentada sobre

o jazigo de carvão. Zambi desce do machimbombo e pretende convidar Coppa a tomar chá, na varanda da sua casa, ao lado das águas do mítico e lendário rio Zambeze. Mas ele se recusa, deve apanhar o primeiro chapa na cidade que vá para a fronteira de Cassacatisa, e daí continuar para Katete e até Lusaka, e finalmente Ndola, onde era esperado para voltar ao trabalho que, dois meses antes, a matriarca italiana tivera oferecido, como garantia dos fundos para poder viajar ao encontro da sua amada. Cumprida a missão, volta para o subsolo, onde procurará novas missões. Zambi e Coppa emprestam-se os lábios mutuamente, e também os braços, as mãos e os corpos. Despedem-se, prometendo que se voltarão a encontrar. Agora já estão superlativamente felizes, demasiado emocionados para exprimir mais sentimentos que o abraço, o beijo e o olhar. Casados sem anéis, mas com um cúmulo de memórias mais valiosas do que qualquer peso em ouro, Coppa e Zambi por sempre recordarão que estão casados pelo registo civil de Chongoene, num ofício realizado debaixo de uma frondosa árvore de cajueiro.

IMPRESSO POR:

